

OS JOGOS DA FOME ACABARAM DE FICAR MAIS VIOLENTOS



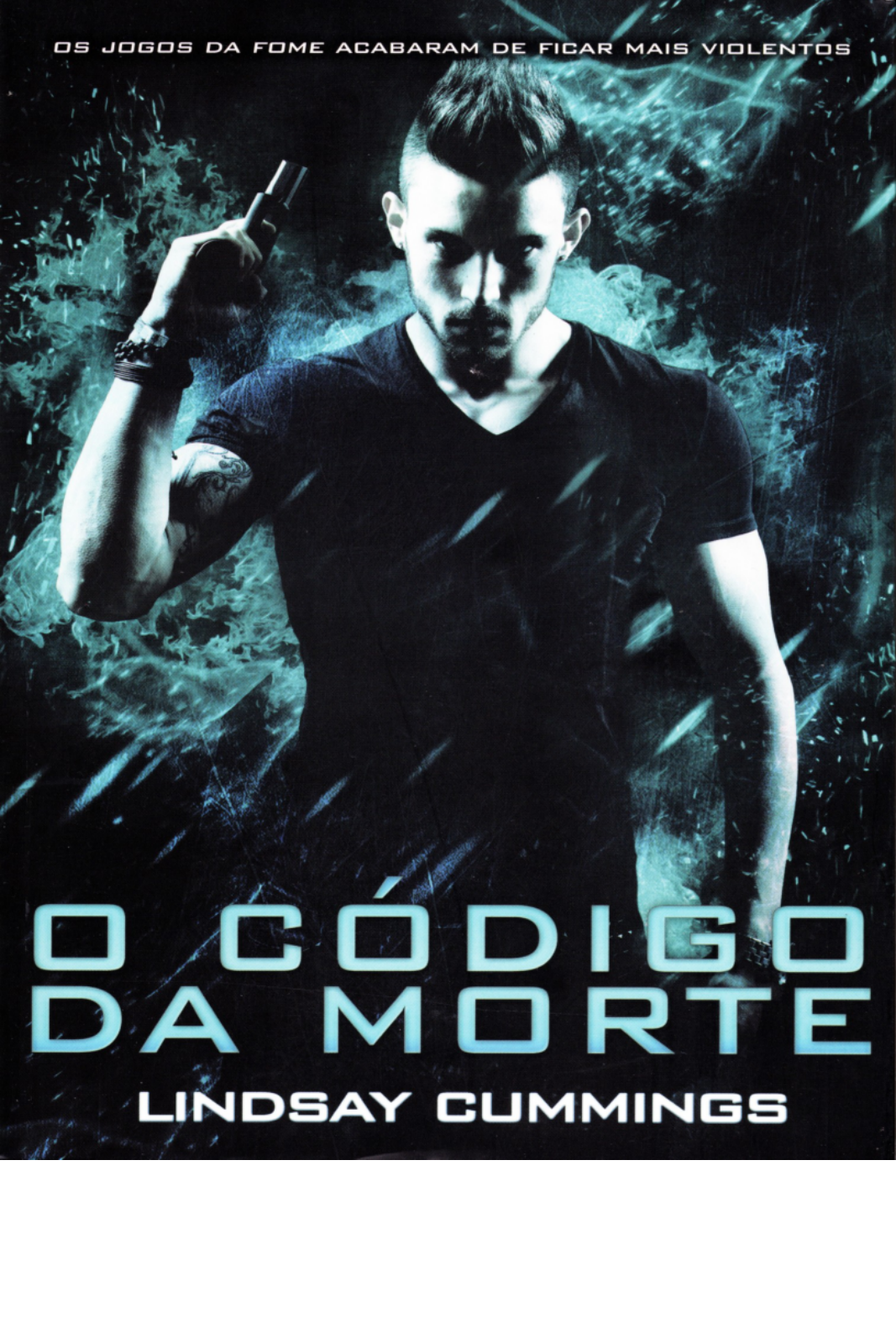
O CÓDIGO DA MORTE

LINDSAY CUMMINGS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

OS JOGOS DA FOME ACABARAM DE FICAR MAIS VIOLENTOS

A man with a short haircut and a beard, wearing a dark V-neck t-shirt, is holding a handgun in his right hand. He is looking directly at the camera with a serious expression. The background is dark and smoky, with some light reflecting off the smoke. The overall tone is gritty and intense.

O CÓDIGO DA MORTE

LINDSAY CUMMINGS

Table of Contents

Ficha Técnica

Aviso

Dedicatória

Parte Um - Os Baixios

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Parte Dois - Os Forasteiros

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Parte Três - O Cume

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

Capítulo 81

Capítulo 82

Capítulo 83

Capítulo 84

Capítulo 85

Capítulo 86

Capítulo 87

Capítulo 88

Capítulo 89

Capítulo 90

Capítulo 91

Capítulo 92

Capítulo 93

Capítulo 94

Capítulo 95

Capítulo 96

Capítulo 97

Capítulo 98

Capítulo 99

Capítulo 100

Capítulo 101

Capítulo 102

Capítulo 103

Capítulo 104

Capítulo 105

Capítulo 106

Capítulo 107

Capítulo 108

Capítulo 109

Capítulo 110

Capítulo 111

Capítulo 112

Capítulo 113

Epílogo

Agradecimientos



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

livros para fugir da rotina

TÍTULO: *O Código da Morte / n.º 251 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Lindsay Cummings*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2016 Edições Saída de Emergência

Título original The Death Code © 2015 Lindsay Cummings.

Publicado originalmente nos EUA por Greenwillow Books, 2015

TRADUÇÃO: *José Manuel Lopes*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMAGEM DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Cafilesa - Soluções Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *Março, 2016*

ISBN: 978-989-637-931-5

DEPÓSITO LEGAL: 405347/16

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Rua Adelino Mendes n.º 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL.: 214 583 770

 WWW.SDE.PT

 /EDIÇÕES-SAÍDA-DE-EMERGÊNCIA

 EDITORA.SAIDA.DE.EMERGENCIA

Este é um livro de ficção. Qualquer referência a pessoas, acontecimentos, instituições, organizações, ou locais reais será apenas a fim de fornecer um sentido de autenticidade, e serão usados para fazer avançar a narrativa ficcional. Todas as outras personagens, e todos os incidentes e diálogos, provêm da imaginação da autora e deverão ser concebidos como tendo uma existência real.

*Ao meu pai, Don Cummings, que me ensinou a ser destemida.
Aos meus seguidores da rede #booknerdigans, por toda a vossa dedicação
e apoio.*

PARTE UM

OS BAIXIOS

Capítulo 1

Zephyr

Vai ser uma noite escura.

Há algumas semanas, as noites escuras eram as piores. Os corpos caíam como tordos nos Baixios e o sangue secava em riachos através das ruas. As Horas da Escuridão traduziam-se num pavor intenso, pois tal queria dizer que o Complexo dos Assassinos e os seus Doentes saíam para as suas brincadeiras.

Isso não mudou. Quando muito, as mortes tornaram-se mais numerosas.

Mas qualquer coisa de bom vai acontecer hoje.

É noite de Lua nova e as nuvens negras começam a acumular-se no topo dos prédios arruinados. Os trovões e os relâmpagos, combinados com as Horas da Escuridão, acabam por criar a distração perfeita, a tempestade ideal.

Isso significa que a Lark Woodson irá sair do seu esconderijo.

Há semanas que ando a tentar apurar o seu paradeiro, mas, sempre que estou prestes a encontrá-la, ela desaparece, como o vento.

Mas não esta noite. Esta noite irei apanhá-la.

Enquanto corro, imagino o rosto da Meadow, os seus olhos cinzentos determinados e frios como o aço. Imagino-a de punhal na mão, para rasgar Doentes e Sanguessugas, à medida que abre caminho pela Sede desde o interior até à saída.

Já passaram três semanas. Ela *tem* de estar viva. Saberá logo se ela já não estivesse entre os vivos, não é assim?

Ou talvez não. Talvez ela tivesse morrido, como a Talan.

Oh, meu Deus, a Talan, a minha melhor amiga. Morta por minha causa. Tento ignorar a culpa que me assalta, mas esta é demasiado intensa.

— Raios partam! — resmungo entre dentes ao estugar o passo, começando a percorrer cada vez mais depressa as ruas dos Baixios. A pistola, no coldre junto da minha anca, sai um pouco para fora a cada passo que dou Resvalo à esquina de uma viela e paro. Desapareço por entre a multidão que procura a segurança, antes de as Horas da Escuridão invadirem tudo.

As Sanguessugas andam por aí em magotes, à minha procura, mas não lhes irá ser fácil encontrar-me.

Puxo um boné de beisebol mais para os olhos. Os meus braços estão cobertos com tatuagens temporárias, feitas esta manhã.

Esconder-me, permanecendo mesmo à vista, é algo de que as Sanguessugas nunca estarão à espera.

A multidão continua a andar e eu acompanho-a. Caminho com a cabeça numa roda-viva, à procura. Sempre à procura da mulher que me criou e me transformou num monstro.

Faltam cinco minutos para se ouvir a Sirene Noturna.

Ouço um estalido no ouvido esquerdo, o único que não se encontra afetado e onde se situa um aparelho roubado às Sanguessugas. *Vai pela viela do outro lado da rua e apressa-te. A minha irmãzinha corre mais depressa do que tu.*

Trata-se de Rhone, o rapaz da Resistência que, logo de início, estava muito interessado em enviar a Meadow para a Sede das Sanguessugas. Agora ela desapareceu algures lá dentro e não consigo contactá-la.

Zero, mexe-te! Agora!

Faço o que ele me diz, conseguindo abrir caminho através da multidão. Desde que comecei a ouvir mal, é-me mais difícil correr e não me consigo equilibrar lá muito bem. No entanto, não posso parar agora. Continuo a cambalear um pouco, e salto por cima das linhas do comboio, para depois me embrenhar pela viela à minha esquerda. O Sol poente desaparece e, de súbito, instala-se a escuridão.

E não se ouve nada. É como se já estivéssemos na Hora de Silêncio.

Paro e olho em volta.

Vejo uma Sanguessuga estendida no chão, toda torcida contra um edifício de tijolo à minha esquerda. A espingarda está ao seu lado, sobre o chão de cimento, e há cartuchos de balas por todo o lado, mas não vejo outro corpo. Isto quer dizer que, se a Lark aqui esteve, já desapareceu. Aproximo-me mais do homem. Há sangue fresco que lhe escorre de um corte na garganta, uma perfeita linha vermelha, como um sorriso. A Sanguessuga começa a não conseguir respirar e levanta a mão para pedir uma ajuda que ninguém lhe irá dar.

— Ela esteve aqui há poucos momentos — digo para o microfone montado no meu relógio. — Degolou-o, tal como fez aos outros.

Haveremos de a apanhar da próxima vez, Zero, diz o Rhone e eu quero acreditar no que ele me diz, mas há já semanas que o ouço dizer-me a mesma coisa, mais precisamente, há vinte e um dias e sete horas. *Estou a caminho.*

Suspiro e passo uma mão pelo cabelo. Tenho de encontrar a Lark. Quando o fizer, levá-la-ei até às Sanguessugas; vou dar cabo da porta

da frente da Sede para a entregar em troca da Meadow. Como alternativa, também já pensei em matar a Lark, mas no caos que se lhe poderia seguir, talvez não viesse a obter a minha rapariga ao luar.

Será bem melhor trocar a Lark pela Meadow. Iremos estar juntos de novo e haveremos de arranjar uma maneira, *qualquer maneira*, para abandonarmos os Baixios. Hei de descobrir para onde as Sanguessugas levaram a família dela e hei de libertá-los a todos.

Prometi que os haveria de salvar.

Mas não me irei embora sem ela. Recuso-me.

A Sanguessuga geme pela última vez. Ouço-lhe o estertor que lhe precede a morte.

— É o que mereces — digo para o cadáver. Baixo-me para lhe apanhar a espingarda e é então que a vejo.

Uma pegada desenhada a sangue, a alguns palmos do cadáver.

E depois outra e mais outra, ao longo da viela, até à saída que dá para a praia. Estas pegadas são pequenas, mas não foram feitas por uma criança. Poderiam pertencer à Lark.

Elevo o pulso até à boca. — Rhone, receio que ela esteja ferida. Ela não se poderia ter desviado muito da...

Ouço a Sirene Noturna.

Começa como um ronco fundo para se tornar aguda como um guincho perfurante. Cubro os ouvidos e ponho-me de joelhos. Todo o meu corpo treme desde a ponta dos cabelos até à ponta dos pés. Ouço uma voz na minha cabeça. A voz da Lark a dar-me as boas-vindas ao Complexo dos Assassinos.

E, de súbito, quero *matar, destruir*, entregar-me ao modo como o sistema me controla a mente. Sinto-me a desvanecer. Sinto o coração a ficar frio e rijo como uma pedra, vejo uma vítima na minha cabeça, o seu número de catalogação é o 65098, em brilhantes números vermelhos.

Mas penso na Meadow. Penso numa palavra, com quatro letras e, apesar de isso ser estúpido como tudo, não me importo.

Porque o *amor* é a única coisa que me salva e me liberta. Isso ainda está a funcionar, mas todas as noites vai-se tornando mais difícil. Se não resgatar a Meadow depressa, receio aquilo em que me poderei tornar.

Tento afastar o Complexo dos Assassinos da minha mente e ponho-me a correr por dentro da escuridão.

Capítulo 2

Meadow

Neste fim de tarde há qualquer coisa diferente.

Em geral, quando o Sol se começa a afundar no mar, as ondas ficam calmas e silenciosas. Rastejam e murmuram, para rebentarem na areia com a regularidade de um coração que bate.

Hoje o mar está revoltado.

As ondas rebentam mais fortes do que nunca contra os rochedos. O mar cospe pequenos farrapos de espuma sobre a minha pele. Na água, os barcos encalhados torcem-se e gemem como se estivessem a pedir perdão.

— Meadow?

Pestanejo e baixo os olhos. Peri, a minha irmãzinha, está sentada ao meu lado na areia, com os caracóis platinados a dançarem ao vento.

— Sim? — respondo-lhe. A minha voz parece-me oca. Vazia.

— Ainda temos de esperar muito? — pergunta-me ela. Pega-me na mão e enlaça os dedos nos meus. Estão tão frios que sinto um arrepio. — Quero ir para casa.

— Bem sei — digo-lhe, enquanto observo o mar. — Eu também...

Há uma tempestade no horizonte, uma promessa de que o caos se instalará em breve. Deveríamos ir para a nossa casa flutuante, onde o nosso pai e o nosso irmão Koi esperam por nós. Mas algo me impede de o fazer, me convida a ficar. As nuvens cinzentas troam mesmo para lá do Perímetro. Observo a luz da Pulsação a acender e a apagar ao ritmo dos relâmpagos, e sinto os pelos dos braços a porem-se-me em pé. Treme de frio.

— Espera — tento convencê-la. — Só mais uns minutos.

A Peri começa a ficar irrequieta. — Mas de que é que estamos à espera?

— Já... Já não me lembro — murmuro. O meu bafo transforma-se numa pequena nuvem, algo que nunca antes tinha acontecido nos Baixios. Esta é levada pelo vento, arrastada até ao céu que sangra.

As cores do pôr do sol são as mesmas, vermelhas, alaranjadas, com laivos cor-de-rosa, como os citrinos de que a minha mãe tanto gostava. Mas, mesmo assim, pressinto-o.

Neste fim de tarde há qualquer coisa diferente.

As gaivotas desenhavam voos picados e mergulham, guinchando um aviso. Mas um aviso para quê?

— Estou cheia de frio — diz-me a Peri. Ela encosta-se muito a mim e sinto-lhe o corpo gelado.

Há uma voz, dentro da minha cabeça, que murmura o meu nome repetidamente. *Meadow, Meadow, acorda. Presta atenção.* Julgo ouvir o meu pai.

A Peri começa a cantar. Tem uma voz suave e encantadora e, por momentos, fecho os olhos e deixo que a mesma me percorra, como o vento.

Algures, na distância, ouve-se a Sirene Noturna. É um lamento que pertence àqueles que perderam os seus entes queridos. Um aviso de que em breve algo irá acontecer.

Mas *o quê?* Não o consigo identificar e tudo começa a perder o sentido. A Peri levanta-se de repente e volta-se para observar a praia por detrás de nós. A areia bate-me na cara. — É disto que temos estado à espera? — pergunta-me.

Consigo ouvir qualquer coisa, como um arrastar de pés por cima da areia, mas não me quero voltar, algo me suplica para que não o faça.

— Meadow! — A Peri puxa-me pela mão. — Olha, Meadow!

Respiro fundo e volto-me então lentamente e, na minha cabeça, ouço outra vez a voz do meu pai. *Acorda...*

E é então que os vejo. Uma vaga de Doentes a cambalear na nossa direção.

— Corre — ouço-me a dizer. — Corre, Peri!

Porém, quando me volto para olhar para ela, já não vejo a minha irmãzinha.

No seu lugar vejo apenas um charco de sangue fresco.

Capítulo 3

Zephyr

Corro para as árvores que ladeiam a via.

— Lark — grito bem alto. A minha voz é forte e firme. — Sei que está aqui.

O meu olhar é atraído para um movimento por entre os arbustos selvagens. Levanto-me no momento em que a Lark se ergue no meio dessa ramagem. Vejo-a a cambalear para a praia como um animal ferido e, nesse momento, perco o que ainda me resta de sanidade.

Disparo a pistola na sua direção e começo a praguejar, pois não lhe acertei.

De modo que começo a correr pelo mato fora, com o vento a abrir-me um buraco num dos lados da cabeça onde deveria estar o meu ouvido.

— Pare! — grito, com uma voz entrecortada. A Lark tropeça e eu encurto mais a distância que nos separa. Atiro-me de cabeça e consigo aflorar-lhe os tornozelos com a ponta dos dedos. Caio em cima dela e ouço-a gritar, com os olhos a refletirem a loucura que lhe vai por dentro.

— Deixou-nos para que morrêssemos. Abandonou *a sua filha* para que ela morresse! — Volto-a, para a poder olhar de frente. Por momentos, olhar para ela é como um murro no estômago.

Ela parece-se *tanto* com a Meadow...

— Eles não podem tocar na minha filha, Doente Zero — observa a Lark, a sorrir com dentes escuros. — Ela há de viver.

Dou-lhe um murro na cara e ouço-a gemer, antes de desatar a rir-se às gargalhadas. — Anda, mata-me — encoraja-me ela. — Mata-me e arrasta o meu corpo até à Iniciativa. Acreditas que te irão dar a Meadow em troca? — Começa a rir-se e o seu hálito é tão pútrido que só me apetece vomitar. — És um assassino e sempre o serás. Fui eu quem te formatou dessa maneira...

— Então tenho tudo simplificado — comento. Pego na pistola e encosto-lhe o cano à cabeça, mesmo por cima do número de catalogação. Estou pronto a fazê-lo. Pronto a matar de boa vontade e não tenho medo. Assim que o coração dela parar, o mecanismo de segurança que ela introduziu no Complexo dos Assassinos irá ser ativado. Os Doentes irão atacar as Sanguessugas e nos Baixios irromperá o caos.

Mas será que o deverei fazer? Matar a Lark e aproveitar-me do caos para salvar a Meadow? Ou deverei levar lá esta mulher ainda viva para a poder trocar pela filha?

— És um parvo — diz-me a Lark, de chofre.

Estou quase a premir o gatilho quando ela me olha nos olhos e murmura algo, uma série de palavras, de números e de coisas que não me fazem qualquer sentido. Ela parece saber exatamente o que está a fazer, e sorri-me quando acaba de falar.

É nesse mesmo instante que a dor me assalta. Consigo ver uma luz muito branca e intensa na minha cabeça e, de súbito, a voz da Lark começa a murmurar dentro de mim.

Bem-vindo ao Complexo dos Assassinos, Doente Zero.

Iniciar extermínio.

A Lark debate-se por baixo do meu corpo e eu rolo para longe dela com as mãos na cabeça. Nessa noite já lutei contra o sistema. Não vou conseguir lutar de novo, não duas vezes seguidas... Não quando me sinto exausto, não quando tenho o estômago vazio e há já dias que não durmo. Preciso da Meadow junto de mim, bem próxima, para o poder combater.

Estamos separados há muito tempo.

Antes que o sistema leve a melhor, vejo a Lark levantar-se e começar a cambalear, deixando um rasto de sangue atrás dela.

— Pare — ordeno-lhe entre dentes. — Temos de... a Meadow...

Mas é já tarde de mais. A dor torna-se mais forte e eu perco a visão. Apesar de tudo, o Complexo dos Assassinos conseguiu dominar-me. Tenho apenas a força suficiente para elevar o pulso até à boca. — A praia — pronuncio quase sem fôlego para o Rhone.

Então a escuridão inunda-me, enquanto o sistema se sobrepõe à minha vontade.

Capítulo 4

Meadow

Acordo a gritar pelo meu pai.

Alguém me despejou um balde de água fria pela cabeça e sinto-a como facas contra a pele.

— Onde está a tua mãe? — pergunta-me uma voz masculina. Tento recompor-me, descobrir onde estou, mas sinto a cabeça a pesar-me. A minha mente está a milhares de milhas dali. — Onde está a Lark Woodson?

Não respondo. Mais água. Gelada. Tão gelada que penso que nunca mais na minha vida irei aquecer.

Tusso, tentando recuperar o fôlego. Tento limpar a água da cara, mas sinto as mãos paralisadas. Tento sentar-me, mas algo me controla os braços e as pernas, um grande peso em cima do peito. É como se eu estivesse dentro de um dos meus velhos pesadelos, na casa flutuante, com a minha família, quando era mais nova. Tudo o que terei de fazer é acordar para me sentir segura. Mas desta vez o pesadelo é real.

Não há como acordar.

— Fiz-te uma pergunta — diz-me a voz.

Gemo e levanto a cabeça o mais que posso. Estou amarrada a uma mesa de metal, rodeada de paredes cinzentas e espessas grades.

Há uma série de movimentos por detrás da minha cabeça até que consigo ver uma pessoa. Trata-se de um homem de rosto muito pálido e olhos escuros, vestido com o uniforme preto da Iniciativa.

— Onde está a tua mãe? — pergunta-me. Vejo que ele tem no peito uma etiqueta onde leio *Especialista em Interrogatórios, C. C. P., Controlo Científico da População*. — Onde está o Doente Zero?

— Não... não sei... — murmuro. Os fragmentos do meu pesadelo ainda estão a dançar à minha volta, a provocarem-me tremores e arrepios.

— Onde está a Resistência?

— Não faço ideia. — A minha voz treme, ouço os meus dentes a baterem como ossos num saco que alguém sacudisse. O homem despeja-me outro balde de água fria pela cabeça.

Respiro com muita dificuldade. A dor traz-me uma memória, segmentos de uma missão, tiros, uma rapariga de cabelo preto a morrer.

A minha irmã Peri foi *raptada*. O meu irmão Koi e o meu pai *desapareceram*.

A minha mãe... *uma assassina*.

E de súbito dou-me conta da verdade. Lembro-me de imediato onde estou. O *que* sou.

Sou uma prisioneira da Iniciativa, com uma ligação ao Complexo dos Assassinos no meu cérebro. Vim aqui para destruir o sistema central, para dar cabo desse sistema informático de uma vez por todas, até ter descoberto que sou *a única* que poderá acabar com o Complexo dos Assassinos. Se morrer, o sistema morrerá comigo.

Essa é a *única* maneira.

Entreguei-me, para que o Zephyr pudesse fugir e libertar a minha família. Queria morrer a combater os Doentes, morrer, para que o Complexo dos Assassinos também morresse. Uma morte corajosa, algo que faria com que o meu pai se sentisse orgulhoso de mim.

O meu plano falhou. A minha mãe fugiu. A minha colega Sketch não se encontra em lado nenhum. A última vez que a vi, ela estava a sangrar, quase a morrer.

Olho em volta da divisão para as paredes sujas da cela, para as placas do teto que agora estão cobertas com grades que não estavam lá antes. Os detalhes começam a encaixar-se.

Estou presa no mesmo sítio onde se encontrava a cela onde a minha mãe esteve em tempos.

Agora sou uma prisioneira. Para lá das linhas do inimigo.

E só posso contar comigo.

Capítulo 5

Zephyr

Ouço a voz da Lark na minha cabeça.

Isto é o Complexo dos Assassinos.

Tento formar uma visão da Meadow, os seus lábios contra os meus, as suas mãos calejadas nos meus ombros. Arrelia-me o facto de não estar ao pé dela. Tento lutar contra o sistema, tento libertar-me dele.

Tenho visões súbitas como relâmpagos. A chuva a cair do céu, a molhar-me a cara.

E depois sou de novo sugado para o Complexo dos Assassinos, sem saber o que faço ou para onde vou.

Para trás e para diante, para dentro e para fora, e não me consigo libertar, não consigo lutar contra isso.

É quando me lembro das palavras que o Rhone me disse, há umas semanas, e vejo segmentos de memórias em que estávamos ambos no cemitério, a treinar. Com o corpo amarrado contra uma torre de aquecimento, a gritar para o mundo.

Podes escolher as tuas vítimas, Zero. Canaliza o poder do sistema. Se não puderes combater sem a Meadow, usa-o para teu próprio proveito. Fá-lo vergar ante a tua vontade.

Tenho de matar, sinto essa necessidade, desejo-o com todas as minhas forças. Não consigo parar o Complexo dos Assassinos dentro de mim. Mas posso mudar-lhe o ângulo, voltá-lo ao contrário.

Agora posso *escolher* as minhas vítimas. Posso estar consciente do que me rodeia. Posso concentrar-me e escolher quem irei matar.

Imagino que sou outra vez um rapazinho, de pé na sala de espelhos na Sede das Sanguessugas, onde a Lark costumava trabalhar comigo. Imagino que o Sistema Informático Central está aí comigo, um gigantesco ecrã de números, de códigos e de linhas, em sintonia com o bater do coração da Meadow.

— Agora sou eu que escolho as minhas vítimas — digo para o ecrã. Este começa a emitir uma cor vermelha. Há números de catalogação que surgem, mas são todos de cidadãos e, desta vez, quero Sanguessugas.

Tento mudar os números. Imploro para que o sistema me dê alguém que eu queira *de facto*. O mecanismo volta a lutar contra mim e eu volto a ouvir a voz da Lark, a ordenar-me para que acate as ordens.

Mas as ordens dela são para *matar, para destruir, para não oferecer resistência, para não olhar para trás*, desde que a minha noite termine em sangue e em ossos.

— Escolho as minhas próprias vítimas — volto a afirmar. Tento evitar essa visão, regressar ao aqui e agora.

Volto-me, à procura da Lark.

Ela desapareceu algures nas árvores. O seu rasto de sangue evapora-se nas sombras da noite. Ela não voltará a aparecer, não depois de eu me ter aproximado tanto dela.

Em vez disso, corro para a cidade. As pessoas passam por mim muito depressa a caminho das sombras. Não sabem que não existe nenhum sítio em que se possam esconder. Se um Doente quiser encontrar alguém... haveremos nós de o encontrar.

Haveremos sempre de o encontrar.

Há algumas semanas, teria ido atrás de alguém que estivesse à minha frente. Inocentes. Mas esta noite irei fazer o que a Meadow faria.

Dar cabo das Sanguessugas. Cerro os dentes. Esforço-me por me concentrar até conseguir sentir o sabor do sangue na minha boca. — Eu... *escolho*... as Sanguessugas — ouço-me dizer. E é então que sinto a liberdade. Sinto o sistema a libertar parte de mim, a parte que poderia querer escutar todas as suas ordens. Essa libertação dura apenas um instante. Sinto a cabeça muito leve, como uma lufada de ar fresco.

Mas é o suficiente. É como se eu tivesse desligado um interruptor na minha cabeça. A vontade de matar cidadãos torna-se uma vontade de matar Sanguessugas e, de súbito, o Complexo dos Assassinos está de acordo.

Um comboio passa a trepidar diante de mim. Dou um salto e consigo agarrar-me a ele. Deixa-me em frente do Salão das Rações Alimentares, mesmo no meio dos Baixios. Ponho-me de pé, depois de ter rolado pelo chão, e corro para a viela.

Matar, destruir, não resistir, não olhar para trás.

Vejo uma Sanguessuga a fechar a porta à chave, talvez um papalvo que tivesse ido até aí para roubar algumas rações para si mesmo. Como se ele não tivesse o suficiente. *Mata, diz-me o cérebro. Obedece.*

Mantenho-me em silêncio como um verdadeiro predador. Pego num pedaço de tubo metálico partido que vejo no passeio.

Em seguida, vou por detrás desse homem, uma sombra na noite, e espeto-lho nas costas, com tanta força que o tubo lhe fura a carne. Acaba por lhe trespassar o coração negro. O fulano cai e eu sei que já o venci.

Baixo-me para apanhar a espingarda que pertencia a essa Sanguessuga.

Purga a Terra.

Este é o Complexo dos Assassinos.

Não consigo parar. Tenho de continuar com as matanças. Tenho de derramar sangue.

Volto-me para descer a viela a correr, passando por dois cidadãos estendidos no chão. É demasiado óbvio. A Sede das Sanguessugas é mesmo em frente. Como podem ser tão estúpidos e pensar que estão a salvo...

Paro no exterior do gradeamento. Agarro as grades de metal e caio para trás, atirado para o chão como uma bala disparada por uma pistola.

Levanto-me, ainda a cambalear, mas não sinto dor. Não quando o Complexo dos Assassinos ainda me domina. Sou forte. Sinto-me mais forte do que nunca.

Introduzo o cano da espingarda através das grades. Olho pela mira telescópica até os pontinhos vermelhos incidirem na janela do primeiro andar. Respiro fundo. Mantenho-me calmo. Sinto o coração a bater mais devagar e disparo.

As vidraças partem-se e eu continuo a disparar. As luzes apagam-se devido aos disparos. Ouço gritos vindos de dentro. Continuo a disparar até sentir um clique no gatilho. Já não tenho munições.

Atiro com a espingarda.

— Vocês não me podem controlar! — grito, ainda que não seja verdade. Eles ainda me controlam, eu é que tenho um método novo para lidar com o assunto. — Vão-se todos lixar!

Estou a ver a Meadow no meu pensamento, cheia de sangue, enquanto tentamos fugir juntos da Sede das Sanguessugas, e encho-me de raiva. Bato com as mãos contra o gradeamento. Volto a cair para trás mas consigo ver as Sanguessugas a saírem do edifício e a correrem na minha direção. Parte do meu cérebro diz-me que tenho de correr, de me esconder, mas eu tento ignorar esse aviso. Preparo-me para a luta, pois sinto *essa necessidade*.

Alguém me ataca por detrás. Sinto qualquer coisa húmida junto aos meus lábios. Tento libertar-me mas há muitas mãos e depois tenho a impressão de estar... a cair.

Devagar.

Caio para trás com o mundo a desaparecer-me num funil de escuridão, até só conseguir ver o rosto de uma rapariga a pairar sobre o meu. Dex, a irmãzinha do Rhone é, de momento, a única luz no meu

mundo.

— Demasiado fácil — observa a Dex. — Levem-no.

Os meus olhos fecham-se e eu perco os sentidos.

Capítulo 6

Meadow

O meu pai ensinou-me a ser forte.

Deu-me uma série de lições durante toda a vida sobre como matar, mantendo um coração empedernido. A Peri, o Koi e o Zephyr ensinaram-me a amar, como voltar a mim mesma, como tornar-me calma.

É na influência da minha mãe que me irei basear agora.

Porque foi ela quem me ensinou a mentir.

— Diz-nos onde está a Resistência — insiste o inquiridor. Vejo-o por cima de mim, na minha cela, a andar de um lado para o outro, com os braços atrás das costas.

Há vinte e um dias que anda a fazer o mesmo.

Assinalei o tempo com vinte e um cortes na barriga da perna, usando as unhas para rasgar uma linha de sangue na pele por cada dia que passasse. Vinte e uma cicatrizes perfeitas que me lembram o número de dias em que tenho conseguido permanecer forte. Hoje, o inquiridor tem as mãos limpas. Em breve irão voltar a estar sujas com o meu sangue. Parte de mim deseja-o. Mereço ser torturada. Mereço sentir dor, por não ter agido eficazmente, por ter perdido a minha família quando já estava tão perto dela. Lembro-me da Peri a gritar por mim, quando o soldado da Iniciativa a levou. Recordo ainda o medo nos seus olhos, o modo como me pareceu tão pequenina, tão indefesa. Essa recordação dói-me mais do que este tipo de tortura.

A dor é boa, diz-me a voz do meu pai. Usa-a para te tornares mais forte.

Olho para o inquiridor com um sorriso frio. — A Resistência? — pergunto. O inquiridor acena afirmativamente com a cabeça. Penso na cave, no local subterrâneo em que a Resistência se esconde.

Não destruímos o Sistema Informático Central porque eu era a Protetora. *Sou* a Protetora e sinto-o dentro de mim como uma maldição. Também é porque ainda estou viva que o Complexo dos Assassinos existe.

Penso no Zephyr, com os olhos da cor do exterior e no pequeno vislumbre de liberdade que tive antes de terem levado a Peri. Espero que o Zephyr se tenha juntado à Resistência. Espero que estejam todos a arquitetar um novo plano para tomarem de assalto a Iniciativa.

Depois, espero que ele possa sair dos Baixios e consiga salvar a

minha família, no Cume mais a norte.

Entreguei-me por amor à causa.

Hoje não lhe irei dizer mais nada, nem amanhã, nem nos dias que aqui me mantiverem presa.

— Não sei o que é a Resistência — confesso-lhe —, mas, se houver uma Resistência, isso quer dizer que vocês têm problemas mais importantes do que estarem a torturar uma miúda de dezasseis anos.

— Oh, tu és bem mais do que isso — diz-me o inquiridor, com um sorriso irónico. — Posso garantir-te que, com o passar do tempo, irás vomitar todos os teus segredos.

Ele volta-se então para uma mesa de metal onde vejo toda a espécie de instrumentos. São coisas que deveriam estar num hospital e não numa cela suja da Sede da Iniciativa. Coisas afiadas que eu não quero ver ao pé de mim.

— Será que conheces, Woodson, a forquilha dos heréticos?

Não lhe respondo.

— Não, não deves conhecer... uma vez que, tal como todos os cidadãos dos Baixios, não tens qualquer espécie de instrução. Vocês não passam de rafeiros sem a mínima importância neste mundo.

— É assim que justificam o assassinio em massa de milhares de pessoas inocentes? — pergunto-lhe.

Ele ignora-me. — Ora aqui está a forquilha dos heréticos — esclarece, erguendo uma pequena forquilha de metal com duas pontas vermelhas. Vejo uma coleira, ligada ao centro desse instrumento, como se a mesma tivesse sido feita para ser atada em volta do pescoço. — Um ótimo objeto, cujo uso remonta à Idade Média. Sabes o que é isto, Woodson?

— E é assim tão importante sabê-lo? — Não consigo desviar os olhos da forquilha. As pontas são afiadas como facas.

— Tudo é importante — diz-me o inquiridor. — Não sei se estás a ver, mas esta brilhante invenção é uma coisa que a tua mãe teria adorado usar. Dentro de momentos, irei mostrar-te como funciona. — Levanta o instrumento mais para a luz e inclina a cabeça. — A não ser que me queiras dizer onde está a tua mãe...

— A minha mãe morreu — digo-lhe de chofre, e olho intensamente para os seus olhos negros e frios.

— Nesse ponto, minha querida, é que tu te enganas.

Recuso-me a desviar o olhar e ele continua.

— Conhecemos o mecanismo de segurança da tua mãe. Se ela morrer, a Iniciativa também morre. — Vejo-o a andar para trás e para

a frente, no pavimento cinzento, com as suas botas pretas muito bem engraxadas. — Tal como conhecemos a ligação que tens instalada no cérebro... Estamos a trabalhar para podermos pôr termo ao elo de ligação que a tua mãe mantém com o sistema. Mas o teu, Woodson, é uma coisa simplesmente maravilhosa.

— Então deve saber que me tem de manter viva. — Tento esconder dele o medo que sinto. Recuso-me a dar parte de fraca. — Por quanto tempo ainda me irá torturar, senhor inquiridor? Por quanto tempo me irá fazer gritar e suplicar-lhe que pare, até eu lhe dar a informação que pretende? — Engulo em seco e depois dou uma gargalhada, tentando imitar a minha mãe. — Já se passou muito tempo e vocês ainda não me vergaram. Ainda não desisti. Pode queimar-me ou espetar-me facas, mas eu *nunca* lhe irei confessar o que quer que seja.

— Os nossos médicos estão a planear uma intervenção cirúrgica — informa-me ele. — Talvez não consigamos retirar essa ligação do teu cérebro... O trabalho da tua mãe foi excelente... de uma grande inteligência. — Os olhos brilham-lhe, como se ele adorasse a minha mãe. Imagino que, de certo modo, toda a Iniciativa a adora. — Assim, com algum tempo, talvez te possamos controlar. O Doente Zero, tal como deverás saber, poderia usar alguém equivalente. Estás no topo do nosso grupo de candidatos.

Paro de respirar. Paro de ter medo.

Agora só sinto ódio.

Ele ajoelha-se à minha frente e passa-me a mão pela cara. Não pestanejo sequer. Não lhe irei mostrar qualquer espécie de fraqueza. — Disseram-me que eras forte e parece-me que tinham razão. — Bate-me na ponta do nariz com a forquilha que sinto gelada. — Este método não é para ti.

O inquiridor põe-se de pé. Encosta o pulso junto à boca, antes de dizer: — Tragam-na.

Sinto um suor frio a escorrer-me pelas costas. Espero, à medida que os minutos vão passando. Sinto uma certa confusão no exterior. Uma voz que grita e as botas do pessoal da Iniciativa a percorrerem o recinto.

A porta no exterior da minha cela abre-se, e dois guardas arrastam uma rapariga de cabeça tapada, a debater-se até ao local onde me encontro.

— Esperem até que vos ponha as mãos em cima, seus energúmenos! Conheço aquela voz. Já não a ouvia há...

Encosto a cabeça às grades, no momento em que lhe tiram o saco da cabeça, e *o facto de a ver viva* é o suficiente para me fazer sorrir.

É a Sketch.

Capítulo 7

Zephyr

Quando recupero os sentidos, já escureceu.

Onde estarei? Que cheiro nauseabundo é este?

Estou no Cemitério.

Sento-me. Sinto a cabeça a andar à roda como tudo. Tenho visões do que penso serem memórias do meu tempo sob o controlo do Complexo dos Assassinos. *O riso da Lark. Os seus olhos loucos. Sangue nas mãos, um gatilho apertado, um grito perdido na noite.*

Algures na distância ouço vozes, um ruído que me sugere alguém a atirar facas, e em seguida passos, alguém que caminha na minha direção.

Volto a deitar-me e pretendo ainda estar sem sentidos, pois não me apetece falar neste momento. Não estou para ter de me justificar.

Alguém faz com que uma lanterna de pilhas incida sobre mim.

— Não tens de continuar a fingir — diz-me uma voz. Tem um tom suave e leve. Trata-se de uma rapariguinha, da Dex.

Gemo e abro os olhos. A Dex tem cabelo louro e uns canudos que lhe pousam nos ombros. É pequena mas forte e talvez seja meio louca. É alguns anos mais nova do que eu, terá quando muito uns catorze anos. E os seus olhos têm cores diferentes. Um azul como os da Talan, e outro verde como os meus.

A Dex senta-se ao pé de mim e põe-me a lanterna de pilhas acesa junto à cabeça. A luz é muito intensa.

— Tira-me isto daqui — peço-lhe, com um gemido.

— Já vejo que o *kamikaze* acordou — observa a Dex. Morde o lábio inferior e inclina a cabeça para um lado. — Não sei se sabes, mas eu avisei o Rhone de que não estavas pronto para sair sozinho, porque eram quase as Horas da Escuridão. Tu pensas que consegues dominar o sistema, Zephyr, mas olha que não é bem assim. Quanto mais tempo passares longe da Meadow, mais fraco ficas. — Suspira e faz estalar as articulações dos dedos. — Ah, seja como for. Agora já voltaste ao normal, acho eu. Vê-se-te nos olhos.

Há semanas que vivo com a Dex e só agora reparo que ela me faz lembrar a Talan. Uma boca que nunca desiste. — Onde está o Rhone? — pergunto-lhe. Sinto a cabeça pesada. — Preciso de falar com ele.

Consigo ver agora que estou de volta àquilo a que chamamos o Buraco. Paredes arredondadas de túneis, com água a escorrer por elas.

O horrível cheiro a esgoto e, na distância, os sons do Cemitério. Guinchos de gaivotas, o cicio e os cliques das baratas e, por vezes, gritos ao longe.

Tento descontrair-me. Estou em segurança. Pelo menos por agora.
— Como é que me encontraste? — pergunto-lhe.

A Dex sorri. — Estou sempre de olho em ti, Zephyr.

Rio-me. Se outra pessoa me tivesse dito uma coisa dessas, teria ficado pior que estragado. Mas a Dex é apenas... ela própria. Há algo de reconfortante, algo semelhante à Talan nessa rapariguinha meio louca. Surge quando menos se espera e, geralmente, nos momentos mais inapropriados. Ela é uma espécie de alívio cómico no meio deste mundo escuro e lixado.

A Dex aponta para o chão a meu lado, onde se encontra um pedaço de pão meio roído. Pego nele e devoro-o. Está seco e tem um sabor horrível, mas, assim que o acabo de comer, quero mais.

— De qualquer modo — diz-me a Dex, entre risinhos —, vou buscar o Rhone.

— Já aqui estou — diz um rapaz desde as sombras. Vejo-o aproximar-se da luz, com cabelo preto e olhos azuis muito penetrantes. Com uns ombros sólidos que me fazem lembrar os de uma Sanguessuga.

— Rhone — digo-lhe, tentando pôr-me de pé sem que as pernas mo permitam. A Dex ajuda-me a sentar no chão e faz-me festas na cabeça como se eu fosse o seu cãozinho de estimação. — Consegui controlar a coisa. Agora já consigo escolher as minhas vítimas, tal como tenho vindo a praticar.

O Rhone começa a rir-se e passa as mãos pelo cabelo. — Pois, isso é tudo muito bonito, Zero, mas escolheste toda a Sede das Sanguessugas como a tua vítima...

— Fiz... *o quê?*

Tento juntar os pedaços do que se passou na noite anterior, mas são tudo fragmentos descosidos. É algo que talvez nunca venha a mudar. Creio que me lembro...

— Lark — murmuro. — Ela despoletou-o pela segunda vez em mim. Era como se ela tivesse usado um gatilho de controlo remoto. Uma espécie de frase ou algo assim.

O Rhone acena afirmativamente com a cabeça; coça o queixo, o que, na realidade, quer dizer que ele está a pensar. *Pois, muito bem, Zero, tudo bem...*

Volto a ouvir o risinho da Dex. — Foi uma sorte termos-te

encontrado antes das Sanguessugas. Acabei por gastar as minhas últimas gotas de clorofórmio contigo, não sei se sabes?

— Como é que o conseguiste arranjar? — perguntei-lhe. Só depois me lembrei outra vez da Lark, do nosso encontro na praia. — Consequiste encontrar a Lark?

O Rhone abana a cabeça. — Estou certo de que a encontraria. No entanto, o teu pequeno episódio acabou por dominar tudo, Zero. — Encolhe os ombros. — Agora devias descansar. Voltaremos a reunir-nos mais tarde.

Ele não tem razão.

Não preciso de descanso. Tenho de planear uma missão de salvamento. Tenho Sanguessugas para matar e preciso de encontrar a Lark, a criadora do sistema.

— Ainda temos uma semana — observo, entre dentes, enquanto o Rhone se volta para se ir embora.

— Na verdade temos seis dias — corrige-me a Dex.

O Rhone trespassa-a com o olhar.

Lembro-me do que se passou há várias semanas, quando perdi a Meadow pela primeira vez. Quase não consegui juntar-me à Resistência, à sua sede por baixo do chão, devido a um buraco aberto na cabeça. A Dex e as nanites que ainda tinha no corpo acabaram por me pôr bom e, quando já estava pronto, contei-lhes uma vez mais o que tinha acontecido no edifício das Sanguessugas.

O modo como a nossa companheira, a Sketch, fora aí deixada a sangrar. A maneira como a Lark se escapara sem que mais ninguém a visse. A morte da Talan. O modo como a luz nos olhos dela se apagou, o modo como ela gritou o nome da filha antes de dar o último suspiro.

Mas houve um detalhe que eu não mencionei.

Não lhes contei o que ainda guardo apenas comigo, a única coisa que jurei nunca contar a quem quer que fosse.

Que a Meadow é a Protetora do Sistema Informático Central. Que, se ela morrer, o Complexo dos Assassinos também morre. Que essa é a única maneira.

— Estamos a ficar sem tempo — chamo-lhes a atenção.

— Bem sei, Zero. — O Rhone suspira.

Eu pedi um exército, uma oportunidade de atacar as Sanguessugas e poder resgatar a Meadow.

Ainda me recordo das palavras da Orion. *Um mês*, disse ela.

Um mês para quê?, perguntei-lhe.

Ela olhou para mim como se eu fosse um idiota. *Podes levar alguns dos meus. Um grupo pequeno que vá até lá. Procurar a Lark... Procurá-la e trazê-la até mim. Se fizeres isso, toda a Resistência te irá ajudar.*

São as suas últimas palavras que eu nunca mais esqueci, pois receio que ela tenha razão. *Faz-me um favor, está bem, Zero? Não deites isto a perder...*

Agora tento pôr-me de pé mas volto a cair.

— Descansa — recomenda-me a Dex. Põe-me as mãos nos ombros e força-me a que fique deitado.

— Está bem — digo-lhe. — Vou descansar, mas, logo que acorde, vamos outra vez à caça.

O Rhone acena afirmativamente com a cabeça. Vejo-lhe aquela expressão nos olhos que parece dizer-me que não acredita que isso vá realmente acontecer.

E começo a pensar que ele talvez tenha razão.

Adormeço a pensar na Meadow, uma rapariga com o luar nos olhos.

Mas nos meus sonhos estes tornam-se de um vermelho vivo e sangrento.

Capítulo 8

Meadow

A Iniciativa vai torturar a Sketch à minha frente.

Surpreende-me o facto de ela ainda respirar. Da última vez que a vi, ela estava inconsciente, no chão da Sala do Sistema Informático Central, ferida por uma perversa faca vermelha que a minha mãe inventou. Deveria tê-la feito sangrar completamente.

Mas a Sketch é forte e vejo que tem pele nova nos braços e nas pernas, como se a Iniciativa a tivesse remendado de propósito, para a manter viva.

— Sketch — chamo-a. Apesar de tudo, não estou sozinha e vê-la é de tal modo um alívio que quase começo a chorar. Meto um braço por entre as grades, agarro-lhe na mão, sinto o calor de uma outra pessoa a meu lado. Mas não posso, tenho de me manter controlada e quieta e fingir que esta rapariga me é perfeitamente indiferente.

Não lhe irão fazer mal se pensarem que eu não me importaria muito com isso.

Não é verdade?

— Não fiquem aí. Tragam-na cá — vozeia o inquiridor. Os guardas põem a Sketch de pé e arrastam-na até à minha cela, atirando-a para o chão, mesmo à minha frente. Quem me dera poder rastejar até ela, mas estou cercada de grades.

Fazem o mesmo à Sketch, colocando-lhe grandes algemas nos pulsos para a prenderem às grades de metal por trás das suas costas.

— Não digas nada a estes palhaços — pede-me a Sketch. Ela cospe sangue para o chão e este cai tão perto das botas do inquiridor, que me faz sorrir.

— Não há nada a dizer — digo-lhe eu.

A Sketch pisca-me um olho inchado e o inquiridor desata a rir-se às gargalhadas.

— Olhem para vocês as duas. São mesmo verdadeiras camaradas...

— Estala os dedos e um outro guarda aproxima-se precipitadamente.

— Está muito calor aqui, soldado — observa ele —, porque não baixas o ar condicionado?

O soldado acena-lhe afirmativamente com a cabeça, atravessa o corredor e bate num pequeno ecrã que se encontra na parede.

Ouve-se um apito e um assobio e, de súbito, a saída de ar que se

encontra no teto começa a trabalhar. O ar frio incide-me na cara, fazendo com que me sinta um pouco mais viva.

— Mais frio — diz o inquiridor. — Traz-nos o inverno.

O soldado obedece.

Por momentos, o ar recorda-me as manhãs de outono na praia, com o vento a soprar por detrás do Perímetro, pondo-me os pelos dos braços em pé. A Peri costumava adorar esse ar muito fresco.

Mas depois fica mais frio.

Mais frio ainda...

Tão frio que começo a bater os dentes e as pontas dos dedos me começam a tremer. Os trapos rasgados e ensanguentados que tenho no corpo não são suficientes para me manter quente. Não demora, até ver o meu bafo começar a criar nuvens. A Sketch também começa a tremer à minha frente. Os nossos olhos encontram-se e ficamos ali sentadas, a olhar uma para a outra.

O inquiridor volta a rir-se e bate palmas. — Assim é que é, minhas meninas. — Um soldado traz-lhe um casaco que ele põe por cima dos ombros, chegando-o mais para si.

— Vocês saberão o que é uma cela fria?

Olha para mim e depois para a Sketch.

— Não, não me parece — observa ele. — Costumávamos usá-las durante o período da Queda. Uma maneira muito simples para fazer com que um homem vergasse, quando a cela está tão fria que o sangue quase congela. — Ele finge começar a tremer, ajustando o casaco mais ao corpo. Eu desvio os olhos. — Vão adorar esta tática até ao fim da vossa estadia.

Penso que ele se está a preparar para se ir embora, mas, em vez disso, retira a forquilha dos heréticos do casaco. Preparo-me para a dor, abro-lhe o coração, do modo como o meu pai me ensinou.

No entanto, o inquiridor volta-se para a Sketch e ajoelha-se diante dela. — Poderia dizer que lamento o que estou a fazer... mas isso seria estar a mentir.

Agarra-a pelo queixo e inclina-lhe a cabeça para trás, de modo que ela fica a olhar para o teto, com a garganta completamente exposta. Tenta lutar com ele, mas este homem é demasiado forte. Pega na forquilha e posiciona-a de maneira a que uma das pontas lhe fique por baixo do queixo e a outra mais abaixo, contra o peito. Depois põe-lhe a coleira no pescoço e aperta-a bem.

— Agora vais ser uma linda menina e não te irás mexer um centímetro — recomenda-lhe o inquiridor. — Porque se o fizeres... — Empurra então a cabeça da Sketch para baixo até esta começar a

sangrar de um modo bem visível. Ele olha para mim, por cima do ombro, com um sorriso irónico no rosto. — Estás a ver, Woodson? Estás a ver o que a Iniciativa pode fazer àqueles de quem tu gostas?

Reparo nos olhos da Sketch. Estão muito abertos, cheios das lágrimas que lhe correm pelas faces. Ela abana a cabeça; esse movimento é tão ligeiro que eu mal me apercebo dele.

Mas sei o que ela me quer dizer.

Respiro fundo e sorrio para o homem que nos está a torturar. — Ela não significa nada para mim — esclareço. — Pode matá-la agora mesmo, se quiser...

Ele para de sorrir e larga a Sketch. Ela está a respirar com tanta dificuldade que eu quase não aguento.

Mas tenho de aguentar. Tenho mesmo.

Ele dirige-se para mim, pega-me pelo cabelo e começa a puxá-lo. A custo tento reprimir o meu gemido. — Irei fazer tudo o que puder para te magoar — promete-me. — E olha que *irás sentir* dores a sério.

Olho-o nos olhos. — Porque não começa? Vá, faça o que diz...

— Nós só estamos a começar — esclarece o inquiridor. — Em breve te irei vergar.

Vejo-o levantar-se e, quando ele passa, faço uma promessa à Sketch e a mim mesma.

Logo que tenha uma oportunidade, hei de matar este homem com as minhas mãos.

Capítulo 9

Zephyr

O Cemitério não é assim tão mau de manhã.

Por vezes, se conseguirmos ignorar o cheiro e as moscas, e o facto de estarmos no meio de um montão de lixo, é um local bastante sossegado.

Eu e o Rhone estamos a fazer as nossas rondas diárias à procura de comida e de objetos para trocar.

Antes da missão falhada, vim aqui com a Meadow.

Beijei-a pela primeira vez.

Enquanto eu e o Rhone caminhamos ao lado um do outro em silêncio, à procura de qualquer coisa que valha a pena recolher, sinto-me desesperado. Pois *é* como se pudesse ver a Meadow em tudo o que mexe.

Uma menina que pratica luta vai de mão dada com o pai dela, como uma pequena Meadow.

Um rapaz que transporta um punhal à cintura, onde o sol incide, lembra-me o modo como ela costumava brincar com a sua arma, fazendo-a saltar por cima dos dedos.

Passamos por uma das torres de vapor, e quase juro conseguir ouvir a voz dela na minha cabeça.

Podes-te ir lixar, Zephyr James.

Meu Deus, tenho tantas saudades dela que até dói. As coisas não deveriam ter terminado desta maneira. Deveríamos ter ficado juntos e livres, e agora as Sanguessugas poderão estar a fazer-lhe sabe-se lá o quê.

Cerro os punhos e tento afastar o seu rosto da minha mente. Mas isso só acaba por me deixar ainda mais furioso, pois parte de mim odeia o que ela fez, mas a outra ama-a ainda mais.

E, às vezes, o amor é uma chatice.

— Ali — diz-me o Rhone, quando atingimos a margem do Cemitério. Não é lá grande coisa, um pedaço de metal a sair de um monte de lixo como um braço, mas é afiado. Poderíamos transformá-lo numa arma, o que é algo que o Rhone até sabe fazer muito bem. Ele consegue transformar qualquer coisa sem valor num instrumento letal. E os Cangalheiros adoram armas letais.

Levamos esse ferro e passamos algum tempo à procura de outros

bocados e peças.

Ao fim de algumas horas, o Rhone conseguiu arranjar uma lâmina. Fá-la rodar nas suas mãos e corta o ar com ela.

— Nada mau — digo-lhe eu.

— De facto, é genial — corrige-me ele. — Ora vamos lá desenterrar uns quantos Cangalheiros.

Estes, geralmente, só saem à noite. A não ser que sejamos suficientemente loucos para os desafiarmos, e a Dex tem esse tipo de loucura.

Estamos no meio do Cemitério, junto a uma das torres de vapor. A Dex está diante de mim e do Rhone, a levantar a nova arma bem por cima da cabeça.

— Cangalheiros, venham daí! Saiam do vosso esconderijo — incita a Dex, com uma voz cantada. Sinto um arrepio, como se houvesse bichos a correrem-me por baixo da pele.

— Não estou a gostar nada disto — observo entre dentes. — E se eles... nos matarem?

— Eles têm informação — diz-me o Rhone. Tem os punhos fechados e começa a olhar de um lado para o outro, por entre os camiões de lixo. — O tempo está a esgotar-se para nós. Temos de fazer qualquer coisa drástica.

— Será que atacar a Sede das Sanguessugas não foi já suficientemente drástico? — pergunto.

— Cala a boca e mantém os olhos bem abertos, Zero.

Enquanto esperamos, ouve-se um zumbido, mais à frente. Vemos então uma esfera negra a flutuar, como um pássaro sem asas.

— Uma câmara! — grita a Dex.

Todos nós nos atiramos para o chão, nos enterramos no lixo e nos cobrimos com tudo o que conseguimos encontrar. Faço-me de morto e deito-me de barriga para baixo, com a mão em cima da marca de Programado que tenho no pescoço, desse X negro bem nítido.

Consigo ouvir o zumbido da câmara à medida que esta vai gravando e rodando. As Sanguessugas começaram a enviá-las horas depois de termos atacado a Sede.

Estão à procura da Lark, da Resistência, de mim.

Mas não nos irão encontrar.

Por fim, a câmara desaparece, desviando-se para as partes mais afastadas do Cemitério. Saímos dos nossos esconderijos e voltamos a agrupar-nos. Tento limpar a sujidade dos olhos e, quando olho para a Dex e para o Rhone, algo me chama a atenção.

Trata-se de um homem a uns dois metros de distância.

Ele não estava ali antes.

Tem o corpo coberto com a armadura dos Cangalheiros. Pedacos de sucata, cosidos uns aos outros, para fazer uma couraça. O seu longo cabelo negro está entrançado com contas e moedas, como enfeites.

— Foram vocês que chamaram? — pergunta-me o Cangalheiro.

Por detrás dele, dois outros emergem do lixo, com lanças feitas de velhos canos metálicos. Eles poderiam ali ter estado o tempo todo, perfeitamente disfarçados, e nós nunca nos teríamos dado conta disso. Os Cangalheiros tornaram-se unos com o lixo, partes excedentes de um mundo, para as quais encontraram um novo uso.

— Queremos fazer uma troca — sugere-lhes o Rhone. Pede então à Dex que levante a lâmina cortante. Ela ergue-a bem alto. O Sol reflete-se nela e fá-la brilhar como fogo. É uma boa arma, decerto os Cangalheiros irão estar interessados. — Trocamos isto por informação. Estamos à procura de alguém.

O homem ri-se de uma forma asmática. Tem provavelmente cinquenta anos, mas uns braços fortes. Aposto que poderia lutar com destreza. — Sabemos de quem vocês andam à procura — diz ele —, da Lark¹, esse pássaro cantador.

— Então sabes? — pergunto-lhe.

Ouçõ o risinho da Dex. — Os Cangalheiros ouvem tudo e veem tudo. Às vezes, falam comigo à noite.

O Rhone põe-lhe uma mão protetora por cima do ombro e, em seguida, dirige-se ao chefe dos Cangalheiros. — Por acaso sabes onde se esconde a Lark Woodson?

— Podemos oferecer-vos mais do que esta arma — acrescento. — Podemos oferecer-vos comida. Coisas que possamos roubar às Sanguessugas, logo que as apanhemos...

O Cangalheiro aponta para o meu ouvido são, onde tenho o aparelho das Sanguessugas. Aponta também para o Rhone, que tem a outra parte do par. — Essas máquinas — diz ele. — É isso que queremos.

Olho para o Rhone e levanto uma sobrancelha. Ele acena-me que sim com a cabeça. Retiramos os aparelhos e atiramo-los para o espaço que se situa entre nós e eles. Vemo-los a rolar pelo chão e a pararem mesmo em frente dos pés do chefe dos Cangalheiros. Os dois companheiros desse homem apressam-se a apanhá-los.

— A arma também — diz o chefe.

O Rhone atira-a.

Esperamos.

Uma nuvem cobre o Sol momentaneamente e, nas sombras, os Cangalheiros têm um aspeto ainda mais terrível. Fecho os punhos à espera de respostas.

— Não fazemos ideia onde a Lark se esconde — diz o chefe.

— Mas que diabo...! Então deem-nos as nossas coisas...! — A Dex dá um passo em frente, mas o Rhone fá-la recuar.

O Cangalheiro volta a rir-se com o mesmo som asmático. — Devias juntar-te a nós, minha pequenina. Aprendias connosco a ter paciência. — Olha muito para a Dex, antes de fazer incidir o olhar em mim e no Rhone. — Não sabemos onde está a Lark Woodson, mas temos uma outra coisa, uma outra pessoa que talvez vos interesse.

Faz um clique com os dentes e levanta uma mão. Os Cangalheiros por detrás dele desaparecem no túnel que existe entre duas montanhas de lixo. Passam-se alguns minutos. Por fim, reaparecem, mas desta vez não vêm sozinhos. Vêm a arrastar um corpo, uma pessoa que a custo se debate para lhes escapar.

— Talvez consigam dar uso a esta — afirma o chefe dos Cangalheiros. — Ela pensa que pode roubar coisas que nos pertencem, mas está muito enganada.

Os que transportam o corpo aproximam-se mais, até eu conseguir ver que se trata de uma mulher atada com correntes.

O cabelo dela é escuro, colado ao crânio e, quando eles a atiram ao chão, ela larga um terrível gemido que soa como o de um animal às portas da morte. Os membros da mulher são muito magros, demasiado fracos para a luta. Que uso é que nós poderíamos fazer dela?

— Quem é ela? — pergunta o Rhone. — Por que motivo a haveríamos de querer?

Os Cangalheiros riem-se todos juntos, e esse som assemelha-se a um sibilar de baratas em volta do lixo.

— A cara dela... — observa o chefe. — Olhem para a cara dela e logo ficarão a saber. — Volta a fazer um clique com os dentes e um dos seus homens põe um joelho em terra. Agarra a prisioneira pelo queixo e força-a a olhar para cima.

A princípio, tudo o que vemos é uma cicatriz. Quase lhe toma a cara toda, com a pele no lado esquerdo do nariz de tal modo franzida que faz com que ela pareça ter-se escapado de um pesadelo.

Não tem o olho esquerdo e parte do cabelo, junto a um dos lados da cabeça, foi queimado, deixando no seu lugar uma pele enrugada e muito vermelha.

— Como é que te chamas? — pergunta-lhe o Rhone.

A mulher abre a boca e, logo que fala, a sua voz é de tal modo familiar que eu fico extremamente chocado.

— Sparrow — diz ela. O seu único olho olha para mim e eu sinto um arrepio.

É cinzento.

Cinzento como uma nuvem de tempestade, como o mar revolto.

Cinzento como os olhos da Meadow e da Lark, e toda a gente dessa família. Uma cor inconfundível.

— Chamo-me Sparrow — repete a mulher. Ela faz uma careta quando pronuncia as palavras seguintes, cospe-as como se as mesmas estivessem cobertas de veneno. — A Lark Woodson é minha irmã.

¹ Lark em inglês significa cotovia. (N. do T.)

Capítulo 10

Meadow

Há dois dias que não comemos.

A princípio, eu e a Sketch fizemos um jogo com base nos ruídos dos nossos estômagos; ríamo-nos cada vez que os mesmos se ouviam, vendo quem seria responsável pelo ruído mais longo e mais alto.

Mas agora o riso desapareceu.

Uma horrível fome veio substituí-lo. Recorda-me o estado em que encontrei a minha mãe. Só pele e osso, com os olhos encovados.

Se me visse num espelho, seria isso que via? Uma versão mais jovem da minha mãe a olhar para mim?

Por vezes, sinto uma escuridão a espreitar por baixo da superfície da minha alma. Às vezes ouço vozes a dizerem-me coisas ao ouvido. Dizem-me que estou a ficar mais fraca. Dizem-me que, em breve, irei perder esta luta.

Veze há em que quase lhes respondo.

Trata-se, com certeza, da loucura da minha mãe, da mesma força que em tempos a dominou e que quer agora tomar conta de mim.

Estou a desenhar uma outra cicatriz, na barriga da minha perna, quando chega o inquiridor. Traz na mão um chicote com pregos na ponta para fustigar as costas da Sketch para ela sangrar até ao desmaio. No dia seguinte, já com outra cicatriz na perna, ele irá agredir-me.

A Sketch e eu acordamos, horas mais tarde, curadas pelas nanites, mas um pouco mais derrotadas.

Agora, estamos ambas sentadas no escuro.

— Está tanto frio — geme a Sketch.

— Ignora-o — digo-lhe eu, embora todo o meu corpo esteja dormente. Os lábios, os dedos dos pés, as orelhas... Tenho saudades do calor da areia, de sentir o sol na minha pele, a água do mar nas tardes quentes. — Faz de conta que não estamos aqui...

Mas ela tem razão.

Este ar gelado começou-se-me a entranhar nos ossos. Receio, ao fazer um movimento brusco, quebrar-me como vidro.

Por vezes, a Sketch adormece. Mantenho-a acordada, murmurando o seu nome e cantando-lhe canções, tal como a minha mãe fazia quando eu era pequena, nos tempos em que estávamos na nossa casa

flutuante, em segurança e de boa saúde.

Agora, essa segurança são apenas cinzas, caídas no fundo do mar.

— Vou morrer aqui — diz-me a Sketch. — A ti vão manter-te viva porque têm de o fazer. Mas eu? Eu não valho *nada* para eles. Em breve irão matar-me...

— Não digas uma coisa dessas — digo-lhe baixinho. — É isso que eles querem que tu acredites. Tens de ser forte.

— A força é apenas uma ilusão, minha Protetora.

— Não me chames assim. — Abano a cabeça. Quero dizer-lhe o que o meu pai me diria: que a força, quando confrontados com o medo, é a única coisa que nos mantém vivos. Mas a Iniciativa está sempre à espreita, sempre à escuta.

Não lhes irei oferecer as palavras do meu pai.

— Podes guardar um segredo? — pergunta-me a Sketch.

— Sim, já o deverias saber. Acho que nós as duas somos muito boas a guardar segredos, Sketch.

— Humor de prisioneira — observa ela. — Está-se mesmo a ver...

Ela engole em seco e eu consigo ouvi-la a fazê-lo, um som de pedras a raspar uma na outra. Ainda tem a forquilha dos heréticos presa à garganta. Vejo-lhe aí algum sangue seco. Quando começa a deixar descair a cabeça, lembro-lhe para que pare, recordo-lhe que ela tem força suficiente para manter a cabeça erguida, porque sei a dor que irá sentir se não o fizer, o que será também culpa minha.

A Sketch só está aqui por minha causa.

— Quero morrer — admite ela. A sua voz não me parece triste nem zangada. Trata-se de uma confissão sincera. É corajoso da parte dela dizer: — Quem dera estar morta!

— Então estás com sorte, porque eu acho que já estamos no inferno.

Penso no Zephyr, quando o vi estendido na rua, já quase a morrer. Ele queria tanto morrer que se tentou suicidar. A Sketch matou um sem-número de pessoas sob a influência do Complexo dos Assassinos. Creio que cada Doente, mais cedo ou mais tarde, deseja a sua própria morte, e agora começo a percebê-lo.

Porque eu também desejo a morte.

O Complexo dos Assassinos está ligado ao meu cérebro. Em cada segundo que vivo e respiro, ele também continua a viver. Cada vez que o meu coração bate, imagino o sistema a sugar-me a vida.

Uma Sanguessuga.

Os Programados têm razão quando chamam isso à Iniciativa.

A porta abre-se por detrás de mim e o inquiridor surge. Abre a porta da cela e entra, depois tira a forquilha do pescoço da Sketch.

Ela desfalece e deixa tombar a cabeça, tentando respirar. — Estava já a começar a gostar disto — observa, desafiadora como sempre. Ergue a cabeça e sorri abertamente para o inquiridor.

— Onde é que se esconde a Resistência? — pergunta ele. A Sketch não lhe responde. Não se mexe nem um centímetro.

Ele dá-lhe uma bofetada, mas ela ri-se.

Depois volta-se para mim, com os olhos tão escuros como o carvão. Quem me dera ter o punhal do meu pai. Não sei o que lhe fizeram, mas sinto-me nua quando não sinto a solidez do aço contra a minha anca.

— Onde é que se esconde a Resistência?

— A Resistência não existe — respondo-lhe eu.

Ele atira a cabeça para trás e dá uma gargalhada. — Já estou a ver que tens o humor da tua mãe. Onde é que ela se esconde?

— A minha mãe já não é uma preocupação minha — afirmo, e trata-se da mesma resposta que lhe dou sempre, não importa o que ele possa fazer. Porque, no meu coração, ela já morreu há muitos anos. Se ela ainda fosse a mãe que eu conheci, já me teria vindo salvar a esta hora.

Ela nunca teria abandonado este edifício até se ter certificado de que eu me conseguiria escapar. Ela ter-se-ia entregado, antes que alguém me pudesse tocar.

No entanto, não foi isso que ela fez.

Pôs-se a correr, como uma cobarde, e não me parece que vá voltar aqui.

— Não lhe iremos dar qualquer espécie de informação — afirmo.

— Nunca!

— Preferimos morrer a dizer-lhe o que quer que seja — acrescenta a minha companheira.

O inquiridor encolhe os ombros. — Tu talvez morras — diz ele à Sketch. Em seguida, aproxima-se mais das grades para me poder olhar bem nos olhos. — Mas tu, Meadow Woodson, nunca irás *ter o luxo* de morrer...

Abandona-nos, fechando a porta com força.

Julga que nos conseguirá vencer. Ele pensa que, assalto após assalto, irá conseguir descascar as camadas mais rijas que me rodeiam, forçando-me a responder.

Mas há uma coisa com a qual o inquiridor não contou.
Nesta guerra, eu sou o soldado mais forte.
Sou filha do meu pai e nunca me irei dar por vencida.

Capítulo 11

Zephyr

Não consigo olhar para aquela mulher.

Para a Sparrow.

Para a *irmã* da Lark. Pois assalta-me uma memória, enquanto eu e o Rhone a arrastamos para o nosso acampamento. Foi algo que a Meadow disse, há já bastante tempo. Acerca de a tia ter sido a pessoa que tinha introduzido o nome dela no sistema.

A Sparrow foi quem me enviou para perseguir a Meadow.

A Sparrow foi quem tentou, vezes sem conta, que eu matasse a rapariga que amo. Ela desmaia antes mesmo de termos chegado. O Rhone e a Dex forçam-me a abandoná-la, dizendo que poderei regressar mais tarde, quando ela estiver acordada.

E hei de fazê-lo.

Irei obter as minhas respostas da boca dessa mulher.

Capítulo 12

Meadow

Sei muito bem como lidar com a dor.

O meu pai ensinou-me a suportá-la e a usá-la para obter uma certa vantagem, para me alimentar dela, do mesmo modo que uma brisa poderá atijar uma fogueira.

Levaram a Sketch, e agora eu sou a única prisioneira aqui, pendurada pelos tornozelos sobre uma espécie de mesa. O inquiridor faz-me uma pergunta e, quando eu não lhe respondo, encosta-me uma faca em brasa à pele. Esta divisão ainda está gelada e, quando ele aproxima a lâmina do meu pescoço, vejo um rasto de fumo, ouço o fritar e o empolar da minha pele fria contra o aço quente.

— Onde estás o Doente Zero? — pergunta-me ele.

As mesmas perguntas. As mesmas respostas.

Custa-me muito falar. Tenho o coração à boca e, cada vez que engulo, parece-me estar a engolir fogo.

— O Doente Zero — insiste ele. — O Zephyr James. Sabemos que tens informação acerca do local onde se encontra. Coopera, diz-nos o que queremos e poderás viver como uma rainha.

Zephyr. Ele conhece os segredos deles, todo o funcionamento interno do Complexo dos Assassinos. Enquanto ele estiver lá fora, a Iniciativa há de andar atrás dele. Com tudo o que ele sabe, poderia fomentar uma revolta em grande escala.

Quem me dera que ele o fizesse.

Imagino que me vem salvar, que vai cair do céu do mesmo modo que eu ao procurar a minha mãe. Que vai alvejar toda a gente, que me vai abraçar muito. Só nós os dois, livres para lá do Perímetro...

Afasto esse sonho.

Por vezes os sonhos são mentiras impossíveis.

— CONFESSA! — grita o inquiridor. Ele dá-me uma chapada com as costas da mão. O ardor é tão forte que eu quase não a sinto.

— Não — consigo ainda gemer. — *Não.* — Pendurada assim, sinto-me mais pequena. A cara horrível do inquiridor paira sobre mim. A minha visão enche-se de pontos e começa a ficar turva.

— Muito bem — diz ele —, não me importo de fazer isto o dia todo, Woodson.

Ele encosta-me então a lâmina da faca ao braço mesmo por cima

da minha tatuagem onde se lê a palavra *Destemida*. A dor é tão intensa que começo a ver tudo verde. Finjo que essa dor é apenas a faca do Koi. Ele está a tatuar-me o braço, na nossa casa flutuante. Estamos juntos e em segurança. Não quero gritar. O meu pai iria dizer-me para não o fazer. No entanto, grito.

— Não achas que isto já te chegou? — pergunta-me ele. — Onde está a Resistência?

— Nunca os irá encontrar! — digo-lhe.

Ele volta a pressionar a faca contra o meu braço.

— Não... SEI! — grito. — Não sei nada acerca de quem quer que seja!

O inquiridor retira a faca. A minha pele vem agarrada à mesma e apetece-me soluçar, gritar, enrolar-me numa bola. Em vez disso, concentro-me na largura dos ombros dele, no modo como os seus pés lhe suportam o peso, na maneira como ele usa mais a mão direita do que a esquerda.

O inquiridor põe um joelho em terra, para ficar com o rosto ao nível do meu. Consigo ver-lhe as olheiras, cheirar-lhe o hálito azedo. Este homem dá-me vontade de vomitar.

Não repara que consegui soltar um pulso, que o estive a torcer e a rodar, durante muito tempo, do modo como o meu pai me ensinou em tempos. Tenho de o manter distraído, para que consiga libertar o meu outro braço. — Vá para o inferno! — murmuro. Cuspo-lhe na cara.

Ele dá-me um murro no nariz. Duas vezes. O sangue que me sai das narinas começa a correr-me para os olhos, a manchar-me o cabelo. Quem me dera poder ter acesso a uma arma, qualquer coisa com que lhe pudesse furar a barriga, fazer-lhe parar o coração. Mas não posso fazer isso. Só posso usar palavras.

— É tudo do que é capaz? — pergunto-lhe, ainda a tentar libertar o outro pulso. Ele volta-me as costas. — Consegue fazer bem melhor do que isto, senhor inquiridor...!

Ele volta-se, com os olhos muito abertos. — Não estás impressionada, Woodson?

— Olhe que não... — Forço-me a rir, a agir como se estivesse completamente calma. — Quando eu era pequena, batia nas pessoas com mais força. — Fecho os olhos e preparo-me para o próximo ataque.

E para o que se lhe segue.

Continuo a rir-me, tentando canalizar a loucura que aprendi da minha mãe. Se agir como uma doida, talvez eles desistam. Rio-me, através da dor, e não paro. Limito-me a rir ainda mais alto, de um

modo mais espalhafatoso, até me dar conta de que esse comportamento talvez não seja um bom stratagema. Porém, nesse momento, este meu acesso parece-me bem vivo, como um animal dentro de mim.

O inquiridor expressa a sua frustração.

Sorrio. Já não consigo aguentar.

Ele aproxima-se mais de mim.

Tão perto que já quase imagino o modo como o irei matar.

Só preciso que ele dê mais um passo.

— És tão doida como a tua mãe — comenta. — Irás viver nesta cela para o resto da tua vida, até apodreceres!

— Não vou, não — digo-lhe. — Alguém me virá libertar e certificar-se de que serei eu a dar-lhe um corte fundo no pescoço.

Ele cai na minha armadilha.

Dirijo-lhe um sorriso tão aberto como o da Peri. Depois, estico-me de repente e ponho-lhe as mãos em volta do pescoço. Recorro a todas as minhas forças para o torcer e, quando ouço o estalo, dou um grito de alegria.

O corpo do homem cai no chão.

— *Nunca hás de ganhar!* — Dou um grito e rio-me. Quero que os outros me ouçam. Quero que eles saibam o que fiz.

Que os derrotei hoje, que os derrotarei amanhã e em todos os dias que se seguirem.

Não demora muito até os guardas entrarem a apontar-me as espingardas. Os homens agarram-me contra o chão. Grito e estrebucho para me libertar, mas não consigo...

— Ela matou-o! — exclama um dos soldados. Trata-se de um rapaz demasiado novo para trabalhar para eles, que me parece poucos anos mais velho do que a Peri.

— Também sou capaz de te matar! — sibilo, e sei que, com todo o sangue do meu corpo agora concentrado na cabeça, devo ter um aspeto terrível.

Devo estar vermelha como o fogo.

— Tirem-no daí — grita um guarda —, e chamem um médico. Já!

Retiram o corpo do inquiridor da divisão. A confusão é imensa. Ouvem-se vozes e passos por todos os lados, enquanto mais soldados entram.

— Desviem-se! — grita uma mulher. Mais passos, o som de tacões no empedrado. A mulher abre caminho entre os guardas. Tem o

cabelo ruivo, muito bem preso num carrapito junto ao pescoço. Está vestida de enfermeira e os seus olhos azuis incidem nos meus.

— Menina Woodson, sou a doutora Wane — diz-me ela.

— Vá para o inferno — respondo-lhe entre dentes.

— Esperávamos que as coisas *não chegassem* a este ponto. — Ela ajoelha-se para ficar ao meu nível. É então que lhe vejo o brilho de uma seringa na mão.

Não há nada que eu possa fazer para lhe escapar.

Ela move-se muito rapidamente e já sinto a agulha no pescoço.

Uma dor ligeira e, de súbito, sinto tudo a andar à roda.

Numa questão de segundos, deixo tudo para trás.

Capítulo 13

Zephyr

A Sparrow acorda horas mais tarde, quando o Sol já está quase a pôr-se. Sento-me, com as costas contra a parede, à espreita, a olhar para as horríveis cicatrizes que ela tem na cara. Sinto um arrepio, ainda que esteja muito calor onde me encontro.

Não confio nesta mulher.

— Quem és tu? — pergunto-lhe.

A Sparrow levanta-se. Mesmo à luz de uma única lanterna, consigo ver o seu olho cinzento. É como olhar para a Meadow ou para a Lark, e oscilo entre súbitos sentimentos de esperança, de conforto, e uma frieza de morte.

— Já te disse quem sou — diz-me a Sparrow. A voz dela parece-me muito familiar. — A verdadeira pergunta seria *quem és tu?*

Abro a boca para falar mas ela levanta uma mão. — Oh, já sei, Doente Zero. Reconheceria esse número de catalogação em qualquer lado. Substituí o nome da Meadow pelo teu, no sistema. Várias vezes, depois de o monstro da minha irmã o continuar a retirar.

Se fosse a Lark que estivesse a falar comigo, sentiria a ira na sua voz. Mas com a Sparrow é diferente. Em vez de uma coragem que roça a loucura, é como se ela tivesse já perdido toda a esperança.

Ela é apenas um farrapo humano, por dentro e por fora.

— Deveria matar-te agora mesmo — digo-lhe, entre dentes. — Arruinaste a minha vida. Terás por acaso ideia do difícil que é amar uma rapariga quando tudo o que queremos fazer é matá-la?

Ela suspira e passa uma mão pela cicatriz. — Não arrumei a tua vida, Doente Zero. Quem fez isso foi a minha irmã. Eu estava apenas a arranjar uma maneira de remediar o que ela fez.

— Continuando com as matanças? — pergunto-lhe.

Fecho os punhos e respiro pelo nariz, tentando dominar a minha ira crescente.

A Sparrow abana a cabeça. — É a única forma — murmura. Encosta a cabeça à parede e fecha o seu único olho. — Lembro-me da Meadow quando ela era ainda muito pequena. Costumava apertar-me os dedos, como é hábito dos bebés. Se bem que a Meadow fosse sempre uma menina de quem nós tivéssemos de fazer alguma força para nos desprendermos. Cresceu, viu muita coisa, e estava sempre disposta a aprender. — Reparo que engole com dificuldade. — Eu

costumava trabalhar para a Iniciativa, ao lado da minha irmã. Ela era sempre a mais esperta, era sempre a estrela. E eu queria ser como ela. Até que...

— Até que o quê? — pergunto-lhe.

Ela abre o olho e olha-me muito fixamente. — Até ao dia em que ela ligou o Complexo dos Assassinos ao cérebro da Meadow. Esta era ainda uma criança, um bebé... a Lark fez o que fez e eu vim a saber... que tinha perdido a minha irmã para a ciência.

Tosse para a manga do casaco e afunda-se mais no chão. Parece pequena e tão frágil como uma criança dos Programados. Parece-me que quer que eu acredite nela.

— Por que razão deveria eu acreditar em ti? Como é que sabes que essas coisas são verdadeiras?

O seu olho adquire um brilho de loucura por um instante, como se tivesse visto alguém a regressar da morte. Ouço-lhe um suspiro entrecortado. — As coisas que eu fiz nesse tempo... Nunca serei capaz de fugir ou de me esconder deles. Mal consegui sair da Sede das Sanguessugas com vida. Se não fosse o meu treino, não teria sobrevivido. — Aponta para as cicatrizes. — A Lark fez-me isto quando a Meadow era ainda bebé. A minha própria irmã... logo que tentei dizer-lhe que o que ela estava a fazer era errado.

Consigo imaginá-lo. Ouvir a gargalhada da Lark, vê-la a balançar-se nos pés, enquanto corre atrás da irmã.

— Implorei aos Cangalheiros que me trouxessem até ti. Eu quero ajudar, Doente Zero, quero fazer algo de bom.

— De bom? — pergunto-lhe. — Que poderá haver de bom em seres irmã da Lark Woodson? Que bondade poderá resultar de qualquer coisa nos Baixios? A Meadow desapareceu. Quando muito, tudo o que queres é ajudar, para que a possas descobrir e matá-la. Acabar de vez com o Complexo dos Assassinos.

A Sparrow suspira e depois abana a cabeça. — De facto, quero matar alguém — diz ela, baixando a cabeça. — Mas não é a Meadow. Estava errada ao querer assassiná-la. É claro que isso poria um fim ao sistema, mas a Iniciativa ainda iria controlar tudo. Ainda iria ter as suas armas e a sua força. Há uma outra maneira, uma maneira melhor para resolvermos os nossos problemas.

O que ainda resta do número de catalogação da Sparrow enruga-se quando ela franze o sobrolho e, por momentos, a luz da lanterna treme. As suas queimaduras tornam-se mais visíveis, como vermes a rabearem-lhe na cara. Ela olha muito para mim, eu *faço o mesmo*, e o fogo no seu único olho é como o fogo nos meus.

— Quem é que queres matar afinal?

Mesmo antes que ela me diga alguma coisa, já sei a resposta.

— A minha irmã — diz ela. — Quero matar a Lark Woodson.

Capítulo 14

Meadow

Recuperar os sentidos foi a coisa mais difícil que alguma vez fiz.

Sinto que estou presa por baixo das ondas, a ser empurrada para a esquerda e para a direita, enquanto elas rebentam por cima da minha cabeça.

Quero respirar. Quero libertar-me, mas as águas continuam a puxar-me para baixo. Uma voz, confusa e distante, chama-me desde a superfície.

— Como se sente, menina Woodson?

Alguém me abre as pálpebras. Vejo uma luz muito intensa, demasiado perto, e pestanejo.

— Já está a reagir. Deem-lhe um momento.

— Não temos tempo a perder, doutora.

— Ela está ao meu cuidado e sou eu quem decide nesta sala de operações.

Ouço um arrastar de pés. Alguém respira fundo. — O comandante quere-a agora.

O comandante.

A Iniciativa.

Trata-se de um nome que me enche de medo, algo que me martela na cabeça sem parar. E então dou-me conta de onde estou, do que me aconteceu, por que motivo tenho o corpo amarrado e sinto um ardor nos braços e nas pernas.

Abro os olhos e grito.

Debato-me. A minha cabeça está liberta, de modo que tento sentar-me.

Uma enfermeira tenta voltar a deitar-me, mas eu mordo-lhe a mão com força.

O sangue espirra-me na boca mas eu recuso-me a largá-la.

É um caos, gritos, passadas confusas.

Quero sair dali.

Quero libertar-me.

São precisas duas pessoas para que eu abra a boca. Cuspo-lhes sangue na cara, ainda a estrebuchar como um peixe fora de água.

E é então que o sinto.

Um enorme peso na parte de trás da minha cabeça...

Como se aí tivesse qualquer coisa agarrada, que se recusa a largar-me.

Fico siderada e abro muito os olhos. — Que foi que vocês me fizeram?

A Dr.^a Wane aproxima-se, com a máscara cirúrgica pendurada ao pescoço. — Meadow, é melhor que não entre em stress depois de uma operação tão invasiva.

— Invasiva? — Estou a respirar com dificuldade, pesadamente. Ouço um som algures por detrás de mim, em sintonia com o meu coração. Alto, cada vez mais alto, tão alto que quero fazê-lo parar, mas não me consigo mexer. — O que é que *vocês* me fizeram?

A Dr.^a Wane dá um estalo com a língua. Tem um olhar suave que me comunica que posso confiar nela, como se estivesse a olhar para a sua alma.

Mentirosos!

— Limitámo-nos a fazer o que tínhamos de fazer, a salvar a missão do Complexo dos Assassinos. — Faz então sinal para que venham ajudá-la. — Ajudem-na a sentar-se mas não a desamarrem.

Um enfermeiro aproxima-se rapidamente. Abre mais os olhos quando me solta o pescoço e carrega num botão, elevando a cama, de modo que eu fico quase como se estivesse de pé, apenas presa pelas amarras.

— Hei de matar-te por os teres ajudado — digo-lhe, entre dentes. — Mereces morrer.

Ele tropeça em qualquer coisa e cai para trás, ficando sentado no chão. Rio-me como a minha mãe.

Rio-me porque penso ter enlouquecido e, de tal modo que, em breve, tenho lágrimas a escorrerem-me pela cara.

A Dr.^a Wane espera, até eu me conseguir controlar.

— Instalámos um regulador no seu sistema nervoso central — explica-me. Ela está mesmo à minha frente, com um sorriso doentio no rosto. — Na verdade, trata-se de uma coisa maravilhosa. Um modo de a controlar sem pôr em risco a força vital do Complexo dos Assassinos. Poderemos falar consigo em qualquer altura. Dar-lhe ordens através do sistema... Quer vê-lo?

Não!

Não quero vê-lo. Não quero olhar para aquilo. Se eu o vir, quer dizer que é verdadeiro.

Mas, logo de seguida, a Dr.^a Wane vira um espelho para mim e aí

vejo o meu reflexo na parede espelhada, por detrás da minha cama de hospital.

Estou a olhar para uma rapariga que não sou eu. Que não pode ser eu.

Cortaram-me o cabelo muito curto, só me chega até ao queixo na parte da frente, e está quase à escovinha na parte de trás. Descubro então que tenho uma caixinha preta ligada ao pescoço, à base do crânio, tão bem ligada à pele que é como se essa máquina estivesse a crescer-me do corpo. Há finos fios negros, pendurados dos lados da caixa, que se me dirigem para a espinha e que desaparecem por baixo da minha camisa de dormir de hospital.

— Não — murmuro. — Tirem-me isto.

— Não podemos fazer uma coisa dessas — esclarece a Dr.^a Wane.

— *Tirem-me isto!* — grito. Tenho a voz rouca. Quero dar pontapés à médica, lutar com ela, arrancar-lhe os olhos. — Tire-me esta porcaria do corpo!

— Controlem-na! — diz a Dr.^a Wane por cima do ombro. — O botão preto, Adams.

E, de súbito, sinto dor, um choque que me percorre o corpo todo e que me vai da espinha até à ponta dos dedos das mãos e dos pés.

— Teste a ligação do aparelho à menina — ordena a médica.

E depois... o impossível...

Consigo ouvir a voz da Peri, a Peri *aos gritos*.

Ela está a soluçar. A chamar: *Mãe, pai, Koi, Meadow*, e eu não a posso alcançar, não lhe consigo responder, mas sei que isso não se trata de uma coisa que eles tivessem fabricado. Um medo tão intenso tem de ser real. E se for uma gravação? Será que eles já a mataram?

— Parem com isto! — grito-lhes. — Façam com que isto pare. Não lhe toquem! Não se atrevam a tocar-lhe!

A Dr.^a Wane levanta uma mão. — Creio que ela já teve que chegue por agora — observa.

Os gritos da Peri deixam de se ouvir.

Estou a suar, com o rosto cheio de lágrimas. Todo o meu corpo treme.

— Este regulador está ligado a outro que é idêntico, do outro lado do país, que se encontra implantado no corpo da sua irmã — esclarece a médica. — Assim, ficarão um pouco mais juntas...

— A senhora é um monstro — digo-lhe entre dentes. — Não pense que irei permitir que saia disto sem o devido castigo. — Olho para a Dr.^a Wane. Há vontade de matar nos meus olhos e, bem no fundo de

mim, uma vontade de a pôr a sangrar.

— Já o fizemos, Meadow — diz-me ela, com um sorriso. Ela estende uma mão para me acariciar o cabelo, com a outra pousada no regulador. — Já a vergámos — murmura. — Agora a Meadow irá fazer tudo o que lhe ordenarmos.

Capítulo 15

Zephyr

Ouço a Sirene Noturna. O Rhone e a Dex saem à procura da Lark.

Deixam-me ficar, devido ao meu último episódio. De facto amarraram-me com correntes e deixaram-me em frente da Sparrow.

Somos ambos prisioneiros. O Doente e a irmã da Criadora.

Adormeço e, nos meus sonhos, visito a Talan.

É de manhã cedo.

A Talan está sentada comigo à beira-mar, com o cabelo escuro a ondular ao vento. A Arden, a filha dela, corre em círculos por detrás de nós, a tentar caçar um pequeno caranguejo que caminha para o lado, com as pinças prontas para o ataque.

— Gosto do nascer do Sol — digo-lhe. — É sempre como começar de novo.

— Até pareces uma menina...! — A Talan ri-se e põe a língua de fora.

— Nem pareces adulta — digo-lhe eu. — Estou a falar a sério.

— Esse é o teu problema. — Deita-se então sobre um cotovelo. — És sempre muito sério. A vida é bem mais do que isso.

Uma onda vem fazer-me cócegas nos dedos dos pés. — Ai, sim? Então é o quê?

— Sexo — diz-me a Talan e, quando me rio, dá-me um empurrão. — Tem a ver também com sorrir, rir e roubar. Pôr o primeiro pedaço de comida na boca depois de um dia de recolha. Enrolarmo-nos junto de uma filha, à noite...

— Isso são as coisas que tu preferes — comento. — Não são as minhas...

Ela dá-me uma cotovelada. — São as coisas que me fazem sentir viva, Zeph. — Deixa que uma mão cheia de areia lhe escorra pelos dedos. — Conta-me das tuas.

— Não me sinto vivo — confesso-lhe.

— Mas olha que estás — diz logo a Talan, mal-humorada.

— Está bem. — Olho para as ondas. Odeio o mar. Mas gosto do mundo por cima dele. — Gosto do Sol, da Lua, das estrelas, de coisas que estão muito longe daqui.

— Há ainda uma outra coisa — confidencia-me a Talan — que me faz

sentir viva.

— A Arden? — pergunto-lhe. — Será que a Arden te faz sentir viva? Ambos nos voltamos para olhar para a filha dela. Está a chapinhar nas ondas, a rir-se muito divertida.

— Pois é — diz a Talan, com um aceno de cabeça.

Porém, no momento em que uma onda rebenta, vejo-a a olhar muito para mim. Os seus olhos têm uma expressão fora do normal, muito suave, e parece que a ouço dizer-me: — E tu.

Capítulo 16

Meadow

Já há dias que sou prisioneira.

E, de súbito, estou livre.

Estou sentada numa cadeira de pelúcia vermelha numa sala circular adornada com talha dourada. Esta não se encaixa nos Baixios. Encaixa-se num livro de histórias muito longe daqui.

Num local bonito e novo, sem mentiras.

Olho para os meus pulsos, já não vejo as grandes algemas, já não há guardas atrás das minhas costas, espingardas tranquilizantes apontadas para mim, à espera de me eliminarem no momento em que eu dê um passo em falso.

Em vez disso, tenho um regulador no crânio e na espinha. A ameaça de torturarem a minha irmã paira sobre a minha cabeça, tão pesada como uma nuvem negra.

Este é o escritório do comandante, do homem que gere a Iniciativa.

Vejo o seu retrato, do outro lado da sala, pendurado na parede. A olhar para mim, do mesmo modo que o da minha mãe, que vi há umas escassas semanas. O comandante tem cabelo negro, asa de corvo, que um óleo mantém colado à cabeça. Ossos fortes, um rosto angular tão cortante e intocável como eu imagino que deva ser o seu coração.

— Odeio-te — murmuro para o quadro.

A porta por detrás de mim abre-se e ele entra.

— Menina Woodson... — Tem a voz tão oleosa como o cabelo. Não lhe dou a satisfação de me voltar para ele. Ouço as passadas fortes das suas botas no chão, e isso faz-me recuar até ao dia em que me vi no interior do edifício secreto da Iniciativa, nos Everglades.

Ao dia em que descobri o Complexo dos Assassinos.

Ao dia em que vim a saber quem era afinal a minha mãe.

O comandante passa por mim e senta-se à minha frente num impecável sofá branco. Demora algum tempo a sentar-se e a olhar para mim. Sinto como se os seus olhos me estivessem a radiografar, como se estivessem a ver tudo o que pretendo esconder mas já não consigo.

Porque ele agora tem a chave que me controla.

A Peri.

— Como se sente? — pergunta-me. Junta as mãos e pousa-as no colo. Ele poderia ser um tio a perguntar-me como me correu o dia.

Apetece-me esfolar-lhe a cara.

— Não é de boa educação ignorar as perguntas dos mais velhos, menina Woodson — observa o comandante. — Receio que tenhamos de lhe ensinar algumas maneiras.

Ele dá uma pancada numa pulseira prateada que tem no pulso.

A dor surge-me como um relâmpago que me inundasse as veias.

Não! Por favor! Não! É outra vez a voz da Peri, dentro da minha cabeça. Imagino o rosto dela, os seus olhos cinzentos muito abertos e vermelhos de choro, devido ao terror e à tortura, a tudo o que ela não merecia.

Paizinho! Paizinho!

— Peri — grito eu, mas sei que ela não me pode ouvir. Tapo os ouvidos com as mãos, encolho-me toda. — Façam com que isso pare! PAREM COM ISSO!

— Fascinante — observa o homem. — Pois bem, chega por agora.

Meadow! Ouço-a gritar o meu nome antes de a voz dela ser cortada.

A dor abranda. Mas o ódio torna-se cada vez mais aceso.

Deixa-me a respirar com dificuldade. Com os braços cruzados sobre o peito, como se com eles pudesse manter a integridade do meu coração, quando, na realidade, o sinto a despedaçar-se dentro de mim.

A minha irmã.

A minha *irmã*.

— Como é que se sente? — pergunta-me o comandante. Ele ajoelha-se mesmo à minha frente e tenho de me dominar para não o agredir. Quero destruí-lo, vê-lo pendurado pelos tornozelos, vê-lo transformar-se em cinzas no meio de um inferno.

Mas tudo o que faço é ficar sentada e quieta.

Se eu me mexer, *se eu fizer o que quer que seja*, a Peri será castigada.

— Como é que se sente quando uma pessoa que ama está a ser atacada? Ora é isso que tem feito em relação à Iniciativa. A vossa Resistência entrou em minha casa, no meu mundo e tentou destruí-lo. Está a ver o que acontece, menina Woodson, quando destrói qualquer coisa que eu amo?

O fôlego sai-me da garganta como um cicio. Olho-o nos olhos e,

nos meus, espero que ele veja o fogo. — Irá arder no inferno por tudo o que lhe está a fazer. Ela não passa de uma menina inocente. Ocupe-se comigo. Ocupe-se comigo e faça-me mal, mas não a envolva nisto. — Acabo por fazer algo que o meu pai nunca faria.

Imploro.

— *Por favor.* Farei o que quiser. Agrida-me a mim, em vez de a ela. O comandante atira a cabeça para trás e começa a rir-se.

Esse riso ecoa pelas paredes circulares, serpenteia-me nos ouvidos.

— A filha destemida da Lark Woodson a implorar misericórdia ao inimigo. — Ele começa a andar para trás e para diante, ainda a rir-se. — A sua irmã é muito mais do que uma criança, Meadow. É um ativo. Um ativo muito valioso, e a Iniciativa pretende usar esta sua nova ligação à sua irmã, de modo a que faça o que nós pretendemos. Assim, fará tudo o que lhe pedirmos. Se precisarmos de alguma coisa, sabemos que irá cair aos nossos pés, pedindo para nos ajudar.

Cerro os dentes. Agarro-me à cadeira com toda a força. Forço-me a não saltar do assento para lhe apertar o pescoço.

— O que é que quer de mim?

Ele volta a sentar-se no seu sofá branco, com as pernas cruzadas, com uma pose em tudo correta. Esta, porém, não consegue esconder a loucura que lhe vai na alma. — A sua mãe é uma grande inventora — diz-me ele. — O regulador, que agora tem colocado, foi uma invenção dela. Uma opção original, antes de ela e a sua equipa terem descoberto a ligação que poderíamos estabelecer com o Complexo dos Assassinos. No entanto, nós encontrámos usos para as suas velhas invenções. A Iniciativa acaba por ter uma atitude sentimental, não acha?

Respiro fundo e de um modo controlado, e penso ouvir a voz do meu pai. *Não te mexas. Não digas nada. Não faças nada.*

— Eu e a sua mãe costumávamos ser grandes amigos. Mas, depois, ela voltou costas à Iniciativa. Decidiu que já não conseguia aguentar as pressões do trabalho. E, é claro, comportou-se como uma vaca maluca e perdeu a cabeça.

Continuo a respirar fundo, de um modo calmo e regular. É a voz do meu pai que me guia. *Podes controlar a tua ira. Reprime-a e guarda-a para mais tarde, para quando precisares mesmo dela.*

O comandante continua: — Por fim, como sabe, ela acabou por desistir. Deu-nos os códigos, mostrou-nos como funcionava o seu sistema. Mas temos um problema, menina Woodson. Saberá, por acaso, qual é o nosso problema?

Abano a cabeça. Não sei nem me importa saber.

Tudo o que pretendo é matá-lo, libertar a minha irmã e morrer, para que nunca mais haja alguém que possa ser afetado pelo Complexo dos Assassinos.

— O sistema da sua mãe está a rebelar-se.

Isso chama-me a atenção. Olho para cima e ele sorri. — Como? — pergunto-lhe.

— Trata-se de uma espécie de vírus muito complexo na sua codificação. Como seria de esperar, temos muita gente a tratar desse assunto, dia e noite, para repararem o sistema. — Suspira e, por momentos, dou-me conta das suas olheiras. — Esse vírus veio algures dos Baixios.

— E precisa de mim para quê?

Ele passa a língua pelos lábios e sorri-me de um modo que me gela por completo. — A Meadow irá encontrar a sua mãe, é claro! Irá trazê-la até nós e convencê-la a retomar o sistema, a repará-lo, a renová-lo, a pô-lo a funcionar como deve ser.

— E se eu recusar? — pergunto-lhe. — Ou se eu a trouxer até aqui e ela se *recusar*?

Ele ergue uma sobrancelha. — Oh, creio que perceberá que convencê-la, convencer as duas, irá ser um jogo bem divertido.

Ele põe a mão no casaco e retira um *NoteScreen*. Põe-se de pé, coloca o aparelho no meu colo e dirige-se para a porta.

— Irá sair amanhã mesmo. Um breve toque nesse ecrã e ficará logo vencida. — Fecha a porta, depois de sair, e eu fico sozinha.

Olho intensamente para o meu colo.

O *NoteScreen* também parece olhar para mim.

Não lhe quero tocar. Não quero saber que horrores me irá revelar no momento em que ficar ligado.

Mas eu acabo por dar um toque no ecrã.

É um pesadelo que se torna realidade. É o meu mundo a desmoronar-se em pó ou em cinzas.

É a imagem de uma área arborizada. Veem-se árvores altas por todo o lado e, na distância, parece-me ver uma fogueira a tremeluzir. Vejo movimento junto da base de uma árvore.

Há uma criança a tremer, encostada ao tronco, embrulhada num cobertor. A criança está de costas para a câmara, de modo que consigo ver que lhe cortaram o cabelo rente. Fico sem fôlego quando lhe vejo o mesmo aparelho negro agarrado à parte detrás do pescoço, e fico a saber de imediato.

É ela.

— Peri — murmuro. Encosto o rosto ao ecrã até o meu bafo o embaciar. Limpo-o e vejo a Peri a inclinar-se para um lado, de modo a olhar para a câmara. Tem a cara toda suja. A cabeça rapada está cheia de cortes. Vejo-lhe uns olhos baços como estrelas que se apagam. Tem uma pulseira de metal, no pulso, da cor do mar na primavera. Esta mostra-me como ela está magra, pequena. Vejo-a a tremer, e o bafo dela a formar pequenas nuvens. Geme, só uma vez e, em seguida, fica muito quieta.

— Peri, aguenta. Vê se agentas... — ouço-me dizer. — O paizinho vai buscar-te e o Koi há de ajudá-lo.

Ela está a chorar.

— Tu estás bem — digo eu, limpando as lágrimas dos meus próprios olhos. Oxalá ela pudesse ouvir a minha voz, saber que me encontro aqui, que estou a ver tudo, que, de qualquer modo, hei de remediar as coisas. — Tu estás bem... Tens de estar bem.

De súbito, a imagem desaparece, arrastando-a para a escuridão. Volto a bater no ecrã, mas este não volta a funcionar. Ela desapareceu.

— Peri? — chamo-a com uma voz rouca. — Não, volta. Volta para mim.

Bato no ecrã, vezes sem conta, mas a imagem dela não regressa.

A fúria vem-me, não sei bem de onde.

Já não tenho controlo em mim. Levanto-me e atiro com o *NoteScreen* pelo chão fora. Acaba por se partir em mil bocadinhos contra uma parede. Pego na cadeira onde estive sentada e atiro-a à porta. O som é ensurdecedor, um troar que espelha o ódio assanhado que sinto no coração. — Larguem-na! Larguem-na!

Grito o nome da minha irmã.

Grito devido à sua derrota e à minha.

Pego num pedaço de vidro do *NoteScreen*, no mais longo e mais aliado, e aponto-o a mim.

Poderia acabar com tudo isto agora. Se eu morrer, *tudo* o que a Iniciativa construiu morrerá também. Vale a pena. Pela primeira vez na minha vida, a sobrevivência parece-me uma coisa fútil. Morrer é sem dúvida a chave da questão.

Mas, no momento em que vou golpear o pescoço com o pedaço de vidro, ouço uma voz.

Trata-se do comandante. *Eu não faria isso, menina Woodson. Se se matar, não duvide que a sua irmã em breve se lhe juntará.*

Sinto uma dor novamente.

A Peri volta a gritar.

Deixo cair o vidro. — Saiam da minha cabeça.

Enrolo-me numa bola, no meio do chão. Consigo sentir todas as partes de mim a rodarem, a partirem-se em fragmentos em cada segundo que passa. Em breve serão tão pequenos e inúteis como um grão de areia.

Começo a balançar-me para um lado e para o outro, a murmurar o nome dela.

— Fá-lo-ei! — grito. — Farei tudo o que vocês quiserem!

Linda menina, diz o comandante.

A porta do escritório abre-se. Não consigo viver sozinha e não posso morrer. Tudo o que eu fizer irá refletir-se nela, de modo que terei de fazer o que eles querem. Farei tudo o que eles me pedirem porque a Peri vale bem as piores ações deste mundo.

Por vezes, temos de desistir de tudo, atirar com as nossas vidas para a linha de fogo, se isso puder significar salvar aqueles que amamos.

Capítulo 17

Zephyr

Acordo encharcado em suor.

Estou a respirar pesadamente. Sinto-me como se estivesse prestes a vomitar.

Não era um sonho. Era uma memória.

— Não — digo a mim mesmo.

E, em seguida, acabo mesmo por vomitar.

Porque isso me atinge. Não o sabia, durante todo este tempo. *Não o sabia*, e agora ela está morta, por minha causa.

Ela amava-me.

A Talan *amava-me*. E não apenas como amiga. Ela amava-me mais do que isso, à sua maneira. Não tinha muito amor para dar, mas dava-mo a mim.

Como é que não me dei conta disso? Como é que não me apercebi?

Nos últimos dias da vida dela limitei-me a fugir. Deixei-a sozinha para ir em busca de uma rapariga que eu mal conhecia. Depois veio a Talan, que deu a vida dela por mim para que eu pudesse salvar a minha.

Estou apenas aqui sentado, escondido como um otário no Cemitério, sem fazer nada que a pudesse vingar.

Vomito de novo, esvaziando o estômago. O ressonar da Sparrow cessa quando ela acorda.

— Que é que te aconteceu? — pergunta-me.

Os nossos olhares encontram-se. E é então que começa.

Bem-vindo ao Complexo dos Assassinos, Doente Zero. Iniciar extermínio.

— Não! — exclamo. Olho para a Sparrow em busca de ajuda, mas estamos ambos amarrados. — FOGE!

— Não consigo fugir — confessa-me a Sparrow com tristeza. — É melhor esperar que essas correntes resistam.

Iniciar extermínio.

— Parem com isto! — grito. Quem me dera poder apertar a cabeça com as mãos, mas não posso. Penso na Meadow porque ela é quem me ajuda a lutar contra o sistema. Ela é a única pessoa que me salva.

Mas o rosto da Talan surge-me de imediato. Está a chorar.

Tu escolheste-a em vez de a mim, diz ela.

Encho-me de culpa.

Perco as forças.

O Complexo dos Assassinos domina-me uma vez mais.

Capítulo 18

Meadow

A Dr.^a Wane acompanha-me até à minha cela.

Caminhamos ao lado uma da outra como se fôssemos velhas amigas, mas, durante todo este tempo, tudo em que consigo pensar é no meu pai a aconselhar-me a fugir. *Podes combater tudo o que quiseres, Meadow. Podes encontrar uma maneira de saíres do que quer que seja. Tens de saber desembaraçar-te.*

Agora, tenho de ignorar a sua voz.

A fuga é uma coisa impossível.

Engulo com dificuldade, imagino a figura do meu pai a esvanecer-se. As marcas do sol que ele tem na cara, os pés de galinha aos cantos dos olhos. *Lamento*, digo-lhe em pensamento, *falhei*. Ele desaparece da superfície, afunda-se cada vez mais, prisioneiro no fundo da minha mente, tal como eu.

— Irá notar que se sente mais forte — diz-me a Dr.^a Wane. Dá-me uma palmadinha nas costas. — Reabastecemos o seu sistema com nutrientes, demos-lhe vitaminas para os músculos. Acredite que está como nova!

Olho para os meus braços. Os músculos parecem-me mais fortes. Mais fortes do que antes.

É engraçado o contraste com o que sinto dentro de mim...

— Durma bem durante a noite — recomenda-me ela, quando chegamos à minha cela. — Assim que nascer o dia, começará à procura da sua mãe.

— Que bom... — observo ironicamente, entre dentes.

— E olhe que é isso mesmo o que deverá dizer, minha querida! — Pega-me nos ombros e faz-me rodar para a ver de frente. — Depois disto, irá ser o ai-jesus da Iniciativa!

Abre a fechadura da minha cela e ambas entramos.

Esta ainda está gelada. A Sketch já voltou e está toda enrolada a um canto, a tremer do mesmo modo que a Peri. — Quero que torne este sítio mais quente — peço-lhe, agarrando as grades. — Posso não poder lutar contra si, mas posso transformar esta nossa nova relação num pesadelo. E olhe que vai precisar de mim no meu melhor, caso alguém me ataque lá fora. É que lá fora há muitos perigos... — Olho muito para ela e recuso-me a pestanejar.

A Dr.^a Wane sorri. — Claro, minha querida. É claro. — Ela bate na

pequena caixa que se encontra na parede, no exterior da cela, e eu ouço as ventoinhas do ar condicionado a desligarem-se. Finalmente há silêncio.

— Quero comida, antes de me ir embora. Para a Sketch.

— Tenho a impressão de que já começa a exagerar, menina Woodson — observa a Dr.^a Wane. Em seguida, acena afirmativamente com a cabeça. — Irei certificar-me disso. Não sei se está a ver, se for boa comigo, eu serei boa consigo. Amanhã tem um trabalho para fazer. Faça-o como deve ser e verá que lhe daremos bem mais do que isto.

É uma atenção que faço à Sketch, a única coisa que lhe posso oferecer. A Dr.^a Wane sai e nós ficamos sozinhas. A segunda porta fecha-se e eu apresso-me para junto da Sketch para ver como ela está. Suspiro quando a vejo.

Tem a cara inchada, os olhos estão de tal modo escondidos pelos inchaços, devido às agressões, que nem consigo ver se ela está acordada ou não. Tem os braços quase desfeitos, com a pele deles pendurada, mostrando pedaços de músculo. Reparo que está deitada no seu próprio sangue.

— Sketch — chamo-a a tremer.

Se me forçaram a usar o regulador, por que razão a Iniciativa ainda precisa de a torturar? Especialmente, quando me podem controlar?

Ponho as mãos sobre o coração dela, apalpo-lhe o pescoço em busca de uma pulsação mas não encontro nenhuma.

— Por favor, não faças uma coisa destas — murmuro. — Não agora. Não me deixes. Vamos lá. Tu estás bem... Também tu, não...! — Ponho-lhe os dedos por baixo do nariz para ver se ela está a respirar, mas não noto nada. Dou-lhe murros no peito para ver se a trago de volta à vida, tão intensamente que me magoo. — *Acorda!*

Vê-la assim...

Não estou louca, não estou zangada.

Sinto-me como se fosse feita de fogo.

Pressiono-lhe o peito ainda mais intensamente, dou-lhe um último murro. — Tu não me podes deixar assim!

Ela começa a arfar. Fica com os olhos muito abertos e senta-se, abanando os braços diante dela.

— Graças a Deus! — exclamo, e aperto-a muito nos meus braços. — Tu estavas morta!

— Estava a dormir, minha parva... — diz-me ela, mas consigo

ouvir a tensão na sua voz. O medo da dúvida.

— Que é que te aconteceu? — pergunto-lhe. — Que é que eles fizeram?

Ajudo-a a sentar-se com as costas apoiadas contra as grades. Pego-lhe nas mãos e massajo-as, tentando aquecê-la o melhor que posso.

— Mais perguntas sobre a Resistência — informa-me. Inclina-se mais para mim, com os lábios junto do meu ouvido. — Eles sabem da Orion. Eu não consegui... Ainda tentei...

Abano a cabeça e digo-lhe entre dentes: — Tu não lhes disseste onde se encontra a Resistência, pois não?

— Não, isso não lhes disse.

É então que ela vê que eu tenho um aspeto diferente, com o meu cabelo curto à frente e rapado na parte de trás. Já para não mencionar o regulador preto a sair-me da pele.

— Raios me partam! — exclama ela. — Que... coisa é essa?

— Trata-se do plano B da Iniciativa — esclareço. — Têm outro destes aparelhos ligado à minha irmã. Dói-me quando não obedeço.

Ela assobia baixinho e depois faz uma careta de dor. — Os Doentes não têm escolha. Apenas podem trabalhar para essas Sanguessugas nojentas. Entraram-te na cabeça. Agora somos praticamente iguais, Woodson.

Nem sequer lhe respondo.

— Obrigada por me teres salvado — diz-me a Sketch —, mas, para a próxima, deixa-me morrer. Deixa-me ir à minha maneira. É tudo o que me resta.

— O quê? — Pego-lhe nos pés e tento também massajá-los. Estão como gelo.

— A escolha de poder morrer, Meadow — confessa a Sketch. — Estou pronta. Estou já pronta há muito tempo.

— Mas... — Engulo com dificuldade e é nesse momento que me dou conta. — Ainda não estou preparada para ficar sem ti.

Ela acena-me afirmativamente com a cabeça e sorri, ainda que por um breve instante. — Amoleceste... é uma vergonha! — Mas depois pega-me na mão e aperta-a muito. — Acho que eu também preciso de ti.

Adormecemos ao lado uma da outra, com as cabeças encostadas.

E, ainda que me sinta desesperadamente sozinha, fico com a impressão de que, pela primeira vez na minha vida, fiz uma verdadeira amiga.

Capítulo 19

Zephyr

Não há mais ninguém para eu matar senão a Sparrow.

Debato-me com as correntes que me amarram. Tenho de a conseguir alcançar. Tenho de derramar sangue.

— Para — pede-me a Sparrow. — Controla-te.

Está tão perto, que quase posso estender um braço e tocar-lhe. Podia degolá-la ou rebentar-lhe com o crânio para sentir o seu sangue a correr-me pelas mãos.

— *Podes combatê-lo, Doente Zero* — penso ouvi-la dizer.

Mas o Complexo dos Assassinos precisa de mim. Quer-me.

Tenho de matar.

— Controla a respiração. Lembra-te de quem tu és.

— Não... resistas... — ouço-me a dizer. Quero engolir as palavras, combater o sistema, mas este chama-me, soa-me ao ouvido como uma melodia.

— Lembra-te de quem são os teus inimigos. Não sou eu, Doente Zero, são eles — diz-me a Sparrow. — Respira comigo, ar para dentro, ar para fora. Vamos lá.

Sem saber como, forço-me a respirar.

Forço o corpo a reagir às *minhas ordens*, embora o sistema me peça para não o fazer.

— Ar para dentro, ar para fora. Ótimo — observa a Sparrow. — Continua. És o Zephyr James. És uma pessoa, não és uma máquina. Dilo.

— Sou... uma pessoa — observo. Tenho a cabeça a latejar e tudo o que me vem à mente é *Mata, destrói, não fujas, não te desvies*.

— Diz o resto — ordena-me a Sparrow. A voz dela é tão parecida com a da Lark que até magoa.

— Não sou uma máquina — volto a afirmar.

Respiro fundo, deixo o ar sair devagar. Faço-o várias vezes.

E é então que me apercebo de que já não ouço a voz.

O sistema desaparece-me do corpo. Eu continuo a respirar, a fazer o que a Sparrow me disse, enquanto ela me guia da escuridão para a luz.

Quando tudo acaba, ficamos a olhar um para o outro em silêncio.

Uma gota de sangue sai-me do nariz e cai-me em cima da perna.

— Não vais conseguir manter isto por muito mais tempo — avisa-me ela. — Estás a cansar o cérebro que não irá conseguir lidar com tanta pressão.

— Mas não tenho escolha, ou tenho? — murmuro.

Ela abre e fecha a boca. Talvez tenha andado, há tanto tempo como eu ou qualquer outra pessoa, a arranjar uma maneira de matar a Lark.

Mas a resposta chega-nos depressa, quando o Rhone e a Dex entram no túnel.

— Ela... ela vem aí — diz o Rhone, a arfar.

A Dex inclina-se um pouco para o chão, tentando recuperar o fôlego.

— Mas quem? — pergunto. Eu e a Sparrow inclinamo-nos para a frente forçando as correntes. — A Lark?

— É ela? — pergunta a Sparrow. — Digam-nos!

O Rhone olha para mim quando fala. — As Sanguessugas anunciaram-no por todo o lado, talvez para que a Lark pudesse saber. Ela vai sair amanhã. — Encosta-se à parede e volta a respirar fundo. As suas últimas palavras provocam-me um choque que me percorre por dentro e por fora.

— Eles vão libertar a Meadow.

Capítulo 20

Meadow

A Iniciativa liberta-me quando o Sol nasce.

Com um corte recente na barriga da perna, sigo a Dr.^a Wane até às paredes exteriores do edifício. Ela põe-me uma mão no ombro, a conduzir-me para fora dos muros como se eu fosse um animal de estimação. O regulador é tão pesado como sempre, a sugar-me a alma.

Era capaz de cortar a minha própria cabeça para me ver livre dele, mas penso na Peri.

Tenho de me manter viva, senão eles irão matá-la. Foi o próprio comandante quem mo disse.

Penso na Peri coberta de sangue, e parte de mim desfalece.

Um tremeluzir da loucura da minha mãe nada-me no corpo. Emerge quando uma gargalhada me sai dos lábios.

A Dr.^a Wane olha de lado para mim. — Estou mesmo a ver — murmura. — Vejo a sua mãe em si, Meadow, e não me refiro ao seu aspeto exterior. — Suspira. — É mesmo uma pena.

Não discuto isso com ela.

Porque receio que ela possa ter razão.

Paramos junto à entrada principal, onde a parede está coberta de velhos Alfinetes.

É um sinal da morte de muitos cidadãos. A última vez que os vi estava a tentar forçar uma entrada neste edifício, a pensar que teria uma oportunidade de destruir o Sistema Informático Central. Arrepiar-me-ia se ainda albergasse alguns sentimentos dentro de mim. Os guardas estão ao longo das paredes da divisão, com as armas prontas. Talvez os destaquem para ali durante vinte e quatro horas, caso haja outro ataque da Resistência.

Não participarei nele.

Ou talvez isso não volte a acontecer, não depois da nossa tentativa falhada.

De pé, diante das portas, vejo o comandante.

O seu cabelo oleoso tem o brilho dos Alfinetes e eu gostaria de lhe dar um corte bem fundo no pescoço. — A menina Woodson — diz ele, quando me vê —, o melhor soldado da Iniciativa que nós temos.

— Não faça parte da sua pequena fantasia nojenta — sibilo.

— Oh, mas olhe que faz. — Sorri e bate numa pulseira prateada que tem no pulso. Um único botão nessa pulseira controla o destino da minha irmã.

O seu código de barras é bem visível dado que ele tem uma pele muito clara. Usa o habitual uniforme da Iniciativa, preto, limpo e muito bem engomado. Vejo-lhe uma mancha na lapela, o olho da Iniciativa.

A Dr.^a Wane retira um aparelho negro da sua bata, carrega num botão e fica à espera. Segundos mais tarde, uma esfera preta começa a flutuar até onde estamos. Para e fica a pairar diante de mim.

— Isto é uma câmara — diz ela. — Será os nossos olhos enquanto estiver a desempenhar a sua missão.

Não é humana, mas sei que aquela câmara me está a vigiar, pois, quando me mexo, ela segue-me.

O comandante acena a sua aprovação. — Vá, não perca tempo. A sua mãe está à sua espera.

— É melhor esperarem que a Resistência não venha enquanto eu estiver fora — observo. — Tenho a certeza que eles adorariam matar porcos como vocês.

Antes de ele me poder dar uma estalada, viro-lhe as costas, passo por dois guardas e saio, muito desenvolva, pela porta da frente.

A luz do Sol...

No instante em que me atinge a cara, sinto-me um pouco mais viva. Não se trata de uma verdadeira liberdade, mas tem um gosto semelhante. Pestanejo diante desse brilho e deixo que o calor me percorra a pele.

Decido seguir o plano do comandante e ir à procura da minha mãe. Mas não me vou esforçar muito. Vou tentar empatar as coisas, mover-me em círculos, perder tanto tempo quanto me seja possível Se pudesse enviar uma mensagem à Resistência...

A câmara vai oscilando ao meu lado.

Não. A Iniciativa irá observar tudo o que eu fizer.

Salto para o comboio quando ele passa diante de mim. Há três outras pessoas de pé, na sombra da carruagem. Quando me veem o regulador no pescoço e a câmara ao meu lado, recuam um pouco.

— És ela... — diz-me uma mulher.

— Sou quem? — pergunto-lhe.

Ela debruça-se um pouco mais e observa-me com atenção. — Os soldados disseram que virias hoje. Disseram que, se alguém te tocasse,

poderia perder as suas rações alimentares durante um mês... ou até algo pior. — Dá um assobio e desvia-se. Fica muito calada quando o comboio passa pela Reserva.

Vejo os paus deslizarem diante de mim com cores lamacentas e os pedaços de lona branca das tendas dos Programados. Imagino que o Zephyr aí possa estar, em segurança e de boa saúde, mas a imagem traz-me um acesso de ciúme.

Entreguei-me para que ele pudesse escapar e libertar a minha família. Terá já terminado a sua tarefa? Será que os encontrou muito longe daqui?

Se ao menos o mundo fosse suficientemente belo para isso ser verdade...

Voltarei a vê-los novamente?

Quando chego aos limites da cidade, dou um salto. Junto-me à multidão apressada, uma onda de pessoas a deslizarem em uníssono. A câmara ergue-se no céu, fora do meu alcance. Porém, quando olho para ela, vejo que ainda me está a seguir.

Ela não estará em espaço aberto, diz a voz do comandante na minha cabeça.

— Não pode interferir comigo quando lhe apetece — digo-lhe, com uma voz zangada. — Se está à espera que eu me concentre e faça um bom trabalho, saia da minha cabeça.

A multidão está a arrastar-me para o Salão das Rações Alimentares. Sinto saudades dos velhos dias, em que trabalhava ao lado da Orion. Como a minha vida teria sido diferente se eu não tivesse encontrado o Zephyr. Se tivesse continuado a trabalhar todos os dias, sem saber que, durante todo esse tempo, ela estava na minha equipa. Talvez ela me tivesse vindo a recrutar. Talvez tivéssemos tido mais tempo para planearmos e fazermos as coisas como deveriam ser feitas desde o princípio.

Inclino-me um pouco para a direita, em direção à viela, passando por cima de um cadáver.

Olho por detrás do contentor do lixo. Há uma pessoa aí a dormir, mas não é a minha mãe.

Está a perder tempo, pensa que sou parvo.

— Dê-me acesso ao Salão das Rações Alimentares — digo.

Quase o ouço a suspirar.

Então, a porta à minha frente abre-se e eu apresso-me a entrar. Olho por detrás dos caixotes, para dentro dos que estão vazios.

Vejo rostos encostados a uma barreira de vidro. Programados e

outros cidadãos desesperados e cheios de fome. Há pessoas que começam a lutar umas com as outras; os guardas da Iniciativa conseguem dominar a situação alvejando uma mulher na cabeça. O sangue, de um vermelho vivo, espalha-se pelo vidro.

Não há nada nesse edifício, menina Woodson, continue.

— *Saia já da minha cabeça!* — volto a dizer-lhe, muito zangada.

Sigo pela viela, atravesso a rua e dirijo-me à praia. Tenho de abrir caminho por entre centenas, milhares de pessoas. Todos se empurram e acotovelam uns aos outros. Alguém me bate no regulador e eu sinto uma dor pelo corpo como pedaços de gelo cortante.

Tento respirar, mas *é como se* não o conseguisse fazer, de modo que empurro ainda mais as outras pessoas, e depois quase caio na viela. Corro, salto por cima de outro cadáver que não tem um braço.

No instante em que chego à zona de mato estou a correr. O meu corpo toma conta de mim. Preciso da corrida, de me mexer, e estar perdida na natureza faz-me sentir, por breves instantes, que estou a ir para casa.

A nossa casa flutuante ainda lá se encontraria.

A Peri estaria lá a minha espera, com os caracóis a dançarem ao vento.

Veria o Koi a esculpir um pedaço de madeira e o meu pai iria treinar-me, antes que chegassem as Horas da Escuridão.

Ouç o rugir do mar. Paro junto a um renque de árvores e vejo as ondas a rebentarem na praia. O mar está hoje revoltado. Os barcos encalhados andam na corrente, aos safanões, e, por vezes, afundam-se mais.

Surge-me uma imagem na memória. *O fumo a erguer-se até ao céu. Os últimos destroços da minha casa flutuante a afundarem-se nas ondas.*

A mão do Zephyr a tocar-me no braço enquanto acordo. Eu a atirar com o corpo dele para a areia, a ameaçar matá-lo se ele se voltar a aproximar de mim.

Como gostaria agora de poder sentir a sua mão. Como as suas palavras suaves me fazem falta... e a sua louca crença de que as coisas um dia hão de ser sempre boas.

Sento-me na areia.

O comandante fala-me mas eu interrompo-o. Ainda retenho uma pequena réstia de poder e irei usá-la.

— A minha mãe não virá aqui ter comigo — digo-lhe. — Virá ter comigo a um lugar que seja importante.

E é então que me dou conta. *A nossa primeira casa. O local em que*

fomos felizes pela última vez, uma verdadeira família.

— Preciso de tinta — digo-lhe. — Traga-me tinta até ao complexo de apartamentos na Main Street.

Como quiser, diz-me o comandante.

Nunca escutei tanta escuridão na voz de um único homem.

Capítulo 21

Zephyr

Odeio a cave da Resistência.

Estou de pé, na entrada, com o Rhone, a Dex e a Sparrow, preparando-me para o argumento que em breve irá chegar.

A cave tem a forma de uma cúpula, com um teto arqueado e água que cai ao longo das paredes de cimento. Está escondida por baixo dos Baixios. Trata-se de uma grande quantidade de túneis e divisões em cimento, perfeita para nos podermos esconder.

— Isto não vai funcionar, Zero — diz o Rhone ao meu lado.

Engulo em seco. — Tem de funcionar.

Entramos na cave como uma equipa.

Há túneis que seguem para diferentes áreas, conduzindo a locais por todos os lados dos Baixios. As pessoas estão dispersas. Algumas sentam-se junto de uma fogueira crepitante, outras praticam a luta.

Vejo algumas caras novas; outras já conhecidas.

Da última vez que estive na cave da Resistência, estava à espera da ajuda que eu sabia que a Orion não estaria disposta a dar-me.

Antes disso, estive aqui com a Meadow.

As memórias começam a assaltar-me e a prender-me. *A Meadow a ensinar-me a lutar, como gerir melhor o poder do meu treino desde que era apenas uma criança.*

A Talan está aqui, cheia de vida, a dizer piadas que me fazem rir, até que quase já não seja capaz de respirar. A Sketch pinta-nos as caras antes de irmos até à Sede das Sanguessugas para desligarmos o Sistema Informático Central, matar a Protetora e acabar de uma vez com o sistema.

Há três semanas éramos uma família, um exército.

Agora estamos derrotados, espalhados pelos Baixios. Alguns de nós estão mortos; outros poderiam muito bem estar.

E outros ainda...

— Zero — grita uma voz, do outro lado da cave. Reconhecê-la ia logo pois sempre odiei a pessoa a quem ela pertence desde que a vi pela primeira vez. A Sparrow fica muito tensa ao meu lado embora eu não consiga perceber porquê.

— Orion — digo. A chefe da Resistência, que em tempos pretendia ser uma funcionária das Sanguessugas, é a razão pela qual nos

metemos em toda esta confusão.

Odeio-a.

Mas também preciso dela.

Ela está sentada em volta de uma fogueira. A sua cabeça rapada, agora coberta de tatuagens, tem um estranho brilho acinzentado à luz fraca. Ela pede-nos que nos aproximemos.

A Dex dá um guincho e passa por mim a correr para se juntar aos outros miúdos da Resistência, enquanto estes tentam caçar uma ratazana, como se o animal fosse um brinquedo.

— Estou a dizer-te, Zero, não me parece que vá funcionar — avisa-me o Rhone.

— Já ouvi o suficiente — digo. — Já não temos mais escolhas. Atravessamos a cave, com a Sparrow atrás de nós, e eu preparo-me para implorar pela causa.

Capítulo 22

Meadow

Estou nos degraus do meu velho prédio, com uma lata de tinta vermelho sangue aos pés. Este é o último sítio onde a minha família foi feliz. Este é o último sítio nos Baixios que ainda poderá ter um lugar especial no coração da minha mãe.

Se é que não me engano.

E posso estar completamente errada.

As janelas do prédio estão entaipadas. Há muitas onde posso pintar uma mensagem suficientemente grande para que a minha mãe a consiga ver.

Mergulho os dedos na tinta e entrego-me a essa tarefa.

Começo pela janela mais à esquerda, pelas do rés-do-chão onde consigo chegar.

E escrevo as horas e o nome dela em grandes letras em cada uma delas. O meu coração despedaça-se um pouco mais com cada letra, mas, por fim, recuo um pouco para poder admirar o meu trabalho. A pintura fresca começa a escorrer pelos lados do velho tijolo e o luar ilumina-a como sangue.

6 da manhã.

Pela Peri.

Se algures, bem no fundo do coração da minha mãe, ela ainda tiver sentimentos por nós, ou que talvez parte dele ainda bata pela família quando vir a mensagem...

Acabará por vir.

Capítulo 23

Zephyr

No instante em que a Orion vê a Sparrow, esta fica muito hirta e imóvel.

— Tu — diz ela, quase sem fôlego. — Dá meio passo em frente. — Sparrow?

Esta aproxima-se, com as mãos a tremer. — Orion — murmura. — Há quanto tempo!

Olham uma para a outra como se estivessem a ver qualquer coisa de muito belo, algo que não poderia ou não deveria existir nos Baixios.

Eu nem sequer sabia que elas se conheciam. O Rhone encolhe os ombros quando olho para ele, como se também não soubesse. Ajudamos a Sparrow a andar mais um pouco.

A Orion encurta essa distância com dois passos rápidos e eu acho que ambas vão cair a chorar nos braços uma da outra, quando a Orion, de súbito, fica muito corada. Não de vergonha, mas de fúria.

— Pensei que estivesse morta! — grita a Orion. — Todos nós pensámos!

Ela dá um salto.

E atira a Sparrow para o chão.

Ouvem-se gritos e pragas e vejo a Sparrow estendida no chão de cimento da cave. A Orion rebola por cima dela, pressionando-lhe o corpo com as coxas. Em seguida, começa a dar-lhe uma enorme tarefa.

— Para! — grito-lhe, mas ninguém me presta atenção.

Junta-se um grupo em volta.

A Sparrow grita e a Orion continua a bater-lhe. Finalmente, eu e o Rhone avançamos para as separar.

— Minha *mentirosa*! — grita a Orion. Eu e o Rhone seguramo-la, enquanto ela tenta escapar-se.

— Desculpa — diz a Sparrow a soluçar. Ela está toda enrolada no chão a tentar recuperar o fôlego. A Dex ajuda-a a sentar-se, começa a massajar-lhe as costas em círculos e limpa-lhe o sangue da cara com a t-shirt. A Sparrow soluça. — Foi para te manter em segurança.

— Nós éramos melhores amigas — observa a Orion. — Tu nunca voltaste. Abandonaste-me. Tu eras a coisa mais parecida que alguma vez tive com uma irmã, com uma família.

É então que a Sparrow levanta a cabeça.

Pestaneja através do sangue que lhe escorre do seu único olho, com o aspeto de alguém que tivesse acabado de matar uma pessoa.

— Nunca mais uses essa palavra comigo — murmura. — Tu e eu não somos *família*.

— Em tempos fomos — observa a Orion.

Ela desprende-se de mim e do Rhone, e depois começa a andar por um dos túneis escuros até desaparecer.

A Orion regressa uma hora mais tarde.

Eu, o Rhone e a Dex estamos sentados junto à fogueira, com a Sparrow ao nosso lado.

Fico tenso, assim que a Orion se aproxima.

— Se voltares a atacar, vamo-nos embora — digo-lhe, mas ela levanta uma mão.

— Para. O erro foi meu. — Olha muito para a Sparrow e, em seguida, senta-se à nossa frente. — Esta otária que aqui está foi em tempos uma de nós... em tempos... Quero dizer, depois de se ter cortado com as Sanguessugas.

Volto-me para encarar a Sparrow. — Estiveste na Resistência?

Ela puxa para baixo o colarinho da blusa. Por baixo das clavículas vemos-lhe três estrelas tatuadas que mais me parecem cicatrizes. O Cinto de Órion. Encolhe os ombros. — Não me perguntaram, de modo que não vos disse...

— Ela sempre foi assim — observa a Orion muito zangada. — Nunca fala dos detalhes e, quando lhe fazemos perguntas, só nos conta metade da verdade. — Suspira e pega num fio de tecido das calças. — Como na noite em que ela foi numa missão *kamikaze* para desligar o Sistema Informático Central.

A Dex ri-se. — Isso é fantástico.

A Sparrow foi desligar o Sistema Informático Central?

— Tu morreste lá — continua a Orion. — Tinhas de *ter morrido* lá. Esperámos e procurámos-te e não havia rasto de ti. Porque é que não voltaste para vires ter connosco?

— Porque não queria que alguém me encontrasse — confessa a Sparrow.

— Nós estávamos... — A Orion engole as palavras. — Não interessa que não tenhas voltado. O que importa é que estás aqui agora. E juro-te, se não me explicares porquê, Sparrow, irás mesmo

desejar ter morrido.

Olham muito uma para a outra. Duas das mulheres mais perturbadas dos Baixios. Faz todo o sentido que tivessem sido amigas. A Dex olha para tudo com os olhos muito abertos como se estivesse a gostar dessa cena.

— Tentei desligá-lo — diz a Sparrow —, mas a minha *querida irmã* nunca me falou da Protetora do sistema.

— E quem é? — pergunta a Orion.

Não.

Não, não, não.

— Não digas, Sparrow — grito-lhe, de súbito, implorando-lhe com os olhos. — *Por favor.*

Ela olha para mim, de boca aberta e, por instantes, penso que irá manter o segredo. Abano a cabeça e ela acena-me afirmativamente.

Volto a abanar a cabeça. — Não faças isso.

Todos começam a olhar para mim e para ela, sem perceberem.

Por fim, a Sparrow faz a sua escolha. — Eu não podia ir até à cidade e assassinar a minha própria sobrinha. Tornar-me-ia numa pessoa tão desnaturada como a Lark De modo que me limitei a pôr o nome dela no sistema. Deixei que o destino assumisse o controlo e que a lotaria a escolhesse. Não foi culpa minha que o Doente Zero tivesse sido a pessoa programada para a matar. Também não foi culpa minha que ele tivesse falhado a sua missão.

A Orion olha para ela de boca aberta.

— A... a tua sobrinha é a Protetora?

A Sparrow acena afirmativamente com a cabeça.

— A *Meadow Woodson* é a *Protetora*? — interroga a Orion, de olhos semicerrados. O Rhone dá um suspiro fundo e todas as cabeças se voltam para mim.

— Estou lixado... — gemo, e enterro a cabeça nas mãos.

A Sparrow encolhe os ombros. — Eles merecem saber a verdade. Eles merecem ter o seu poder de escolha. Matar a Lark ou matar a Meadow.

— Ninguém mata a Meadow — sibilo. Fecho os punhos. O lume torna-se de súbito demasiado quente, demasiado próximo. — Ela não queria esta vida!

— Ninguém quer, Zero, mas, de qualquer modo, estamos todos no inferno — observa a Orion. — Devíamos matar a rapariga.

Ponho-me de pé, antes mesmo de me dar conta disso. — Vocês

não vão tocar na Meadow. Matarei sem hesitação quem lhe tocar com um dedo que seja.

A Orion atira a cabeça para trás e ri-se para mim. — E por que razão te iria dar ouvidos, Zero? Que é que me conseguiste provar?

Dou um passo em frente. Sinto o calor do lume a morder-me as canelas mas não me importo.

— Eu trouxe-vos a Sparrow. E ela está de acordo comigo acerca da solução dos nossos problemas. Queremos destruir o sistema, mas também nos queremos libertar.

— E? — pergunta a Orion.

— E a melhor maneira de o fazermos é vingarmo-nos da mulher que nos pôs nesta alhada, em primeiro lugar. Vamos eliminar a Lark Woodson e vocês vão ajudar-nos a matá-la.

A Orion ri-se. — És muito engraçado, Zero. Ninguém a consegue encontrar. Tu sabes disso, eu sei disso, de modo que a filha dela será a coisa que mais nos convém eliminar. Todos nós ouvimos as notícias. Ela está nos Baixios, em liberdade. Poderemos encontrá-la e matá-la de uma maneira rápida e sem dor.

— Orion — o Rhone dirige-lhe a palavra, pela primeira vez —, ouve o que o Zephyr tem a dizer.

Ela olha muito para ele.

Uma contrariedade surge-lhe nos olhos e, em seguida, a calma do respeito.

Falo antes que alguém o posso fazer. — Se nós matarmos a Lark, existe um mecanismo de segurança. Ela morre e, assim que isso acontecer, todos os Doentes dos Baixios irão reagir.

A Sparrow acena afirmativamente com a cabeça para se juntar a mim. — No momento em que o coração da Lark parar de bater, os Doentes irão seguir a sua ordem de vingança. E vais adorar isto, Orion, sei que vais... O alvo deles será a Iniciativa. Os Doentes irão dar cabo das pessoas que os controlaram durante *anos*.

Os olhos da Orion iluminam-se.

— Tudo isso é muito bonito, Zero — diz ela, ignorando a Sparrow —, mas tu não consegues encontrar a Lark Woodson. Já te disse isso.

— Mas essa é a melhor parte do plano — acrescento logo eu, com um sorriso. — Nós não teremos de a encontrar, porque a Meadow irá fazer com que ela saia do seu esconderijo.

Esta minha observação parece chamar a atenção da Orion.

— Devíamos matar as duas — murmura.

— Não! — repito.

— *Sim!* Sou eu quem manda aqui e, se quiseres a ajuda do meu exército, vais ter de me ouvir. Vais matar a rapariga e acabar com isto de uma vez por todas.

É então que me dou conta.

— Não preciso de ti para nada — digo à Orion.

Ela começa a rir-se mas eu interrompo-a. Levanto-me e dirijo-me a um monte de armas que estão na posse da Resistência, no centro do local. Escolho uma besta, uma aljava e algumas setas, e ponho-as ao ombro. Em seguida, volto para junto da fogueira.

— Não preciso de ti, Orion, pois sou um Doente do Complexo dos Assassinos e, no momento em que a Lark morrer, o meu exército há de aparecer. Serei eu quem os irá chefiar.

— Estás a cometer um erro, Zero — diz a Orion.

— Não — insisto. — Estou a fazer o que já deveria ter feito há muito tempo.

Ajeito a besta de modo a que esta fique mais alta atrás do meu ombro e olho para os meus amigos. A Dex e o Rhone ajudam a Sparrow a levantar-se. A Dex põe-se ao meu lado, mas o Rhone levanta uma mão.

— Desta vez não poderás ir connosco, miúda.

Os olhos dela parecem querer saltar-lhe da cara. — O quê? Claro que vou. Não quero ficar *aqui* — afirma, olhando por cima do ombro — com *elas*.

A voz do Rhone soa triste, como se ele estivesse a olhar para a sua irmãzinha pela última vez. — Venho buscar-te quando for seguro fazê-lo. Por agora ficas aqui, com os outros da tua idade.

— Já não sou uma criança — grita a Dex. A voz dela ressoa pela cave. — Esta também é a minha luta!

Dou um passo em frente e ajoelho-me ao lado dela. — Fica, Dex, por mim. — Sinto-me culpado como o diabo, porque sei que ela fará tudo o que eu lhe disser. Sempre foi assim, desde a primeira vez que nos encontrámos.

Vejo-lhe lágrimas nos olhos.

Então, cai para a frente e esbarra contra mim, num abraço. Estou quase a dizer o que digo sempre. *Obrigado, miúda*. Mas depois apercebo-me de que a Dex não é propriamente uma criança, de que nunca o foi. Ela viu-se forçada a crescer depressa, forçada a esquecer-se dos anos em que era pequena, em que tudo era felicidade, descontração e segurança.

Tenho uma memória fugaz, de algo que envolve o meu pai e a minha mãe e, ainda que seja a memória fabricada que as Sanguessugas me atribuíram, parece-me que o seu símbolo é bem verdadeiro. Pego na mão da Dex. — Obrigado — murmuro — por acreditares em mim.

O seu rosto fica tão vermelho como o nascer do Sol. — Toma cuidado — recomenda-me. E então, muito à maneira da Dex: — Dá um bom enxerto de porrada a essas sacanas dessas Sanguessugas...

Ela põe-se em bicos de pés e beija-me na face. Depois, volta-se para o Rhone e eleva no ar o dedo médio.

— Eu também te adoro, irmãzinha — diz o Rhone, a rir-se.

A Dex volta-se e começa a correr para se juntar aos outros miúdos.

— Vamos — diz-me o Rhone.

Seguimos o túnel pelo mesmo caminho por onde viemos.

É quase quando já não a podemos ouvir que eu escuto a voz da Orion.

— É melhor procurares a Meadow, Doente Zero. Se vocês se atravessarem no meu caminho, mato-os a ambos.

Vemos a mensagem, a caminho do Cemitério.

Está escrita em grossas letras que ainda pingam dos tijolos tinta vermelha como sangue.

6 da manhã.

Pela Peri.

Conheço esse nome, trata-se da irmãzinha da Meadow.

Vejo uma câmara das Sanguessugas a elevar-se à minha frente, a esquadrinhar as ruas. Mergulhamos todos nas sombras quando ela passa.

— É aqui que ela deve estar — afirmo. — Tenho a certeza.

A Sparrow aperta-me o ombro. — Então ficamos — sugere ela. — Eu encarrego-me disso. De matar a minha irmã.

A princípio apetece-me concordar. Como iria a Meadow ser capaz de olhar do mesmo modo para mim, depois de saber o que fiz?

A Lark é mãe dela. Dei-me conta do amor que ela expressou com os seus olhos quando a viu no edifício das Sanguessugas. Vi-a de rastos, ao aperceber-se do monstro que a mãe *realmente* era. Ela ainda a adora e, enquanto a Lark viver, a Meadow irá ter por ela os mesmos sentimentos.

Odeio esse facto.

Apercebo-me, pela primeira vez na minha vida, de que, realmente, o que eu quero é matar.

Esta é a única morte e a única vítima de que nunca hei ter pena. — Serei eu a fazê-lo — digo. — Terei de ser eu.

— Já estava à espera que dissesse isso — observa a Sparrow. — Fá-lo, então. Fá-lo por nós dois. Põe-na a sangrar.

Escondemo-nos nas sombras e esperamos.

Capítulo 24

Meadow

Faco as minhas buscas pelos Baixios durante toda a noite.

Vou através do Cemitério, examino todos os locais em que penso que ela possa estar. Esquadrinho todas as unidades de armazenamento cujos cadeados foram substituídos desde o tempo em que eu e o Zephyr nos escondíamos nelas, desde o tempo em que descobrimos a unidade de armazenamento secreta da minha mãe e toda a informação que ela possuía acerca do Complexo dos Assassinos.

Não a vejo em lado algum.

Tomo o comboio para Cortez e caminho pelo passadiço. Este é o local em que o Zephyr quase me beijou. O local em que ele ficou agressivo em relação a mim e quase me matou. Caminho pelas ruas e as memórias assaltam-me a cada passo. *O Zephyr a pegar-me pelos cabelos e a atirar-me para o chão onde caí de cara na areia. Eu, a golpeá-lo no ombro. Os olhos dele, frios e negros.*

Não sei onde está a minha mãe.

Porque, quanto mais penso nela, mais me dou conta de que afinal eu mal a conhecia. Os artigos que encontrei na sua unidade de armazenamento, fechada a cadeado, acerca da ciência e dos seus começos, são as maiores verdades que alguma vez descobri acerca dela.

Não sei que infância teve. Nunca lhe fiz perguntas e ela também nunca falava desse tempo. Contava-me histórias imaginárias de mundos que não existiam, com personagens que não eram reais e nunca o poderiam ser.

Tudo, mesmo o tempo que passávamos juntas, se centrava numa mentira.

E ela *sabia-o*. Durante todo esse tempo, ela sabia que eu era a chave para que a sua criação preciosa se mantivesse viva, o que faz com que eu me odeie a mim mesma.

Faz com que deseje mergulhar no mar até ficar presa na areia do fundo, para sempre esquecida por todos.

Quando o nascer do dia se aproxima, tomo o comboio de regresso à cidade. Eleva-se através da ponte onde em tempos dei um salto do tejadilho deste mesmo comboio, para mergulhar nas águas e entrar num iate da Iniciativa, para fugir do Zephyr.

Tanta coisa aconteceu desde então...

E agora, volto a procurar coisas, só que, em vez de procurar o fantasma da minha mãe, estou mesmo a procurá-la a ela.

Logo que a encontre, já não estarei sozinha nisto. Estaremos de novo juntas, prisioneiras.

Uma parte de mim odeia a minha mãe; a outra deseja voltar a vê-la, para partilharmos o facto de ambas sermos meros peões da Iniciativa, tal como sempre fomos. Ela certificou-se de que assim seria.

O comboio abranda, quando se aproxima da faixa principal. A noite terminou e o Sol está a nascer no mar, iluminando esta hora matinal. Passo pelo Cemitério e lembro-me do momento em que tudo falhou. Quando perdi a minha família.

O comboio está a aproximar-se do velho prédio de apartamentos. Salto, ponho-me de pé e corro nessa direção. Ao aproximar-me e ao ver os degraus de cimento que conduzem ao edifício, o coração cai-me aos pés.

Ela não está lá. São exatamente seis horas da manhã.

Espero, a andar de um lado para o outro junto aos degraus.

Passam dois minutos.

Três.

Dou um murro nas paredes de tijolo. Ou a minha mãe não viu a mensagem ou não lhe prestou atenção. Não sei qual destas hipóteses será a pior.

Destrói-me. Quase me ponho em bicos de pés para gritar na manhã: — LARK!

Ouço o soprar do vento, vejo o Sol nascer na distância. Encher o céu de uma cor de sangue.

— TU MATASTE-A! MATASTE A PERI!

Atiro a cabeça para trás e grito, com tanta fúria que estou apenas a reagir por instinto. Depois, esses gritos transformam-se em gargalhadas e, por momentos, esqueço-me de quem sou. Tenho os olhos cheios de lágrimas. A voz do meu pai não chega para me acalmar.

Em vez disso, ouço apenas murmúrios de gritos fantasmas que me soam como sendo da Peri. Não quero retomar o controlo de mim mesma.

Quero estar vazia.

Quero ser livre.

Quando a minha voz se esvanece, sento-me nos degraus.

E é então que me apercebo.

De um movimento, de alguém a sair das sombras da travessa mais próxima.

Com o cabelo prateado...

É tudo o que preciso de ver para saber que é ela. Levanto-me e corro a grande velocidade pela rua fora, até que eu e a minha mãe fiquemos frente a frente.

— Meadow — diz ela, e é o som do passado.

O som da segurança.

Faço o que nunca pensei que voltaria a fazer, caio nos seus braços.

E desato a chorar.

Ela abraça-me, aperta-me contra si. As suas mãos encontram o regulador que tenho no pescoço e ela fica quase sem respiração. — Eu sabia. Eu sabia que eles te iriam fazer isto. — Ouço a sua voz à medida que ela me vai falando ao ouvido, que me vai abraçando e acariciando o cabelo. — Meu Deus, vejam a precisão de uma coisa destas! Ligaram-te a quem?

Fico muito eriçada, começo a desviar-me dela, mas ela prende-me.

— Está tudo bem, Meadow. Eu agora estou aqui. Estou aqui...

— Eles têm estado a torturar a Peri — informo-a. — Ela está a sofrer...

— Minha querida filha! — exclama. Ouço-a a reprimir um soluço. Engole em seco. — A tua irmã está bem, prometo. A dor é verdadeira mas não a irá matar. Quando muito, irá ensiná-la a ser forte. Eu própria desenhei esse programa há anos. Uma coisa maravilhosa, não achas?

Suspiro fundo. — Não, não é nada *maravilhosa!* — Apenas por um momento, será que ela não consegue ser a mãe de que preciso? A mãe que me confortava há já muitos anos? — Mostraram-me um vídeo. Ela tem o cabelo rapado, o corpo dela está... tenho de a ir buscar antes que seja demasiado tarde.

A minha mãe engasga-se. — Não há qualquer espécie de saída, Meadow.

— Então teremos de arranjar uma — digo-lhe, mas já a vejo a abanar a cabeça.

Os olhos dela enchem-se de lágrimas e vejo-a levar as mãos à cabeça. — Eu fiz isto. Meu Deus, tudo se deve a *mim...*

Aproxima-se para me abraçar, mas eu recuo. — Tu vens comigo —

digolhe. — A Iniciativa precisa de ti. Poderás dizer-lhes o que eles querem ouvir e eles veem-se logo livres dos reguladores. A Peri ficará bem novamente.

— Ela nunca ficará bem — murmura ela. — Esse tipo de dor é algo de que não nos esquecemos com facilidade. A minha filha, a minha filhinha... Ela nunca foi forte, Meadow. Nunca foi como tu.

Ri-se e olha para o céu.

Soa-me igual às gargalhadas que tenho soltado ultimamente.

— Começaremos de novo — diz-me ela. — Faremos dos Baixios um lugar melhor, as duas... Sempre deveria ter sido assim...

— Não me parece. — Ponho-lhe uma mão no pulso e começo a puxá-la.

— Espera — observa. — Tens de saber a verdade, Meadow.

— A verdade pode esperar. Temos de ir agora. Pelo menos uma vez na vida, para de evitar fazer o que devias. Tu irás *remediar* esta situação. Se não for por mim, ao menos que o faças pela Peri, pelo meu pai e pelo Koi.

— Mas é isto que devo fazer — insiste ela. — Por favor, Meadow, tens de saber. Tens de perceber o meu erro.

Ouvem-se passadas na escuridão.

Aperto-lhe mais o pulso, pensando tratar-se dos guardas da Iniciativa. Em breve virão para lhe porem as grandes algemas e a levarem para a Sede. Ela não tenta fugir.

Fica ao meu lado. Há uma mudança súbita nos seus olhos, uma tristeza que eu não detetei antes, quando olha para mim.

— Desculpa — murmura. — Tenho tanta pena, Meadow...

— Pena de quê? — pergunto-lhe.

Ela inclina-se para me dizer qualquer coisa ao ouvido. Ouço-lhe as palavras e *imploro* para que o que ela me diz não seja verdade.

O que ela me está a dizer não pode ser verdade. O meu mundo parte-se em pedaços.

— Meadow...

— Para — digolhe. Tento esquecer-me das palavras. Fechá-las bem no fundo do meu coração, escolhendo acreditar que são uma mentira.

Ela abre a boca para falar e, por instantes, penso que irá pedir desculpa por *tudo*, por tudo o que fez a mim, à minha família, ao mundo, pelo segredo que ela me contou. Preciso deste momento para começar a perdoar-lhe verdadeiramente, preciso que ela me peça

desculpa.

Mas ela nunca chega a ter oportunidade de o fazer.

Em vez disso dá um salto em frente, como se alguém a tivesse empurrado.

Suspira profundamente.

Um fio de sangue escorre-lhe dos lábios.

— Não — murmura. — Não!

Em seguida, cai.

Vejo tudo a acontecer em câmara lenta, ouço-me a gritar, vejo-me a ajoelhar ao lado dela. — Mãe!

Há uma seta que lhe sai do peito. O sangue floresce, como uma rosa acabada de nascer, no tecido da sua camisa.

Não tenho de ver a ferida para saber que lhe acertaram em cheio. Sei que passarão apenas alguns segundos antes de ela morrer. Sei que tudo à minha volta se torna vago e não consigo descobrir o assassino escondido.

Tudo o que vejo é a minha mãe.

A morrer.

Outra vez.

Tosse, tenta recuperar o fôlego. Abre e fecha a boca como um peixe. — Tu tens de... — pronuncia com dificuldade. — Fica.

— Eu não te vou deixar — murmuro. — Vais ficar bem. — Arranco a seta, empurro-lhe o peito com a mão, mas o sangue começa a borbulhar-me por entre os dedos.

É um rio que não consigo parar.

É demasiado e é tudo muito depressa.

Ela vai morrer.

— Não! — grita, e os seus olhos ficam alterados, como se ela estivesse a olhar para uma luz muito brilhante, quase a partir deste mundo. — A ordem de vingança — diz-me a arfar e, de súbito, aperta-me os pulsos com tanta força que eu grito. — *Fica!*

— Pois fico — prometo-lhe. Ela está a abandonar este mundo, a abandonar-me *a mim*. Pensei que a descobrira finalmente. Pensei que nunca mais iria estar sozinha nestas peripécias. Ela poderia ter assumido controlo uma vez mais, ter-me enviado para o Cume, para libertar a Peri, para nos tirarem os reguladores, ou pedir que enviassem a minha família para casa. Ela poderia ter remediado *tudo*.

As lágrimas inundam-me as faces, a testa, quando a força das suas mãos começa a abrandar. Não consigo estancar o sangue. — Não, *não*

vás, não me deixes outra vez. Agora, não. Não podes!

Uma lágrima rola-lhe pelo rosto. — Desculpa-me — diz ela. Eleva o braço para tocar no meu regulador.

Respira fundo pela última vez.

Em seguida fica com os olhos baços. A mão dela cai, deixando-me um rasto de sangue na cara.

Dou-me conta, vagamente, de uma voz que me parece ser do Zephyr a chamar-me, e das passadas de muitas pessoas a correrem na minha direção.

Porém, nada disso me interessa.

Nada neste mundo me interessa. Nem eu própria.

A minha mãe está morta.

Capítulo 25

Zephyr

A Lark Woodson morreu.

A Criadora morreu, finalmente.

E eu disparei a seta que a matou.

É a única coisa em que consigo pensar. A única coisa que me vem à mente.

Deveria sentir-me feliz. Deveria sentir o meu corpo todo a descontrair-se, o coração a dilatar-se-me, quase ao ponto de rebentar. A mulher que arrumou a minha vida teve, finalmente, o que merecia. Vejo a Sparrow a coxear ao lado do Rhone, a sair das sombras.

Este aproxima-se da Meadow e tenta separá-la do cadáver da Lark.

A Meadow está a chorar sobre o corpo da mãe. Há qualquer coisa negra e pouco natural a sair-lhe da base do crânio. Fico transido quando olho para ela.

Esta *não pode* ser a Meadow. Uma soluçante sombra do que era, coberta de cortes e de feridas, com metade do cabelo rapado. Ouço-a gritar e esse som faz-me recuar um passo.

Que lhe teriam feito as Sanguessugas?

A Meadow abana o corpo da mãe, com gritos e pragas.

Eu quero explicar-me. Quero dizer-lhe qual a razão por que a matei. Que foi afinal por *nós*, por toda a gente...

Mas, de súbito, surge um relâmpago. Uma luz branca por detrás dos olhos que me cega.

Um horrível zumbido trespassa os meus pensamentos. É bem pior do que a Sirene Noturna, pior do que os gritos da Meadow.

Não consigo ouvir mais nada senão esse zumbido.

Não consigo ver mais nada senão essa luz branca.

E depois ouço uma palavra. Uma única palavra dita pela voz da Lark, que vem ao de cima de todo este caos. Essa palavra repete-se, vezes sem conta, a palavra mais doce que alguma vez ouvi:

Vingança.

Capítulo 26

Meadow

A minha mãe morreu.

A minha mãe veio até aqui por minha causa, para salvar a Peri. Tentou pedir desculpa e agora está...

Está só a dormir.

Ela está morta.

Está a dormir, mesmo aqui à minha frente, à espera que eu a acorde.

Ela está morta.

— Levanta-te, Meadow. Vem-te embora! — Ouço a voz de um homem e julgo sentir umas mãos que me puxam pelos ombros, a tentarem tirar-me dali.

Empurro-as.

Preciso de ouvir a minha mãe a pedir-me desculpa, de saber que ela sente mesmo pena por tudo o que fez. Ela pediu-me que lhe perdoasse. Tenho de lhe dizer que quero, que gostaria que as coisas fossem do modo como sempre poderiam ter sido.

Primeiro tenho de a ouvir dizer que mudou.

— Diz-me lá! — Abano-a, mas ela não se mexe. Fica com os olhos revirados e a boca abre-se-lhe num grito silencioso. — Diz-me! Acorda!

É só quando o rosto do Zephyr aparece diante do meu, que desvio os olhos dela.

— Zephyr — pronuncio, quase sem fôlego.

Ele está vivo. Aqui, à minha frente.

— Temos de nos ir embora — diz-me.

Faz uma careta como se estivesse cheio de dores, como se estivesse a lutar contra o Complexo dos Assassinos, mas como poderá haver qualquer coisa mais dolorosa do que a realidade da morte da minha mãe?

— Meadow, agora — insiste ele. Levanta-me do chão com tanta força que eu quase fico sem fôlego. — Ela está morta. Temos de partir.

Aceno-lhe afirmativamente com a cabeça através das minhas lágrimas.

Pego-lhe na mão.

Tenho os dedos cobertos de sangue.

Ambos ficamos de pé e começamos a correr.

Capítulo 27

Zephyr

VINGANÇA.

É a chamada do sistema. É o seu mecanismo de segurança, tal como a Sparrow me tinha avisado e preparado.

Respiro fundo.

Ouço a palavra gritada vezes sem conta. Luto contra ela o mais que posso. A mão da Meadow na minha é a única coisa estável, a única coisa que me detém aqui e agora.

Caminhamos até ficarmos a meio caminho dos pauis, quase nos limites da cidade, quando eu deixo de conseguir controlar esse chamamento. Ouve-se a Sirene Noturna, embora seja já manhã cedo. Há soldados Sanguessugas apressados pelas ruas, com os olhos muito abertos, como se não soubessem o que se está a passar.

Vejo outros como eu. Doentes a correrem para a nova luz do dia.

Olhamos para os olhos uns dos outros e sabemos o que temos de fazer.

VINGANÇA.

Atiro-me à Sanguessuga que está mais perto de mim e rasgo-lhe a garganta.

Capítulo 28

Meadow

Os Doentes tornam-se monstros, matando com uma desenvoltura que apenas se atinge após anos de treino.

A Sirene Noturna geme, fora de tempo e de lugar durante o dia, um guincho que normalmente soa como uma mãe a carpir pela morte de um filho.

Mas hoje, não.

Agora soa furiosa, como um monstro perverso.

Juntamente com ela, ouvimos a voz do comandante. *Tu fizeste isto*, diz ele.

A dor volta. Ouço os gritos da Peri nos meus ouvidos e digo a mim mesma que não se trata de uma coisa verdadeira. Aquilo... não... é... verdadeiro...

Concentro-me no mundo à minha volta e luto através da dor, agarro-me a ela como sendo a âncora que me mantém firme neste momento.

A mão do Zephyr desprende-se da minha.

Vejo-o dar um salto e aterrar em cima de um soldado da Iniciativa. Observo-o a rasgar-lhe a garganta. O sangue esguicha e atinge-me, morno e espesso, na cara.

Isto é real. A voz do meu pai chega até mim desde a profundidade. Liberto-o. Deixo que a voz dele me inunde, e é tão bela, tão viva. *Aguenta. Concentra-te, Meadow. Mantém-te alerta. Não te percas ainda.*

Alguém corre a meu lado e me toca no ombro. Volto-me.

E olho para os olhos da minha mãe.

— Meadow — diz ela. Mas está mutilada, tem um rosto assustado e o cabelo ficou escuro. Não se trata da minha mãe mas de uma cópia ferida e deformada dela.

E de mim.

— Quem és tu? — pergunto-lhe, quase sem fôlego.

Desprendo a mão, começo a cambalear para trás, mas há alguém atrás de mim. Volto-me e vejo que é o Rhone, da equipa da Resistência, cujo pai conheceu o meu. É uma pessoa de confiança que aperta a minha mão com a sua mão quente.

— Vem connosco! — pede-me. — Temos de fugir daqui.

Procuro o Zephyr no meio de todo este caos.

— Não o vou deixar — afirmo.

— O Zero há de encontrar-nos — responde-me o Rhone.

As ruas são uma imagem turva, enquanto as pessoas passam por mim a correr, aos empurrões e a chamarem pelos seus entes queridos. Por todo o lado, os Doentes estão a atacar a Iniciativa. Há espingardas a dispararem, facas que voam.

Os soldados caem nas ruas da cidade e os cidadãos espezinham-lhes os cadáveres na pressa de encontrar abrigo. Está tudo a acontecer muito depressa, vindo não se sabe bem de onde.

E depois dou-me conta de tudo o que se está a passar.

A minha mãe morreu.

Os Doentes estão a reagir ao mecanismo de segurança. Em breve o mundo irá transformar-se em cinzas à nossa volta. Esta é a única oportunidade de podermos fugir daqui. Agora já nada me prende a este local.

Deixo que o Rhone e a mulher estranha me levem.

É só quando chegamos aos limites da cidade que volto a ver o Zephyr.

Ele está a comandar uma onda de Doentes até à cidade.

Capítulo 29

Zephyr

Poeira, fumo e morte.

A vingança dos Doentes está em pleno andamento.

É diferente do Complexo dos Assassinos.

Esta é a ordem da Criadora e nós sabemos exatamente o que estamos a fazer.

Marchamos numa fila compacta, dizimando Sanguessugas, à medida que estas tentam fugir. Alguns de nós tombam, quando elas nos atingem com as suas espingardas.

Contudo, nesse momento, algo de fascinante acontece.

Um grupo de cidadãos emerge da cidade. Segue-nos o rasto com paus e tubos de metal erguidos por cima das cabeças. Não os consigo ouvir, devido ao som dos que gritam *vingança, vingança*, mas consigo ver-lhes a ira estampada nos olhos.

A esperança.

Chegamos finalmente à Sede. Somos centenas de Doentes e de cidadãos dos Baixios.

Recebemos rajadas de balas.

Alguém me acertou na perna. Tenho a certeza mas não o consigo sentir. O som de *vingança* torna-se cada vez mais alto, incitando-me a avançar. Tenho de matar as Sanguessugas.

Tenho de as fazer pagar bem caro pois a Lark Woodson está morta.

Capítulo 30

Meadow

Os cidadãos dos Baixios juntaram-se a esta guerra.

Neste momento, sei que deveria estar com eles, a lutar pela liberdade, a lutar pela justiça, contra os horrores que a minha mãe e a Iniciativa causaram.

Em vez disso, estou a correr.

Corro com o Rhone e com a Sparrow, que me agarra na mão e me diz para continuar, para não abrandar o passo e não olhar para trás.

Ouçó, porque estou cansada de pensar, porque tudo está a acontecer demasiado depressa e, neste instante, tudo me parece um sonho.

Ou um pesadelo.

Oscilo entre sorrir devido à morte da minha mãe e sentimentos de perda de partir o coração. Não há tempo para pensar, ou para processar, ou para me importar com o seu segredo.

Posso apenas afogar-me nos sentimentos.

— Baixa-te! — grita-me o Rhone.

Mergulhamos na erva alta que cresce a cinquenta metros do edifício. Um grupo de soldados da Iniciativa passa por nós a correr, a caminho da batalha.

— Que direção deveríamos tomar? — pergunta o Rhone. A Sparrow está deitada ao lado dele entre as ervas. — A do Perímetro?

— Não podemos escalar as muralhas do Perímetro. É impossível. Acho que devíamos ir até à porta do lado. Precisamos de um código para entrarmos, mas eu creio que me posso encarregar disso.

A voz dela é-me dolorosamente familiar, o som de uma velha memória, de um velho sonho quase esquecido.

E então, quando o Rhone nos diz que já poderemos avançar, lembro-me.

Trata-se da minha tia.

Trata-se da mulher que andou comigo ao colo quando eu era bebé, que me dava prendas sempre que eu fazia anos. A mulher que me pôs no sistema, que me tentou matar para que o Complexo dos Assassinos morresse comigo.

Sigo-a, mas não porque confie nela.

É que é a minha vez de ser a assassina.

A minha vez para me vingar da mulher que eu tenho a certeza de ter matado a minha mãe.

Capítulo 31

Zephyr

Rebenta uma bomba.

Há corpos que caem; outros são atirados ao ar. Uns são despedaçados. Sinto sangue quente na minha cara, um esguicho que me escorre da têmpora. Começo a gritar pensando que esse sangue é meu.

O meu ouvido bom começa a zumbir. Não me consigo concentrar.

Castiga-os, diz a Lark na minha cabeça. Faz com que eles paguem pela minha morte. Vingança. Vingança. Vingança.

Grito a palavra.

Ergo no ar o meu punho fechado.

Atrás de mim, ouço a resposta de um exército de vozes. É a última onda de combate, o último grito de guerra.

Avançamos e as Sanguessugas recuam.

Podem correr, mas nós vamos atrás desses homens. Podem esconder-se mas haveremos de os encontrar. Podem lutar, mas nós lutaremos ainda de um modo mais empenhado.

E venceremos.

Capítulo 32

Meadow

O meu corpo está encharcado em sangue.

Há guardas mortos estendidos aos meus pés, mesmo no exterior do edifício da Sede.

— Despacha-te — sibila o Rhone.

— Se te calares, talvez me apresse — diz-lhe a Sparrow, ao inclinar-se contra o edifício procedendo ao seu trabalho, tentando decifrar os códigos que mantêm a porta bem fechada. O *NoteScreen* encaixado na parede mostra-nos uma série de números e de símbolos, que se elevam no ecrã.

— Talvez tenhamos poucos minutos para sair daqui — observa o Rhone. — Se os Doentes falharem e as Sanguessugas voltarem a tomar o controlo...

A Sparrow, porém, diz-lhe logo: — *Não irão* falhar. É essa a parte mais interessante. Não podem falhar porque a minha irmã programou-os para que tal não pudesse acontecer. Cala agora a boca e vamos entrar.

O *NoteScreen* torna-se verde.

A porta geme e levanta-se até ao teto, no momento em que sinto uma enorme dor no crânio. *Não me pode escapar, menina Woodson*, diz o comandante, e a voz dele é apressada, a arfar, como se ele tivesse estado a correr.

Tenho de o encontrar para dar cabo dele.

A voz da Peri começa a gritar na minha cabeça. Está a soluçar descontroladamente e os seus gritos já não formam palavras.

Caio de joelhos e levo as mãos aos ouvidos, mas não consigo abafar esse som. — Parem com isto! — grito. — Parem com isto!

Consigo ver o Rhone e a Sparrow a inclinarem-se, a tentarem falar comigo, mas não ouço nada do que me dizem. Tudo o que ouço é a minha irmã, afogada numa dor igual à minha.

A minha sanidade mental está a desaparecer, a esvanecer-se-me por entre os dedos como sangue fresco e quente.

O Rhone levanta-me, arrasta-me para dentro do edifício. Está quase a fechar a porta do lado de dentro quando empurro o meu ombro contra a ombreira.

— Zephyr — é tudo o que consigo dizer. O Rhone acena afirmativamente com a cabeça. Volta a correr até ao exterior. A Sparrow diz-me qualquer coisa, põe-me a mão no ombro, mas não consigo ouvi-la.

A dor intensifica-se até se tornar insuportável. Atiro com a cabeça para trás e começo a gritar.

Tenho de parar com isto.

Volto-me, e começo a correr pelos corredores do edifício.

Vou pôr o comandante a sangrar.

Vou fazer com que ele me peça de joelhos para que o mate.

Capítulo 33

Zephyr

As Sanguessugas fazem explodir uma outra bomba no instante em que entramos no edifício.

Tudo acontece muito depressa. Sou atirado para o ar. Depois fico sem fôlego. Estou de costas a olhar para o Sol e não sei se estou vivo ou morto.

Ouço um zumbido por todo o lado. Neste caos, uma mão agarra com força a minha. Rolo no chão para o outro lado e vejo uma Doente com lágrimas nos olhos. A agarrar-se a mim, enquanto agoniza.

Ouvem-se mais disparos de espingardas e as pessoas dispersam-se, tentam abrigar-se. Quero gritar para as Sanguessugas, matá-las a todas. Porque não estão apenas a atirar a adultos. Estão também a alvejar crianças.

A ira que sinto ajuda-me a que me levante. Essa força continua a incitar-me e é a única coisa que me faz continuar.

Uso o mesmo ódio a que recorri quando encontrei a Lark pela primeira vez no exterior do edifício, perto deste mesmo lugar.

Estou quase a desatar a correr quando alguém me agarra. Caímos.

Rodopio, a resmungar, pronto para rasgar a garganta dessa Sanguessuga.

Mas é o Rhone.

— Vem comigo, Zero! — grita ele. Tem na cara gotas de sangue e de suor.

— Vingança — digo quase sem fôlego, porque é a única palavra que me faz sentido. A única palavra que consigo pronunciar.

— A Meadow está à espera — acrescenta. Desprende-se de mim e eu tento correr dali para fora.

Tenho de lutar. Tenho de *matar*.

— Para! — grita-me o Rhone. — Não me faças fazer isto!

Não o ouço, porque não consigo.

Algo me bate na parte de trás da cabeça.

A voz da Lark incita-me à vingança enquanto a escuridão me leva.

Capítulo 34

Meadow

A Sparrow segue-me a gritar o meu nome.

Um guarda sai de uma sala à nossa direita. Vê-nos e rodopia de espingarda na mão. Dou-lhe um pontapé no cano e a arma sai-lhe das mãos.

Não, por favor, não. Os gritos da Peri não param.

Consigo dominar a dor e continuar a lutar, no entanto, não sei por quanto tempo...

Lanço-me ao guarda. Pego-lhe na parte de trás do cabelo, atiro-lhe com a cabeça contra a parede e desfaço-lhe o nariz. Pego na espingarda dele e dou-lhe dois tiros, depois ponho-a ao ombro. Ele tem um punhal embainhado sobre a coxa.

Agarro-o, faço-o rodopiar e entalo-o na faixa que tenho à cintura. Corro e a dor é tão insuportável que começo a ver manchas brancas. Não sei se, em breve, não irei desmaiar.

Mas não consigo. Tenho de continuar.

Paizinho! Meadow! Koi!

Volto à esquerda, ao fundo de um corredor. Conheço este caminho e nunca o irei esquecer.

Há dois soldados de guarda a esta porta.

Duas pressões no gatilho e ficam estendidos no chão.

Aproximo-me da porta, mas, é claro, está trancada.

Nunca me hás de alcançar, diz o comandante. *Matarei a tua irmã, antes mesmo que te aproximes.*

Disparo a pistola. Uma, duas, três vezes, depois ainda mais rapidamente, mas a porta não se mexe. É feita de um metal espesso e rijo.

É só quando vejo a Sparrow pôr-se a meu lado, para digitar os códigos no *NoteScreen* encaixado na parede, que sei que já estou perto.

— Nunca mais voltarás a tocar na minha irmã — digo ao comandante. Sei que ele me pode ouvir.

A porta abre-se, quando o *NoteScreen* fica verde, e vejo-o sentado à secretária.

Olha para mim com um rosto horrorizado, com o queixo caído, com os olhos tão abertos como uma Lua cheia à meia-noite.

Dou-lhe um tiro, no ombro. Ele grita, à medida que o sangue explode num jato carmesim, a cor mais brilhante e mais bela.

Vejo-o pressionar o botão no pulso e os gritos da Peri tornam-se mais altos. Tão altos que todo o corpo me treme. Atravesso a divisão a cambalear. Começo a respirar aos sacões e ouço um riso constante e baixinho que me sai da parte mais profunda do peito.

O comandante gatinha para baixo da secretária, tentando esconder-se de mim, como uma criança.

Ponho a espingarda ao ombro e pego no punhal.

— Não faças isso! — grita-me o comandante. — Dou-te o que quiseres. Tudo o que queiras é teu! — Ele está com medo, a tremer como um animal ferido, o que faz com que os meus lábios se abram num sorriso frio e assassino.

Grita quando me vê ficar ao seu nível. O riso solta-se-me dos lábios como uma lufada de ar fresco. Ponho-lhe a mão na parte de trás da cabeça para lhe manter a cara fixa, para que ele seja obrigado a olhar para mim.

— Hei de ver-te no Inferno — murmuro.

Em seguida, espeto-lhe a faca num olho.

A Sparrow permanece silenciosa enquanto segue atrás de mim até à porta, onde, espero, o Rhone e o Zephyr estarão à nossa espera.

Limpo a lâmina do punhal, coloco-o na faixa que tenho à cintura e, por um breve instante, sinto-me de novo como a antiga Meadow.

Mas então, passo diante de um espelho que está pendurado na parede e vejo-me nele. É quando reparo no regulador, no sangue que me mancha os caracóis curtos e na expressão louca que tenho nos olhos.

Já não sou a mesma Meadow.

Nunca mais irei ser a mesma. Pelo menos enquanto não resgatar a minha família.

— O teu pai treinou-te bem — observa a Sparrow por detrás de mim. Está sem fôlego, quase incapaz de me seguir.

Não consigo olhar para ela. Se o fizer, mato-a. Durante estes anos, ela queria matar-me. E, no entanto, ajudou-me a atacar o comandante, a alcançar a minha vingança.

E, em primeiro lugar, preciso que ela nos ajude a sair dos Baixios. Chegamos à pequena porta que conduz aos pauis. A Sparrow escorrega para o chão, a respirar com dificuldade.

— Têm de perceber que eu nunca fui sempre tão fraca — observa.

Suspira e começa a esfregar a mão na pele danificada. — Já não sou a mulher que costumava ser.

Uma vaga de memórias parece deslizar diante dos meus olhos, momentos da minha tortura, a dor da Peri, a minha mãe a morrer-me nos braços. — Eu também não — admito. Olho para o *NoteScreen* na parede. — Podes programá-lo para que eu possa ver a Peri? O comandante fê-lo uma vez e obrigou-me a observar.

O único olho da Sparrow escurece. — Lamento muito, o sistema não está a funcionar.

Abre-se a porta por detrás de nós.

Eu volto-me, já de espingarda em riste, mas é o Rhone.

Traz o Zephyr ao ombro, inconsciente, mas eu consigo ver que ele ainda respira.

Está vivo e eu aceno com a cabeça a Rhone para lhe agradecer.

— Bem, agora que o bando já está reunido, será que poderemos avançar? — pergunta a Sparrow, pondo-se de pé.

— Que direção devemos seguir? — pergunta o Rhone. Olha então para o sangue que tenho na blusa, nas mãos e nos braços. — Será que perdi alguma coisa importante?

— A da minha vingança — é tudo o que lhe digo. — Vamos até à parte de trás do edifício. A saída é através da cela.

O Rhone encolhe os ombros, a Sparrow acena afirmativamente com a cabeça, e nós apressamo-nos através dos corredores.

Por detrás de nós, ouve-se uma explosão que abana o edifício. O teto treme. Apercebemo-nos do pó a cair-nos na cabeça. Em seguida, ouvimos vozes e gritos. O Zephyr começa a gemer, erguendo a mão como se quisesse alcançar qualquer coisa.

— Zero, ainda não... — diz-lhe o Rhone, empurrando-o contra a parede. A cabeça do Zephyr atinge-a com um baque, e ele fica outra vez parado.

— Raios partam! — exclama a Sparrow, com um assobio, antes de se começar a rir.

O Rhone olha para nós com os olhos muito abertos. — Que é que foi? — pergunta. — Alguém tem de o manter sob controlo, caso contrário ele atirar-se-á que nem um doido contra as Sanguessugas e nós não temos tempo para isso. Vamos.

Continuamos a andar.

Uma bala passa perto de nós, a silvar, para se cravar na parede à nossa direita. Abaixo-me, depois volto-me e disparo.

Há um guarda da Iniciativa que tomba.

— Por amor de Deus, será que alguém nos pode dar cobertura? — pergunta o Rhone, a ranger os dentes.

— É isso que estou a fazer — digo-lhe.

Recuo, arrastando-os comigo e eliminando alguns guardas à medida que avançamos. Dois, três, quatro. Acerto-lhes em cheio entre os olhos. As cabeças explodem e eu sorrio. Já não consigo aperceber-me da dor provocada pelo regulador. Os gritos da Peri desapareceram. Mas algo de novo tomou o seu lugar, uma escuridão que se entranha em mim, pesada, fria e diferente de tudo que alguma vez tenha experimentado.

Dou-lhe as boas-vindas e deixo que a mesma me leve.

Entramos na cela. O Rhone consegue arrombar a porta, e eu apresso-me a correr à frente deles.

Mato dois guardas, um a seguir ao outro.

Já não tenho munições. Atiro com a espingarda para o chão e pego no punhal, mas não há lá ninguém. Apenas prisioneiros amontoados nas celas e um cheiro a morte por todo o lado. Tusso e cubro o meu nariz com a manga da blusa.

— Sketch — digo quase sem fôlego.

Quase me esqueci dela.

E, de súbito, estou a correr para inspecionar todas as celas.

— Libertem-nos! — grito e, por trás de mim, a Sparrow deveria ter tocado em qualquer coisa na parede, porque as portas das celas abrem-se de repente.

Os prisioneiros correm para fora das mesmas, quase tropeçando uns nos outros quando o fazem. Passo por eles, olho para dentro de todas as celas mas não a vejo.

Só quando chego à última.

Está algemada às grades, à espera.

— Já eram horas de me vires buscar, Woodson! — exclama a Sketch, com um sorriso no rosto esmurrado. Está coberta de sangue e de feridas e está muito magra, demasiado magra. — Já começava a pensar que te tinhas esquecido de mim.

O edifício volta a tremer. Devia ter rebentado outra bomba.

Agora consigo ouvir gritos, passos que se aproximam. Não sei se estes pertencem aos soldados da Iniciativa, aos Doentes ou aos cidadãos. Sei apenas que temos de sair o mais depressa possível.

— Ajudem-me a libertá-la — peço.

A Sparrow chega a coxear e cai de joelhos. Começa a tentar abrir

as grandes algemas e, enquanto o faz, respira com dificuldade.

Vejo-lhe a blusa manchada de vermelho, juntamente com as nódoas de lama e sujidade. Mas ela não matou ninguém. Não tinha força suficiente. Será que foi alvejada?

— Quando saírem, sigam os carris — recomenda a Sparrow. Ela liberta o pulso esquerdo da Sketch, antes de lhe tentar libertar o direito. — Mas não deixem que vos apanhem. Há comboios que circulam nesses carris, mas também há grupos de busca, gente à vossa procura. Não baixem a vossa guarda. O Cume é do outro lado do país. Não podem ir até lá a pé. Têm de arranjar outra maneira.

— E tu não vens? — pergunto-lhe.

Ela olha para o estômago. — Não conseguiria andar meio quilómetro antes de cair morta.

— Queria ser eu a matar-te — murmuro.

A Sparrow levanta a cabeça. O seu olho cinzento, igual aos da minha mãe, olha muito para mim.

— Sei que há anos me andas a tentar matar — murmuro uma vez mais.

A Sparrow acena afirmativamente com a cabeça. — Não se trata de algo pessoal. Mas era a única maneira de acabar com o sistema.

— Bem sei... — digo-lhe. Ela quase conseguiu libertar o outro pulso da Sketch. — Odeio-te.

A minha tia sorri, tem um aspeto horrível que faz com que as suas cicatrizes pareçam estar a contorcer-se. — És muito parecida com a tua mãe. Consigo ver muito dela em ti, não sei se sabes... Mesmo quando eras pequenina, eu sabia que irias ser igualzinha à Lark.

— Não sou como a minha mãe — sibilo. Engulo com dificuldade. — Tu mataste-a. Ela poderia ser um monstro mas... — Pego no meu punhal, o pulso treme-me mas consigo dominá-lo. Poderei acabar com a Sparrow agora mesmo e vingar a morte da minha mãe.

— Olha que não lhe toquei — confessa a Sparrow. — Outra pessoa assassinou a minha irmã.

As algemas saem finalmente. — Bolas, assim é melhor... — diz a Sketch. — Anda, Woodson. — Vejo-a já de pé, pronta a abandonar a cela.

Mas eu fico ali, a olhar intensamente para a Sparrow.

— Então quem foi? — pergunto-lhe. — Quem foi que matou a minha mãe?

Ela está quase a responder-me quando a porta da divisão onde se

encontram as celas é arrombada. Ouço uma grande confusão, gritos. Levanto-me e vou até ao corredor entre as celas.

A Orion está aí.

— Ah, mesmo a tempo — diz ela. Tem quase o mesmo aspeto que tinha da última vez que a vi. Mas os seus olhos são até certo ponto mais escuros, como se tivessem visto muita coisa da qual não se conseguem esquecer.

— Tem cuidado, Meadow — suspira a Sparrow. Levanta-se e afasta-se a cambalear, começando a tentar decifrar os códigos da porta para o exterior.

— Que fazes tu aqui? Vens connosco? — pergunto à Orion.

Ela sorri quando olha para mim, mas a luz não lhe chega aos olhos.

— *Lourinha*, és a pessoa que me fez vir até aqui — esclarece ela. — Conheço bem o teu feio e torpe segredo.

— Não, Orion — diz o Rhone. O Zephyr está enrolado a um canto, ao pé dele, e acorda finalmente. O Rhone põe-se de pé e aproxima-se da Orion, sem que eu saiba porquê.

Não até a ver de pistola na mão.

Aponta-a para mim.

E dispara.

Capítulo 35

Zephyr

Acordo a tempo de ver a Orion a falar com a Meadow, o Rhone a aproximar-se da Orion, e esta última com um sorriso frio e assassino.

Tudo parece ocorrer em câmara lenta.

A pistola na mão da Orion.

A bala a ser disparada.

O cartucho a voar de um dos lados da pistola e a bala a dirigir-se para a Meadow.

Atinge-a.

A Meadow cai e eu grito.

Depois ponho-me de pé e atiro-me à Orion.

Bato-lhe vezes sem conta. A vingança ainda chama pelo meu nome, a pedir-me para perseguir as Sanguessugas, mas, neste momento, a Orion é uma Sanguessuga.

Uma sugadora de sangue e de vida que merece morrer.

Tenho manchas vermelhas nas mãos.

Dou-lhe murros.

E mais murros.

Alguém me arranca de cima dela. — Para, Zero! — grita o Rhone.
— Ela acabou, já a mataste...!

A Orion é uma massa de sangue, no chão da divisão onde se encontram as celas.

Meadow.

Desenvencilho-me do Rhone, corro para a Meadow e não quero ver o corpo dela tão sem vida como o da Orion. Mas *tenho* de o fazer. Tenho de me despedir dela.

Paro de repente. A Meadow está dobrada sobre si mesma, a gemer, enquanto se apoia nas grades da cela. O sangue escorre-lhe da blusa, formando um charco sobre o empedrado.

Fico sem fôlego quando ela olha para mim.

— Meadow! — exclamo. — Tu foste...

A bala acertou-lhe apenas no ombro. A Orion *errou* a pontaria.

— Ela está bem, Zero — observa a Sketch. — Agora cala-te, antes

de começares a chorar e, se não te importas, ajuda-me a andar. Essas sacanas dessas Sanguessugas deram-me cabo de um joelho e já é tempo que eu saia deste inferno.

A Meadow sorri e ri, mas deteto algo de novo por detrás do seu riso. Qualquer coisa de instável e tenebroso.

— Já é mais que tempo de nos irmos embora — diz o Rhone, da parte de fora da porta. Ele está a amparar a Sparrow à medida que ela tenta, em vão, digitar o verdadeiro código.

Está a morrer depressa.

O *NoteScreen* ao lado da porta, de súbito, torna-se verde. A porta abre-se com um cicio e eu olho para o caminho da liberdade, para o verde brilhante do outro lado.

— O Perímetro vai estar aberto por sessenta segundos — sibila a Sparrow. — Vão. — Vejo-a acenar uma mão ensanguentada. — *Vão!*

O Rhone acomoda-a no chão. Ela encosta a cabeça à parede. Está a sorrir e, pela primeira vez, o seu rosto não tem um aspeto tão terrível. Quase parece bonita, de um modo distorcido.

— Vou dar o cava — diz a Sketch, e vejo-a franquear a porta.

Eu sigo-a, mas paro quando a Meadow se ajoelha junto da Sparrow.

— Obrigada — diz-lhe a Meadow. Inclina-se e murmura qualquer coisa ao ouvido da tia.

Os olhos desta ficam muito abertos. — Não te posso ajudar com isso — murmura. De que estarão elas a falar?

Veem-me a olhar para elas.

— Vai-te embora, antes que eu mude de opinião e acabe contigo — diz a Sparrow à Meadow. — Só faltam quarenta e cinco segundos. Vai!

A Meadow acena afirmativamente com a cabeça.

Volto-me para o Rhone. — Então, vens?

— Não — admite ele. — Fico aqui. Se os Doentes ganharem, os Baixios irão precisar de um novo chefe.

Quero discutir com ele mas já não há tempo. De qualquer modo ele já decidiu.

Em vez disso, estendo-lhe uma mão.

Ele toma-a e aperta-a com força. Irá ser um bom chefe se conseguir assumir o controlo.

— Não lhes faças a vida fácil, Zephyr — observa o Rhone, e eu dou-me conta de que essa é das únicas vezes que ele usou o meu nome.

— O mesmo te digo a ti.

Volto-me e pego na mão da Meadow.

Ela aperta-ma com força.

Damos os nossos primeiros passos em direção à liberdade, para fora da luz da tarde.

Capítulo 36

Meadow

Um ruído rouco chega-nos desde o Perímetro. Um tremer do chão de que me apercebo nos dedos dos pés.

— Trinta segundos — digo eu ao Zephyr.

A Sketch vai à frente, a coxear até à saída. As portas do Perímetro estão abertas e, de súbito, à medida que os meus pés me transportam, os meus sonhos mais antigos tornam-se realidade. Aquele sonho que eu costumava ter nas noites de tempestade, quando a nossa casa flutuante não parava de balançar, o sonho que afugentava os meus pesadelos, que me deixava com esperança suficiente para sair e encarar o Sol de manhã.

Tento estugar o passo, andar cada vez mais depressa, pois, se não o fizer, poderei parar. Poderei voltar para o único mundo que alguma vez conheci, sentir o medo que me invadiu quando a minha mãe me revelou o seu último segredo, antes de morrer. Correm-me lágrimas pela cara e, quando atravessamos as muralhas, os nossos dedos dos pés tocam em ervas frescas e verdes e vemos as linhas de caminho de ferro que conduzem a um mundo aberto e infinito... sorrio.

Já estou fora dos Baixios.

E nunca mais hei de voltar.

PARTE DOIS

OS FORASTEIROS

Capítulo 37

Meadow

Corremos durante horas, seguindo os carris, tal como nos recomendou a Sparrow. Paramos para recuperar o fôlego e vejo-me a olhar para um inundo que nunca conheci. É quando me apercebo da liberdade.

Sou livre.

Livre.

O Zephyr pega-me na mão e aperta-a. — Conseguimos — diz-me ele.

— Raios partam! — exclama a Sketch à minha direita. Ela volta-se, olha para o Perímetro ao longe e levanta ambos os dedos médios. — Vão-se lixar! Vão-se todos lixar! — Ri-se e eu e o Zephyr juntamo-nos a ela, e todos desatamos a rir até já não conseguirmos aguentar mais.

— E agora? — pergunto, quando todos se acalmam e a realidade nos atinge.

Ninguém responde.

De modo que ficamos ali de pé, por momentos, a contemplar o mundo. A maior parte da paisagem assemelha-se à da Reserva, paus com a praia ao longe, à esquerda. A linha férrea atravessa o paul, semelhante a uma costura. O vento sopra as copas das palmeiras, curvando-as pelo meio, pondo-as a fazer uma vénia como se para nos darem as boas-vindas a esse espaço exterior. Há um pequeno edifício de tijolo arruinado e esquecido, parte dele rebentado durante a Queda.

Volto-me e olho para o Perímetro na distância.

Daqui, poderia cobri-lo com o meu polegar.

Mas ainda me separa do mundo que sempre conheci e lá dentro está a minha família.

As minhas memórias.

A minha mãe e o seu segredo.

E aqui... Há apenas um vasto espaço.

De súbito, sinto-me sozinha. Sinto um acesso de dúvida a murmurar-me qualquer coisa na alma, não com a voz do meu pai mas com a da minha mãe.

Morrerás aqui. Nunca hás de salvar a tua família.

Uma memória assalta-me. Os instantes dolorosos provocados pelo inquiridor. O fantasma dos gritos da Peri. A pressão do punhal, na minha mão, a espetar o olho do comandante...

Preciso de sentir a areia nos dedos dos pés, as ondas a puxarem-me pelos tornozelos. Consigo ver o mar na distância, para lá das palmeiras, a chamar-me para o que me foi familiar.

Desprendo-me da mão do Zephyr e começo a correr.

— Meadow! — grita-me de.

Não paro. Corro, com os braços a balançarem-me ao lado do corpo, a respirar coordenadamente, até que os meus pés pisem a areia. As ondas rebentam na praia e aí vejo lixo, tal como nos Baixios, a flutuar no meio da rebentação das ondas. Corro alguns passos pela água dentro e depois mergulho no silêncio.

Aqui já posso respirar.

Aqui posso pensar que sou outra vez eu própria, a Meadow antes da Iniciativa, a Meadow antes do Complexo dos Assassinos.

Consigo sentir o toque da mão do meu pai no meu ombro, a suavidade da face da Peri quando ela se encostava a mim durante o sono. Consigo ouvir a velha canção de embalar da minha mãe, e o riscar da faca do Koi nos pedaços de madeira que davam à costa. Poderia aqui permanecer para sempre, em paz.

Mas há mãos que me agarram pelas costas e me puxam para fora do mar. Retomo o fôlego, com a água a escorrer-me dos olhos.

— Meadow! — É o Zephyr. Ele volta-me, e puxa-me para o seu peito, abraçando-se muito a mim. — Que estás tu *a fazer*?

— Senti-me perdida — respondo-lhe.

— Tu nunca estarás perdida — diz ele. — Eu estou aqui agora. Estou aqui...

— Mas a minha família não está — constato.

— Meadow — continua ele, em voz baixa —, haveremos de os descobrir, prometo-te.

Vejo beleza em qualquer parte dele, a luz do Sol no seu sorriso, a suavidade de uma chuvada de verão na sua voz. Assim sendo, por que não consigo sentir por ele o que em tempos senti?

Toda uma vida passou desde que nos vimos pela última vez. Tenho segredos dele e da Sketch e pergunto-me se ele também seria capaz de guardar um segredo meu. Desvio o olhar.

Ele toca-me no queixo e levanta-me a cabeça para que os nossos olhares se voltem a encontrar.

Sorri, e o vento desvia-lhe o cabelo do rosto. Todo o medo, toda a

dúvida de que não o iria voltar a ver se esvanece. Ele toca suavemente no meu regulador, desvia-me um caracol do rosto.

— Tu estás...

— Mutilada — acrescento, entre dentes. Posiciono-me de maneira a que ele não veja a máquina que tenho presa ao crânio, mas ele aproxima-se mais.

— Ia dizer mais linda do que alguma vez te vi... — diz ele. — Mas mutilada também funciona.

Começo a rir-me.

Ele inclina-se mais.

E beija-me.

A princípio quero desviar-me, mas ele abraça-me com mais força, beija-me mais intensamente e, de repente, estou nos seus braços a ser retirada do mar.

— Meadow — pronuncia ele, quase sem fôlego, e o meu nome dito por ele é tão doce... Beijo-o como se ele fosse ar e eu necessitasse desesperadamente de respirar. O mundo à minha volta parece desaparecer.

A sua respiração é a minha.

Ele tem os braços à volta da minha cintura e eu passo-lhe os dedos pelo cabelo.

Nunca pensei voltar a sentir os seus lábios, nunca pensei que estaria aqui com ele.

Fora e em liberdade.

— Eh, seus parvalhões! — grita a Sketch da praia. — Já chega! Parem com isso antes que eu comece a vomitar!

O Zephyr ri-se contra os meus lábios. Consigo senti-lo a sorrir e isso também me inunda de alegria. Mas ele desvia-se e a escuridão volta, envolvendo-me o coração.

— Temos de ir andando — diz ele.

Eu aceno-lhe que sim com a cabeça.

Ele beija-me a testa antes de me pousar no chão.

Depois pega-me na mão e começamos ambos a andar pela margem da água.

Capítulo 38

Zephyr

Passamos o resto do dia à procura de comida.

Não encontramos nada.

Nem peixe nem caranguejos. Nem sequer cocos nas palmeiras.

O Sol derrete-se no mar. Estamos os três na praia, a olhar em volta. É o mesmo Sol que sempre vimos nos Baixios, mas agora parece-nos ter um aspeto... diferente.

— Nunca mais acaba — observa a Meadow, e tem razão. Nos Baixios o mar acabava no Perímetro, mas agora estende-se a perder de vista.

Aceno-lhe afirmativamente com a cabeça. — É como se nunca mais acabasse.

— E se não acabasse mesmo? — pergunta a Meadow.

A Sketch atira uma concha para as ondas. — Tudo acaba, Woodson — diz ela.

Elas têm o mesmo olhar, cheio de significado, que me traz à memória duas velhas amigas e não duas assassinas.

Mas creio que ambas passaram por tempos extremamente difíceis.

— Devíamos encontrar um sítio onde nos abrigar — sugiro eu. Ainda que sejamos livres, que não haja Doentes a perseguirem-nos, que não haja Sanguessugas a tentar capturar-nos, sinto-me como se estivéssemos a ser vigiados. Como se estes carris nos estejam a levar para um local sinistro, para um lugar perigoso.

É como sentir um arrepio na espinha. Um sentimento estranho e inquietante que me põe os pelos dos braços em pé. Começo a pensar se o Complexo dos Assassinos não me poderá alcançar aqui mesmo.

Ainda não falámos sobre o assunto, e tenho medo do que possa acontecer se eu e a Sketch nos atirmos à Meadow durante a noite.

— Vamos experimentar aquela construção ali em frente — sugere a Sketch.

Entramos, trepando por montes de tijolos e de vidro. Parece-nos que talvez tivesse havido ali qualquer coisa, há já muito tempo. Mas agora já não há o que quer que seja.

Tudo o que resta é um velho cadeirão, com os estofos arrancados.

A Meadow usa um tijolo para o partir em pedaços, para que façamos uma fogueira com a madeira.

— Quem vai ficar de sentinela? — pergunta a Meadow. À luz do lume, vejo-a cheia de olheiras. Será que ela dormiu, que dormiu a sério, desde que as Sanguessugas a apanharam?

— Mas não há aqui vivalma — constato eu.

A Sketch ri-se. — Aí é que tu estás enganado, Zero. — Ela cospe para o lume. — A única razão para o Complexo dos Assassinos existir é porque há *muita gente* por aqui, não é verdade?

— Era isso que o meu pai me costumava dizer — observa a Meadow, acenando afirmativamente com a cabeça. Tem o punhal nas mãos, e brinca com ele, como já é seu hábito. Mas agora, as mãos tremem-lhe um pouco. Deixa-o cair e abre muito os olhos. Apanha-o e volta a colocá-lo na faixa que tem à cintura. — Vocês acham... Acham que o sistema nos poderá apanhar aqui?

Já estou a ver que ela está com a mesma dúvida.

— Eu deveria dormir noutro lado, Zero — diz a Sketch —, por uma questão de segurança.

— Não — diz a Meadow, olhando para nós os dois. — Devemos ficar juntos.

A Sketch suspira. — Pois bem, Woodson, mas se nos fizerem atacar-te, será o teu fim.

— Ninguém vai morrer — afirma a Meadow, em voz baixa. — Não antes de eu encontrar a minha família.

— A não ser que morramos primeiro. — A Sketch ri-se, mas observa a expressão no rosto da Meadow que tem os olhos a chispar. A Sketch suspira. — Vai tudo correr bem, Woodson. Conseguimos chegar até aqui. Haveremos de chegar a outros lados se for preciso.

A Meadow engole em seco e olha em frente. — Também acho...

— Eu fico de guarda — digo eu. — Descansem as duas.

— Não vais ter de me sugerir tal coisa uma segunda vez — diz a Sketch.

Dentro de segundos, já a ouvimos a rressonar e aos estremeções, de vez em quando, balbuciando não se percebe bem o quê, enquanto dorme. Olho para ela, à espera que alguma coisa aconteça. Na minha mente tento alcançar e tocar no sistema. Mas apenas me sobrevém uma sensação de vazio. Como se pudesse dormir e não visse os rostos das pessoas a pedirem-me para as arrancar deste mundo.

A Meadow está deitada ao meu lado, a uma certa distância. — Aproxima-te mais — digo-lhe eu. — Já estiveste muito tempo afastada.

Ela hesita, depois vem ter comigo e descansa a cabeça no meu

colo. Consigo sentir a máquina que ela tem agarrada, fria e rija contra as minhas pernas.

— O que é que isto faz? — pergunto-lhe.

Ela fica muito tensa. — É um regulador. Controla-me — diz ela.

Em seguida, muda de opinião. — Ou, pelo menos, costumava controlar-me. A Peri tem um igual.

Quando ela menciona a irmã, a voz falha-lhe.

— Será que o podemos tirar? — Trata-se de um aparelho todo em negro, espesso e pesado.

— Não — diz ela. — Pelo menos *nós* não podemos. Puseram-mo cirurgicamente.

Sinto o estômago às voltas. — Logo nos preocuparemos com isso. Vê se dormes...

— Não quero dormir — diz ela, embora esteja a bocejar.

— Por que não? — pergunto-lhe.

— Tenho pesadelos — confessa-me, em voz baixa — e são muito vívidos.

— Não te apoquentes. — Sorrio-lhe, embora os seus olhos já estejam fechados. — Irei manter esses pesadelos à distância.

— A minha mãe... — diz a Meadow — era afinal um monstro.

— Pois era — digo eu logo, e estou quase a contar-lhe que fui eu quem atirou com a seta que lhe acertou no peito.

Mas depois vejo a expressão nos olhos dela e apercebo-me da dor dessa perda.

Espero, até que seja ela a falar.

— Quando ela... quando ela *morreu* — começa a Meadow, como se estivesse a tentar articular a palavra —, estava a pedir desculpa por qualquer coisa. Mas não conseguiu acabar. E se ela estivesse a tentar mudar, Zephyr? Poderia ter vindo connosco, ou remediado certas coisas. Ela disse-me que... — Desiste e abana a cabeça. — Já não interessa o que ela disse. Porque ela agora está morta e a culpa é minha. Fui eu que a fiz sair do seu esconderijo. E *para quê?* Uma irmã que eu pudesse encontrar? Um pai e um irmão que talvez até já tenham morrido? — Respira fundo e eu noto que os seus dedos se dirigiram de novo para o punhal.

— Haveremos de encontrar a tua família, Meadow. Eles não morreram.

Põe a ponta do punhal contra o tornozelo e vejo aí linhas gravadas que se tornaram cicatrizes.

Antes que a possa impedir, já desenhou uma outra linha na pele. O sangue começa a jorrar como um rio.

Depois, o corte adquire uma crosta e as nanites começam a sará-lo.

— Não te deverias ferir a ti mesma — digo-lhe. Estendo a mão, tento tirar-lhe o punhal, mas acabo por não o fazer. A Meadow não é ela mesma sem uma arma e, neste momento, estou a ver uma rapariga que já não é a mesma de antes.

Será que a outra Meadow irá regressar alguma vez?

— Não me estou a ferir — murmura ela. Senta-se e passa com a ponta do punhal pela poeira do chão. — Estou a marcar os dias que passaram. — Os seus olhos cinzentos levantam-se para fitar os meus. Há um raio de luar que entra por um buraco no teto e lhe dá uma palidez fantasmática.

Como se estivesse morta.

— Prometeste-me que os haverias de encontrar — continua ela. — Ajudei-te a fugir para que os pudesses descobrir onde eles se encontravam e ainda *aqui* estás.

Há uma certa amargura na sua voz.

Outra vez a escuridão.

— Meadow — chamo-a, mas ela interrompe-me ao levantar o punhal.

— Perdeste o teu tempo à minha espera — diz ela. — Estiveste à minha espera para nada, Zephyr. E agora a minha mãe está morta, tenho um regulador na espinha e sou... — Noto-lhe uma respiração sobressaltada. — Não interessa quem sou. O que interessa é encontrá-los e nada mais.

— Esperei por causa de ti — esclareço. — Porque é o que fazemos quando amamos alguém, Meadow.

— O amor não é uma coisa para se levar a sério — diz ela. — Amei a minha mãe e agora ela já cá não está, só me resta a dor. Hei de matar a pessoa que a matou. Se ela está morta, essa pessoa também merece morrer.

Vejo que não lhe posso contar o que fiz.

— Se não encontrares a minha família — murmura ela —, a sua morte terá sido em vão.

Há uma terrível culpa nos seus olhos. Como se acreditasse ter sido ela quem matou a mãe. Mas fui eu. Sou eu quem tem o sangue da Lark nas mãos.

Essa culpa deveria espelhar-se nos *meus* olhos, tal como tem sido, durante todos estes anos, acordar com pessoas mortas aos meus pés...

Mas não esta noite.

Não lho posso dizer.

— Matar ou ser morto — diz-me a Meadow, entre dentes.

Oh, bolas! Eu nunca lho vou poder contar, agora que a tenho ao meu lado!

Não lhe digo nada. Ela desvia-se de mim e estende-se com o regulador contra o chão duro. Ouço a voz dela a murmurar coisas horríveis para a escuridão. Esse murmúrio não me parece pertencer à Meadow.

Mas à Lark.

Hei de matar-te.

Hei de encontrar-te.

Já estou morta.

Quando ela acorda aos gritos, horas mais tarde, vou até junto dela.

Abraço-a, beijo-lhe a testa e digo-lhe que não se trata de coisas verdadeiras.

Mas ambos sabemos que são.

Quem me dera ter podido salvá-la mais cedo.

Porque estou a dar-me conta de que parte dela já está morta.

Capítulo 39

Meadow

De manhã, começamos a andar pelas linhas férreas. Estas dirigem-se para a costa, fazendo uma curva perto da areia. Penso no Koi, no modo como ele me preparou para o dia em que eu iria dar um salto para entrar no comboio vermelho e azul. Paro de olhar para os carris pois as memórias magoam-me muito.

A Sketch conta os nossos passos e alerta-nos sempre que completamos um quilómetro. Caminho sozinha na dianteira.

A Sketch e o Zephyr falam em voz baixa atrás de mim.

Não os ouço porque o que eles dizem não me importa.

O calor do dia é como fogo, dificultando a respiração, a concentração, a nossa caminhada.

Mas não paro. Não até saber se a minha família se encontra em segurança. Por vezes, imagino que o fantasma da minha mãe caminha ao meu lado, murmurando as suas últimas palavras.

Não quero que sejam verdadeiras, mas, tanto quanto me lembro, quando se tratava de ciência, a minha mãe nunca mentia. O que sei persegue-me e, quando o vento sopra, sinto um arrepio. Volto-me para cada pequeno ruído. Olho para as árvores e tenho a impressão de que posso ver rostos.

Penso que posso ver a Peri.

Penso poder ouvir os seus gritos.

— MEADOW!

São mais altos do que alguma vez foram.

Levo as mãos aos ouvidos, pressionando-os com força, e acabo por arranhá-los com as unhas. Grito e, de súbito, a Sketch e o Zephyr correm para vir ter comigo para me tentarem acalmar.

Seguram-me nos braços, um de cada lado. Debato-me, mas estou exausta.

Não me consigo libertar.

O Zephyr ajoelha-se diante de mim e olha-me nos olhos.

— Não é real — diz-me ele. — *Eu sou real.* Olha para mim, Meadow, estou aqui.

Vejo dois lagos de um verde profundo, ouço uma voz que é calma, infinita e segura.

A minha respiração acalma-se.

Os gritos da Peri esvanecem-se, mas não as expressões nos rostos da Sketch e do Zephyr.

Pensam que eu estou doida.

E dou-me conta, ao engolir as lágrimas e ao tentar concentrar-me... que eles têm razão.

Capítulo 40

Zephyr

Estamos no princípio da tarde e a Meadow está a perder a cabeça.

Forçamo-la a descansar por cinco minutos, pois, a cada passo, ela está a ficar pior. Digo a mim mesmo que ela está com fome, com sede, que está cansada. Digo a mim mesmo que este comportamento não é da Meadow.

Quem me dera poder acreditar.

Ela senta-se ao meu lado na areia, na sombra de uma árvore cheia de musgo. Está a passar a ponta dos dedos pelos cortes que tem nas pernas, murmurando o número de dias que já passou sem a sua família.

— É muito tempo — diz ela.

Olho de lado para ela. — O quê?

Ela não se mexe, limita-se a olhar para as cicatrizes. — Há muito tempo que não sei nada deles.

Não consigo ficar ali sentado por mais tempo. — Vou ver se encontro água — digo-lhe. — Fica aqui.

Levanto-me e atravesso a extensão de areia. A Sketch está sentada à beira do mar, a atirar lixo para as ondas.

Fica um pouco tensa quando se dá conta da minha presença. — Que queres tu, Zero?

— A verdade — digo-lhe eu. Sento-me ao lado dela na areia quente. — Que é que se passou com a Meadow?

— A Woodson perdeu a cabeça durante uns momentos — admite a Sketch, com um encolher de ombros. O vento sopra em direção à praia, mas as suas rastas não se movem pois são muito pesadas.

— Não me estou a referir a hoje. Estou a perguntar-te o que aconteceu no edifício das Sanguessugas? Que é que lhe fizeram?

Demora muito até que a Sketch me responda. Suspira e estende-se, apoiada nos cotovelos. — Eu não conhecia a Meadow antes da tortura, tal como tu. Eles tentaram tudo para nos atormentarem, Zero, acredita. Cortaram-nos, queimaram-nos, bateram-nos até desmaiarmos e, em seguida, começavam tudo outra vez. Mas a Meadow não se foi abaixo, mesmo com tudo isso. Ria-se-lhes na cara. Matou mesmo um deles.

Tentei evitar as imagens que as palavras da Sketch me suscitavam.

A Meadow a sangrar, a gritar, mas nunca a pedir clemência.

— E daí? — pergunto-lhe. — A Meadow que eu conheci nunca agiria desse modo. A Meadow que eu conheço é forte.

A Sketch acena afirmativamente com a cabeça. — É forte, não há dúvida. Éramos fortes juntas até eles a terem levado. Porque a Woodson tem uma fraqueza que eu não tenho.

Olho para ela e levanto as sobrancelhas. — E que fraqueza é essa?

— O amor — diz a Sketch.

O amor faz-nos mais fracos.

Foi isso que a Meadow me disse uma vez, nos Baixios. Ela não se apercebeu de que já era vítima disso.

— Ela murmurava o nome da irmã quando dormia — esclarece a Sketch —, todas as noites. As Sanguessugas podem ser filhos da mãe mas não são parvos. — Ela volta-se para mim e eu dou-me conta, pela primeira vez, de que ela tem olhos cor de âmbar, como o pôr do sol. — A Iniciativa apercebeu-se da sua força, que ela estava disposta a lutar. De modo que se apoderaram do que era mais importante para ela neste mundo. E usaram-no para a dominarem.

Ela levanta-se, sacode a areia das pernas.

— A Meadow foi destroçada de dentro para fora e, até que ela volte a encontrar a família, ninguém poderá remediar esta situação, nem mesmo tu.

— E se estiverem mortos? — pergunto-lhe. — Se lá chegarmos e eles já não estiverem lá?

A Sketch baixa muito a voz. — Então poderemos dizer adeus à Meadow. Porque ela não vai ser capaz de viver num mundo em que a família dela já não exista.

Afasta-se em seguida.

Eu sento-me à beira das ondas a ver montes de lixo a dar à costa.

Pensando, pela primeira vez, se ter decidido seguir a Meadow foi afinal uma boa ideia.

Capítulo 41

Meadow

Tu és suficientemente forte, diz-me a voz do meu pai. Não desistas. Não o faças agora. Nunca.

Agarro-me à sua imagem. Peço-lhe que continue a falar comigo pois estou cansada. Preciso que ele me empreste a sua força, para que me volte a sentir inteira.

Continuamos a andar. Digo a mim mesma que, em breve, irei poder voltar a ouvir a verdadeira voz do meu pai. Irei poder encostarme a ele e deixar que ele me repreenda por me ter deixado vencer.

Ranjo os dentes e aceno afirmativamente com a cabeça. Serei a filha que ele me treinou para ser.

Agora não.

Agora sei que, para ser a Meadow que eu fui em tempos, tenho de encontrar o meu pai vivo, encontrá-los a todos vivos.

— Setenta e cinco quilómetros — observa a Sketch atrás de mim, quando o Sol vai alto no céu. — Temos vindo a andar durante todo o dia e não descobrimos o que quer que fosse.

O terreno está vazio. O comboio ainda não passou na linha e não vimos ninguém. Onde estarão os sobreviventes da Queda? Onde estão as pessoas de que o meu pai me falava? Os milhões... Os milhares de milhões? A razão para a Cura? Ele disse que nos fariam viver para sempre, que havia muitas pessoas por aqui. Que o mundo estava a ser esmagado sob o nosso peso.

— Fumo — anuncia o Zephyr. Aponta para longe, a alguns quilómetros de distância, onde as ondas rebentam contra os rochedos. — Achas que há gente além?

Ele tem razão.

Vê-se uma voluta de fumo que se eleva do outro lado dos rochedos e, à medida que nos vamos aproximando, caminhando em silêncio, ouvimos vozes, pessoas a rir.

Levo a mão ao punhal.

Não estamos sozinhos.

Não podemos confiar em ninguém, Meadow. Ouço o meu pai falar. E ele tem razão. Isto não é os Baixios onde as pessoas são fracas, estão esfomeadas e lutam com os movimentos desajeitados de uma criança.

Isto é o Exterior.

Nada sei acerca das pessoas que aqui vivem.

— Devíamos evitá-las — sugiro. O suor escorre-me pelo pescoço e eu enxugo-o.

— Podemos matá-los todos e ficarmos com o que eles têm — acrescenta a Sketch, com um sorriso tão louco como ela.

— Não iremos matar quem quer que seja — afirma o Zephyr, pondo a mão num braço da Sketch, cheio de cicatrizes.

Ela afasta-o e depois dá um pontapé na areia, levantando-a. — Descontraí-te, Zero. Eu não disse que *tínhamos* de os matar. Disse que *talvez pudéssemos*.

— Podemos ver o que se passa. Ver quem eles são e o que estão ali a fazer. Se há uma fogueira, é porque, pelo menos, estão a sobreviver — digo eu. — Talvez possamos ver o que estão a comer, como conseguem sobreviver.

O Zephyr põe-me uma mão no braço.

— Estás bem? Será que podes...

— Posso o quê? — pergunto-lhe. — Se posso lidar com a situação? Era isso que me querias perguntar?

Ele recua meio passo.

— Posso lidar com qualquer coisa — acrescento, elevando a voz. Sinto-me bem ao dizê-lo pois eu própria preciso de acreditar nisso.

O segredo da minha mãe parece brincar comigo, a atormentar-me a mente, num constante murmúrio que me pede para ser fraca.

— Estou muito bem — afirmo.

A Sketch e o Zephyr acenam com a cabeça em concordância, mas, logo a seguir, ouvimos qualquer coisa a estalar no chão. Voltamo-nos e vemos dois homens a andarem pela areia na nossa direção. São altos e magros, com as faces e os olhos encovados. À medida que se aproximam, constato que o homem à direita tem tiques nervosos. — Talvez — diz ele, apontando-nos um tridente de madeira — vocês os três devessem calar a boca e vir connosco.

— E o que é que iríamos lucrar com isso? — pergunta a Sketch. Quero pedir-lhe que se cale.

Quero apunhalar aqueles homens estranhos, depois voltar-me e começar a correr, pois ninguém está em segurança, e eles estão a andar com uma finalidade e uma determinação que apenas pode querer dizer uma coisa.

Trata-se do território deles. E querem que nós tenhamos disso conhecimento.

— Vem connosco, morena — diz o outro homem alto à Sketch —, e viverás.

O amigo dele sorri. Tem dentes negros e faltam-lhe alguns. Lembram-me a minha mãe.

Estou prestes a atirar-lhes com o meu punhal, e a dizer ao Zephyr e à Sketch que comecem a correr, quando o homem diz uma coisa que me faz parar.

— As vossas caras... Vocês têm a Marca.

Eu levanto o braço para passar os dedos pelo meu número de catalogação.

— Sim — diz ele, com uma voz tão sibilante como uma cobra. — Sabemos quem vocês são.

— Então já viu mais de nós? — pergunto-lhe, para ganhar tempo. Tentando pensar num modo de sair deste aperto.

O homem faz girar a sua arma e eu sei de imediato que ele nos poderia matar, se quisesse, dado o sítio em que se encontra. E os seus olhos dizem-me que é essa a sua intenção. — O comboio passa pela linha, mas só uma vez ao fim de alguns meses. No entanto, vocês não vieram no comboio, pois não? Não, se tivessem vindo, já estariam mortos. Matam-nos a tiro, assim que saem das muralhas. Ninguém consegue escapar às espingardas.

Sempre me intrigou o que aconteceria às pessoas no outro comboio, no Dia da Avaliação. O comboio que sai dos Baixios carregado de cidadãos...

Agora já sei.

O homem sorri outra vez, mas não se trata de um sorriso de boas-vindas. Põe-me os ossos a ferver.

— Como conseguiram escapar? Nós queremos entrar nas muralhas.

A Sketch ri-se por momentos atrás de mim. — Confia em mim, meu parvo, acredita que *não queres* atravessar essas muralhas...

— Vocês são novos aqui — diz ele. — Não sabem o que vos espera. O que poderia ser pior do que os Baixios?

Nada, ouço dentro de mim. Absolutamente nada.

Mas tem uns olhos cheios de avidez. Quer penetrar no Perímetro. Talvez pense que a segurança exista do outro lado. Ele não sabe que os Baixios estão cheios de escuridão e de morte.

Encolhe os ombros. — Dou-vos uma escolha agora mesmo. Ou nos dizem como penetrar essas muralhas... ou vêm connosco.

— Não aceitamos ordens de ninguém — digo eu, brincando com o

punhal nos dedos e, nesse momento, perante o medo, encontro as minhas forças. — Nós somos três e vocês são só dois...

— Contaste mal. — O homem olha-me nos olhos e ri-se, enquanto três outros homens surgem por entre as árvores.

Têm espingardas.

— Podemos correr — diz o Zephyr, sem fôlego, ao meu lado.

Respiro fundo. — Davam-nos logo um tiro, Zephyr. Não podes correr mais depressa do que uma bala. A nossa melhor opção é esperar, e depois atacá-los de perto.

— Esta é a terra deles — diz a Sketch. — Não a nossa.

Franzo o sobrolho. Estamos em desvantagem, mesmo se correremos. Poderá chegar mais gente.

— Vamos com eles — aventuro, apertando o cabo do meu punhal. — Esperem até eu ser a primeira a dar o sinal.

Tomo a dianteira, caminhando naquilo que espero não ser o nosso primeiro e último erro.

Capítulo 42

Zephyr

Os homens levam-nos até ao outro lado da praia.

Dois à frente, três atrás.

Durante todo esse tempo, fico à espera que a Meadow use o treino psicológico do pai dela em relação a eles e use o punhal para nos libertar desta situação. Mas ela caminha olhando apenas para a frente, com o rosto totalmente calmo. Assusta-me bastante vê-la dessa maneira.

Chegamos aos rochedos, trepamos por eles e olhamos para baixo. Fico quase sem fôlego quando vejo as pessoas do outro lado.

Homens, mulheres, algumas crianças. Cerca de vinte pessoas no total e todas me parecem bem alimentadas. Estão sentadas em volta de uma fogueira a rirem-se. Alguns rapazes lutam amigavelmente na parte de trás desse grupo, e duas mulheres mais velhas estão a coser roupa. Como se fossem uma família...

Sorrio de esguelha para a Meadow. — Talvez isto não seja assim tão mau — digo-lhe baixinho.

Mas ela abana a cabeça, tão discretamente que quase não me dou conta disso. — O fumo — repara ela, com os olhos semicerrados enquanto olha para a fogueira — é preto.

— Preto?

— Não devia ser assim tão escuro — diz-me ela, entre dentes.

Não faço ideia de que é que ela possa estar a falar e não tenho tempo para lhe fazer perguntas, porque os homens nos empurram com as suas armas e nós começamos a descer pelo outro lado dos rochedos.

Todos se alegram quando nos veem. É como um estranho comité de boas-vindas. Dois adolescentes correm para nós, um rapaz e uma rapariga, ambos pequenos como a Dex e, por momentos, a dor das saudades que tenho dela atingem-me em cheio. Não faço ideia do que lhe teria acontecido quando nós nos viemos embora. Se o Rhone assumiu o controlo ou se as Sanguessugas reconquistaram o seu poder.

Estes adolescentes tocam-nos na testa, olham muito para os nossos números de catalogação.

Há uma mulher que sai do grupo. O seu cabelo escuro quase lhe chega aos pés e, quando ela começa a caminhar, toda a gente para. Inclina-se à sua passagem.

Eu, a Meadow e a Sketch ficamos diante dela como três otários, sem sabermos bem o que deveríamos fazer.

— Sou a Medin — diz a mulher. A sua voz é mais suave que a dos homens que nos trouxeram até aqui. Eleva uma mão e toca-me na testa. — Bem-vindos à minha família.

Quero fugir dela, não sei bem porquê, mas sento-me muito quieto, enquanto ela passa as pontas dos dedos pelo meu número de catalogação.

— Um marcado — diz ela. Olha para mim como se eu fosse sagrado, com os olhos muito abertos. — Como é que atravessaste as muralhas?

Olho de lado para a Meadow e para a Sketch. — Estamos à procura do caminho mais curto para o Norte — digo-lhe. — Saberá por acaso como é que lá poderemos chegar?

— Talvez. — A Medin sorri e depois volta a tocar-me na testa. As unhas dela são afiadas e, por momentos, sinto alguma dor. — Mas terás de me dar a resposta. Como é que atravessaram as muralhas?

— Nós...

Ela desvia o polegar. Vejo uma gota do meu sangue na sua pele, vermelha sob a luz do Sol. Ela leva-a à boca e sinto o estômago às voltas.

Ela lambe o meu sangue.

É quando me dou conta de que os seus olhos são encarnados. E, quando ela faz sinal para que toda a gente se aproxime, reparo que os olhos deles também são encarnados. As mãos tremem-lhes, alguns deles parecem ter tiques nervosos.

— Fumo preto — diz-me a Meadow. — Lembro-me agora da história. O Koi contava-ma quando eu era pequena para me assustar... — Em seguida, abre muito os seus olhos cinzentos, retira o punhal da cinta e coloca-o em frente dela. — São antropófagos.

— O que é que isso quer dizer? — pergunta a Sketch.

— *Antropófagos* — repete a Meadow. — Eles comem... pessoas.

— Agarrem-nos! — sibila a Medin para o grupo. — Agarrem os marcados!

O grupo grita de mãos esticadas. Apressam-se na nossa direção e são demasiados para que os possamos derrotar. Afastam-me da Meadow e da Sketch. Consigo ouvir o grito da Meadow quando ela avança de punhal em riste.

Consegue eliminar duas pessoas com as mãos e depois atira-se à Medin, mas a multidão aglomera-se à volta da mulher. São precisos

três homens para controlar a Meadow. Ela usa o regulador para partir o nariz de um. Mas há outros que se lhe seguem.

A Sketch começa a praguejar quando a agarram e, em breve, estamos todos no chão de barriga para baixo em cima da areia, ao lado uns dos outros e de mãos e pés atados.

— Já vi que estamos tramados — ouço a Sketch ao meu lado, a dizer-me em voz baixa. Trata-se de uma observação tão óbvia e tão estúpida que me começo a rir.

A Meadow também se ri e a Sketch junta-se a nós, pois é bom sabermos que estamos juntos nesta alhada.

Mas é uma coisa terrível.

Estamos prestes a ser comidos.

Capítulo 43

Meadow

O lume está bem aceso com chamas altas. A multidão entoava cânticos. Desejo, mais do que nunca, que o meu pai estivesse ali comigo. *Descobre uma saída. Descobre um ponto fraco no teu inimigo e dá cabo dele.*

A voz da minha mãe substitui a dele. *Tu não podes ganhar, Meadow. Nunca vais sobreviver aí...*

Os gritos da Peri acabam por afogar ambas as vozes.

Mordo a minha língua com suficiente força para saborear o sangue, para me forçar a regressar à realidade. Tenho de pensar. Tenho de descobrir uma maneira de poder fugir.

Levaram o meu punhal, não tenho nada afiado para poder cortar as faixas de pano com que me ligaram e, mesmo que tivesse, eu, a Sketch e o Zephyr estamos no meio de todo um grupo. Eles olham todos para nós de olhos esfomeados e com os estômagos a darem horas.

Quase me dá vontade de vomitar.

Ceifar uma vida humana é uma coisa. Mas devorar uma... Ansiar pelo gosto de carne humana... É bastante mais tenebroso do que qualquer coisa que eu tivesse experienciado nos Baixios.

E de súbito não me dou conta. Não me dou conta de que a escuridão e o meu maior inimigo, que o mar me poderia manter em segurança, que eu conhecia cada rua e cada viela tão bem que as conseguia percorrer de olhos fechados e chegar a casa.

O homem que nos capturou, o que tem o tridente, aproxima-se. — Estamos prontos para a loura — sibila ele.

O seu olhar foca-se em mim.

Debruça-se e passa com as lâminas do tridente pelo meu pescoço. Estas tocam no regulador, fazendo um som arranhado. A Medin quer primeiro a caixa negra.

Cuspo-lhe na cara e ele ri-se. A multidão junta-se quando o homem me levanta pelos pulsos atados, depois começa a arrastar-me pela areia.

— Tenho pena que isto tenha acontecido! — digo ao Zephyr e à Sketch, mas já não os consigo ver. Só consigo ouvir uma grande confusão por detrás de mim.

Ouço a voz do Zephyr a gritar: — Levem-me antes a mim! Levem-me a mim em vez dela!

O homem que me está a arrastar para por instantes.

— Para com isso, Zephyr — grito-lhe. Ele precisa de se calar. Precisa de ficar vivo e me deixar morrer, porque ele é bom de mais para a morte.

— Sim, deixa que o levem a ele, Meadow! — grita-me a Sketch, enquanto eles me arrastam para mais longe. — Levem o rapaz! Ele é muito mais gostoso!

— Sketch! — Olho muito para ela. — Mas que diabo...

Nós os três começamos a discutir, a gritar uns com os outros, e a multidão começa a agitar-se, com a sua tagarelice e os seus cânticos.

Mas tudo fica em silêncio quando uma seta vem do céu.

Espetando-se mesmo no meio da testa do meu capturador. Ele deixa-me cair e eu vejo-o do chão, a debater-se por instantes. Até parece uma coisa irrereal, como se tivesse um alvo mesmo no centro da cabeça. Vejo-o sem fôlego e com sangue muito vermelho a sair-lhe da ferida, a escorrer-lhe pela face e a cair na areia.

Tomba então.

Os cânticos da multidão transformam-se em gritos, à medida que mais setas vão chegando, uma após outra, abatendo cada homem, mulher e criança. As pessoas que não são alvejadas dispersam-se e começam a correr pela praia, em busca das linhas de caminho de ferro na distância.

Quando a areia fica tingida de vermelho devido ao sangue, eu, o Zephyr e a Sketch estamos sozinhos.

E então, saindo das árvores, vejo um monstro.

Capítulo 44

Zephyr

Não sei o que é aquela coisa.

Parece-me um amontoado de plantas que caminham.

— Que diabo é aquilo? — vozeia a Sketch. Ela rola pela areia para se poder aproximar mais da Meadow e de mim.

— Cala-te por um minuto, Sketch! — ordena-lhe a Meadow.

Esta consegue sentar-se, ainda com as mãos atadas atrás das costas.

A criatura aproxima-se, a andar sobre duas pernas espessas. Fica à luz do Sol e eu quase me começo a rir. Pois não se trata de modo algum de um monstro. É uma pessoa coberta com folhas de palmeira, arbustos, e outros ramos arrancados.

Eles poderiam ali ter estado durante todo o tempo, escondidos mesmo por detrás da linha onde já não há mais árvores, e ninguém se iria dar conta da sua presença.

Bolas, é fantástico!

Também é bastante assustador.

A Meadow consegue chegar o corpo um pouco mais para trás e põe os pulsos contra as lâminas do tridente do homem que morreu.

Consegue cortar as amarras e pegar no punhal que está esquecido na areia. Corre então para essa pessoa.

Estão com um arco na mão e, quando o rodam para porem uma seta no sítio, a Meadow atira-se ao chão. A seta passa-lhe rente. Ela atira o punhal. A pessoa estende uma mão.

E *apanha-o*, pela lâmina. O sangue corre-lhe da pele e deixa cair o punhal no chão.

— Este foi um disparo de aviso! — Trata-se da voz de um homem. Grossa e profunda. Talvez de alguém já com uma certa idade. — E agora a Martha vai arranjar-me outra para esta mão.

A Meadow fica imóvel, ajoelhada na areia. — Quem é você?

O homem levanta-se, tira a sua máscara de folhas de palmeira e nós vemos-lhe o rosto.

É velho, bronzado, cheio de rugas, com as faces cobertas de manchas provocadas pelo sol. E está a sorrir.

— Vocês são dos Baixios — diz ele, ainda de pé junto da Meadow. Ele é a primeira pessoa que parece conhecer esse nome. O homem acena afirmativamente com a cabeça ao olhar para a tatuagem com o

código de barras. — Vocês têm números de catalogação. Todos os três. Foi essa a única razão pela qual arrisquei a vida para salvar um grupo de idiotas que caiu nas mãos dos Devoradores.

— Então sabe acerca dos Baixios? — A Meadow fecha mais o punho como se estivesse prestes a investir.

— E se souber...?

A Meadow levanta-se, sacode a areia das pernas. — Que é que quer?

— Quero que confies em mim. — O homem ri-se quando ela começa a resmungar e recua um passo. — Se eu vos quisesse matar, já estariam mortos há muito tempo.

Ele passa por ela para vir até junto de mim e da Sketch. Quando se aproxima, retira uma faca feita à mão.

— Se nos tocar, é um homem morto, velhote! — exclama a Sketch. Ela tenta pôr-se de pé, mas começa a cambalear e cai de novo na areia.

O homem suspira e baixa-se para ficar ao nível dela. Ela cospe-lhe na cara, mas isso só o faz rir. — Oh, a Martha vai adorar-te — diz-lhe ele. Faz girar a faca e aponta-a para ela.

Corta-lhe as amarras.

Vem até mim e também corta as minhas.

— Vocês os três fazem um estranho grupo — diz-nos ele, por cima do ombro. Volta a colocar a máscara, depois começa a andar pela praia em direção às árvores, passando pela Meadow.

— Estão cheios de sorte. A Iniciativa ainda não passou hoje por aqui. A esta hora já teriam regressado de onde vieram.

— Então sabe acerca da Iniciativa? — pergunta-lhe a Meadow.

O homem encolhe os ombros. — É claro que sei. Eles também têm postos avançados. O mais próximo fica a cerca de duzentos quilómetros, seguindo os carris. — Suspira. — Eles vão encontrar-vos se vocês não arranjam onde se esconder. O melhor será virem comigo. Para comerem comida verdadeira e para poderem descansar. Vocês os três estão com um péssimo aspeto.

O homem baixa-se e apanha o punhal da Meadow. É quando lhe vejo uma tatuagem por detrás da orelha.

É uma águia com as asas abertas. O mesmo pássaro que a Talan, em tempos, viu numa moeda que achou.

— Uma águia — murmuro. — Que quererá dizer essa marca?

O homem sorri. Trata-se do primeiro sorriso verdadeiro que nos

dirigiu. — Podem decidir vocês mesmos, logo que chegarmos ao sítio para onde vamos.

Ele tenta entregar o punhal à Meadow, estendendo-lhe o cabo. — Chamo-me Ray — diz ele. — E tu?

A Meadow não responde. Em vez disso, recolhe o punhal e não tira os olhos dele.

— É como quiseres. Também há mais Devoradores por aqui. Este é o território deles e eu não vos vou salvar duas vezes. E têm de manter um passo firme. Ainda é uma longa caminhada até casa.

Vejo-o desaparecer por entre as árvores.

Talvez estejamos a arriscar a vida, mas acabamos por segui-lo.

Capítulo 45

Meadow

O Ray corre durante todo o dia.

Seguimo-lo, sem fôlego, e a paisagem muda, de praia para paul e, em seguida, para prados secos.

Chegamos a uma vedação feita com troncos de madeira que se mantêm ligados por espessas cintas de metal. Um rasto de fumo eleva-se do centro e ouvem-se vozes para lá dessa vedação.

— Se querem sobreviver aqui, terão de se juntar aos mais fortes — diz o Ray, apontando para a vedação. — Eles são fortes. E é exatamente por isso que temos de continuar a andar. Vamos.

Entramos num campo de ervas que nos chegam às ancas.

— Onde está toda a gente? — pergunto. — O meu pai disse-me que no Exterior havia muita gente.

— Sim, temos muita gente, não há dúvida — vozeia o Ray, um pouco mais à frente. — Estes são os arredores, minha menina. Essa muralha que rodeia os Baixios... Há quem diga que está amaldiçoada. Muita gente tentou trepar por ela, mas aconteceram coisas más... Paralisia. Morte. Para além disso os Cobradores da Iniciativa vêm sempre por aqui.

Há grilos que nos saltam das ervas para a cara. Afasto-os com as mãos.

Em breve, penetramos numa mancha de árvores. Estas são mais grossas do que as que existem nos Baixios, e há musgo que se pendura nos seus ramos, formando algo semelhante a cortinas. Há uma espécie de cerca ligada a um dos lados dos troncos.

Vejo um letreiro pendurado à entrada, gravado numa velha tábuia. Por momentos, toda eu tremo.

Lembra-me qualquer coisa que o Koi tivesse talhado. Só que se fosse ele, o letreiro teria sido muito mais bonito, mais cheio de vida.

Este sinal tem apenas letras.

THADICUS.

— As pessoas sentem saudade do modo como as coisas costumavam ser, não sei se sabem... — explica o Ray. — Tentam criar coisas com base no passado. Cidades. Governos. Tudo corre muito bem até que os mais fortes cheguem e levem o que não lhes pertence.

Entramos em Thadicus.

Ou no que ainda resta desse lugar.

Vê-se uma pequena clareira natural entre as árvores. Em tempos teria sido um ótimo lugar para acampar. Há restos de abrigos feitos de tábuas e de troncos. Alguns caíram, como membros partidos. Outros parecem ter sido desprovidos dos ramos mais fortes, talvez para construções noutros locais. Uma velha boneca sem cabeça está sentada num monte de folhas e, espalhados em volta dela, veem-se restos de fogueiras, como cicatrizes na terra.

Algo me chama a atenção ao fundo da clareira.

Uma corda que oscila presa de uns ramos baixos.

Um esqueleto está pendurado nessa corda. Sinto o estômago às voltas. Não tem mãos.

— Que aconteceu aqui? — pergunto, entre dentes.

O Ray imobiliza-se ao meu lado. — A morte — declara ele simplesmente e, em seguida, encolhe os ombros. — Mas isto não é nada. Bem-vinda ao Exterior, minha menina. A partir daqui, as coisas só podem piorar.

Capítulo 46

Zephyr

Num momento, estamos a andar por entre as árvores, a abrir caminho por entre o musgo e os ramos para, logo de seguida, já estarmos numa estrada de cimento. A quilómetros de distância, os contornos de uma cidade elevam-se como fantasmas.

É aqui que começam os campos.

É um pouco como a Reserva nos Baixios, montões e montões de tendas por todo o lado. Abrigos improvisados com as coisas que as pessoas conseguem encontrar. Velhas latas de metal, paus, portas arrancadas a casas, redes de janelas, pedaços de oleado. Passamos e ninguém nos presta atenção. A princípio vemos apenas algumas pessoas, aqui e ali. Mas, quanto mais andamos, mais gente vamos vendo.

É como nos Baixios, caras e vozes sem conta que surgem por todo o lado. A única diferença é que, aqui, o espaço nunca mais acaba. Este lugar não se encontra rodeado por um Perímetro.

O que quer dizer que deve aqui haver talvez muito mais pessoas do que alguma vez os Baixios poderiam comportar. Imagino que o Complexo dos Assassinos ainda me poderá alcançar neste lugar. Imagino todas estas pessoas com números de catalogação, à espera de serem escolhidas por Doentes como eu.

Mas até agora o sistema não se fez notar.

Por enquanto sinto-me mais forte, melhor.

Se não fosse a missão da Meadow, seria um homem livre.

A Sketch está a andar ao meu lado e a Meadow não está muito longe.

— Já reparaste que este poderia ser o nosso novo mundo? — pergunto-lhe.

Ela dá um pontapé num pequeno monte de lixo que se encontra no caminho. — Que queres tu dizer?

Suspiro. — Quero dizer que já o seria se não tivéssemos de ir até ao Cume.

Ela olha em frente, observando bem as ruas cheias de multidão. — Onde queres chegar, Zero?

— Estamos a seguir a Meadow, como rafeiros sem dono, renunciando à nossa liberdade por causa de uma missão que, para

começar, até nem é a nossa. Será que isso não te incomoda?

— Não — diz-me ela de imediato. Depois engole em seco. — Não lhe digas que eu concordo contigo. Nem sequer lhe digas que falámos no assunto.

Aqui estou eu, neste espaço aberto, num mundo sem muros. E, no entanto, continuo a andar em direção ao Perímetro. Uma nova gaiola onde me fechar.

É quando a Meadow olha para nós por cima do ombro. Dou-me conta de que vamos a andar mais vagorosamente. — Vocês estão bem? — pergunta ela. Há uma certa preocupação nos seus olhos, uma ruga no seu número de catalogação que me diz que ela está preocupada conosco.

E isso faz com que eu sinta um aperto no peito.

Porque, por vezes, fazemos coisas estúpidas às pessoas que são importantes para nós.

E bolas, mesmo quando me magoa, preocupo-me com esta rapariga.

— Estamos ótimos, Woodson — responde a Sketch, tentando afastar a Meadow com uma mão. Depois, volta a olhar para mim.

— Não te estava a dizer isso porque quisesse desistir — digo-lhe eu. — Estava a comentar isso contigo porque tinha de saber que, se eu estou metido nesta tarefa, tu também estarias... — Baixo mais a voz. — É óbvio que ela, ultimamente... não é bem ela mesma.

Ela ri-se. — Isso é pôr as coisas de um modo suave e otimista, Zero. Olho-a nos olhos cor de âmbar. — Tenho de descobrir uma maneira de podermos continuar quando as coisas se complicarem, quando quisermos desistir da missão da Meadow.

A Sketch coça a face.

E depois dá-me um murro na cara.

Eu cambaleio um pouco para trás, demasiado surpreso para fazer o que quer que seja, e cuspiendo sangue. — Mas que bicho te mordeu?

Ela ri-se, um som um pouco louco que significa que gostou de fazer o que fez. — Se começares a duvidar, comes. Combinados?

Esfrego a sensação de ardor que sinto na testa. Em seguida, aceno afirmativamente com a cabeça e tento dar-lhe um murro.

Ela protege-se.

— Tens de fazer bem melhor do que isso, Zero. Bem, penso que devíamos continuar a andar antes de transformarmos isto numa guerra aberta.

O dia torna-se cada vez mais quente e não sabemos bem há quanto tempo temos vindo a caminhar. Dou-me conta, à medida que avançamos, de que isto não é apenas para a Meadow. Também o é para mim. Estou a olhar para coisas que nunca vi. Estou no meio de um mundo que eu nunca pensei poder ver.

As tendas estendem-se até ao fundo da rua, até o caminho ficar bloqueado.

Trata-se de um grande cemitério de metal.

— O que é aquilo? — pergunta a Sketch.

Ela aponta para o local em que a estrada está cheia de pedaços de metal sobre rodas, centenas deles por ali espalhados, estragados e esquecidos. É um pouco como os barcos encalhados nos Baixios. Alguns deles têm janelas partidas. Há pedaços de vidro espalhados pela estrada e estes capturam a luz e brilham como gotas de fogo líquido.

— São automóveis — esclarece o Ray.

Vejo-o a apontar para um que é verde.

E, ao olhar para aquela cor, uma memória apossa-se de mim.

Sou um rapazinho a treinar métodos de combate na Sede da Iniciativa. Há um guarda atrás de mim, a murmurar qualquer coisa para os seus camaradas.

— O verde, pá — diz ele. — Que é que achas?

O outro guarda ri-se. — Acho que és um idiota.

— Zephyr? — A Meadow toca-me no ombro. — Será que me ouviste?

Pestanejo, ainda a olhar para o carro verde. Essa memória evanece-se. Mas era real. Sei que era. Consigo aperceber-me da diferença das que realmente tive e das que as Sanguessugas me implantaram. É como beber água salgada em vez de água doce.

Trata-se de uma grande diferença.

— Estou bem — respondo-lhe, ainda a pestanejar. — Acredita que estou bem.

A Meadow franze o sobrolho. As linhas do seu número de catalogação tornam-se mais lisas. — Não te perguntei se estavas bem. — Observa-me durante uns instantes, com a preocupação a espelhar-se-lhe nos olhos. — Será o sistema?

— Não — digo-lhe eu. — Não é nada!

O Ray continua, explicando-nos que carros são aqueles. — São

veículos pequenos, melhores do que comboios. Mas é preciso gasolina para os pormos a funcionar. E não temos nenhuma de momento. Continuemos... Não queremos ser apanhados aqui fora quando cair a noite.

— Finalmente uma coisa em que estamos todos de acordo — diz a Sketch. — Vamos, Woodson.

A Meadow dirige-me um último olhar, antes de seguir a outra.

Caminhamos em direção à cidade, abrindo caminho por entre os carros. Deixo que as pontas dos meus dedos lhes toquem na chapa escaldante. As minhas botas parecem mastigar vidro partido.

Durante todo este tempo, tenho a impressão de estar preso num sonho.

Capítulo 47

Meadow

Quando era pequena, costumava pensar que os Baixios eram enormes.

Os edifícios eram mais altos do que eu alguma vez poderia ser e, ao meu lado, faziam-me sentir impossivelmente pequena.

Mas os Baixios em nada se poderiam comparar com esta cidade.

Aqui, existe o triplo dos edifícios, elevando-se para o céu, como uma floresta feita pelo Homem. Alguns deles não têm a parte de cima e os outros têm as paredes laterais a cair.

Os sons de vida elevam-se como um murmúrio de fantasmas, tornando-se mais altos e mais distintos à medida que nos aproximamos. Paramos à entrada, no momento em que a noite acaba de cair.

As cores da cidade emudecem à noite, pretos, brancos e cinzentos, e eu sinto, por instantes, o aparecimento da ira que me assaltava antes das Horas da Escuridão.

Mas não existe Sirene Noturna. Isto *não é* como o sítio onde costumávamos viver.

Entramos na cidade.

A princípio, as pessoas assemelham-se a cadáveres que andassem por aí. Mas depois mexem-se, põem-se de pé, falam, e eu estou a olhar para os olhos de mortos vivos.

São todos só pele e osso.

Têm os olhos encovados, ancas salientes, e ombros que parecem romper e surgir através de uma pele suja.

Estão completamente esfomeados. Pensei que, nos Baixios, passássemos muita fome. Mas tínhamos rações alimentares. Tínhamos empregos onde podíamos trabalhar para ganharmos comida suficiente para podermos sobreviver.

Aqui não existe nenhum Salão de Rações Alimentares. Não há empregos nem pagamentos. Há apenas a esperança de encontrarmos qualquer coisa para podermos sobreviver.

Isto é muito diferente de qualquer coisa que eu tivesse visto.

Tantas pessoas espalhadas, bem mais do que nos Baixios... É como se as ruas da cidade tivessem sido transformadas em casas. Há abrigos

em todo o palmo de espaço, contra prédios, em contentores de lixo, em escadas de segurança, até se veem pedaços de oleado que esvoaçam ao vento nos telhados. O cheiro é como no Cemitério, só que este é mais fresco e está sempre a mudar. Nesta cidade, onde tudo se amontoa, com os edifícios tão encostados uns aos outros, o vento não consegue penetrar convenientemente para suavizar o mau cheiro.

Há fogueiras acesas por todo o lado. Ouço crianças a chorar e penso por que razão alguém as quis trazer a este mundo.

Penso nos Baixios, com a sua multidão.

Mas neles, por vezes, conseguíamos encontrar espaço para respirar. Aqui nunca poderíamos fazer isso.

Seguimos o Ray por uma espécie de caminho. Há quem lhe estenda as mãos, vozes que o chamam, enquanto outros o evitam. Mas uma coisa é constante.

Conhecem-no.

E deixam-nos passar.

Chegamos ao fim de uma rua e voltamos à direita noutra.

Há mais pessoas aqui, mais abrigos. Tudo se esbate numa espécie de mancha desfocada.

Penso na minha mãe. Ela fez-lhes isto, deu-lhes a maldição de uma vida sem morte. E estas pessoas parecem estar cheias de vontade de morrer.

— Estamos quase lá — diz-nos o Ray, por cima do ombro.

Ele para diante de um edifício com uma grande boca por baixo, que conduz a umas caves escuras. Um espesso gradeamento em metal cobre a entrada, e vejo três guardas armados por detrás da mesma.

Quando veem o Ray, os guardas levantam uma corrente pesada. O gradeamento geme e começa a erguer-se em direção ao teto.

— Nunca vi nada como isto — digo ao Zephyr, enquanto esperamos.

— É uma garagem para carros — esclarece o Ray, voltando-se para nós. — Desce bastante abaixo do nível do chão e é... Ah, pois bem, logo irão ver — observa, enquanto nós olhamos muito para o homem, como se ele fosse doido ou falasse uma outra língua. — Vocês os três, juro, é como se não tivessem tido uma vida antes. Esqueço-me de que tudo o que conhecem é essa maldita cidade murada. Venham então. Vamos.

Seguimos o Ray até à escuridão. O chão inclina-se para baixo, cada vez mais, e depois viramos abruptamente à esquerda.

Continuamos a descer. As paredes rodeiam-nos por todos os lados. O teto é baixo, feito de cimento. Sinto-me incrivelmente pequena, como se o peso, por cima das nossas cabeças, nos pudesse esmagar a qualquer momento. Mas está mais fresco, aqui em baixo.

Vejo tochas a tremeluzir mais adiante e uma outra cancela, feita de pedaços descartados de metal, que, originalmente, não fariam parte deste lugar. Mais guardas armados. O Ray chama-os, eles erguem a cancela e deixam-nos passar.

Vejo um símbolo pintado na parede. Um pássaro poderoso iluminado por tochas bruxuleantes. Uma águia. Era o símbolo do nosso país antes da Queda. Nesta altura, esse pássaro é uma coisa do passado. Ou costumava ser, até agora.

Quanto mais descemos e mais voltas damos, mais letreiros vemos pintados nas paredes. Mais águias. Um logótipo onde se lê *NOVA MILÍCIA DOS EUA*.

O Ray toca-lhe com as pontas dos dedos e murmura algo entre dentes.

Chegamos até uma terceira cancela improvisada e há mais guardas que saúdam o Ray quando chegamos.

A cancela ergue-se lentamente.

— Bem-vindos ao Posto Avançado — diz o Ray.

Ouçõs vozes. Confusão, o zumbido de um gerador. Vejo uma luz trémula.

Só consigo dar uma olhadela lá para dentro. Uma mesa com homens, sentados à volta, muito entretidos a conversar. Veem-se ecrãs de computador e um grande mapa pregado numa parede. Quartos divididos por lençóis. Uma reserva de armas e comida. Camas de lona dobráveis alinhavam-se junto às paredes, e há lanternas que brilham como olhos vigilantes.

Estou quase a perguntar o que é esse Posto Avançado e o que estamos ali a fazer, quando, de súbito, sinto qualquer coisa quente e espessa a sair-me do nariz.

Toco-lhe e desvio logo os dedos. Estão cheios de sangue.

— Estou... a sangrar — digo.

Todos se voltam para olharem para mim. O sangue começa a escorrer como uma cascata. Sinto a cabeça leve e confusa e, de súbito, o mundo começa a desfocar-se. As palavras murmuradas pela minha mãe cantam-me na alma e, finalmente, sei que são verdadeiras.

Caio. O meu regulador embate no chão.

A última coisa que vejo antes de ficar tudo escuro é um homem

vestido de branco.

Este fita-me com olhos frios e calculistas.

Capítulo 48

Zephyr

— Para de gritar, Sketch — resmungo. — Ainda vais acordar a Meadow.

— Esta otária pensa que me pode pentear as rastas — resmunga a Sketch. Está sentada ao meu lado, num sofá de couro partido. Martha, a mulher do Ray, há já uma hora que tem estado a tentar meter-lhe o pente no cabelo.

— Se estivesse sentada e não te mexesses muito, talvez pudesse remediar as coisas — observa a Martha. É velha, tem cabelo cinzento e o rosto percorrido por inúmeras rugas, mas tem uns olhos simpáticos. Deu-nos comida que retirou de latas. Algo doce e salgado, a que chamam pêssegos. Deixou que nos lavássemos numa bacia e deu-nos roupa lavada para vestir. Botas novas, quem sabe se de membros da Milícia que tivessem morrido, mas que se ajustavam bem aos meus pés.

Pela primeira vez, sinto os cuidados e a preocupação de um estranho. Será que era assim que as coisas se passavam? Se eu tivesse crescido numa verdadeira família, e não numa que tivesse sido inventada?

O Ray está sentado numa cadeira diante de nós, a beber água fervida de uma lata. Ri-se entre dentes ao olhar para a Sketch. — Chegámos a ter netos, há muito tempo. O melhor é deixares que a Martha se entretenha a tratar-te do cabelo.

A idosa volta a tentar meter-lhe o pente, e a Sketch grita como uma criança birrenta dos Programados.

Quero que ela pare.

Mas, por outro lado, se ela não o fizer, talvez a Meadow acorde.

Quando ela caiu, o Ray mandou chamar um homem a quem chamam o *Cirurgião*. Tinha umas mãos firmes e uns olhos frios. Levou a Meadow, e agora estou aqui sentado, numa sala de hospital improvisada, à espera.

À espera.

E a esperar ainda mais.

Consigo ouvir pequenos bipes regulares a um canto da sala, onde ela se encontra por detrás de uma parede de lençóis, e estou ansioso por alguma informação acerca dela.

— Pareces um cachorro doente — diz-me a Sketch. — A Woodson vai ficar bem, Zero, confia no que te digo!

— E que sabes tu disso? — pergunto-lhe, à medida que sacudo as botas dos pés.

A Sketch resmunga quando a Martha volta a tentar penteá-la. — As Sanguessugas não lhe teriam posto essa coisa na cabeça se soubessem que a iria matar... Ela vai ficar bem.

— E se o Cirurgião fizer um mau trabalho ao retirar o aparelho? — pergunto.

A Sketch encolhe os ombros. — A Woodson quer morrer, Zero. Ambos sabemos disso...

— Não, até ter a família dela em liberdade.

A Martha estende uma mão e toca-me no ombro. — O Cirurgião faz um ótimo trabalho, meu rapaz. Descontra-te e descansa. Estás com um ar muito cansado.

As suas palavras são simples e estúpidas, mas a voz dela é muito apaziguadora. Se eu tivesse uma verdadeira avó, imagino que ela me teria podido acalmar tal como a Martha está a tentar fazer agora.

Olho em volta do Posto Avançado. É o lugar mais bonito onde estive, à exceção da Sede das Sanguessugas. Tem toda a espécie de tecnologia. Geradores que nos dão luz. Mapas do Exterior. Rádios, armas, comida, roupa, até remédios, embora eu ache que estes não são usados do mesmo modo, não depois de terem a Cura.

Quero saber quem eles são, o que têm andado a fazer, e por que motivo nos convidaram, quando, em vez de nós, poderiam ter escolhido outras pessoas.

Porém, não importa o número de perguntas que lhes faço, não me respondem.

— Quando o general vier, logo decidirá o que vos dizer — diz o Ray. De modo que esperamos.

As horas passam, adormeço e volto a acordar várias vezes. Como qualquer coisa que se chama feijões refritos e, se não estivesse tão preocupado com a Meadow, acho que teria adorado o seu sabor.

Finalmente, o Cirurgião abre a cortina. Tem sangue nas mãos e nas roupas brancas. A enfermeira surge atrás dele.

Ponho-me de pé e a Sketch faz o mesmo.

— Não conseguimos retirá-lo — informa ele. Cai-me o coração aos pés. — Pudemos, no entanto, retirar o sistema informático que estava lá dentro e aliviar-lhe o peso. Já está desligado. Mesmo que a

Iniciativa a tentasse contactar através dele, não seria capaz. Não tenho os instrumentos que me permitiriam removê-lo da espinha, sem pôr a sua vida em perigo, ou sem arriscar a que ela ficasse paralítica.

— E não pode... simplesmente arrancá-lo? — pergunta a Sketch.

O Cirurgião abana a cabeça. — Ela vai ficar bem. Pensamos que o sistema dentro da caixa a estava a afetar. Felizmente, sem esse mecanismo em funcionamento, os seus sintomas irão melhorar e, por fim, acabarão por desaparecer.

Há algo que se esconde por detrás dos seus olhos cansados.

Algo que me parece ser uma mentira.

— Tem a certeza que é tudo? — pergunto-lhe.

O Cirurgião começa a ficar um pouco inquieto. — Sim, é tudo. Em seguida, vai limpar-se.

A Sketch volta a sentar-se no sofá e dá-me um toque na perna com a bota.

— Vai vê-la, Zero. Já começo a ficar farta dessa tua cara.

Abro a cortina e entro no pequeno quarto da Meadow. Puxo uma cadeira de metal junto à sua cama e pego-lhe nas mãos. Bolas, como ela é bonita a dormir! Com a cabeça em cima da almofada, feita de um velho saco de farinha, é difícil imaginar que ainda tenha o regulador ligado à parte de trás da cabeça. Mas, pelo menos, já não está a funcionar, já não a podem atormentar mais.

Espero.

Os seus lábios são carnudos, entreabertos.

Levanto-me, sem fazer barulho, e inclino-me para lhe dar um beijo. — Tive saudades tuas — murmuro. Os meus lábios estão quase a tocar-lhe quando ela abre os olhos.

Em choque, tenta recuperar o fôlego. Antes mesmo que eu me possa desviar, dá-me uma cabeçada.

Capítulo 49

Meadow

Pu-lo a dormir.

Na verdade, pus o Zephyr a dormir com uma cabeçada.

Trata-se de uma tática que o meu irmão Koi sempre me encorajou a experimentar, mas eu nunca a quis tentar, com receio de que não funcionasse. Afinal, parece que resulta.

Saio da cama para ajudar o Zephyr que está a gemer e a tentar sentar-se.

— Estava a tentar *beijar-te!* — confessa ele. — Que diabo...

Já lhe vejo um galo arroxeadado na cabeça, por cima do seu número de catalogação, mas ele não parece estar muito preocupado consigo. Põe-se de pé, sacode-se e depois estende uma mão para me desviar um caracol do rosto.

— Meadow, acabaram de te operar, será que não sentes cansaço?

Abano a cabeça. Sinto-me mais forte do que nunca, como se pudesse correr durante horas sem parar. As palavras da minha mãe cantam para mim desde a profundidade. *Apenas alguns dias...* Eu engulo-as, tento escondê-las.

Sinto algo pesado no pescoço e na nuca. O regulador ainda está ligado a mim como um parasita.

— Tentaram retirar-to — diz o Zephyr. — Mas não conseguiram. No entanto, desligaram-no. Pensamos que o sistema era de mais para que pudesses lidar com ele. Em princípio, não irás continuar a ter sintomas.

Aceno afirmativamente com a cabeça.

Mas ele está enganado. Não é o regulador que me está a fazer sofrer. É o segredo da minha mãe. E agora acredito nele, sem sombra de dúvida.

O Zephyr volta a sentar-se na cadeira. — Estava preocupado contigo. — Tem os olhos muito abertos, verdes como a erva viçosa. A sua mão, quente e macia, pousa-me na face. Inclino-me para ela e fecho os olhos. Poderia aqui ficar para sempre, sossegada.

— Porquê? — pergunto-lhe. Dou-me conta de que estes momentos são preciosos. Mesmo que eu me recuse a admiti-lo, mesmo que eu não o diga. — Lamento, tudo o que se tem vindo a passar. Isto não é nada fácil, como deves saber.

— Bem sei, Meadow — concorda ele. — É por isso que ainda aqui estou. E também pelo facto de a Sketch poder dar um bom murro.

Não sei do que ele possa estar a falar. Mas, neste momento, também não estou muito preocupada com isso.

Torno-me egoísta quando ele está ao pé de mim.

— Vem cá — murmuro —, quero pedir-te desculpa.

— Não tens de me pedir qualquer desculpa — diz ele. Sinto-o a inclinar-se mais para mim, sinto o seu hálito quente na minha face. Tem os lábios quase contra os meus quando alguém abre a cortina em volta da cama.

— Então é assim? — diz a Sketch, com as mãos nas ancas. — Só de vos ver já me sinto agoniada.

O Zephyr resmunga e afasta-se. — Que é que tu queres, Sketch?

Ela franze o sobrolho. — O general já chegou e quer ver-nos. Agora mesmo.

Capítulo 50

Zephyr

A primeira coisa que me chama a atenção no general são os olhos. São de um castanho-escuro profundo, tão escuro que quase poderiam ser pretos.

Vejo-o sentado a uma mesa de metal, à espera.

Está vestido com uma farda verde e, no peito, tem uma velha mancha esbatida. Um retângulo com riscas brancas e vermelhas e, no canto superior esquerdo, um quadrado azul salpicado de estrelas brancas. Trata-se de um símbolo que eu já vi antes, numa outra coisa de antes da Queda, que a Talan tivesse colecionado num estúpido livro muito manuseado. Fixei no entanto esse símbolo. Uma bandeira.

— Bem-vindos ao Posto Avançado — diz ele. Tem o cabelo grisalho. Fá-lo parecer que conhece milhões de coisas de que eu nunca virei a ter conhecimento. — Sentem-se, por favor.

A Meadow e a Sketch sentam-se. Sento-me ao lado delas, em silêncio, até a Sketch abrir a boca.

— Quem é você? — pergunta ela. — Como é que tem acesso a um local tão bonito como este quando o resto das pessoas vive no inferno?

O general olha para mim quando fala. — O meu nome é George Jenkins, general da Nova Milícia dos Estados Unidos da América — diz ele. Senta-se muito direito na cadeira como se tivesse engolido um garfo. — Vocês os três têm muita sorte em estar vivos. O Local de Testes N.º Três não é um sítio fácil onde sobreviver.

— Isso é o que nós fazemos melhor — observa a Meadow. — Sobrevivemos. Aparentemente é isso que o senhor e o seu povo também fazem. — Inclina-se para a frente e, se bem que esteja a olhar o general nos olhos, sei que ela está atenta a tudo o que se passa.

Ela ainda não tem confiança neste lugar.

E talvez eu também não devesse ter, mas é agradável estar num sítio onde nos sentimos em segurança. Um sítio onde nos sentimos seguros, com gradeamentos, paredes, armas e comida.

— Sobreviver é, aparentemente, tudo o que podemos fazer no mundo de hoje — diz o general.

— Não há dúvida — concorda a Meadow. — Eu sobrevivo para os amigos que estão aqui comigo e para a minha família. O que me interessa, general, é saber para que é que o senhor sobrevive.

Vejo-lhe um sorriso aberto. — É precisamente essa a pergunta que eu estava à espera que me fizesse, menina Woodson.

Como é que ele sabia o nome dela?

A Meadow fecha os punhos e semicerra os olhos, enquanto a sua mão se dirige para o punhal que tem à cintura, mas, antes mesmo que ela possa ir mais longe, o general levanta uma mão.

— Não tem necessidade de se defender aqui. Estou apenas a dizer-lhe o óbvio. — Faz então um sinal para que um dos seus soldados se aproxime.

Um homem vem até junto de nós com um ficheiro na mão. O general pega nele, folheia-o até encontrar aquilo de que estava à procura. Põe umas folhas de papel em cima da mesa, à nossa frente, e abana-as diante dos nossos olhos.

Sinto uma comichão na garganta. É uma cópia do artigo que eu e a Meadow vimos nos Baixios, na velha unidade de armazenamento que pertencia à mãe dela. Vejo o rosto da Lark na primeira página, feliz e a sorrir, com um par de tesouras na mão. Está de pé, diante do Perímetro, prestes a inaugurar os Baixios.

— A menina é mesmo a cara dela! — diz o general. — Foi por isso que, inicialmente, eu receava a reação que pudesse ter, ao dizer-lhe que a razão pela qual sobrevivo é para pôr um fim ao que a sua mãe começou.

A Meadow continua sentada em silêncio e ele prossegue:

— Qualquer pessoa relacionada com essa mulher deverá simpatizar com a sua causa... Mas depois vi o aparelho que ela tem preso à nuca. Vi os «X» tatuados na parte de trás do pescoço dos seus companheiros, e pensei por que motivo a Lark Woodson, a Criadora da Cura para a Eternidade, a Criadora do Complexo dos Assassinos e dos Baixios, iria permitir que a filha usasse um aparelho desses... Melhor ainda, por que a teria deixado fugir?

A Meadow baixa os olhos e fixa-os nas mãos. Respira fundo e, quando responde, a sua voz é gelada. — Porque ela morreu — diz-lhe, entre dentes. — E... eu sou a razão pela qual isso aconteceu.

O general bate com a ponta dos dedos na mesa.

— Se isso é verdade, minha menina, e espero bem que sim, então convidamo-la a ficar aqui, a juntar-se a nós, ou então a ir-se embora em paz. Mas, primeiro, creio que temos de trocar algumas histórias. Logo decidiremos se estamos no mesmo lado ou não. — Tamborila com os dedos no papel à nossa frente. — Primeiro quero ouvir a sua história, menina Woodson, se não se importa.

A Meadow olha para mim e depois para a Sketch. Consigo sentir a

sua mente a trabalhar, a calcular a quantidade de informação que lhe deverá transmitir, a tentar apurar se poderá confiar nele, ou não.

Finalmente, sorri e acena afirmativamente com a cabeça. — Claro, general.

Depois encosta-se melhor na cadeira, põe as mãos no colo e começa a contar-lhe a nossa história.

Capítulo 51

Meadow

O meu pai disse-me uma vez que nunca devemos partilhar com outros toda a verdade acerca das nossas vidas.

Disse-me que era como entregar a outras pessoas pedaços da nossa alma e que, se dermos aos outros muitos desses pedaços, acabamos por perder a nossa força.

Por causa dele, toda a minha vida tem sido feita de meias-verdades e de mentiras.

A minha mãe não era a pessoa que eu julgava que era, porque o meu pai me ocultou parte da história. O meu passado, até mesmo o meu próprio corpo, nunca foram coisas que eu tivesse conhecido plenamente, porque a minha mãe escolheu não mo contar.

Hoje, continuo com esse mesmo padrão.

Conto ao general *quase todos* os detalhes mais sórdidos. Informo-o acerca de quem são o Zephyr e a Sketch e de como eles lutaram contra o sistema. Dou-lhe conta do número de pessoas que matei para poder sobreviver, dos comboios azuis e vermelhos que passam pelos Baixios, acerca do meu trabalho no Salão das Rações Alimentares, e de como a Orion era um membro infiltrado da Resistência. Explico-lhe a verdade acerca da minha mãe, com parte de mim a sorrir ao dar-me conta de que ela morreu. De como a outra parte de mim desejava que ela pudesse voltar para mudar as coisas para melhor. Conto-lhe o que aconteceu na Sede. A Sketch arrepia-se quando menciono ao general a tortura que nos foi imposta. Ponho-o ao corrente acerca do Sistema Informático Central e do facto de, quando a minha mãe morreu, os Doentes se terem juntado para se vingarem da Iniciativa, devido ao mecanismo de segurança da sua autoria.

Conto-lhe de que modo a minha família foi separada de mim. Como estou a tentar chegar ao Cume, para os poder libertar, para que possamos estar juntos e livres no Exterior.

O que não lhe digo é o segredo da minha mãe e a verdade acerca da minha mente. Acerca da minha ligação ao Complexo dos Assassinos. De como o verdadeiro modo de o aniquilar, de uma vez por todas, será através da minha morte. Nem todos são dignos de confiança neste mundo e, até que eu conheça a história dele, não lhe irei dar esse pedaço de mim mesma.

Não sei por quanto tempo ali fico a falar. A Sketch e o Zephyr ajudam-me a preencher os espaços em branco, falam acerca de tudo o

que o Complexo dos Assassinos lhes fez, de quantas pessoas mataram sem terem o poder do autocontrole.

Quando acabamos o nosso relato, dou-me conta de que todos os soldados nos estiveram a ouvir.

Apercebo-me de que eles parecem ter visto os fantasmas dos seus entes queridos levantarem-se das campas.

O general pigarreia. Gesticula novamente para um dos seus soldados. Desta vez esse homem entrega-lhe um pequeno copo e uma garrafa com um líquido cor de âmbar. O general abre-a, põe um pouco desse líquido no copo e bebe-o de um trago.

Do outro lado da mesa consigo sentir-lhe o cheiro pungente. Franzo o nariz em jeito de repulsa.

— Que grande história me contou — diz ele, e volta a encher o copo. — E uma que eu sei que é verdadeira. Há já algum tempo que temos vindo a seguir as manobras da Iniciativa. Lamento o que eles vos fizeram a todos. Também lamento o que irei ter de vos mostrar a seguir.

— Ora bolas! — exclama a Sketch. Ela suspira, depois inclina-se para a frente e pega na garrafa de líquido do general. Atira a cabeça para trás, bebe umas goladas e começa a tossir. — Será melhor começarmos já com isto.

Capítulo 52

Zephyr

— Vamos dar uma volta — sugere-nos o general.

Leva-nos para fora da sala para uma zona mais alta da garagem de estacionamento, até chegarmos à entrada. Os dois soldados, que tínhamos aí visto, ainda continuam de guarda. Quando veem o general, levam as palmas das mãos às sobrelanceiras com um gesto rígido. Depois, ficam imóveis como estátuas.

— À vontade — diz-lhes o general. Os soldados descontraem-se. — Gostaria de levar estes meus visitantes à Gávea.

Há uma porta na parede e os homens do general destrancam-na. Esta abre-se com uma nuvem de pó e, por detrás dela, vejo uns degraus de cimento, que conduzem a uma área escura.

A Sketch resmunga. — Antes de ter bebido, podiam-me ter dito que ia haver muitos degraus.

O general não se ri. Começo a pensar que ele talvez seja um otário, reparando também no facto de as suas calças serem muito apertadas em certos sítios. Ele passa por nós e começa a subir o primeiro vão de escadas.

Nós seguimo-lo.

Aquilo nunca mais acaba.

Todos os andares estão marcados com números vermelhos muito vivos, pintados nas paredes. Quando chegamos a um outro andar, já estou encharcado em suor. Mas é agradável termos de nos mexer. É bom subir estas escadas pois vamos a caminho de respostas.

E, desde que saímos dos Baixos, sei que todos temos perguntas que necessitam de ser respondidas, especialmente a Meadow.

Ela caminha atrás de mim e, quanto mais alto subimos, mais lhe custa respirar. Não é normal para uma pessoa que poderia correr bem mais do que eu durante dez minutos e apenas suar ligeiramente.

Olho por cima do ombro, à medida que vamos subindo. — Estás bem?

A palidez invade-lhe o rosto. Os seus lábios têm um aspeto terrível, pois estão brancos como uma folha de papel.

Isto não é nada característico dela.

Penso no dia anterior, quando o nariz lhe começou a sangrar e ela

caiu que nem uma mosca. Ela não vai gostar, mas eu paro e espero que ela me alcance. Talvez esteja cansada devido à operação. Ponho-lhe um braço em volta da cintura e continuo a subir ao lado dela.

— Não preciso de ajuda — afirma.

— Não me interessa — respondo-lhe.

Este é o jogo que temos vindo a jogar desde que abandonámos os Baixios. Um comentário azedo após outro. Ela é muito teimosa.

Eu também posso ser extremamente teimoso.

Ajudo-a mais ao tentar transferir para mim algum do seu peso. Agora, estou praticamente a levá-la pelas escadas acima.

— Já te disse que estou bem, Zephyr. — A Meadow olha muito para mim.

Rio-me porque não o consigo evitar. — Estás a agir como uma...

— Bem sei — diz ela. Suspira e encosta a cabeça ao meu ombro. — Bem sei...

Passamos pelo andar vinte, pelo trinta.

Durante todo este tempo, o general continua à nossa frente e não olha para trás.

Numa dada altura, vemos um buraco na parede, como se alguma coisa tivesse rebentado por aí. Tentamos abrir caminho através dos destroços e continuamos a andar, até atingirmos o último vão de escadas.

É quando vemos um escadote de metal pregado à parede que se dirige ao teto.

O general é o primeiro a subir, trepando por ele com os pés e com as mãos. Abre em seguida um alçapão e desaparece no ar fresco da noite.

A Sketch segue-o, a protestar como sempre.

Sinto o peso da Meadow contra o meu ombro. Ajudo-a a subir pelo escadote. Ela encosta-se a ele e, quando respira, consigo ouvir-lhe uma chiadeira asmática na garganta.

— Descansa por momentos — recomendo-lhe.

— Não preciso de descansar — protesta ela. — Consigo fazer isto. — A sua voz não me parece lá muito convincente. Olha para mim com uns olhos tristes e cinzentos, os mesmos que eu estou à espera de ver há já algum tempo.

Ela agora está aqui. Está comigo e está em segurança.

Mas não é a mesma.

— Há qualquer coisa que se está a passar contigo — digo-lhe. — Precisamos de pedir ajuda, Meadow.

— Estou apenas um pouco cansada.

— Pois é isso mesmo — digo eu logo. — Tu não te costumavas cansar. Não a Meadow que eu conheço.

Vejo-a abanar a cabeça.

Quando fala, olha-me muito nos olhos e fico assombrado com o que vejo. — A Meadow que *tu conheceste* morreu.

Volta-se, agarra-se melhor ao escadote e continua, em direção ao céu.

Capítulo 53

Meadow

Estamos no topo do edifício mais alto da cidade.

Se eu não estivesse já sem fôlego, esta vista ter-mo-ia tirado.

Ali em cima, conseguimos ver através de uma extensão de quilómetros. Os edifícios continuam e, para lá da escuridão, consigo ver outros locais.

Florestas.

Pedaços de terreno planos e escuros e longas estradas que continuam para lado nenhum, ou para algum lado, dependendo de como vemos as coisas.

O mundo é afinal *muito* grande. Sinto-me tão pequena como uma concha da praia, como se o Exterior fosse uma onda gigantesca que me pudesse esmagar.

O general leva-nos até à beira do edifício, onde uma mulher sentada parece estar à nossa espera.

Diante dela, vejo o que me parece ser um longo tubo de metal, que o luar enche de um brilho oleoso.

Quando ela nos vê, põe-se de pé e saúda o general. Tem um cabelo ruivo da cor do sangue, e no ombro nu, com um tamanho grande e ousado, vejo a mesma águia tatuada que toda a gente tem. Trata-se de uma afirmação. De momento, apenas me recordo do olho tatuado da Iniciativa, aberto, a ver tudo. Todos eles tinham sido marcados com ele e parece que esta Nova Milícia também decidiu escolher o seu símbolo.

É estranho como tudo me recorda constantemente do local onde vivi.

Será que alguma vez me irei libertar do meu passado?

Não, querida. A voz da minha mãe atormenta-me desde a sepultura. Nunca te conseguirás libertar dos Baixios, não importa a velocidade com que corras ou para onde te dirijas. Trata-se do teu destino.

— Sasha. — O general apresenta-nos a mulher, arrancando-me aos meus pensamentos. É nova, dou-me conta, talvez poucos anos mais velha do que eu. A Sasha sorri e acena-nos respeitosamente com a cabeça. O comandante prossegue: — Preciso de lhes mostrar a verdade. Exponha-a, se não se importa...

A Sasha acena afirmativamente com a cabeça e volta-se para o tubo de metal. É como uma lente gigantesca apontada para o céu.

— Já alguma vez viram um telescópio? — pergunta-nos.

Eu, o Zephyr e a Sketch abanamos a cabeça.

A Sasha ri-se. — Creio que não há muita gente que tivesse visto um, pois, hoje em dia, estes instrumentos são raros. Mas este é ótimo...

— Ela dá uma pequena palmada num dos lados do telescópio. — Uma verdadeira máquina, não és, meu menino?

A Sasha baixa o instrumento de modo a que o mesmo aponte para a distância, para lá da cidade. Coloca o olho muito próximo da lente e faz alguns ajustamentos.

Vejo os seus ombros ficarem mais tensos. Ergue-se e acena para o general.

— Está pronto, meu general.

— Bom trabalho, soldado — responde ele. Olha para nós os três e os olhos dele têm uma tristeza que não tínhamos visto anteriormente. — Os Baixios estão rodeados pelo Perímetro, tal como o Cume, para onde estão a tentar ir. O mesmo se passa com o terceiro lugar, junto da Escarpa. É uma maneira de vos manter a todos dentro e os outros fora.

— Sabemos disso — diz a Sketch, encolhendo os ombros. — Tivemos de sair desse lugar maldito para atingirmos a liberdade.

— Liberdade — repete o general. — É uma palavra estranha, não acham? Todos nós temos significados diferentes para ela e penso que poderão descobrir, depois de tudo o que vos irei mostrar, que a vossa definição de liberdade irá mudar.

Desvia-se.

A Sasha sorri com tristeza e pede que nos aproximemos.

Eu vou primeiro.

— Ponha o seu olho aí, como se na mira telescópica de uma espingarda. Parece-me ser uma rapariga que não se atrapalha com espingardas.

Aceno-lhe que sim e ela ajuda a posicionar-me de modo a que eu possa ver através do aparelho. É estranho, é como olhar para um buraco negro e, a princípio, nada mais vejo para lá da escuridão.

— Fica a quilómetros e quilómetros, no meio do mar — explica a Sasha. — Já consegue ver?

— Está muito escuro — digo eu, mas, de súbito, vejo um tremeluzir de luz.

Esta começa com um tom roxo.

Depois azul.

Depois vermelho.

E novamente preto.

À medida que essa luz se acende e apaga, uma imagem começa a adquirir formas. Uma linha sólida que fende a escuridão, pouco mais clara do que o resto do céu noturno.

— Não pode ser — murmuro. — Não é possível.

— Lamento — observa a Sasha —, mas é.

— É o quê? — pergunta a Sketch. Ela põe-se de pé, agarra-me nos ombros e desvia-me para poder olhar. — De que diabo se trata, Woodson?

Ainda consigo ver a imagem, como se tivesse sido gravada com um ferro em brasa no meu cérebro, uma enorme extensão prateada no meio do mar, para nos manter cercados. Isto é o que o *Exterior* deveria ser. Mas, como será isso possível se ainda estamos presos?

— É um Perímetro — admito eu.

Dou-me conta das minhas palavras e sei, pelo tom horrível da minha voz, que estou a dizer a verdade.

Capítulo 54

Zephyr

Existe um Perímetro à volta do que resta do país.

Fica a quilómetros e quilómetros, no meio do mar. Não o podemos ver sem o telescópio, mesmo que estejamos à beira da água a olhar para lá, até que os olhos nos doam.

Se pudermos fingir que não existe, podemos também fingir que somos livres.

Mas o que será a realidade, realmente, se se tratar apenas de uma mentira?

O general senta-se no pequeno terraço no telhado e explica-nos o que sabe.

— Há muito tempo, há cerca de vinte anos, este país era os Estados Unidos da América. Um grande poder mundial, se é que podem acreditar. Raios partam! Esses tempos eram bons! Éramos fortes. Tínhamos todo o poder, todas as respostas. — O general aponta para o peito, onde se encontra o estranho símbolo. Vermelho, branco e azul. A bandeira. — E depois, foi tudo para o inferno quando veio a Peste. Houve uma grande epidemia, e não apenas aqui, que grassou por todo o lado, por todo o mundo. — Suspira e olha para as botas. — As pessoas caíam como tordos. Transmitia-se pelo ar. Atingiu o mundo todo, como uma tempestade, e nós não tínhamos qualquer hipótese.

A Meadow acena afirmativamente com a cabeça. — Era por isso que estávamos nos Baixios ou, de qualquer modo, assim pensávamos. Durante todas as nossas vidas, acreditámos que os Alfinetes que tínhamos mantinham a Peste longe de nós. Na realidade, tratava-se apenas da Cura para a Eternidade da minha mãe. As nanites estão em nós todos, no nosso sangue.

O general acena que sim com a cabeça. — O governo não podia fazer nada para parar a Peste e foi quando tudo se começou a desmoronar.

— Até que a minha mãe... — diz a Meadow. A voz falha-lhe e eu vejo tristeza nos seus olhos. Depois repulsa. É uma constante batalha para ela.

Ficarão as coisas melhores ou piores quando ela souber que fui eu quem matou a Lark?

O general continua: — A Iniciativa avançou. Eram fortes e não estavam a morrer devido à Peste, e só no dia em que as galinhas

tiverem dentes é que um país moribundo deixa de seguir os novos líderes mundiais que possam ter uma solução para enganar a morte. A Iniciativa trouxe a sua mãe, uma jovem mulher muito inteligente que eles encontraram na Florida. Foi ela quem criou a Cura para a Eternidade. As pessoas deixaram de morrer. Era o resultado pelo qual todos esperávamos, enviado através da água e do ar para combater a Peste. Por todo o mundo os governos começaram a distribuir essa cura.

— Então a Iniciativa não existe apenas aqui? — pergunta a Meadow. — Onde se encontra afinal?

— A Iniciativa é um ramo dos EUA — observa ele, encolhendo os ombros. — Há outras noutros países, mas não mantemos contacto com elas. Os sistemas por satélite ficaram completamente descontrolados, quando a eletricidade falhou. O Perímetro, que viram ao largo, rodeia o que ainda resta deste país. Estende-se do mar até ao céu e é eletromagnético. Verdadeiramente assustador. Intransponível. Quem o tentar fazer, morre.

— Assim sendo, todo o país se encontra prisioneiro — observa a Meadow. Ela está a aceitar bem essas novidades.

Eu estou a ficar tão fora de mim que nem consigo expressá-lo com palavras.

— Porquê? — pergunta a Sketch.

— Porque a Iniciativa ofereceu os EUA como uma das variáveis de controlo numa experiência mundial — esclarece o general. — Somos o país que está a tentar reverter as coisas. Os sítios de teste, os Baixios, o Cume, a Escarpa são todos eles formas de lidar com a Cura. Assassínio, manipulação. Estão a tentar remediar o que a Lark Woodson e a sua equipa começaram.

— E querem combater isso? — pergunta a Sketch.

O general acena afirmativamente com a cabeça. — As pessoas não são ratos que se possam pôr em labirintos. O mundo adoeceu e a Iniciativa tornou-o ainda mais doente ao eliminar a morte. Não é justo o que têm andado a fazer ao nosso povo. Esta é a nova prática mundial. Deveríamos ser capazes de viver nele ou de morrer a tentar fazê-lo. A Nova Milícia tem algumas secções. Estamos a reunir equipas e a preparar-nos para a luta. Demorou-nos anos a chegar onde nos encontramos. Aquelas pessoas por aí, na cidade, estão a proteger-nos, a ajudar a que nos possamos esconder da Iniciativa. Mas tem sido muito arriscado e já perdemos algumas pessoas. Mudámos muitas vezes de sítio, reagrupámo-nos. Mas estamos quase prontos. Em breve, iremos proceder a uma ataque simultâneo ao Cume e à Escarpa. — Sorri. — Vocês e os do vosso grupo tomaram conta dos Baixios para

nós.

A Meadow acena-lhe que sim, e começa a roer a unha do polegar.

— A minha mãe disse-me que o Cume ficava a norte. Será que o senhor sabe onde é e o que por lá se passa?

O general permanece silencioso durante muito tempo. — A sua família encontra-se presa no local dedicado à Mutação Genética. Fica no que costumava ser a parte norte do Estado de Washington. Estão a trabalhar para poderem reverter a Cura, fazendo testes em cidadãos do Cume. — Suspira e olha para o mundo cheio de gente que nos rodeia. — Acredite quando lhe digo isto, menina. O Cume é ainda pior do que os Baixios. Acredite que não quer lá ir. Para além disso, não conseguirá entrar. Agora é livre. Está fora do sistema. Mantenha as coisas assim como estão. Combata connosco e ajude-nos a solucionar o que a sua mãe desarranjou.

— Não — afirma a Meadow.

O general levanta uma sobrancelha. — Não?

— Não — repete ela, encolhendo os ombros. — Não o vou ajudar se o senhor não decidir ajudar-me.

A Sketch ri-se e bate palmas, como se estivesse a divertir-se com o espetáculo.

O general levanta-se e sacode a poeira das calças. — Você é apenas uma miúda. Que é que nos poderá oferecer que nós não tenhamos já?

A Meadow levanta-se, aproxima-se dele até que os seus narizes praticamente se toquem, e diz-lhe: — Não sou apenas uma miúda. Sou a filha da Lark Woodson e, se eu precisar de ajuda, o senhor irá ajudar-me. Leve-me até ao Cume. Ajude-me a entrar lá dentro. Aí poderei encontrar a minha família e, logo que me reúna a ela, ajudá-lo-ei a destruir a Iniciativa de dentro para fora.

— Já vejo que é dura a negociar — diz-lhe o general. — E se morrer? Será que a sua vida não vale nada?

Assim que ele o diz, o nariz da Meadow começa a sangrar outra vez.

Um sangue vermelho, que se torna brilhante mesmo na escuridão.

Isso não deveria estar a acontecer. O Cirurgião disse que iria parar, dado que o computador do regulador já se encontra desligado.

A não ser que isto não se deva ao regulador, que o mal possa ser outro.

A Meadow deixa que o sangue lhe escorra pela cara. — Acredite

em mim, general. Não tenho nada a perder.

Posso ver um novo brilho nos olhos dele, vê-lo a pensar, a planear. — Não faz mal, não posso enviá-la simplesmente para o interior do Cume. Acha que a vão deixar entrar, com esse código de barras e o regulador ligado à nuca?

— Pois acho, porque eles vão deixar que a minha mãe lá entre.

— A sua mãe morreu — afirma o general. — A esta hora, todos os soldados da Iniciativa terão conhecimento disso em qualquer local de testes.

— Então iremos enganá-los — sugere a Meadow. — Trá-la-emos de novo à vida.

— Isso é impossí... — O general não completa a frase, mas os olhos iluminam-se-lhe. Sorri e acena com a cabeça.

Nem sequer tenho de olhar para a Meadow para saber em que é que ela está a pensar.

Ela é idêntica à mãe. O mesmo cabelo platinado, a mesma tempestade de primavera nos olhos. Foi torturada durante semanas, perdeu peso e há algo escuro, um toque de loucura nela que não existia antes. Ela poderá só ter dezasseis anos, mas passou por coisas piores do que a maioria das pessoas durante toda a sua vida.

Talvez ela consiga fazer isto.

— Transformem-me na minha mãe — pede-lhe a Meadow. — Arranjem-me uma equipa vestida como os soldados da Iniciativa. Podemos sequestrar um comboio e atacar a Sede deles; em seguida, podemos atacar o Cume de dentro para fora.

— E como é que irá explicar a existência do regulador? — pergunta-lhe o general.

A Meadow não perde tempo. — Dir-lhes-ei que foi o senhor quem mo pôs. A Nova Milícia é capaz de fazer tudo para destruir a Iniciativa, não é verdade?

Ele volta a acenar afirmativamente com a cabeça, perdido no plano dela.

— Levem-me até ao Cume que eu logo arranjarei maneira de lá entrar. Hei de encontrar a minha família e, logo que volte a ficar livre, ficarei ao serviço da Nova Milícia para o resto da minha vida. Serei o vosso melhor soldado.

— Meadow, não — sibilo.

— Nem pensar nisso — diz a Sketch. — Acabámos, há muito pouco tempo, de nos libertarmos!

A Meadow olha para nós com uma intensidade tal que ambos nos calamos. — Não vos estava a pedir ajuda. Vocês agora são livres. Podem fazer o que quiserem.

— Eu alinho contigo, Woodson — diz a Sketch, olhando para mim como se estivesse pronta para me dar um murro. O nosso joguinho estúpido.

— Eu também alinho contigo, Meadow. Fiz uma promessa e vou mantê-la. Mas não o faças deste modo — sugiro. — Haveremos de arranjar uma outra maneira. Não troques a tua liberdade. Não quando a acabaste de ganhar.

Vejo-a baixar os olhos para as mãos. — Eu nunca fui livre.

O general passa a mão pelo maxilar e respira fundo, enquanto pensa.

A Meadow levanta os olhos. — O senhor disse-nos que a sua razão para viver era para pôr um termo ao que a minha mãe tinha começado. Permita-me que o ajude a fazer isso.

Ambos se levantam, desviando-se para um canto, falando em voz baixa. Não tenho de ouvir o que eles estão a dizer para saber o que se passa.

O general está mesmo a cair nas mãos da Meadow.

Capítulo 55

Meadow

Esta noite comemos uma refeição completa.

A Nova Milícia tem comida enlatada, algo que eu nunca vi no Posto Avançado. Comemos feijões, e ervilhas, e um fruto macio, cor de laranja, que explode em sabor quando me toca na língua.

Depois, sentamo-nos em volta da mesa e discutimos.

Digo ao general que precisamos apenas de setenta e duas horas, a contar do momento em que entrarmos no Cume. Planeamos juntos, em privado.

Entramos em discussões acerca de qual será o melhor plano, mas eu não desisto.

Por fim, o general concorda com as minhas ideias e o plano vai para a frente.

No dia seguinte, transformar-me-ei na minha mãe. Amanhã serei a mulher que me arruinou. A mulher que escangalhou o mundo. Entregarei a minha liberdade à Nova Milícia. Tornar-me-ei no soldado que o meu pai me treinou para ser.

Mas esta noite quero ser livre. Pela última vez quero apoderar-me dessa ilusão. Quero sentir a liberdade que o meu pai sentiu em tempos.

Quero sentir o vento a bater-me na cara. Quero *correr*.

Todos dormem, espalhados pelo Posto Avançado. A Sketch ressona num sofá e o Zephyr está enrolado no chão em frente dela. Há cortinas em volta das camas e ninguém vai estar acordado para me impedir.

Entalo o punhal na faixa que tenho à cintura. Aperto os atacadores das minhas botas, e deixo tudo para trás.

Subir os vários níveis da garagem deixa-me exausta. Há poucas semanas teria sido capaz de correr por estes andares de cimento, com uma respiração normal e sem começar a suar.

Esta noite, quase tropeço.

Tenho o nariz a sangrar.

Limpo-o e forço-me a seguir em frente, para esquecer a minha dor de cabeça, o peso do regulador contra a minha nuca. Persisto, tal como sempre fiz e, finalmente, chego à entrada.

Os guardas não me deixam sair, de modo que começo a subir uma vez mais as escadas que conduzem à Gávea no telhado.

Estou quase a atingir o primeiro andar, quando caio. Os meus joelhos estalam ao bater no chão de cimento, enchendo-se de sangue. Tento levantar-me mas estou muito fraca. Sinto a cabeça a andar à roda e os olhos a ficarem turvos. Não estou bem.

Isto não deveria estar a acontecer, mas acontece.

A minha mãe disse-me que as coisas se iam passar assim.

Bato com a parte de trás da cabeça contra a parede.

Ouçó o tinir do metal espesso do regulador, após a pancada, mas o mesmo não se parte.

Volto a bater repetidamente com a cabeça, até me perder nessa fúria. No ódio que sinto por mim mesma por ter sido apanhada. Por não ter conseguido morrer na Sede da Resistência.

Por ter matado a minha mãe ao fazê-la sair do seu esconderijo... Pela dor que a Peri sentiu por minha causa... Por ter arrastado o Zephyr e a Sketch comigo, quando eles merecem ser *livres*... Longe da minha companhia, bem longe do meu egoísmo.

És igualzinha a mim, diz-me a voz da minha mãe. Oxalá ela se tenha enganado.

Mas creio que tem razão.

De súbito, enfureço-me comigo mesma por me ter importado com a morte da minha mãe. Ela era um monstro rematado, e sê-lo-á sempre.

Mas nunca me hei de esquecer do modo como ela murmurou o meu nome. *Perdoa-me*.

Era a minha mãe e sempre irei sentir amor por ela.

O amor faz-nos mais fracos.

Começo a derriçar pelo regulador com as unhas. Faço sangue mas não paro. Quero tirá-lo de mim. Quero voltar a ser forte.

Quero morrer.

Quero sobreviver.

É apenas quando sinto outras mãos sobre as minhas, a desviarem-me cuidadosamente os dedos do regulador, que me dou conta do Zephyr.

Ele ajoelha-se diante de mim, com os seus suaves olhos verdes a olharem para os meus.

— Meadow — murmura ele. Diz o meu nome como se estivesse a

cantar, e os seus olhos são tão adoráveis, tão...

A minha cabeça anda à roda. Desfaço e ele segura-me. Põe-me os braços fortes em volta da cintura. Tenta erguer-me e ampara-me como se eu fosse uma criança.

Odeio e adoro tudo isto ao mesmo tempo. Ele sorri tristemente para mim, do modo como eu costumava olhar para a Peri quando sabia que ela se sentia fraca, quando sabia que ela não iria conseguir lutar contra a escuridão do nosso mundo.

— Não me olhes assim — digo-lhe.

— Assim como? — pergunta ele, e começa a ajudar-me a descer as escadas.

— Como se eu fosse fraca — respondo-lhe.

Ele para. — Então tu pensas... Bolas, Meadow. Não é porque sejas fraca. É porque passaste já por muita coisa e ainda queres lutar. Ainda não desististe. — Inclina a cabeça e olha para mim mais de perto. — Por que é que não desistes?

— Porque não consigo — digo-lhe, simplesmente. — Porque desistir não me está no sangue.

Chegamos ao primeiro patamar das escadas. Ele começa a transportar-me, mas eu impeço-o.

— Não quero ir lá para baixo — digo-lhe. — Queria ir lá para fora. Queria sentir-me livre por uma última vez. Fazer as minhas próprias escolhas.

— Ainda podes mudar de ideias — diz-me o Zephyr. — Não és obrigada a fazer isto.

Engulo e sinto o sabor do sangue. — Sabes bem que tenho de o fazer. Hei de lutar pela minha família, mesmo que morra no processo. E não te posso pedir para vires comigo. Abusei da tua ajuda, fiquei à espera que estivesse sempre ao meu lado. Mas tu és livre, Zephyr, por que não te *vais embora*?

Ele suspira e pousa-me no chão.

— Não me posso ir embora, Meadow.

— Podes sim e devias... — insisto eu.

Ele põe-se a olhar para as botas. — É como se estivesse ligada a mim permanentemente, Meadow. Penso em ti quando estou acordado. Sonho contigo enquanto durmo. O meu cérebro esteve obcecado contigo durante anos, por causa da Sparrow e do sistema, e pela necessidade profunda de te assassinar. — Ri-se, mas de um modo amargo. — Depois encontrei-te na vida real e dei-me conta de que, afinal, não se tratava de uma obsessão. Tratava-se apenas... de ti.

— Que queres dizer? — pergunto-lhe.

— És teimosa, estás sempre zangada e gostas de *matar*. Consigo ver isso nos teus olhos. Tenho a teoria de que és a pior pessoa do mundo — diz ele. Volta a cara, mas estende-me uma mão e, ternamente, toca-me no queixo. — Mas é isso que eu adoro em ti. Poderá parecer uma coisa de doidos, mas tu fazes-me mais forte. Fazes-me rir e a maior parte das vezes deixas-me tão fora de mim que só me apetece gritar. Mas é isso mesmo. Fazes com que eu consiga *sentir* as coisas, Meadow. Coisas verdadeiras e não apenas aquelas que foram programadas no laboratório da tua mãe. És verdadeira. Nós somos verdadeiros. Há aqui qualquer coisa que eu me recuso a largar.

Disse a mim mesma que não iria permitir que ele ficasse muito agarrado a mim. Não tenho espaço para outra pessoa, não agora nem no futuro.

Mas as suas palavras fazem com que eu ceda. O meu corpo leva a melhor e está cheio de *quero, preciso, agora*.

Estendo a mão, agarro o Zephyr pelo colarinho da camisa e puxo-o para mim com todas as forças que ainda me restam.

Os nossos lábios tocam-se e sinto fogo nas minhas entranhas.

Sinto-o gemer, sinto a sua boca com mais força sobre os meus lábios.

Põe-me em cima dele e transformo-me numa chama ardente que quer devorar mais, cada vez mais, que o quer inteiro, sempre. Mas quando lhe ponho os dedos por baixo da camisa, e lhe passo com a mão pelo peito, ele desvia-se.

— Não posso fazer isto — diz ele.

— Fazer o quê? — pergunto-lhe. — Então não queres? Consigo sentir o teu coração a bater tão depressa como o meu.

Ponho a minha testa contra a dele, beijo-o de novo e, durante alguns momentos, ele beija-me ainda mais apaixonadamente do que antes. Estou sem fôlego. Quero-o, ainda que não saiba bem porquê. O beijo é interrompido quando o Zephyr se desvia.

— Que se passa? — pergunto-lhe.

— Fui eu que o fiz — murmura ele. E, em seguida, suspende a respiração, como se estivesse chocado com as suas próprias palavras.

— Fizeste o quê? — pergunto-lhe.

Ele não olha para mim e os seus lábios estão fora do meu alcance. Quando ele fala, as suas palavras voltam a alimentar a chama que sinto por dentro.

Mas não é uma boa chama.

— Fui eu quem matou a tua mãe — confessa o Zephyr. — Fui eu quem atirou a seta.

A chama é quente e pesada.

Tem uma ira tal, que poderia queimar o mundo inteiro.

Capítulo 56

Zephyr

Ela recusa-se a falar comigo.

Cambaleia até ao Posto Avançado, a tropeçar pelo caminho nos seus próprios pés.

Continua a sangrar do nariz e, bolas, quero ajudá-la.

Mas a Meadow está para lá de qualquer ajuda.

— Mas tu odiava-la — digo por detrás dela. — Que importa que ela tenha morrido?

Ela não me responde. Só lhe ouço o bater das botas no chão, enquanto se esforça por se ir juntar aos outros.

— Fiz isso porque era a única maneira, Meadow. Se ela não tivesse morrido, os Doentes não se teriam atirado às Sanguessugas. Escapámos. Estamos aqui e vamos encontrar a tua família.

Finalmente, ela volta-se. Tem os olhos em brasa e, por momentos, parece-se tanto com a Lark que eu fico ali espicado, sem me mexer. — Ela era a minha família — diz ela. — Não importa o que ela pudesse ter feito, no que ela se tornou, era *a minha mãe*.

— Estás a confundir mãe com monstro — atiro-lhe à cara.

Ela volta-se e lança o punhal na minha direção, tão rapidamente, que não tenho sequer tempo para ficar chocado.

A arma roça-me pela cara para depois cair no chão, atrás de mim. Sinto sangue quente a sair-me do corte.

— Falhaste! — grito-lhe, como resposta.

Ela para diante da porta do Posto Avançado e volta-se, uma vez mais, para olhar para mim. Bolas, é linda! Ao mesmo tempo é aterrorizadora. — Falhei porque quis! — afirma.

Ponho as mãos no ar. — Então porque é que não me matas?

Vejo-lhe tristeza nos olhos. — Se eu te quisesse matar, Zephyr, já estarias morto há muito tempo. — Os guardas erguem a cancela para ela poder passar. — Não o deixem entrar — diz-lhes ela.

E voltam a baixá-la antes que eu possa passar.

— Então, rapazes... — peço-lhes.

A Sasha faz parte desse grupo. — Problemas no paraíso? — pergunta ela. Aceno-lhe que sim e aponto para a cancela. — São ordens do general. O que a rapariga disser é para ser cumprido.

Desculpe.

— Pois bem — digo eu. — Nesse caso vou ficar aqui a incomodá-la até que me deixe entrar.

Ela encolhe os ombros e fica ao lado da cancela. — Então experimente! — Deslizo para o chão com as costas contra a parede.

Não consigo pregar olho a noite toda.

Capítulo 57

Meadow

A manhã chega e eu estou a olhar para a minha mãe.

Ela também olha para mim.

Quando me mexo, ela mexe-se. Quando tombo para o lado, ela também tomba para o lado. Quando o meu nariz pinga sangue, ela levanta a mão para mo limpar.

Tem os olhos cansados, com duas grandes olheiras escuras por baixo. Sorri e os seus dentes estão enegrecidos. Os meus foram enegrecidos com qualquer coisa que a mulher do Ray usou para esse efeito.

A Nova Milícia vestiu-me com roupas da Iniciativa, todas elas pretas. Não sei como, fizeram com que eu parecesse mais velha. A Martha, a mulher do Ray, alterou o meu número de catalogação para que este fosse igual ao dela. Abafei os gritos enquanto ela tatuava um novo número oito sobre o meu número zero, e a Cura já me sarou a pele. O número de catalogação parece novo, como se tivesse sido acabado de fazer.

Eu e a minha mãe apenas diferíamos num número.

Com os instrumentos apropriados, não foi assim tão difícil proceder a essa operação.

— Bolas! — exclama a Sketch. Ela põe-se ao meu lado, no interior da pequena casa de banho, e olha para o espelho rachado. — Juro que estás igualzinha a ela, Woodson. Até me apetece matar-te agora.

— O Zephyr já se encarregou dessa missão por nós as duas — murmuro. A ira invade-me o coração, ameaçando rebentá-lo de dentro para fora.

A Sketch suspira. — Deixa lá isso. Ele fez o que tinha de fazer. Tu deverias ter feito o mesmo, não é verdade?

— Antes de ser capturada, queria matá-la — admito. — O que ela fez ao mundo inteiro é imperdoável. Mas, depois de toda a tortura... Ela também passou pelo que nós passámos, Sketch. Nós passámos por isso durante semanas mas ela teve de aguentar tudo durante anos. Isso mudou-a. Teria mudado qualquer pessoa. — Encosto-me à parede, olho para mim, disfarçada de minha mãe, e suspiro. — Será que podemos regressar de todas as coisas que fizemos neste mundo?

— Não sei. — A Sketch encolhe os ombros. Passa a mão pelas cicatrizes que lhe cobrem os braços, um modo de assinalar todas as

vítimas que ela assassinou, sob a influência do sistema. — Mas mesmo se pudéssemos, penso que há alguns de nós que nunca fariam essa escolha. — Olha para mim no espelho. — Poderás odiar a tua mãe por tudo o que ela fez ao mundo inteiro, Meadow. Mas, bem no fundo, és uma assassina tal como ela. Todos nós somos assassinos e gostamos de ser assim.

Suspira.

Por causa do sistema, o meu andar tem o gingar da minha mãe. Devido à tortura, consigo controlar o ódio intenso e frio que escurecia o seu coração.

Posso tornar-me ela.

E ninguém me irá impedir de fazer o que quer que seja.

Capítulo 58

Zephyr

Estou sentado no muro que rodeia a Gávea, no alto do edifício, a deixar que as minhas pernas balancem por cima do mundo, quando a Sketch me encontra.

— Estás a pensar dar um salto? — pergunta-me ela.

Senta-se ao meu lado e pendura as suas pernas receosas no muro. O vento é forte. Parece puxar pelos atacadores das nossas botas, quase como se estivesse a murmurar-nos para nos inclinarmos um pouco mais.

Cair no abismo.

— Por que estamos nós a fazer isto, Sketch? — pergunto.

Os pássaros voam por cima de nós, apenas umas manchas negras que desaparecem nas nuvens escuras.

A Sketch não me responde, de modo que continuo:

— Por que motivo ainda estamos com ela? Ela não nos quer. Vai morrer naquele sítio, tenho quase a certeza. Se formos com ela, iremos morrer também. Toda esta missão não passa de um suicídio.

A Sketch cospe para o abismo. Vemos a saliva a cair até não a conseguirmos ver mais. — O amor faz-nos fazer coisas parvas — observa ela.

Volto-me mais para ela. — Pensei que tinhas dito que não conseguias amar.

— Menti. — Ela ri-se, mas sem grande convicção. — Sabias que, em tempos, tive uma irmã? Ela era igualzinha à Meadow. Ousada, zangada, forte!

— A Meadow lembra-te dela — afirmo. Não é uma pergunta. Já me deveria ter dado conta disso pelo modo como a Sketch está sempre a desculpar a Meadow. Pelo modo como ela fica ao seu lado sem a questionar. Ela está a substituir a irmã pela Meadow.

A Sketch acena afirmativamente com a cabeça. — Não podemos trazer à vida as pessoas que perdemos. Mas podemos encontrar partes delas nas outras pessoas.

Começa a chover, pequenas gotas de água a dançarem do céu. Inclino a cabeça para trás e deixo que essas gotas me rebentem na língua.

A Sketch suspira. — A Woodson não se interessa por mais ninguém

para além da família. Mas tu existes. Sempre exististe. Disse que ela murmurava o nome da Peri naquela cela imunda, mas também murmurava o teu, Zephyr. Ouvi o teu nome todas as noites, repetido vezes sem conta.

— Eu matei a Lark — digo-lhe. — Agora ela odeia-me. Tudo o que poderia ter existido entre nós já desapareceu.

O riso da Sketch quase se perde na chuva. Esta começa a cair bem, encharcando-me as roupas e o cabelo. — A Meadow ama-te, mas tem medo de o admitir.

— E tu? — pergunto-lhe. — Qual é a tua situação?

Vejo-a encolher os ombros. — Ninguém me ama. Ninguém alguma vez me há de amar. É melhor assim.

— Mas não podes acreditar numa coisa dessas... — digo-lhe, porém, a Sketch faz um gesto com a mão e eu acabo por me calar.

Não sei por que o faço. Mas, enquanto os trovões ecoam pelo céu e vemos raios no horizonte, estendo um braço e ponho-lho em volta do ombro. A princípio ela fica muito tensa. Mas depois, quando me recuso a retirá-lo, ela encosta-se mais a mim. Sinto que ela é forte e quente. Se fechar os olhos, quase posso imaginar que a chuva é o barulho das ondas.

Estamos num local seguro e livre. Não somos Doentes, somos apenas pessoas.

— Somos os mesmos, tu e eu — continuo. — Libertámo-nos do sistema e agora andamos atrás da rapariga que tem a chave do mesmo no cérebro. Será que somos estúpidos, Sketch? Será que fomos amaldiçoados para seguirmos sempre, de alguma maneira, o Complexo dos Assassinos?

— Não fomos amaldiçoados — esclarece a Sketch. — Estamos unidos pelo amor.

O amor faz com que seja mais difícil vermos o lado negro das coisas. Quando olho para ela, tudo o que vejo é o Sol.

A chuva apaga os sons do resto do mundo.

— Nós vamos com ela, não é? — pergunto.

A Sketch acena afirmativamente com a cabeça.

— Tu e eu — diz ela.

Sentamo-nos juntos, à beira do mundo até a tempestade passar. Já não falamos, não temos de o fazer pois a decisão irradia entre nós. O medo, as perguntas, mas já não há qualquer dúvida.

Vamos voltar para dentro das muralhas.

Só que, desta vez, não sabemos o que nos espera do outro lado.

Foi como se a Meadow tivesse conseguido ressuscitar a mãe.

Ela olha para mim mas eu só lhe vejo vazio nos olhos.

— Desculpa — digo-lhe, enquanto vamos seguindo o general e os seus soldados através da garagem de estacionamento, subindo a rampa. Agarro no braço da Meadow, mas ela sacode-me a mão. — Meadow, por favor, será que podemos conversar acerca disto?

Ela olha em frente. — Não há nada para conversar. Mataste a minha mãe. Fizeste-o porque tinhas de o fazer. E agora, não consigo olhar para ti sem ver as tuas mãos sujas do sangue dela.

— *Ela pôs sangue nas minhas* mãos, de montes de pessoas inocentes — sibilo.

A Sketch caminha ao lado dela, com a farda preta das Sanguessugas. — Ela também pôs sangue nas minha mãos, Woodson. Não penses mais nisso. O Zephyr fez-nos um favor.

— Vocês são dois idiotas — sibila a Meadow. Olha para a Sketch. — Tu és um bocadinho menos idiota do que ele.

A Sketch desata a rir à gargalhada. Põe o braço por cima do ombro da Meadow e, de repente, sinto-me como o otário que caminha mais atrás, sozinho, com uma farda das Sanguessugas, atrás da Meadow como um cão abandonado. Sasha, o membro da Nova Milícia encarregue do telescópio, também nos acompanha. Vai atrás de mim com o cabelo atado num carrapito. Para mostrar a nova tatuagem das Sanguessugas que tem no pescoço, o olho aberto. Tenho de admitir que ela levou o disfarce mesmo a peito. A Talan teria feito a mesma coisa e, se ela estivesse aqui, ter-me-ia dito para me comportar como um homem e para esquecer a Meadow durante uns tempos, até ela vir ter comigo.

— Como estão as coisas? — pergunta-me a Sasha, acenando na direção da Meadow.

Respiro fundo. — Não vai querer saber. Fiz uma série de disparates. Ela ri-se. — Ela parece ser uma rapariga cheia de coragem e de força. — Isso é pouco para ela.

— Bem, tenho visto o modo como ela olha para si quando você não está a olhar para ela. — A Sasha pisca-me o olho e dá-me um encontrão com a anca. — Algures, penso que ainda há esperança. Há sempre esperança. Às vezes temos apenas de ter alguma paciência até que a mesma nos surja.

O general imobiliza-se mais à frente e pede a dois guardas para abrirem a porta. O Sol, do exterior, inunda tudo de luz, tal como o

som da multidão, nas ruas apinhadas. Gotas de suor surgem-me na testa.

É como se nunca tivéssemos saído dos Baixios.

A porta geme, com um som arrastado, ao elevar-se para o teto, o suficiente para nós podermos passar. Os guardas estão atentos, de espingardas na mão.

— Lembrem-se do plano. — O general volta-se para mim, para a Meadow, para a Sketch, para a Sasha. — Assim que lá chegarem, têm setenta e duas horas para encontrar a família da menina Meadow e fazer contacto, tal como ela decidiu. Se não o fizerem, iremos assumir o pior. Ficarão por vossa conta. — Ele olha muito para nós e depois concentra-se na Meadow. — Lembre-se do que me disse, estou a contar consigo, soldado — diz-lhe.

Há um segredo entre eles. Trata-se de qualquer coisa escondida e eu não estou a gostar.

A Meadow levanta a mão, aquilo que eu aprendi que se chamava fazer continência.

Sei o que significa.

Quer dizer que a liberdade dela já foi à vida, que já é parte do exército do general.

Levanto a mão, faço-lhe também continência e a Meadow olha muito para mim.

— Vou para onde fores — digo-lhe, com um encolher de ombros.

— Oh, pelo amor da santa... Será que poderemos finalmente seguir o nosso caminho? — resmunga a Sketch.

O general envia-nos para as ruas.

Espero que o plano funcione. Porque, se não for esse o caso, vamos todos morrer.

Capítulo 59

Meadow

A fraqueza desaparece de dentro de mim. De súbito, sinto um acesso de força.

Sei o que me está a acontecer, mas mantenho só para mim esse segredo.

Pelo menos por agora, sinto-me suficientemente forte para acompanhar toda a gente. Com este andamento, chegaremos aos carris dentro de algumas horas. A tempestade já passou.

Atravessamos a cidade, por entre a multidão. Desta vez, ao verem-nos vestidos de soldados da Iniciativa, afastam-se. Evitam olhar-nos nos olhos, como se tivessem medo de nós. Temos espingardas ao ombro, do mesmo modo que os soldados dos Baixios sempre tiveram.

Mas não são as espingardas.

É o nosso aspeto.

Mesmo no Exterior, as pessoas têm medo da Iniciativa.

— Por vezes a Iniciativa passa as ruas a pente fino — informa-me a Sasha. — Levam pessoas ao acaso e transportam-nas nos seus comboios.

— Porquê? — pergunta a Sketch, quando deixamos a cidade para trás e seguimos os segmentos da estrada velha, cheia de pedaços arrancados por bombas.

A Sasha abana a cabeça. — Pensamos que os levam para o Cume e para a Escarpa. No entanto, nunca para os Baixios. Esses já se encontram cheios, tanto quanto sabemos. — Ela sorri por momentos. — Mas vocês os três conseguiram sair, não foi?

Desvio-me de um cano que sai do cimento como se quisesse alcançar o céu. — Não conseguimos sair sem sofrermos algumas baixas.

Atrás de mim, o Zephyr não diz nada.

Andamos até a grande estrada terminar e começar outra mais pequena. Vemos velhas casas espalhadas. Os restos de um bairro que, em tempos, teria sido bonito. Algumas casas parecem praticamente intactas e, por momentos, ao olhar para as janelas entaipadas, penso nas famílias que aí viveram.

Será que são como a minha?

Um irmão mais velho que vê a beleza na arte, mesmo quando o

mundo à sua volta se desfaz em pedaços como o vidro. Uma irmãzinha que adora rir e cuja voz é como música. Um pai que revela o seu amor, através do ensino da arte de sobreviver, e uma mãe que morreu. Que depois não estava morta e que acabou por morrer outra vez.

Tropeço nos pés, quando o meu corpo volta a perder as forças.

A fraqueza começa a tomar conta de mim.

Caio em cima da superfície cimentada. Não me consigo manter de pé.

— Meadow — chama-me a Sketch. Ela nunca me chama pelo nome a não ser que esteja preocupada. — Estás bem? — Ajoelha-se ao meu lado e desvia-me o cabelo da cara. Estou encharcada em suor mas estou cheia de frio.

Tremo. Ela põe-me um braço por cima do ombro e ajuda-me a sentar.

— Está tudo bem — digo eu. — Ainda consigo continuar. Temos de chegar a horas ao comboio.

De súbito, sinto uma volta no estômago. Debruço-me e vomito sobre o cimento. A minha garganta arde, como se alguém a tivesse escaldado com água a ferver. Fecho os olhos e peço a tudo para que o meu corpo me obedeça.

Tenho de chegar ao comboio.

— Temos de parar — sibila a Sketch.

— Deixa estar, Sketch. Eu consigo continuar — digo-lhe, enquanto abro os olhos.

O Zephyr e a Sasha debruçam-se sobre nós. — Não deixamos nada estar — diz-me o Zephyr. — Olha para isto, Meadow.

Aponta para o vômito.

Está cheio de sangue.

Capítulo 60

Zephyr

Ela está a morrer.

A Meadow *está a morrer*. Esta só pode ser a única explicação para o que está a acontecer. Cada passo é uma agonia para ela. Cai e o seu nariz continua a sangrar e, para além disso, está agora a vomitar sangue.

Tem todo o corpo a tremer. Passa do frio ao calor, e deste novamente ao frio.

Eu, a Sketch e a Sasha revezamo-nos para a ajudar a caminhar. Mantendo sempre um de nós a segui-la, caso ela possa cair para trás. A princípio, ela ainda nos consegue acompanhar. No entanto, ao fim de uma hora, já está encharcada em suor. A tremer, como se estivéssemos a meio do inverno.

Volta a vomitar.

Mais sangue.

O nariz dela continua a pingar e eu não sei o que fazer, como ajudá-la.

— Temos apenas de chegar à linha — diz ela.

Tem uma voz muito fraca.

Eu e a Sketch trocamos olhares, e há entre nós uma mensagem silenciosa.

Medo.

Quando paramos para descansar, na sombra de uma coisa chamada estação de gasolina, tento falar a sós com a Sasha. — Já alguma vez viu algo parecido com isto? — pergunto-lhe.

Ela abana a cabeça. — Não. Nós não morremos, Zephyr. Nós nem sequer adoecemos.

Olho para a Meadow e para a Sketch, juntas contra a parte de trás de uma velha bomba de gasolina. A Sketch afasta os caracóis do rosto da Meadow. Limpa-lhe o suor da testa e diz-lhe qualquer coisa. A Meadow acena afirmativamente com a cabeça de um modo muito débil.

Tenho de desviar o olhar. — Ela está doente. É óbvio. O Cirurgião, no campo... sabe qualquer coisa que não nos disse. Que saberá ele?

A Sasha põe-me as mãos nos ombros. — Não sei de nada, prometo.

Se nada mais funcionar, a Iniciativa tem médicos que a poderão salvar. Arranjaremos um refém. Forçá-los-emos a prestarem-lhe tratamento. Mas, primeiro que tudo, temos de chegar ao Cume. — Eleva então a voz para que todos a possam ouvir. — Muito bem, pessoal, já é tempo de continuarmos.

Sáímos de um bairro, entramos noutro e depois deixamos este para trás. Continuamos por uma área arborizada, cheia de crianças. É como a Reserva nos Baixios. Quero parar aqui, ficar num sítio que me pareça familiar.

Mas a Meadow está a morrer.

Bolas, mal consigo pensar nestas palavras. Não podem ser verdadeiras. Não há qualquer razão para o serem. Porém, quando olho para ela, a dúvida enterra os seus dentes na minha alma.

— Temos de chegar ao comboio — digo, não sei se para mim mesmo, para a Meadow ou para o resto das pessoas. Mas isso já não me importa.

Passa uma hora, hora e meia, uma hora e três quartos...

Finalmente, vemos os carris à nossa frente.

— Estamos lá quase — digo eu para a Meadow e, nesse mesmo momento, ela volta a cair. Ponho-a às minhas costas e a Sketch coloca-se por detrás para me ajudar a transportá-la.

— Eu vou andando — diz a Sasha —, para lhes fazer sinal para parar. — Olha para a Meadow e abana a cabeça. — Ela tem de estar pronta quando os soldados pararem. Ela tem de ser a Lark.

— E serei — afirma a Meadow, quase sem fôlego.

A Sasha começa a correr, com o seu cabelo ruivo a dançar como o fogo. A Sketch e eu continuamos a andar mais devagar. Bolas, mesmo muito devagar...

O comboio chega, a trovejar como um grande animal metálico. É um comboio pequeno, só com algumas carruagens, mas tem o olho emblemático das Sanguessugas. A sorte está do nosso lado, pois este comboio não vem dos Baixios. Vem do Norte, do Cume.

Isto *tem* de funcionar.

Vejo a Sasha a abanar os braços e aos saltos. O comboio não abranda. Ela faz rodar a espingarda e dispara uns quantos tiros para o ar.

Por essa altura já se vê bem o rosto do maquinista. Outras Sanguessugas põem as cabeças fora da porta.

Apontam para a Sasha e esta volta a disparar para o ar.

Por fim, o comboio começa a chiar quando o maquinista aciona os travões.

— Sim — diz a Sketch —, vamos a isto.

Corremos o melhor que podemos.

Chegamos ao pé da Sasha no preciso instante em que o comboio está a parar.

A porta abre-se e, de súbito, as Sanguessugas começam a sair aos magotes, de espingardas apontadas.

— Até que enfim! — exclama a Sasha, e é como se se tivesse transformado numa outra pessoa. Põe uma mão na anca e deixa que a espingarda lhe caia. — Por que é que demoraram tanto tempo? O meu microfone de pulso estragou-se e é como se estivéssemos aqui numa cidade fantasma. Pois bem, por onde andaram?

A Sanguessuga encarregada avança. Trata-se de um homem alto e magro que aponta a espingarda à cara da Sasha. — Quem é você?

A Sasha olha muito para ele. — Eu trabalho para o Departamento de Segurança, nos Baixios.

A Sanguessuga ergue uma sobrelanceira. — Baixios? Isso fica quase a duzentos quilómetros daqui, soldado. Será que me pode dizer o que anda a fazer tão longe do seu posto? Será uma desertora? — Volta a dar outro passo em frente. As Sanguessugas atrás dele resmungam e arrastam os pés para poderem aproximar-se.

A Sasha ri-se. — Sou o anjo da oportunidade — diz ela. — Tragam-na mais para aqui!

Dou-me conta de que ela está a falar para a Sketch e para mim. Levamos a Meadow mais para a frente e ajudamo-la a manter-se de pé.

— Trata-se da Lark Woodson, rapazes, da *Criadora* — observa a Sasha.

A Meadow tem de usar todas as suas forças para pôr os pés no chão, conseguir manter-se de pé sozinha e olhá-los nos olhos.

Mas o que vejo nela apaga tudo do nosso passado, dá-lhe as formas de uma pessoa que ela nunca quis ser.

— Levem-me até ao Cume — ordena-lhes ela. A sua voz é tão perfeita, tão parecida com aquela cantilena... É tão igual à voz que ouço na minha cabeça, quando o Complexo dos Assassinos me chama, que me chego a esquecer que ela é a Meadow.

Ela é a Lark Woodson sem tirar nem pôr.

— Estás morta — vozeia uma das Sanguessugas.

A Meadow ri-se, ajeita melhor a sua postura, e eu sei que é porque ela se está a debater para se manter de pé, mas é perfeita. — Só estou morta se disser que estou morta, soldado. Põe-me já nesse comboio, inverte a marcha, e leva-me, juntamente com a minha equipa, até ao Cume.

— Essas não são as ordens que tenho — protesta a Sanguessuga.

A Meadow atira a cabeça para trás e ri-se. Tem o nariz a sangrar e não se preocupa em limpá-lo.

— Vieram os sacanas da Resistência. Deram cabo do meu laboratório e puseram os meus médicos contra mim, apontando-lhes as espingardas. Ora vamos lá, a não ser que sejas surdo, sugiro que me ponhas nesse comboio e me leves até ao Cume para que me possa reunir com a equipa que lá está, e falar com alguém que não seja completamente incompetente. — Ela olha para nós, por cima do ombro. — Nem dá para acreditar as pessoas a que chamamos nossos empregados...

Ela volta a ajeitar a sua postura.

O soldado ergue o seu microfone de pulso. Abre a boca, está quase a falar...

A Meadow cai.

Todos sustêm o fôlego e, porque são soldados, ajudam instintivamente a grande chefe. Acreditem ou não que se trata dela.

É a oportunidade de que precisamos.

Abrimos fogo e disparamos cartuchos de balas, um após outro. Até os canos das nossas espingardas começarem a deitar forno.

As Sanguessugas tombam, formando um amontoado de cadáveres.

Capítulo 61

Meadow

Vou perdendo e retomando os sentidos. Ouço a voz suave do Zephyr. O riso desagradável da Sketch. O comboio troveja, por baixo de mim, e eu sei que conseguimos entrar nele.

Ouço a voz da Sasha através de um altifalante, desde a cabina do maquinista. — Instalem-se bem, soldados — diz ela. — A viagem vai ser longa.

A luz do dia começa a esbater-se e, quando volto a acordar, já caiu a noite.

Tremo de frio.

Por onde andaré o calor do verão? Penso na Peri, sozinha e a tremer no Cume, no vídeo que o comandante me mostrou.

Digo a mim mesma que ela está em segurança e bem agasalhada, de volta à nossa casa flutuante dos Baixios. Digo a mim mesma que nada disto aconteceu de facto.

O Zephyr aproxima-se de mim. Alguém me põe um cobertor por cima das pernas.

— Tenta beber qualquer coisa — diz-me ele, pondo-me água na boca, mas eu não a consigo engolir.

Sinto um cheiro a sangue.

Uma mão procura a minha por baixo do cobertor. É forte e quente e, ainda que eu saiba que é a do Zephyr e que eu deveria estar zangada com ele, deixo que ele me agarre. Tenho medo de que, ao desprendê-la, a morte venha e me leve.

Espero que o general não fique desapontado por ter acreditado em mim.

Espero que o meu plano funcione.

O ruído constante do comboio, por baixo de mim, acaba por fazer com que eu adormeça.

Estou no mar.

Suspensa de baixo de água, e não preciso de respirar.

Há movimento, algures na escuridão. E vejo a minha mãe.

Ela nada na minha direção, com o cabelo a flutuar e a rodear-lhe a cabeça, e surge muito bonita. Sorri, só por um instante.

— A minha Meadow — suspira.

Tento alcançá-la. Quero pegar-lhe na mão, mas há qualquer coisa sólida entre nós. Um muro de vidro.

— Preciso de te ouvir a pedires-me desculpa — murmuro-lhe.

Ela inclina a cabeça. Abre a boca e, finalmente, estou quase a escutar o que precisava de ouvir durante tantos anos.

Mas o sangue começa a sair-lhe do nariz. Ela limpa-o, depois tenta ganhar fôlego, à medida que mais sangue lhe vai saindo, numa torrente, e se começa a espalhar por todo o lado, até o mar ficar vermelho. Bato no vidro. Tento alcançá-la mas não consigo. Ela desaparece por detrás de uma parede vermelha.

— Mãe! — grito. O vidro transforma-se em espelho.

Olho para mim mesma.

— Nunca conseguirás chegar ao Cume — murmura o meu reflexo.

— Não — digo eu.

— Não vais ser capaz — diz-me o reflexo. — Porque tu deixaste os Baixios e isso quer dizer que já estás morta.

O vidro parte-se e trespassa-me o coração.

Acordo aos gritos. Há mãos que me controlam, que me forçam a ficar deitada e quieta.

— Acalma-te, Meadow! — sibila uma voz. Essa pessoa está vestida com a farda negra da Iniciativa e, por momentos, esqueço-me de quem é. Grito, tento libertar-me do seu controlo porque não sei onde estou e o meu único pensamento racional é *libertar-me*.

— Woodson, controla-te! — É a voz da Sketch. O *que me parece seguro*.

Tento recuperar o fôlego à medida que sinto um regresso de memórias. Sinto o matraquear do comboio por baixo do meu corpo, as vozes da Sketch e do Zephyr, enquanto a Sasha vai conduzindo o comboio roubado a caminho do Cume.

Descontraio-me, acalmo-me.

A fraqueza transformou-se outra vez em energia. «Mudança» é o nome que lhe dou. Sento-me e olho em volta.

— Desculpem — digo quase sem voz, segurando a cabeça. A Sketch dá-me água. Começo a bebê-la em goles lentos e muito pequenos, conseguindo mantê-la no estômago. Ninguém me toca e, por momentos, fico ali sozinha, sentada no comboio, a ver o mundo a deslizar por mim. Tento ouvir a voz do meu pai, mas não o consigo

alcançar. Sinto-me irremediável e horivelmente sozinha.

Vai de verde a castanho; de pedaços de zonas desertas planas e vastas, com ervas altas a ondular ao vento, a súbitos montes. A multidão está sempre presente. Fechamos as portas à chave, quando passamos pelas partes mais habitadas da civilização. O comboio continua a sua marcha barulhenta, mas, juntamente com o seu ruído, ouço gente a gritar por socorro. As vozes dos que não morrem a desejarem morrerem.

O mundo vai arrefecendo à medida que prosseguimos. A chuva tamborila no metal, infiltra-se nas fendas.

Sinto de novo a «mudança», no momento em que penetramos na escuridão. Sinto a força convertida em fraqueza e tenho a cabeça no colo da Sketch.

Ela faz-me tranças no cabelo, assobia uma velha cantiga dos Programados dos Baixios. É a canção que a Peri costumava cantar a bordo da nossa casa flutuante. Ouvir essa melodia traz-me toda a espécie de recordações. Canto a letra baixinho:

«Que alguém me salve, estou a tombar pela escuridão.

Encontrei uma mulher à noite que me trouxe um novo começo.

Que alguém me salve, estou a perder o juízo.

O nome dessa mulher era Morte e ela escureceu o meu coração.»

Percebo agora essa letra, mais do que alguma vez a consegui entender. A morte chama-me desde a campa da minha mãe, a pedir-me em voz baixa que me aproxime. Ameaçando-me, ao dizer-me que, em breve, irá levar o Koi, a Peri e o meu pai, e também o Zephyr e a Sketch, e que eu serei a única que irá restar para sofrer sozinha durante toda a minha vida.

A minha voz apaga-se e, em breve, só o Zephyr e a Sketch estão a cantarolar. Fecho os olhos e deixo que essa melodia se misture com a trovada ao longe. Um rufar que soa como a Morte a tocar tambores, enquanto me vem buscar.

— Como é que a conseguem controlar? — pergunto, de repente.

A Sketch para de assobiar e olha para mim. — Controlar o quê?

— As «mudanças» — diz o Zephyr, que está sentado à nossa frente. Ele está encostado contra a parede metálica do comboio a olhar para mim. — Ela quer dizer as «mudanças» do que quer que seja que possa estar a acontecer com ela.

Aceno afirmativamente com a cabeça. — Durante toda a minha

vida, sempre estive no controlo. Foi assim que o meu pai me treinou. — Tremo, e a Sketch puxa-me o cobertor mais para o queixo. — E como é que manténs a tua sanidade mental quando achas que não consegues?

A Sketch ajeita as pernas por baixo da minha cabeça. Sinto-a a suspirar. — Tu não controlas isso, Woodson, limitas-te a lidar com o assunto.

— Tem de haver uma maneira — murmuro. — Não posso viver assim sem saber quando é que a «mudança» me irá alterar. Sem mesmo saber se me irei conseguir manter de pé...

— Lembro-me de quando te conheci — diz o Zephyr de súbita sentado à minha frente. Elevo a cabeça o suficiente para lhe ver o sorriso no rosto. — Tu eras cá uma otária, Meadow, sabias disso, não é verdade? A mentires descaradamente, dizendo que não me conhecias... Mas salvaste-me a vida. Deste-me sangue e essa é a única razão por que estou aqui.

Ouçoo em silêncio, perdida nas memórias desse dia. O tubo no meu braço ligado ao dele, dando-lhe outra oportunidade de vida.

— Pensei que estava sozinho — diz ele. — Pensei que podia morrer e que ninguém me iria impedir de o fazer. Mas *tu* impediste-me de me matar. — Volta a encostar a cabeça à parede metálica. — E, quando perdi o controlo, depois disso, sempre te dispuseste a ajudar-me, e é isso que me faz falta.

Os seus olhos fixam-se nos meus.

Quero desviar o olhar mas forço-me a não o fazer.

A sua voz é como uma música que amaciasse a rigidez da minha alma.

— Tu és a Meadow Woodson — afirma o Zephyr. — Durante toda a tua vida, ensinaram-te que, para sobreviveres, tinhas de te manter à distância. Isso quer dizer que tinhas de ser tu a resolver as coisas, pois não confiavas em mais ninguém. Mas é aí que te enganas. Não estás sozinha nem tens de estar. Tens-me a mim.

— E a mim — acrescenta a Sketch.

O Zephyr acena com a cabeça. — Quando estiveres fraca, nós estaremos contigo, Meadow. Não estás sozinha neste mundo e nunca mais hás de estar, desde que estejamos aqui. E aqui estaremos, pois não irás conseguir ver-te livre de nós. Iremos provar-te que o amor nos pode tornar mais fortes, quer queiras quer não.

— Ámen, Zero — diz a Sketch. — Ámen!

Sei que o deveria odiar por ter assassinado a minha mãe.

Sei que nunca mais deveria querer olhá-lo nos olhos.

Mas o Zephyr fez uma escolha. Fez o que o meu pai teria feito, o que eu *não fui* forte suficiente para fazer. Assassinei imensas pessoas, degolei-as sem mesmo parar para pensar quem elas eram ou o que teriam feito. Mas quando se tratou da assassina da minha mãe, uma das poucas pessoas neste mundo que realmente mereciam uma morte horrível... não tive a força necessária.

— Ainda te odeio — digo, entre dentes, ao Zephyr. Ele fica muito tenso mas depois descontrai-se quando repara que lhe sorrio. — No entanto, fizeste o que deverias ter feito. Libertaste-nos, Zephyr. — Não lhe agradeço, pois ainda não me sinto preparada para o fazer.

Porque não sei o que irá acontecer no dia seguinte, se iremos conseguir sobreviver à nossa incursão no Cume, ponho, por agora, os meus sentimentos de parte. Nós os três passamos o resto da noite a trocar histórias, a murmurar coisas acerca do mundo.

As vozes deles ajudam-me a adormecer e, desta vez, os pesadelos mantêm-se à distância.

Capítulo 62

Zephyr

De manhã, vemos as montanhas.

Grandes extensões de terra, que se elevam até ao céu, de tal modo que os seus topos desaparecem nas nuvens. As montanhas são maiores do que alguma coisa que eu tivesse visto antes. É como se nada as pudesse destruir.

Nem sequer a Peste, a Cura para a Eternidade, o Complexo dos Assassinos ou qualquer outra coisa daqui até ao Inferno e vice-versa.

São espantosas. Mas é o nascer do Sol por cima delas que mais me atrai.

É como fogo líquido, espalhando-se pelos vales na parte inferior dos cumes, acendendo-os com tons de rosa, de vermelho e de amarelo, cada vez mais vivos.

Sei que se trata do mesmo Sol que nasce sobre o Perímetro, lá longe nos Baixios.

Mas, até certo ponto, parece-me diferente.

Aqui é elétrico, como se tivesse ciúmes da intensidade das montanhas, de modo que brilha mais para se afirmar.

A Meadow e a Sketch estão sentadas ao meu lado.

Algures, mais à frente, a Sasha continua a conduzir o comboio. Estamos quase a chegar ao fim da linha.

Em breve, estaremos no Cume e teremos de arranjar modo de aí entrarmos. Em breve, um verdadeiro inferno irá voltar a rebentar, e não sei se a Meadow estará viva para partilhar essa experiência comigo.

O que sei é que este momento é celestial. Irei agarrar-me a ele até que os carris terminem, até o comboio parar.

Até entrarmos no Cume.

Capítulo 63

Meadow

Quanto mais nos aproximamos do Cume, menos pessoas vemos.

É como se estas pudessem pressentir os horrores que se passam lá dentro, de modo que se mantêm à distância.

Os caminhos enchem-se de curvas e desaparecem pelos bosques.

E, de súbito, o mundo enche-se de verde, mais verde do que os Everglades. A cor desses não se pode comparar com a destas árvores.

Erguem-se até ao céu, estendendo os seus ramos como agulhas, mais altas do que alguma vez vi. Ondulam no vento e o odor profundo e natural dos bosques acaba por me envolver, e, para além deste, o de algo húmido e frio. Há pássaros vermelhos que saltitam pelas copas.

Os esquilos saltam e escondem-se muito depressa quando passamos.

Por momentos, sinto que estou dentro de um sonho. Um belo sonho de fadas, das histórias que a minha mãe me contava quando eu era pequena. Imagino a Peri com o cabelo entrançado, com o seu riso como música, enquanto eu e o Koi corríamos atrás dela por entre as árvores. Imagino o meu pai algures à nossa espera do outro lado, forte, em segurança, e *vivo*.

Depois, de repente, as árvores já ali não estão. O conto de fadas desaparece como fumo ao vento. O comboio balança e em seguida começa a abrandar de velocidade.

Vemos o Cume pela primeira vez.

Capítulo 64

Zephyr

Trata-se de um enorme edifício circular.

Maior do que os Arquivos da Catalogação, nos Baixios.

É dez vezes maior, como se albergasse nele todo um mundo.

Está mesmo ali, no meio das árvores, um grande círculo cinzento metálico, completamente fora de lugar.

— Bolas! — exclama a Sketch, quase sem fôlego. — Será que não passou pela cabeça do general informar-nos acerca disto?

Encolho os ombros e olho para a Meadow. Sei bem que ela e o general têm um segredo. Sei que ela nunca mo irá revelar. — Há muitas coisas que ele talvez não nos tivesse dito...

— Mas só se formos idiotas é que nos vamos meter ali! — sibila a Sketch.

A Meadow está sentada no chão, entre nós, com os ombros apoiados nos nossos para manter o torso levantado. Ela já sentiu as «mudanças» duas vezes. Pensei que, ao desligarem o computador do regulador, ela deixaria de ter sensações dolorosas, mas essa não pareceu ter sido uma solução, de contrário já se encontraria bem.

— É como ir ao edifício da Sede — observa a Meadow. — Isto já se está a tornar um padrão, não acham?

Olhamos, à medida que o Cume vai ficando cada vez mais próximo. É como se a construção fosse feita de titânio, do mesmo material que o Perímetro que rodeia os Baixios.

Se chegarmos a lá entrar...

Não faço ideia se alguma vez conseguiremos *sair*.

Capítulo 65

Meadow

A linha acaba junto a um edifício situado à esquerda do Cume.

Este tem vários andares e está perfeitamente intacto.

Começo a pensar no plano e a tentar lembrar-me dos detalhes do mesmo.

Comporte-se como se fosse a sua mãe. Entre. Observe com atenção o que a rodeia.

São as palavras do general, mas estas soam-me, fortes e sólidas, como se tivessem sido proferidas pelo meu pai. Ouvi-las faz-me sentir outra vez uma menina, rodeada pelo vento vindo do mar, que não pensa noutra coisa senão em impressionar o pai, mantendo-se viva... Quero desesperadamente mostrar-lhe que sou a filha que ele criou, apesar de tudo por que tenho passado desde que o perdi.

Contudo, como conseguirei fazer isso quando as forças me abandonam?

Espero que elas voltem. Oxalá o meu corpo não me traia, não quando já estou tão perto.

— Estás pronta para isto, Woodson? — pergunta-me a Sketch.

Vemos o mundo desaparecer. Instantes de imagens nítidas tornam-se uma mancha vaga.

— Não sei — ouço-me dizer.

— Tens de estar — diz-me ela. Pega-me na mão e aperta-a, com tanta força que chego a sentir dor. Tento recuperar o fôlego e depois sorrio. Ela sabe do que preciso, o que me faz voltar à vida quando me sinto morta.

Estamos a cem metros.

Agora já consigo ver a porta do edifício da Iniciativa.

A Sketch e o Zephyr ajudam-me a que me consiga arrastar até um monte de cobertores e de rações alimentares. Sentamo-nos juntos, conseguimos meter-nos por entre essas coisas e cobrimos os nossos corpos o melhor que podemos.

Agora já devemos estar a uns cinquenta metros.

A voz da Sasha surge pelo altifalante: — Foi uma bela viagem, meninos e meninas — diz ela. A voz dela muda de tom: — Já estão a sair do edifício. Oxalá os pudessem ver. — Ela ri-se como se estivesse a falar para um amigo de longa data. — Isto vai ser um verdadeiro

petisco.

O Zephyr pega-me na mão e eu deixo que ele o faça. Poderá ser o último momento em que nos tocamos.

Dez metros.

— Creio que não vos vou ver no outro lado — acrescenta a Sasha. Consigo ouvir o acelerado da sua respiração, ouvir o sorriso que permanece na fímbria da sua voz.

O comboio acelera até um tremer final, quando a linha termina.

A Sasha não para. Acelera o motor. — Façam-me um favor — pede ela. — Deem cabo deles!

Voamos para fora dos carris como uma bala de prata gigante apontada ao edifício da Iniciativa.

Capítulo 66

Zephyr

O mundo explode à nossa volta.

O comboio revelou-se um animal que ruga. Chia e grita e eu consigo realmente *sentir* o edifício a ser rasgado à nossa volta, quando a máquina o penetra.

A meu lado, sinto a Sketch e a Meadow a caírem por cima uma da outra.

Sinto uma pancada na cabeça, um acesso de dor por detrás dos olhos.

O comboio continua a rolar, destruindo, arrastando tudo à sua passagem.

Em seguida, tão rápido como começou, tudo acaba.

Capítulo 67

Meadow

O comboio para.

Não consigo respirar.

Não consigo pensar.

Controla-te. Deixa que o medo invada o teu coração e depois esmaga-o.

É a voz do meu pai e é a ela que me agarro.

Há uma grande confusão à minha volta. Um som de destroços a caírem por cima do comboio. Não sei se a Sketch e o Zephyr se encontram bem.

Tento encontrá-los.

Uma mão descobre a minha e aperta-a.

Estamos calados.

Há vozes lá fora.

Gritos.

Sinto-me fraca, mais fraca do que nunca, e sei que, em breve, a Iniciativa há de vir, abrir a porta e encontrar-nos.

Irás morrer depressa, diz-me a voz da minha mãe. Nem sequer chegarás a metade do caminho, Meadow.

Tento silenciá-la. Recuso-me a acreditar nela.

A «mudança» dá-se. A força invade-me como uma onda teimosa.

Um mero momento de fraqueza e, logo a seguir, sinto uma grande força a crescer dentro de mim, a surgir lentamente, até que os músculos me expludam cheios de poder.

Isso acontece precisamente no instante em que a porta se abre de repente e os soldados da Iniciativa começam a olhar, com os olhos muito abertos, para o interior do comboio.

Capítulo 68

Zephyr

A Meadow torna-se uma mancha vaga.

Move-se com a velocidade do vento, numa precipitação de negro e prateado.

Tem o cano da espingarda apontado a qualquer Sanguessuga que lhe apareça no caminho.

Dá cabo de quatro, antes mesmo que eu me dê conta de que a deveria ajudar.

A Sketch está viva e em segurança, de pé e a gritar, enquanto vai alvejando o inimigo.

Não consigo encontrar a minha espingarda.

Há coisas espalhadas por todo o lado, espalhadas como sangue. Remexo em tudo, desviando materiais, tentando descobri-la. Mas não vejo a espingarda em lado nenhum e tudo o que consigo ouvir é um zumbido nos ouvidos, à medida que tudo explode à minha volta.

— Seguro para avançar! — grita a Meadow. Eu volto-me e vejo-a, juntamente com a Sketch, a dar um salto do comboio para o edifício.

— Esperem por mim! — Sigo-as. Para mim é tudo uma mancha confusa, pó e destroços, corpos estropiados ou despedaçados pelo chão.

Escorrego no sangue.

Caio em cima de um corpo estendido de costas. Levanto-me e corro, seguindo os gritos da Meadow.

Há muitos corredores, muitas portas.

Muitas Sanguessugas.

Elas as duas abatem tantas quanto possível.

É preciso encontrar a saída, é preciso encontrar a saída, é tudo em que consigo pensar. Mas não temos hipótese de a podermos encontrar.

Esbarro contra as costas da Meadow.

Ela está de pé sem se mexer, a olhar em frente, e apercebo-me porquê logo que olho para cima.

Sanguessugas.

Há reforços, vindos de outras partes do edifício, com as espingardas apontadas para nós. Eu ando às voltas, à procura de uma saída.

Mas não há esperança.

Estamos rodeados por todos os lados.

Capítulo 69

Meadow

Estou numa jaula que parece ter sido feita para animais.

O Zephyr e a Sketch estão aqui comigo. Estamos atados, pulsos e tornozelos, com as grandes algemas. É impossível que as consigamos abrir. Não as poderemos retirar sem uma chave. Encontramo-nos numa pequena sala branca. Há câmaras no teto apontadas para nós, a verem tudo o que fazemos, como olhos.

Penso se já teriam contactado os Baixios.

Penso se nos irão enviar para lá.

Penso por que razão ainda me importo.

A dada altura, a minha força volta a desaparecer e eu fico tão fraca como nunca.

Sinto-me como se pudesse tombar para o chão a qualquer momento, com o mais leve sopro de vento.

— Acham que nos vão matar? — pergunta a Sketch. Ela bate com as botas contra as grades.

Veze sem conta, até me apetecer gritar...

Faz muito barulho, é demasiado.

— Será que podes parar com isso? — irrompe o Zephyr. — Estás a reagir como uma verdadeira idiota! É claro que nos vão matar. Acabámos de eliminar metade do seu exército com o comboio!

— Cala a boca, Zero, antes que te enterre esta bota no cu!

Começam a lutar como crianças e o nosso triângulo começa a desagregar-se. Estamos a perder a calma, a nossa sanidade mental.

As horas passam.

Estamos num espaço muito confinado e não nos conseguimos levantar.

Volto a sentir a «mudança», sinto-me forte, quero mexer-me, correr, pôr as mãos em volta do pescoço de alguém e senti-lo a dar um estalo, como o ramo acabado de cair de uma árvore. Fico calada e imóvel.

Espero, começo a pensar nas várias maneiras de matar as pessoas que nos capturaram. Penso no modo como irei sentir o sangue quente deles nas minhas mãos. Sonho com os seus gritos de tortura.

Anseio por vingança.

Finalmente, a porta da sala abre-se.

Vejo entrar uma mulher vestida com a farda preta da Iniciativa.

Capítulo 70

Zephyr

A mulher parece ser forte e corajosa, o que não é um bom sinal.

Tem um rosto angular e um cabelo preto tão esticado para trás, que até me admira que ela não o tenha arrancado da cabeça. Reparo que olha para nós com tanto nojo que eu fico logo a saber que estamos lixados.

Ela entra com duas Sanguessugas armadas ao seu lado.

Uma delas vai buscar-lhe uma cadeira, colocando-a diante da jaula. A mulher senta-se.

— Sou a Dr.^a Jameson — diz-nos ela. — A cientista principal aqui no Cume.

A Meadow está ao meu lado e ainda se sente muito fraca. Encosta a cabeça contra as grades para poder ver melhor a médica.

A Sketch limita-se a revirar os olhos, como se, após essas poucas palavras, ela já estivesse farta de a ouvir.

— Normalmente, mataria qualquer um à vista, pelo assassinio brutal de vinte e três dos meus soldados, por terem ferido sete e terem destruído anos de trabalho em alguns dos meus laboratórios. *Anos* — sibila a Jameson. Cruza as pernas e senta-se muito direita na cadeira. — Mas vocês os três não merecem a morte. É demasiado rápido. Demasiado definitivo... — Ela olha para nós, tão cheia de ódio, que me parece que vai rebentar a qualquer momento. — Sei bem de onde vieram e quem vocês são.

— Então, mande-nos já para os Baixios — diz a Sketch. — Já todos sabemos que é isso que vai fazer.

A Jameson semicerra os olhos. — Então acreditam que poderiam aparecer por cá, dar cabo de nós e saírem daqui ainda vivos? Por que motivo vieram afinal até cá?

Não digo uma palavra. A Sketch resmunga e desvia o olhar.

É a Meadow quem fala. — Viemos dar cabo de vocês — murmura ela. — Tal como demos cabo dos Baixios.

Os olhos escuros da Jameson fixam-se nos olhos claros da Meadow. Juntas, são duas chamas atizadas à espera que algo ou alguém comece a arder.

— Os Baixios ainda se mantêm, apesar da morte da Lark Woodson e do comandante — observa, acenando com a cabeça para Meadow. — Você é a filha querida que ela elogiou tanto durante o nosso treino.

Se não tivesse apoiado a sua causa, já a teria trinchado de orelha a orelha.

A Meadow ri-se. — Eu e a senhora sabemos bem que não me pode fazer mal.

— Pois não — admite a Jameson. — Mas posso fazer mal aos seus amigos.

— Eu já passei por isto nos Baixios. Vá, faça-lhes mal. Faça-lhes mal. É uma perda de tempo. Mande-nos para onde viemos e prossiga com a sua vida.

A Jameson põe-se de pé e começa a andar de um lado para o outro. — Adoraria mandar-vos para lá — diz ela. — Especialmente porque vocês fugiram. — Põe um joelho em terra diante da nossa jaula. Está tão perto, que quase consigo ver os pontinhos castanhos nos seus olhos verdes. — *Ninguém* consegue fugir da Iniciativa!

A Sketch cospe-lhe em cima e ri-se. — Nós conseguimos.

A Jameson limpa a cara. Depois, saca da pistola e encosta-a à cabeça da Sketch.

De repente, os soldados avançam, mas a Jameson grita uma ordem e eles param.

— O novo comandante disse-me para vos enviar para o Cume — esclarece a Jameson.

O novo comandante?

Espero que seja o Rhone. Espero que ele tenha assumido o controlo, tal como ele me disse. Espero que a Dex esteja ao lado dele, a cantar as suas canções malucas e com os risinhos de louca que a caracterizam.

— O novo comandante é *um parvalhão*. — Os olhos da Jameson fixam-se na Meadow.

— Se morrer lá, será uma grande perda. Deveria extrair já o seu cérebro. Deveria iniciar o meu próprio local de testes e usá-la como o meu protótipo — diz ela, cheia de ódio, passando a mão pela cara. — Vocês abriram buracos no nosso sistema. *Arruinaram* a ordem que nós tentámos construir com tanto esforço. Talvez não estejam a perceber. Nós estamos a tentar consertar o mundo e vocês estão a lutar contra nós, para voltarem a dar cabo dele!

Atira com a cabeça para trás e grita.

— Senhora doutora. — Um dos soldados avança e estende-lhe uma mão, mas ela volta-se e dá-lhe um tiro. Ouço a cabeça dele a cair no cimento e o sangue e os pedaços de cérebro a saírem da mesma. Ela volta-se para nós e ajoelha-se, suficientemente perto para olhar a

Meadow nos olhos. — Vocês *nunca* deveriam ter saído dos Baixios...

O sangue começa a pingar do nariz da Meadow, mas ela está demasiado fraca para o limpar.

— Está a morrer, não é verdade? — pergunta-lhe a Jameson.

A Meadow olha muito para ela.

O sangue cai e começa a espalhar-se no chão frio.

A médica faz um trejeito de nojo. — Que pena...

Levanta-se e dirige-se para a porta.

— Espero que gostem do Cume. Desta vez não vão conseguir fugir. E o que lá irão encontrar, acreditem no que vos digo, é bem pior do que a morte. Poria aí o novo comandante, se o pudesse fazer.

Sai então da sala, batendo com a porta.

Capítulo 71

Meadow

Sou uma miúda.

Estou deitada na proa do nosso barco, ao lado da minha mãe, na primeira semana que o tivemos.

É de noite. As estrelas brilham e nós estamos a olhar para o céu, a contar as constelações. É espantoso como o céu pode ser tão vasto, mesmo quando o mundo me parece tão impossivelmente pequeno.

Fecho os olhos e começo a afastar-me.

Ouçó a voz da minha mãe a murmurar, a murmurar.

— Desculpa-me — diz ela —, por tudo o que fiz.

É um sonho, apenas um sonho, e eu sou demasiado nova para o perceber.

— Hei de dar-te sempre uma hipótese de saída — diz ela. — Talvez um dia escolhas morrer.

Quase desapareci.

— Se saíres daqui — sussurra ela —, irá acontecer. É a minha prenda para ti, Meadow.

Sinto os lábios dela a afluarem-me a testa.

Em seguida, os sonhos levam-me para muito longe, por baixo do céu e das estrelas.

PARTE TRÊS

O CUME

Capítulo 72

Zephyr

A manhã chega como um relâmpago.

Demasiado depressa, impossível de ser evitada.

Caminhamos pelo vale, por detrás do edifício das Sanguessugas, a escorregar em gravilha solta e em pedras, em pedaços de relva.

Cada passo nos aproxima mais do Cume.

A cada segundo, a Meadow está mais perto de encontrar a sua família.

Estamos quase à beira do Cume quando a Sirene Noturna começa a tocar, embora seja manhã. Mas o som é o mesmo. É como se esse lamento arrastado tivesse saído das minhas memórias, perfurando-me os ouvidos, apunhalando-me o coração.

A Meadow tropeça e cai de joelhos.

Os guardas, as Sanguessugas, riem-se e dão-lhe pontapés.

— De pé — dizem eles. — Mexe-te.

Ela está muito fraca.

Vê-la ali, vencida no chão, quase me destroça. Mas, em seguida, ela levanta os olhos e, em vez de medo ou tristeza, vejo neles uma promessa de morte.

— Vocês são todos uns filhos da mãe — diz a Sketch. — Sabem disso, não é verdade? Vamos, Woodson.

Ajuda a Meadow a levantar-se. Pomo-la entre nós os dois e carregamo-la praticamente pelo caminho que desce a colina.

— Não preciso de ajuda — irrompe a Meadow, mas mal pode respirar. — Se eu tivesse as minhas armas...

Olha então para mim, apenas por um instante. — Em breve irás sentir de novo a «mudança», de modo que não irás necessitar das tuas armas para nada.

— E quanto irá demorar, até que a «mudança» me mate de uma vez por todas? — pergunta ela. — Quanto tempo ainda até eu morrer?

— Não penses assim — digo-lhe. — Havemos de arranjar uma maneira.

Ela acena afirmativamente com a cabeça, range os dentes e debate-se desesperadamente para se manter de pé.

Daqui, posso finalmente ver o Cume em pormenor. Trata-se de um

gigantesco edifício circular que se eleva sobre o mundo, com pelo menos doze andares de altura. Talvez seja impossível dar cabo dele. Visto daqui, parece-me que o seu topo consiste numa rede espessa de titânio, apenas com espaços suficientes para que o sol e a chuva aí possam penetrar.

Existe um muro exterior com um portão que rodeia o edifício.

Um Perímetro, quase idêntico ao dos Baixios. Só que este tem rolos de arame farpado na parte de cima.

Por detrás de tudo, as montanhas parecem monstros. Estendem-se até onde a minha vista alcança e, algures, consigo ouvir uma cascata. É como se as montanhas tivessem uma voz que nos estivesse a avisar.

Mantenham-se bem longe.

Há outros, que caminham das árvores no centro do vale e que também se dirigem para o Cume, escoltados por Sanguessugas. Estão acorrentados como nós e parecem muito amedrontados, à medida que os guardas os empurram e os forçam a andar na direção do Perímetro.

— Vai tudo correr bem — digo eu, entre dentes, à Meadow e à Sketch.

Não me respondem. Olho para o Perímetro. Outro mundo cheio de muralhas e de mentiras e do que quer que seja que possa estar à nossa espera lá dentro.

Faz-me pensar por que motivo teria eu dito que tudo iria correr bem.

Capítulo 73

Meadow

Vêm separar-nos assim que estamos já perto. Rapazes para um lado; raparigas para outro.

É como voltar ao dia em que arranjei o meu emprego como trabalhadora no Salão das Rações Alimentares.

Duas filas e um só lugar para onde ir.

Da última vez, estive numa fila para salvar a minha família de morrer à fome. Desta vez, estou numa fila para os salvar da morte.

— Olha-me para este sítio, Meadow — sibila a Sketch. Eu agarro-me a ela e ela mantém-me de pé, quase sem fôlego. Está exausta e eu estou a drenar-lhe as energias só para não cair no chão. Ranjo os dentes, tento apressar o tempo da «mudança», mas não consigo, não creio que seja possível. Já não consigo controlar o corpo. — Há Sanguessugas por todo o lado — acrescenta ela.

Olho para a parte de cima dos portões negros que rodeiam a abertura. De ambos os lados, posicionados com armas, vejo guardas da Iniciativa, que observam os nossos mais ínfimos movimentos. Andam de um lado para o outro, talvez numa plataforma por detrás do arame farpado.

Também existem câmaras que se elevam, com um zumbido, por detrás das muralhas.

Por que precisarão eles de uma muralha no *exterior* do edifício? A Nova Milícia nunca irá conseguir retirar-nos daqui. Mesmo se eu lhes enviar um sinal, eles ainda podem falhar.

Uma das câmaras parece descer muito baixo e ondula na nossa direção. Os meus instintos dizem-me para desviar a cara, para desviar o olhar, mas eu força-me a olhar muito para ela.

A fila começa a avançar lentamente e eu consigo ver a entrada mais de perto.

Vejo aí duas portas. Uma com o símbolo masculino, outra com o símbolo feminino, afixados nas partes da frente.

Há guardas a controlar as entradas e, entre as portas, um ecrã holográfico. Uma mulher surge nesse ecrã. Cintila, com faces pálidas e cabelo branco. Dou-me conta de uma coisa, tal como os guardas da Iniciativa que nos fizeram prisioneiros, ela não tem um número de catalogação. *Homens para a esquerda; mulheres para a direita.* Sorri e

estende as mãos em ambas as direcções. Como se estivéssemos satisfeitos por aqui estar.

Um menino, vestido com roupas esfarrapadas, cambaleia para a porta da esquerda. Esta abre-se e o menino desaparece na escuridão. A porta fecha-se. Julgo ouvi-lo a gritar, lá dentro. Mas talvez seja apenas a minha imaginação, o meu medo a revelar-se na sombra deste novo local. O Zephyr está quase no princípio da fila e olha para mim.

Por momentos, lembro-me do rapaz que ele foi em tempos, da primeira vez que o vi. Ele estava destroçado num charco de lágrimas no chão dos Arquivos da Catalogação.

Teria sido bem mais fácil se nunca nos tivéssemos encontrado, se eu não tivesse colocado aquelas flores murchas ao seu lado.

Mas depois ele acena-me afirmativamente com a cabeça e os seus olhos cor de esmeralda indicam força e estabilidade. Sei que sem ele nunca teria chegado aqui.

Sem o Zephyr e a Sketch ainda estaria por minha conta.

Estou zangada com ele. Parte de mim anseia pelas suas carícias, enquanto outra o odeia, com um fogo que não se pode apagar facilmente.

Ele assassinou-me, diz-me a voz da minha mãe, dentro da minha cabeça. Hesito, tento afastar o seu fantasma, focando-me no que é mais importante.

A Sketch é a primeira a entrar. — É melhor que essa força te volte, Woodson, porque qualquer coisa me diz que, uma vez lá dentro, iremos precisar de ti — diz-me ela, com um piscar de olho. Porém, parece-me muito triste e eu sei que ela está a pensar naquilo que todos nós sabemos ser verdade. Que eu estou a morrer. Que eu estou, de facto, a morrer. — Vemo-nos no outro lado.

Homens para a esquerda; mulheres para a direita.

Ela entra. As portas fecham-se. Quando se abrem, apenas setenta e dois segundos mais tarde, há um espaço vazio, uma pequeníssima divisão onde apenas cabe uma pessoa.

A mulher holográfica fala, e abre muito os braços.

Entro e sei que estou sozinha.

Capítulo 74

Zephyr

Entro para dentro da caixa.

A porta fecha-se atrás de mim e o coração bate-me como um louco dentro do peito.

Há uma voz que vem das paredes, a da mulher pálida cujo holograma estava no exterior. — *Por favor, ponha o pulso esquerdo na abertura designada.*

Há um buraco na parede com um brilho vermelho. Ponho a minha mão dentro dele e espero.

— *É bastante recomendável que não se mexa.*

Ouçó três bipes rápidos. Sinto qualquer coisa sólida e pesada a rodear-me o pulso.

— *Iniciar a catalogação* — diz a voz.

Ouçó um zumbido e sinto uma dor, como se alguém me tivesse cortado com uma faca.

— *Cidadão Vermelho. Número P375320. Nível de Sangue — Limpo. Por favor repita o número que lhe foi designado.*

Repito o número. Engano-me e tenho de o repetir novamente. Então, finalmente, ouço um som arrastado quando a porta diante de mim se começa a abrir. Retiro o pulso e vejo a banda metálica, uma pulseira vermelho-sangue, em volta do mesmo com os números *P375320* inscritos no metal. Há um pequeno ecrã no meio dela onde vejo a letra *C* em vermelho vivo.

— *Cidadão Vermelho P375320. Operação: Código da Morte. Fase de Experiência: 17.* — A sua voz está contente e é doce como o açúcar, como a da Lark. A minha pulseira metálica pisca uma luz de um vermelho vivo, para se apagar em seguida. — *A Iniciativa agradece-lhe pelo seu serviço. Bem-vindo ao Cume.*

Sinto uma lufada de ar frio. Dou um passo para o exterior a pestanejar, à medida que o frio e a luz do dia me envolvem. A porta fecha-se atrás de mim, prendendo-me aí dentro.

É quando olho para o Cume pela primeira vez.

Capítulo 75

Meadow

As forças regressam-me subitamente.

Tento recuperar o fôlego e sinto picadas nos membros, à medida que a energia se espalha por eles. Já não sinto a cabeça a andar à volta. A minha visão tornou-se mais nítida e sinto que poderia correr cem quilómetros e lutar contra milhares de inimigos.

A porta para o Cume abre-se.

Há árvores por todo o lado, até onde a vista alcança.

Uma floresta.

Esta tem algo que me parece diferente das palmeiras que costumavam ladear a praia nos Baixios. Lá, a morte estava ao virar de cada esquina, a murmurar e a chamar por mim, enquanto eu me dirigia para a cidade.

Mas aqui, tudo me parece vivo. Sinto um arrepio, ao sentir que estou a ser *observada*. Volto-me, olhando em frente e para trás de mim, a observar este novo mundo. Forço-me para me descontraír, para *pensar*.

Estava à espera de uma cidade. De destruição. De guardas da Iniciativa a empurrarem-nos para dentro, com espingardas apontadas às nossas caras.

Isto é diferente.

Dá-me uma ilusão de liberdade, o que me perturba ainda mais.

Começo a andar em círculos. Por detrás de nós, a muralha eleva-se como um demónio escuro, com enormes braços abertos a espalharem-se de ambos os lados. Levanto o olhar e, em vez de céu, só vejo metal. Sólido e impenetrável.

Entrámos.

Já não haverá saída.

Olho para a pulseira metálica que tenho em volta do pulso, com a letra C, viva e vermelha, no pequeno ecrã. A Sketch e o Zephyr têm pulseiras idênticas.

— Creio que vocês os dois ouviram a mensagem, não é verdade? — pergunto-lhes.

O Zephyr acena afirmativamente com a cabeça. — O Código da Morte. Que diabo quer isso dizer?

— Quer dizer o que o general nos disse que queria dizer — sibila a Sketch. — Significa que eles vão tentar arranjar uma maneira de nos matarem, sem sequer porem as mãos em nós. — Acena-me com a cabeça. — Estás com melhor aspeto. Será que a velha Meadow já voltou?

— Não — digo eu. — Trata-se da nova Meadow. A velha já morreu há muito tempo.

A porta, na parede por detrás de nós, abre-se. Uma rapariga, com uma pulseira amarela, começa a caminhar para os bosques; vejo a mesma letra C no ecrã da sua pulseira.

— Eh! — chama a Sketch.

A rapariga volta-se. Os olhos dela abrem-se mais quando nos vê. Em seguida, dá meia-volta e foge pelo meio das árvores.

— Está bem, foge! — grita-lhe a Sketch. Volta-se para mim. — De qualquer modo não queríamos a sua companhia. Que idiota...

Um grito estridente soa vindo de cima. Por instinto, baixo-me junto ao chão e tento levar a mão ao punhal que já não tenho à cintura.

O Zephyr suspira. — Meadow, está tudo bem. Olha.

Aponta para as árvores por cima das nossas cabeças. Vemos um enorme pássaro castanho pousado num ramo, a olhar para nós com um olho verde muito redondo.

O pássaro abre o bico uma vez, e faz um ruído matraqueado, em seguida levanta voo desse ramo. As suas longas asas ondulam, à medida que ele vai desaparecendo na floresta. Por momentos, fico maravilhada a olhar para ele, desejando, desesperadamente, ter asas como esse pássaro.

Poderia elevar-me bem alto.

Ver a minha família desde cima. Encontrar um modo de comunicar o sinal à Nova Milícia muito mais depressa, e arranjar uma maneira de podermos sair daqui.

— Temos de continuar — sugiro eu. — Descobrir onde está toda a gente.

— Temos também de encontrar água — diz o Zephyr. — Estou morto de sede.

— Ai, sim? — resmunga a Sketch, agarrando o estômago. — És nojento, Zero.

Sigo em frente, deixando-os atrás de mim.

Discutem os dois como crianças.

Caminhamos por algum tempo, entranhando-nos na floresta. De vez em quando, paro para ouvir os ruídos. Ouço vozes, na distância. Penso ouvir água a correr, mas não a consigo vislumbrar.

O mundo é todo da mesma cor e os meus olhos estão fartos de verde. — Temos de encontrar armas.

O Zephyr e a Sketch continuam a empurrar-se um ao outro como miúdos. Ela empurra-o contra uma árvore e ele atira-a ao chão, a praguejar enquanto ela se ri. Faz-me lembrar eu e o Koi, a lutarmos na nossa casa flutuante, a empurrarmo-nos borda fora para as ondas. Lembra-me a Peri, o modo como eu lhe costumava fazer cócegas na cintura e de como o seu riso destruía a escuridão da noite.

As memórias trazem-me a dor e, de súbito, tenho de me afastar, fazer algo de produtivo, antes que enlouqueça de saudades deles.

Escolho a árvore mais alta para trepar. Começo a subir, ramo após ramo, mãos e pés firmes na casca sólida, até chegar à parte mais alta, antes que a árvore comece a vergar.

A floresta à minha volta é infinita. As árvores estendem-se até perder de vista, uma linha de castanho e verde, como se robustos soldados da Iniciativa estivessem colocados através da floresta. Uma pequena linha prateada serpenteia através delas.

— Água! — grito. — A norte!

Fico ali em cima apenas um momento, deliciando-me com a brisa que parece beijar-me as faces. O teto abobadado fica mais ao longe. Nunca poderemos chegar ao seu topo para fugirmos.

A Nova Milícia e o sinal que lhes hei de enviar são as únicas opções. Toco com a ponta do dedo no caroço que sinto na parte interior do pulso, algo que o comandante me deu quando falámos em privado.

Oxalá ninguém se aperceba disso.

Desço da árvore e volto-me para o Zephyr e para a Sketch. Estão ambos a sangrar, ele com um lábio inchado e ela com um corte na sobrancelha. — Se vocês os dois já acabaram de perder tempo, devíamos continuar.

— Calma, Meadow. — O Zephyr tenta pegar-me na mão. — Estamos apenas a divertir-nos.

— Não há tempo para diversões — sibilo, e recuo um pouco. — Especialmente agora. A minha família está algures aqui. Temos setenta e duas horas para a encontrar e para lhes enviarmos o sinal.

— E é isso que faremos — diz o Zephyr, com os olhos a brilharem como esmeraldas zangadas.

Ouve-se um clique por baixo da bota dele.

— Para — murmuro, levantando as mãos, ao dar-me conta do que está prestes a acontecer. — Não te mexas, Zephyr.

Capítulo 76

Zephyr

Ouço um clique, como o som de uma bala a deslizar na câmara do tambor de uma pistola. Dou um passo à direita quando a Meadow me diz para não o fazer.

E então o mundo altera-se para pior. Fica de pernas para o ar.

Qualquer coisa me puxa pelo tornozelo esquerdo. A minha cabeça bate no chão e, antes de me dar conta do que está a acontecer, vejo-me pendurado, com o sangue a sair-me da boca e a manchar-me o cabelo.

— Que diabo foi isto? — grita a Sketch.

O seu rosto está ao nível do meu.

A Meadow começa a andar de um lado para o outro à procura de uma coisa para me tirar dali.

Mas não encontra nada. Já não tem o punhal e eu e a Sketch também não temos armas.

Ouve-se um estalido por entre as árvores, por detrás de nós. A Meadow volta-se, de punhos fechados. Estou a rodar lentamente, com a corda que me prende o tornozelo a abanar-me ao vento.

Rodo uma vez. Vejo movimento entre as árvores. — Há alguém ali — digo eu.

Volto a rodar.

— Agarrem-no! — grita a Meadow. Ela atira-se rapidamente, mas eu não consigo ver quem ela está a perseguir, porque estou a rodar de novo.

— Que está a acontecer? — pergunto, em voz alta. Ninguém me responde. Ouço apenas resmungos. Uma pessoa grita de dor e eu não sei quem é. — MEADOW, SKETCH!

Dou uma terceira volta, desejando que elas se encontrem bem.

Começo a rodar na corda na direção contrária.

E volto a ver a Meadow e a Sketch. Só que desta vez há ali outra pessoa. Um rapaz de cara suja, cujo rosto elas pressionam contra a neve.

— Eu não ia fazer nada! — grita ele. — Juro!

— Vais já fechar a boca, se é que ainda tens algum juízo — diz-

lhe a Sketch.

— Tira-lhe a faca — atalha a Meadow. — Desprende o Zephyr.

Volto a rodar, perdendo a cena, porém, antes mesmo que volte a girar, vejo a cara da Sketch.

— Não, espera! — digo-lhe.

Ela corta a corda. Caio e aterro de cabeça.

— Oh! — gemo, sentando-me e começando a sacudir a terra do cabelo. — Obrigado, acho eu...

— Não digas que não te avisei. — A Sketch ri-se.

— Tu *não* me avisaste!

A cabeça começa a latejar-me e sinto-me tonto, à medida que o sangue regressa aos sítios onde devia estar. Mas posso finalmente ver melhor o rapaz em cuja armadilha vim a cair. Ele parece um Programado, uma versão mais nova de mim. Tem cabelo escuro, quase colado à cabeça em nós espessos e sujos. Parece nunca ter tomado banho na sua vida.

Mas isso não é o pior.

É o seu corpo.

Está coberto, desde o pescoço aos braços nus e às pernas, de furúnculos, de onde sai um líquido verde. Um deles rebenta-lhe no pescoço e a Sketch desvia-se, enojada.

— Que se passa contigo? — pergunta-lhe ela.

O rapaz tenta libertar-se da Meadow, mas ela é demasiado forte para ele. — Deixa-me pôr em pé, já, antes que o Scout venha aí para te agarrar.

— Ele é apenas um miúdo, Meadow — digo-lhe. Um rapaz coberto de uma coisa terrível em que eu não quero que ela toque. — Deixa-o levantar-se.

Ele tem uma pulseira verde no pulso, um pouco gasta e riscada. O ecrã mostra o número 37. Não tem número de catalogação na cabeça. Olha para nós, como se fôssemos alienígenas, mas é ele quem parece ter vindo de um outro planeta.

— Se correres, apanho-te logo — diz-lhe a Meadow. Ele acena-lhe com a cabeça, com um ar amedrontado. — Diz-me lá onde está toda a gente e eu não te faço mal.

— Está bem — diz-lhe o rapaz. — Mas, por favor, larga-me.

A Meadow liberta-o.

Ele põe-se de pé, tenta reaver a faca que está com a Sketch, mas

ela estende um braço e levanta-a muito alto.

— Hão de pagar por isto — diz o rapaz.

Em seguida, faz a única coisa que não deveria ter feito.

Volta-se, e põe-se a correr pelas árvores.

A Meadow ri-se à boca pequena. — Era isso mesmo que eu esperava que ele fizesse. Vamos.

Tira a faca da mão da Sketch e corre atrás dele, silenciosa como uma predadora, enquanto lhe segue o rasto.

Capítulo 77

Meadow

O rapaz corre depressa, escondendo-se por entre as árvores com uma desenvoltura animal.

Parece ter muita prática neste tipo de coisa e conhece bem o terreno.

Mas eu fui treinada pelo meu pai. Treinada para correr mais depressa e com mais energia do que qualquer outra pessoa nos Baixios. Uma vez que retomei as minhas forças, posso fazer com que o meu pai se sinta orgulhoso, e tornar-me na lutadora que ele sempre quis que eu fosse. Não sei quanto tempo ainda me resta. Quero aproveitar cada segundo.

Mantenho-me a uma distância capaz de convencer o rapaz acerca da sua segurança. Porque quero que ele me conduza ao lugar onde mora. À medida que corro, consigo ver coisas que não me parecem bem. Uma mancha de sangue no tronco de uma árvore. Uma trouxa amachucada, em cima de um monte de galhos e de folhas. A embalagem exterior de uma câmara da Iniciativa. Pego num pedaço desta, curvo e afiado, e meto-o na faixa que tenho à cintura, para o poder usar como uma arma.

Mais atrás, consigo ouvir o Zephyr e a Sketch a chamarem por mim, a pedirem-me que pare. Eventualmente, hão de conseguir alcançar-me.

O rapaz salta, transpondo um ribeiro que corre através da floresta, o mesmo que já tinha visto do alto da árvore. Tenho a garganta seca e tudo em mim me pede para que pare, a fim de matar a sede. Mas tenho de correr, continuar a segui-lo.

Em breve, vislumbro uma enorme formação rochosa semelhante a uma versão mais pequena da montanha gigante no exterior do Cume. É circular quase como se formasse um Perímetro.

Baixo-me por detrás do tronco grosso de uma árvore e deslizo até ele para que o rapaz não me consiga ver.

Quando volto a dar uma vista de olhos, vejo-o a sorrir. Pensa que eu já o perdi. Um furúnculo rebenta-lhe na cara de onde escorre um líquido de um preto-arroxeadado que me deixa o estômago às voltas. Ele põe-se de gatas, desvia uma cortina de ramos emaranhados de trepadeiras, e depois desaparece através de uma pequena abertura na parede rochosa.

Ouço o Zephyr a chegar por trás de mim. — Meadow! — grita. Eu volto-me, ponho-lhe uma mão na boca para o calar e empurro-o contra uma árvore.

— Tal como nos bons velhos tempos — murmura ele, com um sorriso irónico.

— Não te importas de te calar? — pergunto-lhe, com um suspiro, apontando em seguida para o topo da formação rochosa. Há um rasto de fumo no ar. Não é preto, o que é um sinal, pelo menos, de que não são antropófagos, como no Exterior.

Onde há fumo, deverá haver pessoas.

Comida.

Respostas. Até agora, somos os únicos que têm números de catalogação. O que quer dizer que as pessoas que os possam ter, e aqui estiverem, pertencem à minha família. Os cidadãos do Cume hão de lembrar-se deles, caso os tenham visto.

— Primeiro as senhoras — murmura a Sketch, ao chegar por detrás de nós. Ela dá uma cotovelada nas costas do Zephyr, acrescentando: — O que quer dizer que deves ser tu, Zero.

— Juro por tudo, Sketch, que... — irrompe o Zephyr, mas eu levanto uma mão para que ele se cale.

— Vai.

Ele respira fundo, depois entra na clareira, põe-se de gatas e desaparece, por detrás das trepadeiras, para o interior do rochedo.

Capítulo 78

Zephyr

Baixo-me para passar pela abertura.

O espaço é muito pequeno para mim, de modo que tenho de me pôr de lado para conseguir passar.

E depois fico entalado.

Não consigo ver o que está a ocorrer no interior da fortaleza rochosa, mas a Sketch vem atrás de mim.

— Continua, Zero — diz-me ela, baixinho.

— Espera — sibilo. — Estou entalado!

E não me apetece avançar mais. Porque há vozes que me chegam, do interior do rochedo, vozes de muita gente.

— Deixa de te comportares como um otário queixinhas — diz-me a Sketch, antes de me dar um forte empurrão.

Caio para a frente, com a cara a ser raspada contra a pedra, e aterro mesmo à beira de uma multidão. Esta volta-se para olhar para mim. São pelo menos uns vinte.

Os seus olhos dirigem-se logo para o meu pulso. Veem o vermelho da minha pulseira e a letra C no ecrã.

As pulseiras deles são verdes, com números.

E algo me diz que isso não é nada bom.

Capítulo 79

Meadow

O Zephyr cai, mesmo à entrada do que parece ser um acampamento.

Trata-se de uma grande clareira circular, rodeada por grandes pedregulhos. Há uma fogueira acesa no meio, com pessoas em volta, e todos os olhares incidem sobre nós.

O Zephyr levanta-se e corre precipitadamente para o meu lado.

— Acertaste em cheio, meu parvalhão — diz-lhe a Sketch, entre dentes.

Mais ao longe, por cima dos pedregulhos, a floresta continua e as árvores estão ligadas umas às outras, com arame farpado, formando assim uma vedação bastante alta.

É um lugar razoável, um bom sítio onde viver.

Mas as pessoas que ali estão parecem selvagens, assemelham-se a um exército de mortos-vivos.

Reparo num rapazinho sentado junto ao lume. Ele tem o que quase me parece ser um braço extra a sair-lhe de um dos lados do corpo. Os outros são igualmente deformados.

Vejo uma mulher do outro lado da fogueira, com a cara muito inchada coberta por uma máscara de furúnculos vermelhos inflamados.

Um homem mais velho, estendido no chão junto do lume, tem um braço cheio de fortes músculos salientes e o outro sem força e atrofiado.

O general tinha razão acerca do Cume.

As pessoas aqui sofreram mutações, foram destruídas.

É horrível, é como se tivessem saído de um pesadelo tornado realidade. Assim que puder, enviar-lhe-ei o sinal, aquele que combinámos em voz baixa, quando todos estavam a dormir, na noite antes de termos iniciado a nossa viagem até aqui.

Dou uns passos atrás, para me juntar à Sketch.

As pessoas que aqui se encontram têm todas pulseiras verdes. Olham para as nossas.

Vermelhas.

Que aqui estão fora do lugar.

— São eles! — grita o rapaz que eu tinha seguido. — Vi-os mesmo à entrada. Já vos tinha dito que eles me tinham seguido.

Quando nos veem, com os rostos frescos e limpos, com os números de catalogação na testa e com a roupa em boas condições, olham avidamente para nós.

O ódio é uma coisa tangível e, quando dou de caras com um predador, consigo senti-lo.

Mas estas pessoas não parecem predadoras ou lutadoras. Parecem gente fraca e destrozada.

Parecem também estar esfomeados.

— Quem são vocês? — pergunto.

— Com que então, Vermelhos... — Um homem levanta-se de entre a multidão. — Bem-vindos ao Rochedo.

Ele tem longos braços musculados e cicatrizes por toda a cara. Parecem queimaduras, arrepanhando-lhe a pele e formando bolhas em certos sítios, tal como o rosto da Sparrow. O cabelo escuro, cheio de nós de sujidade, chega-lhe aos ombros e, logo que se levanta, a multidão observa-lhe todos os movimentos.

Não há dúvida de que é ele o chefe.

— O que é que lhe aconteceu? — pergunto. — A todos vocês?

— O quê? Que achas de estranho em nós, *Lavadinha*? — O homem começa a contornar a fogueira. Parece uma personagem saída de um pesadelo. Quando se aproxima, consigo ver-lhe rasgões na roupa. A pele, por baixo da mesma, também está cheia de cicatrizes. Todo o seu corpo está coberto delas, como se ele tivesse sido atirado para uma fogueira ou queimado com ácido.

Vem ter comigo e observa-me melhor. O Zephyr põe-se à minha frente, de braços cruzados. Rolo os olhos. Para já, consigo muito bem tomar conta de mim.

— Ora, que temos nós aqui? — O chefe estende uma mão suja e cicatrizada, como se estivesse prestes a tocar no número de catalogação do Zephyr.

Mas eu apresso-me, pego no pulso do homem e torço-lho. Agarro-o até estar quase a partir-lho.

— Ninguém nos toca — afirmo eu. — Viemos à procura de respostas. Nada mais.

O homem sorri, mas há uma certa maldade nos seus olhos. — Calma — diz ele. — Então vieste ter connosco, *Lavadinha*?

— Que quer isso dizer? — pergunto-lhe.

Ele ri-se, com um som que se assemelha ao arfar de um asmático.
— Quer dizer que acabaste de chegar aqui, é tudo. As letras C nas vossas pulseiras... Sangue limpo... Isso quer dizer que não vos apanharam... Ainda não...

Liberto-lhe o pulso.

Ele cambaleia para trás, ainda a olhar para o meu número de catalogação. — Já vimos outros como vocês. As coisas estão a mudar por aqui. — Volta a olhar para os seus companheiros. Eles têm os olhos muito abertos, como se estivessem com medo. — Contem-nos lá, Vermelhos. De onde vieram? Por que motivo vos mandaram para aqui?

— Diga-nos antes onde é que estão os outros como nós — sugiro.
— Estou apenas a falar de uma troca de informação.

A voz dele parece crepitar como o lume. — Olhem em volta. Este lugar não é lá grande coisa, mas é a nossa casa e, quando um convidado entra em nossa casa, é costume trazer-nos uma prenda. — Volta a olhar por cima do ombro. Alguns deles põem-se de pé.

Dou outro passo atrás.

— Ora vamos lá, *Lavadinhos*, que é que trouxeram para nos oferecer? Se nos derem uma prenda, poderão passar cá a noite. Há más cores por aí. Azuis, amarelos e roxos e até outras. Mas nós somos Verdes. Nós somos os bons e poderemos ser vossos amigos se nos derem uma razão para isso.

— Não trouxemos nada para vocês — confessa a Sketch.

Porém, o homem tem outras ideias. — Os vossos casacos, por exemplo — diz ele. — As vossas botas... — Ele parece apontar para a faca que tenho na mão. — E a faca do rapaz que vocês roubaram. Ele vai precisar dela.

— Não — digo eu, apertando muito o casaco em volta do corpo e pondo a faca deitada contra o peito. De repente recordo-me de estar na praia com a Peri, quando os Piratas me obrigaram a dar-lhes os atacadores dos sapatos dela. — Estes casacos são nossos.

Ele assobia. Dois homens levantam-se, o que tem um braço musculado e um outro com os olhos muito encarnados. Eles vêm por detrás de nós e outros juntam-se a eles para formarem um círculo, bloqueando-nos assim a saída através do túnel. Começo a mexer-me, pronta a lutar para sair dali para fora.

No entanto, de súbito, sinto a testa encharcada em suor e começo a oscilar sobre os pés.

A «mudança» está outra vez a dominar-me. Em breve, serei completamente inútil.

— Não sei se estão a perceber. Tenho pessoas a meu cargo — observa o chefe, cuspido sangue para o chão. — Não vos vamos fazer mal. Queremos apenas o que vocês têm. As noites são frias. Se encontrarem outros Vermelhos, eles irão tomar conta de vocês. A mesma coisa que nós, os Verdes, fazemos. É assim que as coisas funcionam aqui, *Lavadinha*... Mas, por agora...

Ele faz um sinal para que os seus homens se aproximem mais de nós.

Fecho os punhos e desejo poder *aguentar* até nos encontrarmos fora deste sítio. O meu nariz começa a deitar sangue.

É então que ouço um som na distância.

Um zumbido intenso, vindo de longe.

Os homens ficam imóveis. Olham para o chefe. Em volta, todos começam a murmurar. As crianças rompem num choro. As mulheres tentam acalmá-las e abraçam-se muito a elas.

— Vêm aí, Scout — diz a mulher. — Ajuda-nos.

— Mantenham-se calmos — aconselha o chefe. — Lembrem-se. *Não se mexam.*

As pessoas aproximam-se muito umas das outras, deixando a entrada aberta e livre. O chefe olha para nós e pisca-nos o olho. — Safaram-se bem. Diria que estão com sorte, *Lavadinhos*, mas... — Olha para o céu e, pela primeira vez, vejo medo nos seus olhos. — Os Mordedores estão aqui!

O zumbido torna-se cada vez mais alto.

— Meadow — diz-me o Zephyr, agarrando-me pela blusa para me puxar para trás. — Temos de sair daqui, Meadow.

No entanto, eu fico parada, sem me conseguir mexer.

A curiosidade dominou-me. Tenho de *saber*. Tenho de ver por mim mesma o que, de facto, vem aí.

O zumbido intensifica-se e quase o consigo sentir nos ossos.

Uma onda de insetos gigantes com asas negras eleva-se por cima da fortaleza, bloqueando o céu. É como se o mundo se tivesse imobilizado, quando olho para milhares e milhares desses bichos a zumbir tão alto como a Sirene Noturna.

São como melgas, mas do tamanho da minha mão. *Mordedores*.

— Raios me partam! — exclama a Sketch.

O mundo regressa ao presente. Os Mordedores começam a descer.

Há todo um exército pronto a atacar e os Verdes irrompem numa gritaria.

Capítulo 80

Zephyr

Os meus instintos levam a melhor.

Vou logo direito ao túnel, arrastando a Meadow e a Sketch comigo. Empurro a Meadow primeiro e esta apressa-se em direção à saída. A Sketch entra a seguir e estou quase a apressar-me atrás delas quando qualquer coisa me atinge o pescoço.

Grito.

Sinto uma dor pior do que qualquer uma que alguma vez tivesse sentido, como se alguém me tivesse tocado com um atizador em brasa. Dou uma palmada no Mordedor, que se esborracha na palma da minha mão: uma explosão de sangue e de um líquido negro e viscoso na minha pele.

— Zero! — grita-me a Sketch.

Ela tenta puxar-me.

Caio de joelhos, e depois a Sketch despe o casaco, usando-o para tapar o espaço atrás de nós.

A Meadow e eu continuamos e, em segundos, conseguimos cobrir a distância até à entrada no Rochedo o melhor que podemos. Por detrás da barreira, consigo ouvir os Verdes aos gritos e o zumbido constante dos Mordedores.

— Que diabo são aquelas coisas? — pergunta a Sketch.

Ficamos todos muito juntos no escuro, ofegantes, à escuta, enquanto os gritos e o zumbido acalmam.

— Não faço a mínima ideia — murmuro, enquanto o silêncio regressa. A dor latejante que sinto no pescoço começa a revelar sinais de alívio, mas, agora, juro que consigo sentir outra coisa a percorrer-me o corpo. Como se tivesse veneno nas veias. — Mas creio que um deles me mordeu — acrescento.

Mal acabo de dizer estas palavras quando sinto manchas na visão. Em seguida, tudo fica escuro.

— Que é que aconteceu? — pergunto. — Por que é que ficou tudo às escuras?

Apercebo-me de alguém a mexer-se ao meu lado.

— Zephyr... — diz-me a voz da Meadow. — Não está escuro.

— Está, sim — insisto. Passo as mãos diante da minha cara, mas

não consigo ver nada. Apenas uma escuridão total, pior do que a de um céu sem estrelas.

— Não está, não — afirma a Sketch. — Acredita.

— Não consigo ver nada — murmuro.

E é então que me dou conta.

Acho que acabei de ficar cego.

Capítulo 81

Meadow

Isto é impossível!

O Zephyr estava bem há momentos e agora está cego. A sua pulseira muda. O C transforma-se no número 47.

Digo a mim mesma que devo manter-me calma, em controlo. Trata-se do que o meu pai faria e possivelmente tem feito desde que veio para o Cume. Há sempre uma explicação para tudo e, logo que o consiga encontrar, ele há de dar-nos uma explicação.

Mas a culpa é minha. Isto nunca teria acontecido ao Zephyr se ele se tivesse mantido *bem longe de mim*.

Sáímos do túnel e, logo que chegamos ao exterior, examino o pescoço do Zephyr pela primeira vez.

A mordidela é bem visível, um vergão vermelho que já começou a deitar pus.

Há riscas negras que irradiam do centro da mordedura, como se algo lhe tivesse sido injetado nas veias. Veneno.

— Não consigo ver nada — continua ele a repetir. O número na sua pulseira muda para o 53.

— Deixa-te de desesperos! — diz-lhe a Sketch.

— Mas não consigo VER! — grita ele. Está a mexer com os dedos nos olhos a ponto de se lhe verem já fios de sangue no rosto. — Que diabo me está a acontecer?

— Acalma-te, Zero! — grita-lhe a Sketch, mas ele não se consegue consolar e nós não sabemos o que havemos de fazer mais.

De modo que lhe dou uma estalada, com toda a força.

Ele fica muito quieto. Tem o rosto avermelhado, com a marca das costas da minha mão.

— Foste tu quem me deu uma bofetada, Meadow? — pergunta-me ele, quase sem fôlego.

— Alguém tinha de o fazer. — Aceno com a cabeça, mas depois dou-me conta de que ele não consegue ver. — Se não tivesse sido eu, seria a Sketch. Respira fundo e vê se te controlas. Temos de procurar abrigo, caso estas coisas decidam voltar.

Pego-lhe numa mão, a Sketch pega-lhe na outra, e caminhamos assim, avisando-o sempre que ele tem de passar por cima de troncos

caídos e de raízes de árvores onde poderia tropeçar.

A «mudança» está a ocorrer muito depressa. Sou capaz de a sentir quase do mesmo modo como consigo ver o veneno nas veias do Zephyr.

— Para onde vamos? — pergunta a Sketch. Não sei porquê, está a falar baixinho.

— Não faço ideia — digo-lhe. Olho para o Zephyr e vejo os seus olhos cegos cheios de medo. — Não tenho ideia nenhuma.

Caminhamos até atingirmos de novo o ribeiro.

— Devíamos segui-lo — sugiro. — Alguém poderá ter-se instalado junto à água.

O Zephyr mantém a boca fechada e não diz uma palavra, mas quase consigo sentir o pânico a sair-lhe do corpo como ondas. Está a afogar-se em medo.

Agarra-se à minha mão com muita força. Movemo-nos devagar, mas de uma forma constante, e é então que ouço um estalido.

Paramos de repente.

— Veio lá de cima — murmura o Zephyr.

— Continuem a andar — digo eu. Continuamos a andar mais devagar e, à medida que o fazemos, levo a mão à faixa da cintura para retirar a faca. Outro estalido.

Olho para cima, discretamente, como se estivesse a tentar aperceber-me de onde estou.

É quando vejo uma luz amarela um pouco mais à frente, algo que se parece esconder entre a folhagem. Quase, mas não inteiramente. Está no pulso de uma pessoa que tem na mão um arco de madeira.

A seta está apontada à Sketch.

— Baixem-se — grito. A Sketch e o Zephyr atiram-se para o chão e eu atiro com a faca, sem pensar.

A faca voa, a trepidar pelos ramos em frente, e acerta no braço de uma pessoa. O corpo tomba, caindo no chão da floresta como um saco.

Essa pessoa grita, arranca a faca e atira-a para o lado. Tem o rosto coberto por uma máscara verde, de modo que não consigo ver se se trata de um rapaz ou de uma rapariga. Tudo o que sei é que se trata do inimigo.

Atiro-me para cima dessa pessoa.

Ambos ficamos estendidos no chão. Dou-lhe um murro na cara e outro no pescoço, mas, rapidamente, o inimigo volta-me e põe-se em

cima de mim. Começamos a lutar. Ouço a Sketch e o Zephyr aos gritos, este último a perguntar o que se passa. Mas nada disso me importa.

Porque acho que estes movimentos de luta são para mim tão naturais como respirar. Estamos ambos empatados, como se tivéssemos estado a competir um com o outro durante toda a vida.

Quase perco o fôlego e fico parada, quando reparo nos braços fortes e cheios de cicatrizes da pessoa que me agarra. O cabelo platinado que lhe cai sobre os ombros, todo emaranhado e cheio de nós de sujidade, é-me de súbito familiar, tal como as mãos fortes, quer para lutar quer para esculpir em madeira e dar vida a certas imagens.

— Koi! — exclamo incrédula. — Koi, sou eu! Sou eu!

— *M... Meadow?* — Leva a mão à cara, retira a máscara e vejo finalmente o seu rosto.

O soluço que me sai dos lábios é instantâneo.

É o meu irmão.

Ele está tal como me lembro. É todo ele força e suavidade. A única diferença é que agora tem feridas purulentas juntamente com as suas outras cicatrizes, pequenas gotas de sangue que lhe cobrem a pele. Mas não me importo. O importante é que ele *está aqui*.

Levantamo-nos para olharmos melhor um para o outro.

Eu atiro-me para os seus braços.

— Meadow — sussurra ele, e ambos começamos a chorar, de tal modo abraçados, que ninguém se atreveria a apartar-nos. Conto-lhe acerca da nossa mãe e ele ainda me abraça mais. Diz-me que não faz mal, que a culpa não tinha sido minha, que ela já tinha morrido para nós há muito tempo.

— Encontrei-te — digo-lhe. — Encontrei-te.

— Vieste buscar-nos — diz-me ele. Recua um pouco para me ver melhor e põe-me as mãos em volta do rosto. Os seus dedos tocam nas madeixas de cabelo curto e claro que só me chegam ao queixo. — Cortaste o cabelo?

É uma pergunta tão normal e tão estúpida que me rio e, em seguida, já não consigo parar de me rir por ele ali estar. O meu irmão está comigo, depois de tanto tempo... — Foi a Iniciativa que mo cortou — digo-lhe, baixinho. Volto-me, para que ele consiga ver o regulador.

Ele fica quase sem fôlego.

— Eles... fizeram montes de coisas... — digo-lhe, mas não consigo acabar a frase, porque, de súbito, surge-me na mente a imagem de

dois outros rostos. — E o pai? — pergunto-lhe, cheia de medo da resposta que ele me possa dar. — E a Peri?

O Koi funga e abana a cabeça. — O pai está comigo no acampamento. Mas a Peri...

— Não está morta, pois não? — interrogo. — Não pode estar...

— Não — diz ele. — Não, graças a Deus, mas... ainda não a conseguimos encontrar, Meadow. O Cume é um lugar enorme. Mas haveremos de a encontrar, prometo-te. Todos os dias a procuramos. Lamento muito.

A dor invade-me.

É quando a «mudança» me atinge. Num instante perco todas as minhas forças. Os joelhos vergam-se-me, mas o Koi mantém-me de pé e envolve-me nos seus braços antes que eu possa cair.

— Que é que está a acontecer? — pergunta ele. — Que se passa com ela? Foi o nevoeiro? Os Mordedores? As agulhas? — Verifica então a minha pulseira.

O número 89 surge no ecrã.

— É um dos números mais altos que alguma vez vi — confessa. — Vou perguntar-vos outra vez. O que é que lhe aconteceu?

— Nada! — diz a Sketch, ao avançar uns passos. O Zephyr agarra-se a ela como uma criança. — Juro. Não aconteceu nada. Fugimos dos Mordedores e quem foi mordido foi o Zero. Não foi a Meadow. E não encontrámos mais nada.

— Será que beberam a água? — pergunta o Koi.

— Não — responde a Sketch. Ela está a franzir o sobrolho para mim, como se eu estivesse já no meu leito de morte, e eu detesto isso. Quero que ela pare. Quero voltar a ser forte. — É uma longa história... — acaba ela por dizer. — Ela precisa apenas de descansar.

— Vamos então voltar para o acampamento — sugere o Koi, abraçando-me ainda com mais força. Tem um cheiro diferente, mas *sinto* que ele continua a ser a mesma pessoa. — Para já, sejamos felizes — acrescenta. — A minha irmã está aqui, viva e de boa saúde, e isso, para mim, é razão suficiente.

As minhas lágrimas misturam-se às dele. As nossas pulseiras fazem um som metálico ao encostarem-se, vermelho e amarelo. Ele volta a sorrir e eu consigo adivinhar os seus pensamentos.

Vejo o medo nos seus olhos, como se através de um vidro transparente, enquanto ele me leva pelo Cume.

Seria bem pior se ele soubesse a verdade.

Capítulo 82

Zephyr

Recupero a visão, depois de ter andado durante uma hora.

— Já consigo ver — digo eu, quase sem fôlego. Surgem-me manchas de luz, depois uma combinação de luz e de sombras e, em seguida, tudo me regressa de repente. — Consigo ver! — grito.

Levo a mão ao inchaço no pescoço.

Mas este já lá não está. A minha pulseira muda, do número 53 para o 27.

Então, gradualmente, os números vão descendo até voltar a aparecer a letra C.

O irmão da Meadow olha por cima do ombro. — Já estou a ver que foste atacado pelos Mordedores...

Aceno-lhe afirmativamente com a cabeça, mais confundido do que nunca.

— Após uns tempos, essas coisas já não saram tão depressa — esclarece o Koi. — Eles têm qualquer coisa no sangue, uma doença, um veneno, ou seja lá o que for que causa cegueira. No acampamento há um indivíduo, o Abram... que já perdeu a visão definitivamente, mas que ainda está vivo. — Ele olha para o céu. — Ninguém ainda morreu. Não importa aquilo a que nos tenham exposto. A morte é impossível. A nossa mãe certificou-se disso.

Não lhe digo que fui eu quem matou a Lark.

Que, quando a minha seta lhe acertou no peito, sorri e me senti muito mais leve por dentro.

A Meadow está encostada ao irmão. Geme. O Koi olha para ela e desvia-lhe o cabelo da cara, limpando-lhe uma gota de sangue por baixo do nariz.

Ela sorri e, por incrível que possa parecer, todo o mundo parece ficar iluminado.

Nunca vi a Meadow a sorrir assim.

Nunca.

Nem mesmo na noite em que a encontrei. Depois de tanto tempo, voltávamos a estar os dois juntos. Os nossos beijos, os nossos corações... Depois contei-lhe que tinha assassinado a Lark e... sinto-me pior do que uma Sanguessuga por o pensar, mas, de momento, sinto uns certos ciúmes.

Estou feliz por ela. Estou mesmo. No entanto, essa felicidade não me sabe bem.

Tremo quando a Sketch me põe um braço por cima do ombro. — Não estejas tão em baixo, Zero — murmura. — Ela não te vai dar um pontapé só porque encontrou o irmão. Ela ainda tem espaço para ti no seu coração magoado, bem lá no fundo...

Eu não tinha planeado isto, não me tinha dado conta de que os iríamos encontrar. A maior parte do tempo em que conheci a Meadow sempre fomos só nós os dois. Tenho sido a família dela, o seu amigo...

E agora, ela encontrou o Koi...

— Preciso apenas de alguns momentos — digo-lhe.

— Pois, está bem. Agora cala-te e deixa-me que te abrace.

Normalmente não ligaria à Sketch.

Mas o aspeto dela é como o meu. Ela parece estar um pouco magoada, um pouco entristecida, por ver a Meadow com o irmão. — Estás a pensar na tua irmã? — pergunto-lhe, baixinho.

— Já falámos desse assunto. Será que temos de trazer isso à baila outra vez?

A Sketch e a Meadow confortaram-se uma à outra na cela do edifício das Sanguessugas. Mantiveram-se vivas, ajudando-se mutuamente. E agora a Sketch também está ligada de certa maneira à Meadow, tal como eu.

— Não — digo-lhe. — Tens razão. Desculpa.

— Estás a aborrecer-me — responde-me ela.

Mas depois ri-se e dá-me um murro no ombro.

— Dás murros como um homem — observo.

— E tu choras como uma menina. Mas quem sou eu para julgar... — ouço-a retorquir.

Seguimos o Koi e a Meadow e entranhamo-nos cada vez mais na floresta.

Capítulo 83

Meadow

O Koi ajuda-me a andar até eu não conseguir aguentar mais. O número na minha pulseira já chegou ao 90.

Ele anda e respira mais depressa.

Mantenho os olhos nele o tempo todo. Quase receio que, se pestanejar, ele desapareça, que tenha sido um sonho ou qualquer coisa que a minha consciência fabricou para me enganar. Uma prenda de despedida do fantasma da minha mãe. Talvez ela se esteja a rir na campa.

Talvez acabe por acordar na minha cela, com o inquiridor por cima do meu rosto, pronto para me voltar a fazer sangue.

Talvez nada disto seja verdadeiro... O riso sai-me dos lábios.

O vento sopra e eu tremo, com os dentes a bater e o dedos a abanar, o que me faz sentir que isto é *real*, que encontrei o meu irmão e que o Koi está agora a levar-me até ao meu pai. Tento dominar a minha loucura, reprimi-la bem dentro de mim.

Estamos a meio caminho de não sei que acampamento onde o Koi vive, quando um rapaz de pele negra surge entre as árvores. Move-se como o vento, rápido e firme e tão silencioso como a morte. Eu grito um aviso mas o Koi cumprimenta-o.

— Saxon — diz o Koi, voltando-se para olhar para o rapaz. — Ele está comigo. Está tudo bem.

— Ora, meu filho da mãe. — O Saxon assobia. — Será que esta é tua irmã? — Passa as mãos pela cara e eu reparo que ele não tem unhas. — Claro que é tua irmã. É igualzinha a ti. Como é que a encontraste?

O Saxon parece ser mais alto do que os outros. Tem um corpo magro e musculado. Caminha ao nosso lado, com um arco esculpido ao ombro. Está descalço e também não tem unhas nos dedos dos pés.

— Acho que ela veio à minha procura — diz-lhe o Koi. — Tal como eu já calculava. — Puxa-me um pouco mais para cima e mostra ao Saxon o 90 no ecrã da minha pulseira.

As sobrancelhas dele elevam-se até à linha do cabelo. — Que é que a pôs desta maneira? No primeiro dia? As coisas não estão a correr bem, pois não?

— Pois não — responde o Koi. — Não é nada que eles saibam,

pelo menos.

O meu irmão muda de assunto e explica o que lhe aconteceu ao chegar ao Cume. — Não me lembro de muita coisa. Estava num comboio, algemado e de olhos vendados. Quando comecei a acordar, bateram-me com qualquer coisa e eu fiquei a dormir outra vez. Lembro-me de ter acordado, cheio de frio. A pensar que estava num outro mundo. Mais tarde acordei aqui, com esta maldita pulseira no pulso — conta-nos o Koi, ao saltar por cima de um tronco caído. — Passei alguns dias à toa por aí. Uns Laranjas do Lado Oeste quase me arrancaram o coração.

Uma ratazana atravessa-se à nossa frente e o Saxon agarra logo numa seta para colocar no arco.

Atinge o animal num olho. Um golpe perfeito.

O meu pai sentir-se-ia orgulhoso.

— O nosso pai encontrou-me — diz o Koi. — E depois o Saxon.

— São uns doidos completos, esses dois... — afirma o Saxon, apanhando a ratazana. — São bons elementos para o nosso grupo e, se vocês forem como eles... — diz-me, com um sorriso onde faltam alguns dentes —, imagino que os Amarelos vos irão deixar ficar. Normalmente, não aceitamos gente com outras cores, pois isso contraria as regras do Cume. Mas a tua família está a mudar as coisas, muitas coisas mesmo.

Volto a dirigir o olhar para o Koi. É-me difícil falar. As forças estão a abandonar-me e tudo o que quero é dormir.

— Porquê todas estas pulseiras? — pergunta o Zephyr. — E as cores?

— São tribos — explica o Koi. — Dão-te uma cor e é essa a tua tribo. O número aqui na tua pulseira indica o teu nível de saúde. É só o que sabemos. O nosso pai pensa que toda a operação é um outro tipo de experiência, como nos Baixios. Cada dia, há diferentes provações. Por vezes, trata-se de gás envenenado. Outras, vêm os Mordedores cheios de horríveis venenos e doenças... toda a espécie de coisas. — Acena para o Zephyr. — A cegueira é um efeito secundário comum, depois de termos sido mordidos. Mas também há as agulhas. Essas vêm do céu. E também misturaram qualquer coisa na água, tal como nos animais, podemos sentir-lhe o gosto.

— As pulseiras — explica o Saxon — têm nelas qualquer coisa capaz de nos ler o sangue. Quando alguém adoece, os números ficam mais altos; quando se fica melhor, começam a descer. — Ele mostra-nos o pulso onde se lê um 29 no ecrã. — Nunca alguém chegou a 100. Esse é o número final.

Olho para o 91 na minha pulseira, para as cicatrizes do meu irmão, para as unhas que faltam ao Saxon, e penso nos Verdes, como me pareceram medrosos e *doentes*.

— Temos de encontrar a Peri — digo.

— Iremos encontrá-la — responde-me o Koi.

Estou tão preocupada, sempre que penso que ela está sozinha no mundo, que mal me dou conta quando a «mudança» surge de novo.

A minha pulseira volta à letra C.

Capítulo 84

Zephyr

Chegamos à cascata quando o Sol se começa a pôr.

É uma coisa enorme. Um grande caudal de água que atinge com força um lago profundo por baixo da mesma. O som assemelha-se ao rugir de um gigante.

— Nunca vi uma coisa assim — observa a Meadow ao meu lado, a olhar para cima. Ela está de pé, novamente, tendo regressado à sua normalidade e recuperado as forças. — A Peri teria adorado ver isto.

— E há de ver — digo-lhe. Quero pegar-lhe na mão e apertá-la. Em vez disso, limito-me a ficar ali embasbacado, na esperança de que ela se consiga aperceber da minha tristeza.

Ela sorri para mim de um modo que não me parece real. — Bem sei — acrescenta.

— Pois bem, vamos lá — diz-nos o Saxon, que vai à frente do grupo. Ele leva-nos até à cascata através de um caminho com enormes pedras escorregadias. Descemos, cada um por sua vez, e, quando chegamos ao fundo, estamos tão perto dessa precipitação de água que quase consigo sentir as gotas geladas a molharem-me a cara.

É um inferno.

— Tenho saudades da praia — observa a Sketch, tentando fazer-se ouvir por cima do ruído da cascata.

Nunca pensaria dizê-lo mas eu também sinto o mesmo.

— O pai não vai acreditar quando te puser os olhos em cima, Meadow — diz o Koi, a olhar para o céu. Este é de um rosa-claro, da cor do peixe cru. — E nem sequer sei o que irá dizer quando vir o Doente Zero contigo.

Dirige-me o mesmo olhar ridículo de sempre. Creio que me odeia, pois ainda me vê como o sujeito que tentou matar a irmã. Como a criação da sua mãe. Mas estou-me nas tintas. Estou a aprender que é mais fácil não me importar com o que as pessoas possam pensar de mim.

A cascata situa-se num dos lados da escarpa. — Temos de mergulhar por baixo da queda de água para chegarmos ao outro lado. Existe aí uma cave oculta. Um bom lugar para os Amarelos se esconderem.

— Queres dizer que temos de nos meter neste maldito lago? —

pergunta a Sketch com uma voz esganiçada que faz lembrar uma gaivota.

O Saxon ri-se. — A não ser que queiras ficar aqui para lutares com não importa que cor que por aqui passar... Já para não mencionar as agulhas que, em breve, irão começar a cair.

A Sketch olha muito para ele.

— Eu vou primeiro — sugere a Meadow.

Quero dizer-lhe para ter cuidado. Que se qualquer coisa lhe acontecer, se a «mudança» a atacar quando ela estiver debaixo de água e não tiver forças suficientes para vir à superfície, não sei mesmo o que faria...

Mas é como se estar com o Koi lhe tivesse trazido um velho pedaço de si mesma. Vejo-a a avançar sem qualquer medo, respirar fundo e mergulhar nas águas.

Capítulo 85

Meadow

O meu pai ensinou-me a nadar assim que eu comecei a dar os primeiros passos.

Sinto-me como um peixe na água.

É um lugar de paz e segurança, longe do mundo, longe da ameaça do assassinio.

Mas esta água não é a mesma. Mergulho e parece-me que há facas que, em cada centímetro da minha pele, me cortam e se me entranham nos poros, estrangulando-me. Com os olhos abertos, consigo ver a minha pele a reagir. A ficar cada vez mais encarnada, devido ao que a Iniciativa terá misturado na água.

Contudo, penso no meu pai.

Ele está do outro lado da cascata.

E eu arriscaria tudo para chegar até ele.

Mergulho ainda mais, a sentir que a minha cabeça poderá explodir com a pressão.

O meu pai atava-me pesos nas pernas e fazia-me nadar só com os braços.

O meu pai punha-me uma venda nos olhos, obrigava-me a descobrir o caminho até à margem e acreditava que eu não me iria afogar.

O meu corpo está gelado. É quase impossível erguer-me para sair da água, e a dor faz-me praticamente perder o fôlego logo que o meu rosto toca em terra seca.

A Sketch surge atrás de mim e arrasta-se até à caverna.

— Filho de uma Sanguessuga cega! — grita ela, e rio-me apesar das dores, à medida que os outros emergem por trás dela.

Estamos dentro de uma pequena caverna, rodeados, por todos os lados, de enegrecidas paredes rochosas que formam uma abóbada por cima das nossas cabeças. Cheira a terra. As cataratas trovejam por detrás de mim, cobrindo a entrada, onde vejo um azul brilhante contra a luz do dia.

É estranho como a beleza deste mundo clama para ser vista. Mesmo nos locais mais sombrios e perigosos, acaba por se revelar.

O Saxon aponta para uma pilha de cobertores, muito bem dobrados, a um canto da caverna. — As feridas produzidas pelo frio

são uma coisa horrível — observa ele. — Aqueçam-se, pois temos de avançar.

O Zephyr enrola-me num cobertor antes de se cobrir. É amável e não é egoísta.

E, no entanto, quando olha para mim, vejo-lhe algo sombrio nos olhos que me lembra o modo como me sinto.

— Zephyr — digo-lhe. — Olha, se quiseres falar melhor acerca de tudo...

— Estou muito bem — interrompe-me ele, com uma voz seca. Depois suspira e passa a mão pela parte de trás do meu pescoço. — Preciso apenas de algum tempo, Meadow.

Ele volta-se e começa a seguir os outros através do túnel de terra batida.

Caminho atrás da sua sombra, por dentro da escuridão.

O meu pai encontra-se do outro lado.

E esse pensamento, a imagem do seu rosto, e o orgulho que se lerá nos seus olhos quando me vir, aquecem-me bem mais do que este cobertor.

Capítulo 86

Zephyr

O túnel sobe durante muito tempo.

Isto não poderia ter sido uma abertura natural. As paredes são perfeitamente redondas e polidas.

— O Cume costumava ser uma enorme região mineira antes da Queda — diz-me o Koi. Não o consigo ver, mas a sua voz ecoa através da escuridão. — O Abram, um dos fulanos mais velhos que aqui temos, costumava viver aqui. Recusou a ir-se embora quando planearam o Cume, de modo que o construíram à volta dele. Ele conhece tudo o que há a saber acerca deste lugar.

Vou tentando não esbarrar em nada nem em ninguém, à medida que avanço.

— As minhas pernas estão a arder — geme a Sketch.

Ela nunca se cala. É como a Talan só que bastante pior. E magoa-me, pensar na Talan.

Será que esta teria vindo comigo até ao Cume?

Já sei a resposta. Para toda a gente, a Talan parecia egoísta e derrotada, mas eu sei a verdade. Ela era leal como tudo. Ela ter-me-ia seguido até aos confins da Terra. E acabou por *seguir-me* até ao interior do edifício da Sede.

Seguiu-me até à morte. Por vezes penso, caso ela estivesse no lugar da Meadow, se me teria seguido até aí.

Será que teria arriscado tudo? Mesmo a sua liberdade?

Para de resmungar, consigo ouvir a voz áspera da Talan, desde a profundidade das minhas memórias. Cala-te, Zeph, porta-te como um homem e ultrapassa a situação. Tu escolheste isto. Vieste atrás dela.

Tento afastar a voz da Talan.

Finalmente, quando os músculos das minhas costas começam já a dar sinal, o túnel alarga-se.

Vejo uma porta feita à mão no meio da parede. Há duas tochas de ambos os lados da mesma, iluminando esse pequeno espaço. O Koi bate aí três vezes, seguidas por dois outros batimentos mais breves. Ouço um grande estrondo e depois uma praga dita entre dentes. A porta abre-se. E vejo uma luz alaranjada que parece extravasar para a passagem onde estamos.

Um rosto escuro olha para nós. Trata-se de um homem alto, com o

cabelo ondulado e com o que me parece ser uma constante pergunta nos olhos. Estes são brancos, da cor do leite.

— Quem é que está a bater a esta porta tão cedo? Ainda não amanheceu, pois não? — Ele está a olhar um pouco para a nossa direita. — Consigo ouvir as vossas respirações e sei que são três que aí estão!

O Saxon ri-se, faz estalar os dedos e o homem volta bruscamente a cabeça para esse som.

— Quem está aí? Vou dar cabo de ti, acredita! Segundo me dizem, tenho mãos do tamanho de um elefante. — Levanta as mãos e abana-as à nossa frente. São realmente maiores do que deveriam ser. Parecem inchadas, como se as tivessem insuflado.

— Mantém essas mãos porcas longe da minha cara, Abram! — exclama o Koi.

O rosto do homem ilumina-se com um sorriso a que faltam dentes. — Ah, é o Koi, que traz com ele uns quantos retardatários! — A voz dele sugere os guinchos de um rato. Grita então para alguém por detrás da porta: — O Koi e o Saxon voltaram com mais Amarelos!

A Meadow passa por mim com um encontrão, quase atirando por terra o idoso.

— Onde está ele? Onde está o meu pai?

— Calma, Meadow — diz-lhe o Koi. Apressa-se a ir atrás dela, e depois estamos já todos a avançar pela porta, deixando o Abram para trás.

Finalmente, consigo olhar lá para dentro.

Trata-se de uma enorme divisão com um teto muito alto, estranhamente iluminada por esquisitos pontos de luz que por ali se encontram espalhados. Há rochedos altos como dedos que irrompem do chão, quase tocando o teto. Olho para cima e vejo estranhas formas com asas, esvoaçando rapidamente de lugar para lugar. O ar é frio e húmido e eu tremo um pouco. É tudo tão parecido com a cave da Resistência, que fico chocado.

— Trouxe alguns caloiros! — grita o Saxon.

A Meadow para e olha em volta.

Vejo-a a escrutinar o lugar, a examiná-lo da esquerda para a direita.

Depois, fica muito parada, quando o seu olhar incide sobre um homem que está deitado perto do lume.

— Paizinho — murmura ela.

Corre para ele, mas o Koi vai atrás dela.

— Vamos, Zero. — A Sketch agarra-me pela camisa e arrasta-me para junto da multidão. Estão todos sentados em volta de uma grande fogueira, com faúlhas que dela saem e que atingem o teto da caverna, lá muito em cima. Sentamo-nos com o grupo.

— Vermelhos? — pergunta uma rapariga. Tem uma pele muito esquisita com um tom amarelado e a cair em alguns sítios.

— Vão-se juntar a nós. A irmã do Koi veio, tal como ele tinha previsto, e estes dois estão com ela. — Saxon estende o queixo para mim e para a Sketch. — O Koi encontrou-os. Parece que ele não consegue deixar de trazer vadios para aqui. Eles são do outro local de testes, do mesmo de onde veio o Koi e o pai dele. Têm um código de barras, não sei se estão a ver...

Ouçõ alguns suspiros, enquanto o grupo se junta perto do lume para poder observar melhor quer eu quer a Sketch.

Nenhum deles tem códigos de barras na testa. Só um grande espaço vazio que não deveria aí estar. É como se lhes faltassem membros.

Um rapaz de pele escura com longas rastas senta-se ao pé de mim e cruza as pernas. Tem um grande buraco na face e eu consigo ver-lhe os dentes a saírem-lhe da gengiva como um esqueleto. — Olá, sou o ónix. — A sua voz tem um tom sibilado. — Quaisquer armas que vocês quiserem, verdadeiras ou não, venham falar comigo que eu hei de arranjar-vos qualquer coisa.

Inclina-se um pouco mais para a frente e pisca um olho à Sketch. — E se precisares de outra coisa... estou aqui...

— Se voltares a falar assim comigo, espeto-te uma faca nas partes.

Os rapazes começam a rir-se às gargalhadas.

O Saxon ignora a ameaça da Sketch. — Aquele alto ali atrás é o Aiken. — Trata-se de um rapaz de ombros largos, que parece estar drogado, e tem o número 80 na pulseira. Os olhos dele choram constantes lágrimas de sangue. Acena afirmativamente com a cabeça, olha para mim e para a Sketch, e apoia-se nos cotovelos. — O Guy tem ouvidos de lince. É ele que nos alerta a maior parte das vezes e que sabe onde muitos dos indivíduos com outras cores mantêm os seus esconderijos. Sempre que não temos comida, é bom saber a quem a poderemos roubar. O Aiken está aqui quase há tanto tempo como eu. A Iniciativa ainda não o matou. Também temos o Médico. — O Saxon aponta para um homem gordo e careca, com uns olhinhos de inseto e sem sobrancelhas ou pestanas. — Ele costumava trabalhar para uma coisa chamada CCPD, Centro para o Controlo e Prevenção de Doenças.

Sabe tudo o que há para saber acerca do que nos estão a injetar. E sabem o que é mais incrível ainda? Este parvalhão desmiolado voluntariou-se para estar aqui...

Os olhos do homem a quem chamam o Médico iluminam-se. — Tuberculose, meningite, gripe das aves, ébola, síndrome respiratória aguda grave... — Vejo-o contar pelos dedos coisas de que eu nunca ouvi falar. Reparo no número 77 que ele tem na pulseira. — Doenças fascinantes, capazes todas elas de dizimarem uma nação inteira, ao fim de alguns dias de exposição. E, no entanto, continuamos a viver. — Sorri, como se se sentisse orgulhoso por aqui estar.

Começo a pensar se ele será como os crentes dos Baixios, em Cortez. As pessoas que apoiavam a causa das Sanguessugas. Que acreditavam no que estavam a fazer, ao permitirem que os assassínios acontecessem.

Creio que há gente maluca em qualquer parte do mundo. Mesmo no Cume.

O Médico continua a falar. — Seiscentos e setenta e dois dias aqui e estou ainda tão gordo como o ego de um apoiante da Iniciativa. Rijo como um pero. Será que alguém tem uma explicação para isto? Não — diz ele, respondendo por mim. — Ninguém tem. E esta é a ciência mais intrigante que tenho conhecido. É maravilhoso. Absolutamente entusiasmante.

— Assim sendo, por que razão o fazem? — pergunta a Sketch. — Por que motivo nos andam a tentar matar se isso ainda não funcionou?

O Médico passa uma mão pelo queixo. — Há sempre uma falha em qualquer sistema, uma fraqueza em cada doença, em cada antidoença, como, por exemplo, a Cura para a Eternidade — explica ele. — A Iniciativa acredita que há de descobri-la. Então irão usar essa descoberta, esse chamado *Código da Morte*, que eles acreditam poder ser implantado nos nossos sistemas genéticos, para combater a Cura. Só assim poderão voltar a introduzir a morte no mundo.

Mas não é possível...

A mãe da Meadow certificou-se disso.

No entanto, à medida que o Saxon me vai dizendo o nome de pelo menos vinte outras pessoas, rapazes, algumas raparigas e mulheres, e essas apresentações terminam finalmente, dou-me conta de que talvez as Sanguessugas estejam no rasto de qualquer coisa.

Talvez, se continuarem através de séries de pessoas, encontrem o seu Código da Morte.

Estou quase a levantar-me para me afastar, quando me apercebo de uma outra pessoa na parte de trás dessa multidão, longe da fogueira. Alguém cujo nome o Saxon não me disse.

É um homem idoso, cheio de rugas e de pele acinzentada, com o rosto escondido por trás de um emaranhado de cabelos brancos. Os seus olhos são de um azul-marinho tão brilhante, que me lembram o mar de verão, nos Baixios. Nas suas mãos enrugadas, tem uma bengala que está a esculpir em madeira, e onde os seus dedos talham intrincados padrões através da haste que contém uma lâmina ferrugenta. Fala para si mesmo enquanto trabalha. Tem o número 80 na pulseira.

— Aquele é o Tox — diz o Saxon, acenando com a mão. — É mais velho do que as casas e, para mais, um doido varrido. Está cá desde o princípio. Há mais tempo do que qualquer outra pessoa no Cume. É pena ele ter perdido o juízo. O que lhe deram deveria ter-lhe afetado o cérebro. Agora está sempre a resmonear baixinho e a babar-se.

Olho para o Tox, através das chamas.

Há algo de interessante nele. Algo diferente que me atrai.

É quando me dou conta de que não é tanto *ele* que é interessante, mas as formas que vai esculpindo na bengala. Linhas em X, em ziguezague e em círculos, e uma palavra que se repete vezes sem conta.

Verde. Penso na recordação que tive no princípio da semana, quando estávamos a andar pela cidade.

— Que quer aquilo dizer? — pergunto. — Verde?

O Saxon encolhe os ombros. — Não faço ideia. Mas não percas tempo a falar com ele, *Lavadinho*.

Observo o Tox, durante muito tempo.

Parece um louco, como se a sua cabeça não tivesse aguentado. Mas tem as mãos firmes e o mundo que vai esculpindo é claro e consistente.

Verde.

Quer dizer qualquer coisa. Tem de querer dizer qualquer coisa, e eu hei de descobrir.

Capítulo 87

Meadow

Fecha os olhos.

Descontrai a mente.

Agora sobrevive.

Vejo o meu pai, sentado junto do lume, com o cabelo prateado como nuvens tempestuosas.

O meu pai.

Apercebe-te das fraquezas dos teus inimigos.

Corro para ele.

És mais forte do que pensas, Meadow.

Tens de estar sempre pronta para te defenderes, não importa de quê.

Ele está vivo e eu encontrei-o e, neste preciso momento, está diante de mim. Perto, tão perto... após semanas a necessitar da sua companhia, a ter saudades dele, implorando ao mundo que nos voltasse a juntar.

Aproximo-me do lume.

O meu pai olha para cima e, através das chamas, os nossos olhares cruzam-se.

Ele tem uma cor avermelhada. Mas não é das lágrimas ou por ter estado a chorar.

Está manchado de sangue.

— Meadow — diz ele. — A minha Meadow...

Tem uma voz arrastada, como se estivesse doente. Mas a doença não é possível. Não é real, pelo menos no mundo que a minha mãe curou. Não haverá maneira de a Iniciativa ter conseguido acabar com a Cura.

Caio ao lado do meu pai. Ele estende um braço. As minhas mãos apertam as dele, sentindo o seu calor. Ele está demasiado quente e tem a testa cheia de gotas de suor.

Durante algum tempo, olhamos apenas um para o outro. O mundo à nossa volta esvanece-se e, por instantes, estamos de regresso à nossa casa flutuante, pai e filha, perdidos no nosso mundo.

Um mundo de treino e de dureza.

O amor é posto de parte, para apenas nos concentrarmos na arte da sobrevivência.

Quase consigo sentir o sabor do ar salgado, sentir o doce embalar das ondas por baixo dos pés, ouvir o grasnar das gaivotas por cima de mim, os barulhos da água contra os lados da casa flutuante. Ouço, ao fundo, a Peri a rir-se e o som de uma faca a talhar um pedaço de madeira dado à costa, enquanto o Koi cria outra imagem maravilhosa.

— Deixaste os Baixios — diz o meu pai, chamando-me de súbito à realidade, ao Cume.

— Fiz tudo o que o pai me treinou para fazer — respondo-lhe, acenando afirmativamente com a cabeça. — Vim para poder manter a minha família em segurança.

— Foste pôr-te na linha de fogo. — Ele pestaneja e vejo mais sangue a gotejar-lhe dos olhos. Que se passa com ele? Tão derrotado, tão fraco... E, no entanto, quando fala, as suas palavras ainda me evocam as sessões de treino, ainda parecem estar cheias de autoridade. — Por que vieste? Por que razão deixaste o sítio onde sempre viveste?

— Para estar aqui, consigo — explico eu. — A família para mim é tudo, a *única* coisa. Foi o pai quem mo ensinou.

Ele acena com a cabeça e engole em seco. Em seguida, faz aquilo que há anos não faz, volta-se para mim e abraça-me.

O meu pai *abraça-me*. Envolve-me com os seus braços.

— Não sei como conseguiste aqui chegar e também não quero saber — diz ele.

De qualquer modo, estou quase a começar a explicar-lhe, mas ele continua e eu deixo que ele fale.

— Mas sinto *orgulho*, Meadow. — Ouço-o respirar fundo, com alguma dificuldade. — Sinto-me orgulhoso de ti.

Isso foi tudo o que eu sempre quis. Que o meu pai sentisse orgulho em mim.

E, ao ouvi-lo, permito que as lágrimas me deslizem pela cara.

Pelo menos desta vez não me pede para parar. Não pede para ser forte nem para os eliminar de imediato, para dar um murro ou um pontapé, ou para pegar numa faca afiada.

Permite que eu me comova.

E é isso que acontece. Digo-lhe baixinho que a mãe morreu, desta vez para sempre. Ela já não é uma vida por detrás de uma mentira, mas um cadáver, talvez já reduzido a cinzas num incinerador. Conto-lhe o segredo que ela me disse, tremendo à medida que as palavras me saem da boca. Ele aperta-me mais a mão. Conto-lhe da Peri e do regulador que ela tem ligado à espinha. De como ela deverá estar por

aí, algures, aterrorizada.

Enquanto falo com ele, vejo os olhos mortos da minha mãe, a olharem fixamente para mim desde a minha memória. Ouço-a a murmurar palavras. *Desculpa*. Ouço-a a pedir-me para que *fique*, para ficar, para *viver*.

Digo-lhe que, em breve, irei morrer.

Digo-lhe que, em breve, me irei juntar à minha mãe no outro lado, em fogo e cinza.

Tenho de voltar a consertar o mundo antes que chegue esse momento.

Tenho de encontrar a minha irmã.

Capítulo 88

Zephyr

Espero até que a Meadow se venha juntar a nós junto do lume.

Luto por me manter acordado, mas, por fim, o cansaço apodera-se de mim e adormeço.

Sou apenas uma criança.

Estou deitado numa cama, na Sede da Iniciativa, a olhar para um ecrã, enquanto as imagens vão deslizando diante dos meus olhos, mostrando-me memórias. Esperanças. Sonhos. Desejos.

Há duas Sanguessugas que andam ali pela camarata, para verificarem os sinais vitais de todas as crianças que estão deitadas.

Vêm ter comigo, prontas a manterem as minhas pálpebras abertas à força de adesivos, forçando-me assim a ver. Gosto dos vídeos. Estes fazem-me sentir seguro. Vivo.

— Vou ser transferida — diz uma das Sanguessugas, uma mulher. — Amanhã vou para a Escarpa ou para o Cume, para onde me destacarem. E, se gostares mesmo de mim, virás comigo.

— Estás sempre a dizer isso — observa outra Sanguessuga, um homem. — Mas acabas por nunca ir. Qual é o problema com o lugar em que estamos?

— São eles — responde ela. Vejo-a debruçar-se sobre mim. Ela é jovem e bonita. Põe adesivo numa das minhas pálpebras, de um modo calmo e suave. — Isto não está bem, Peter. Estamos a brincar com a ordem natural.

— E não é precisamente isso que eles estão a fazer nos outros locais? O problema é permitires-te pensar desse modo. Queres ir para o Cume? Testá-los? Certificares-te de que estão mortos? Olha para esta criança. — Aponta para mim. — Está mais no espaço do que uma nuvem. Estamos a fazer com que os doentes se sintam felizes. Eles gostam de nos ouvir. Gostam de matar, de fazer o que for preciso pelo sistema. Estamos a dar-lhes uma razão para viver.

Põe adesivo na minha outra pálpebra.

A mulher suspira. — Não me consigo conformar com isto. Dá-me pesadelos. Não consigo dormir. Então e se, em vez de irmos para um outro local, fôssemos para o Verde e...

— O Verde não é real — esclarece ele. Passa com o braço por cima do

meu corpo e agarra a mulher pelo queixo. Ela tenta recuperar o fôlego, mas ele agarra-a com muita força. — Quantas vezes tenho de te dizer? Não vais sair daqui. Vais ficar e fazer tudo o que o comandante te pedir, e também vais esquecer-te de lugares imaginários.

— Podíamos encontrar alguém que nos desse abrigo — diz ela, com a voz a tremer.

— O nosso abrigo é aqui — diz-lhe ele. — Mete isso bem na cabeça, miúda. As coisas não serão melhores em qualquer outro lado do que nos Baixios.

Ele larga-a. Ela tenta reprimir as lágrimas. Afastam-se e fico a olhar para um lugar destruído. Edifícios que explodem em mil pedaços, um mundo que eu deverei purgar e manter limpo.

Os Baixios.

Acordo com dificuldade em respirar e banhado em suor.

Malditas memórias. Pensei que já se tivessem ido embora.

Penso na Meadow.

Ela ainda está viva. O que quer dizer que o sistema ainda está vivo. Não importa para onde possa correr para bem longe dos Baixios, mesmo com a Criadora morta, sou ainda *um doente*. A minha mente ainda está para lá do meu controlo.

Sento-me e o cobertor cai-me do peito. A Sketch está a dormir ao meu lado, enrolada sobre si mesma. Ponho o cobertor por cima dela e levanto-me.

Tento examinar a recordação que acabei de ter. O Verde. Foi a segunda vez que tive uma memória acerca do mesmo, e agora, com o idoso a esculpir essa palavra, tenho a certeza.

Não há dúvida de que quer dizer alguma coisa.

O Verde.

Tenho de encontrar a Meadow.

Capítulo 89

Meadow

O Zephyr encontra-me mais tarde, quando estou sentada junto da fogueira que está quase a apagar-se.

Tem os olhos cansados e umas olheiras enormes.

— Olha — diz-me ele —, por que não me acordaste?

— Deixei-te dormir. Tinhas um ar cansado.

— Obrigado — agradece-me ele. Senta-se ao meu lado, mas suficientemente longe para eu não lhe poder tocar.

O meu pai está a dormir a pouca distância de nós, enrolado num cobertor. Está a ressonar, o que é algo que nunca acontecia na nossa casa flutuante. — Está doente — murmuro. — Respira com muita dificuldade e os batimentos do seu coração são agora mais lentos.

— Isso não é possível — observa o Zephyr. — Ou, pelo menos, não deveria ser.

— Todas as pessoas que aqui estão se encontram doentes — continuo. — Tu viste-os. O meu irmão, o Saxon, as pessoas do Rochedo. Tenho a impressão de que as doenças da Iniciativa começam a ter os seus efeitos. A enfraquecer a Cura nos nossos corpos.

— Estão doentes mas nenhum deles está a morrer — diz o Zephyr, passando uma mão pelo seu cabelo escuro. — A Cura mantém-nos vivos. Mesmo com todas as novas doenças que as Sanguessugas possam ter inventado.

— Eu estou a morrer — murmuro.

Ele põe a cabeça nas mãos. — Não acredito nisso, Meadow. Trata-se apenas de mais mentiras das Sanguessugas.

— Olha que não é... — continuo. — Tu tens estado a ver o que se passa. Cada vez que a «mudança» me torna mais fraca, o número fica mais alto. Haverá um dia em que chega aos cem. E então hei de morrer.

Ele levanta a cabeça e olha muito para mim. — Será que não consegues *parar*?

— Estou só a dizer-te a verdade. Tens de a aceitar, Zephyr.

Ele mantém-se calado, sem se mexer. Volto a pensar na conversa que eu e o meu pai tivemos, há poucas horas, quando as minhas lágrimas secaram e a realidade me invadiu. Dos seus olhos saíam torrentes vermelhas e ele limpava-as, ficando com a cara manchada.

Se eu morrer, Meadow... Terás de salvar a Peri por mim.

Mas o pai não há de morrer, disse-lhe. A Cura da minha mãe nunca há de ser posta em causa.

E se já o estiver a ser?, perguntou ele. E se isto for realmente o fim?

Trocámos olhares e eu fiquei a saber.

— O meu pai também está a morrer, mas talvez devido a qualquer coisa aqui, a qualquer coisa que lhe fizeram.

— Não é possível, Meadow — diz o Zephyr. — Há muitos anos que isto se passa e nunca alguém morreu.

— Olha que é possível — insisto eu. — De uma maneira ou de outra, é ele quem lhes irá dar esse estúpido Código da Morte. Depois irão usar o seu sangue e o seu corpo para fazerem experiências e assim poderem descobrir uma forma de nos matar a todos. E, se encontrarmos a Peri dentro em breve, e conseguirmos enviar o sinal para retirarem o meu pai daqui e para voltarmos para a Nova Milícia, talvez os cirurgiões o possam curar. — Suspiro e toco no caroço que sinto na parte interior do pulso. — A minha mãe não teria qualquer problema em fazê-lo.

— Bem, bem... Espera aí. — O riso do Zephyr soa-me mais como um latido furioso. — Ela nunca o teria salvado. Ela teria ficado muito contente, juntamente com as outras Sanguessugas, e falado da *beleza* da ciência ou de qualquer outra coisa maluca como isso. Ela era uma assassina, Meadow. Um monstro.

— Eu também o sou — digo-lhe, olhando muito para ele com os dentes a ranger. — E tu também és...

— Não! Nem eu nem tu somos como ela. Ambos fizemos coisas... ambos matámos... Fi-lo porque tinha de o fazer, e tu fizeste-o por uma questão de sobrevivência. Mas ela fê-lo porque acreditava que essa era a única resposta. Porque ela *queria* que isso acontecesse sem que ninguém a pudesse controlar. Porque ela não era humana.

— Não fales dela como se a tivesses conhecido — digo-lhe eu. Ele olha-me nos olhos e eu vejo nos seus uma ira chamejante. Dor.

— Conheci-a bem melhor do que tu — diz-me, entre dentes.

Essas palavras magoam-me o coração.

Ele continua nesse tom, alimentando-se do ódio que tenho estampado no rosto e atirando-me a verdade à cara como se me estivesse a esmurrar. É como se ele tivesse reprimido toda a sua ira diante de mim, e agora já não conseguisse controlar essa sua explosão.

— Para de a imaginar como a mulher que tu costumavas conhecer, a mulher que *nunca existiu*, e irás ficar feliz que, desta vez,

ela esteja verdadeiramente morta. — Ele fecha e abre os punhos. — Eu não mudaria nada, não sei se sabes. Se pudesse voltar atrás, acertar-lhe-ia no coração um milhão de vezes se fosse preciso, e olha que adoraria fazê-lo. E, se ainda fores a Meadow que eu sei que és, hás de compreender muito bem o que eu estou a dizer. Tenho a impressão de que estás zangada porque, bem no fundo, não foste *tu* quem a matou.

Pego na minha faca e encosto-lha à garganta. — Podias ter conhecido a minha mãe mas *não* me conheces a *mim*.

— Olha que conheço, Meadow — diz-me ele. Inclina-se um pouco de modo a que a faca lhe corte ligeiramente a pele. Vejo um fio de sangue de um vermelho vivo a escorrer-lhe pelo pescoço, à luz da fogueira que se apaga. — Tu discordaste dela e, quando nós a encontrámos na cela, ficaste a saber quem ela realmente era. Estás só a usar a sua morte como uma desculpa para me afastares de ti.

Fica calado por momentos e, quando volta a falar, tem a voz embargada.

— Tu nunca me hás de amar, pois não, Meadow?

Estou a magoá-lo. Sempre o magoei. Tenho sido sempre a peça que não se encaixa neste mundo. Afastar-me dele iria destroçá-lo, iria despedaçar-lhe o coração em mil pedaços.

— Nem sei porque ainda me importo com isso — acrescenta ele. — Abro-te o meu coração cada manhã e tu acabas por pisá-lo. És egoísta e não te importas...

Ponho a cabeça nas mãos, mas não choro.

Já não tenho lágrimas.

— Depois de tudo o que se passou, eu ainda te quero. Mas não se trata da rapariga para quem estou a olhar. Quero a Meadow que eu sei que ainda está presa algures dentro do teu corpo. A Meadow que é destemida, mesmo em assuntos relacionados com o amor.

— Não aguento — murmuro. — Tens de parar com isso. Tens de te ir embora e esqueceres-te de mim, pois tudo o que eu consigo fazer é magoar as pessoas. Mato e perco aqueles que verdadeiramente me interessam, e é tudo por *minha* causa. Pensas que não reparei na expressão na tua cara depois de termos encontrado o meu irmão? Não os posso ter a eles *e a ti* ao mesmo tempo. É demasiado. Não vou conseguir manter-vos todos em segurança.

Fico quase sem conseguir falar.

O Zephyr respira fundo e abana a cabeça. — Tu sentes-te culpada pelo que as Sanguessugas fizeram à tua família. Mas a única pessoa

que deverias considerar responsável por isso era a tua mãe. — O Zephyr estende um braço e pega-me na mão. Entrelaça os seus dedos nos meus e aperta-os mais. — O mundo pode mudar-nos — observa ele. — Mas também nos pode separar, a não ser que não o deixemos. E eu não vou deixar, Meadow. Só preciso de saber que tu também estás comigo.

— Não sei o que poderá acontecer amanhã — digo-lhe. — Só te posso dar o dia de hoje. Quando preciso de ti, estás sempre aqui para mim. Estás sempre, Zephyr, mas eu não estou. Não posso tomar-te o corpo todo e dar-te apenas uma parte de mim. Não é justo.

— Não — diz ele, soltando-me a mão. Receio que seja então isso. O fim.

Não quero que a nossa relação acabe.

— Não, não está mesmo nada bem, Meadow. — Os seus olhos são agora muito verdes, cheios de memórias do passado, e eu quero regressar ao começo de tudo isso. Ao momento antes de descobrirmos quem ele era, o que a minha mãe tinha feito, que segredos a Iniciativa andava a esconder. Antes de nos termos beijado e assassinado juntos, antes de termos fugido para sobreviver.

Mas isso queria dizer termos de viver na escuridão.

Juntos, éramos a faísca que incendiava o mundo dos Baixios.

Juntos, criávamos uma luz.

O Zephyr suspira, abandonando a sua determinação. — Se uma parte de ti é tudo o que me podes dar, pois que seja. — Inclina-se e beija-me na testa. — Ficarei com tudo o que tenhas para me dar, porque te amo, cada pedaço ferido de ti.

Amor.

Uma palavra tão parva...

— Eu não consigo amar mais ninguém a não ser a minha família — digo-lhe. — É assim que terá de ser.

Ele acena afirmativamente com a cabeça. — Se conseguirmos sair daqui vivos, haveremos de ficar bons. E, em breve, começarás a descobrir que há espaço no teu coração para mais alguém e não apenas para a tua família. Também me poderás juntar a esse grupo, Meadow, também posso fazer parte dele.

— Espero que tenhas razão — suspiro.

— A minha menina do luar... — diz ele. — A primeira vez que te vi nos meus sonhos, fiquei a saber que tinhas de ser minha.

— Agora estás a ser ridículo — digo-lhe. — Eu nunca serei de alguém.

— Talvez eu possa tentar — insiste ele. Debruça-se mais e está quase a beijar-me.

É então que a Sirene Noturna começa a soar.

Capítulo 90

Zephyr

A Sirene Noturna é o pior ruído do mundo.

Põe-me os nervos em franja mas atira-me o corpo para a ação.

— É altura de irmos comer, meninos e meninas! — grita o Saxon, do outro lado da caverna.

Todos se levantam e prendem uns quantos apetrechos ao corpo.

— Que acontece agora? — pergunto.

A Meadow encolhe os ombros e olha para o pai dela que está estendido ao nosso lado.

Ele quase adormeceu. — Vão procurar rações — diz ele, sem abrir os olhos. — E se as encontrarem, façam o que eu vos disse para fazer. Mantenham-se vivos.

— Vamos — diz o Saxon.

A Meadow acaricia a mão do pai.

Em seguida, juntamo-nos a um grupo de Amarelos e dirigimo-nos para a caverna.

Capítulo 91

Meadow

O Saxon vai à frente do grupo.

Descemos o túnel, passamos pela cascata e mergulhamos no lago. Quando chegamos a terra, é como nos velhos tempos. O Zephyr e a Sketch seguem-nos, e eu e o Koi vamos ao lado um do outro.

— Nunca sabemos onde é que eles vão pôr a comida — observa ele. — Mas sabemos que, quando o fazem, vem aí o pior dos seus ataques.

Somos espectros na escuridão, com os pés silenciosos e firmes na terra. Não estou acostumada a esta temperatura e torna-se-me mais difícil respirar. O vento dança com pequenos flocos brancos que aterram no meu nariz com a frieza do gelo.

Mas é bom mexermo-nos. Tudo isso me é familiar, correr com o meu irmão, como nos tempos em que ele ajudava o meu pai a treinar-me na praia. Como nos tempos em que eu aprendi, pouco a pouco, a tornar-me mais forte.

A dada altura, o Koi imobiliza-se, levantando um punho.

Ponho um joelho em terra e espero, sem me mexer.

Ouçó um zumbido por cima de mim, um som que me põe os cabelos em pé.

Trata-se de duas câmaras.

— Malditas! — sibila o Koi.

Estas descem, param à nossa frente e começam a andar de um lado para o outro, registando os rostos do nosso grupo.

— É tarde de mais para fugirmos — diz o Koi. — São muito rápidas. As câmaras explodem.

Atiramo-nos para o chão, enquanto começa a chover uma série de peças metálicas.

É quando chega o fumo. Tusso, engasgo-me ao sentir qualquer coisa terrível que me queima a garganta. Estão todos a tossir à minha volta e a cuspir um líquido verde.

Olho para a minha pulseira que se acende e se apaga e depois sobe até 64.

O Zephyr chega aos 50. A Sketch apenas aos 36 porque estava mais longe da explosão.

O Koi, que se encontrava mesmo ao meu lado, regista 72. Os

números dos outros Amarelos também mudam.

Assim que deixamos de tossir, o zumbido torna-se ainda mais audível. A princípio penso que vêm aí os Mordedores, mas, logo a seguir, o Saxon aponta para o céu.

— Atenção. — É ele quem comanda o grupo.

Uma parte da cúpula abre-se para deixar sobressair uma espiral de aço que forma um buraquinho no céu metálico. Vejo qualquer coisa a baixar através dele.

— São as rações — explica o Koi. — Parecem estar a dois quilómetros a leste daqui.

— Então e agora? — pergunto-lhe.

— Corremos — responde-me ele, com um sorriso.

Capítulo 92

Zephyr

Está demasiado frio para estarmos no exterior.

Está a nevar, pequenos flocos de neve que vêm a dançar do céu e aterram em cima de mim, fazendo-me tremer como uma ratazana de esgoto.

— Mantenham-se juntos. Tudo tem a ver com um trabalho de grupo, mas eu não vou parar para ir ajudar-vos se caírem. — É este o aviso que o Saxon me faz, a mim e à Sketch, enquanto seguimos o Koi e a Meadow. O resto dos Amarelos vêm atrás de nós. São silenciosos, mas eu vou pisando pequenos troncos caídos como se tivesse mil quilos.

Não estou habituado a estes bosques.

Pelo menos a Meadow sente-se forte agora, apta a correr e a poder ajudar-nos.

Algures, à nossa direita, julgo ver brilhos de uma outra cor entre as árvores. Cor-de-rosa. Depois desaparecem e eu fico a pensar se realmente os vi.

Em breve o Koi abranda o passo. O grupo segue-o e serpenteia pelas árvores, mantendo no entanto um passo rápido enquanto nos mantemos tão silenciosos quanto possível.

Paramos diante de uma pequena clareira.

Consigo ver qualquer coisa escura no centro. Um grande volume que ali está sem se mexer.

— São as rações — diz-me o Saxon ao ouvido.

Levanto-me para as ir buscar, mas ele agarra-me, impedindo-me de avançar.

— Espera.

Sentamo-nos em silêncio e eu não faço ideia do que estamos à espera. Até ver uns vultos a entrarem na clareira. São rápidos e silenciosos. Está muito escuro, sem a luz da Lua e das estrelas, mas sei que não são Amarelos, o que quer dizer, segundo as regras do Cume, que se trata de inimigos.

Vejo-os aproximarem-se do volume, começarem a desembrulhá-lo e tirarem de lá coisas que põem em sacos que trouxeram com eles.

O Saxon acena afirmativamente com a cabeça.

— Três... — murmura ele. — Dois... — Põe-se de cócoras. — Um!

Ergue-se e atira uma seta. Depois começa a dizer-nos para começarmos a correr, e nós espalhamo-nos como um leque, a perseguir a outra tribo.

Aos gritos, de armas levantadas... Deve haver por ali uns vinte ou trinta inimigos. Alguns voltam-se, determinados a lutar, enquanto outros pegam nas rações e fogem.

— Sigam-nos! — grita o Saxon. Domina um indivíduo e trespassa-o com a sua lança esculpida. Vejo a pulseira cor-de-rosa deste atingir os 100 quando ele morre instantaneamente.

A Meadow junta-se à luta.

O Koi junta-se a ela e, de costas encostadas um ao outro, transformam-se na própria morte, golpeando com facas e dizimando inimigos.

— Vem comigo, Zero! — grita a Sketch. Ela pega-me no braço e começamos a perseguir as pessoas que levaram as rações. Apanhamos uma rapariga, dominamo-la. A Sketch mata-a rapidamente e sem dor. — Vamos atrás do rapaz!

Volto-me e vejo alguém a correr à minha frente e a entranhar-se na espessura das árvores. Corro atrás dele, com a faca que os Amarelos me deram.

Dou um salto e digo a mim mesmo que estou a dar cabo de uma Sanguessuga. É tudo muito vago para mim, corpos que se torcem contra corpos, murros nos maxilares, no pescoço... Os ossos a estalarem e o sangue a jorrar... O corte da minha lâmina contra a pele desesperada e suada do meu inimigo...

Quando tudo acaba, já tenho as rações.

Esta noite vamos comer.

— Amarelos! — grita o Saxon. Todos erguem as armas para o céu. A Sketch grita como uma louca, mas eu não tenho vontade de celebrar. Porque vejo a Meadow a tropeçar e a cair.

Apresso-me a ir ter com ela, olho-lhe para o pulso e leio 93.

Ela foi de novo atacada pela «mudança».

— Estou a ficar sem tempo — diz ela. O seu cabelo platinado tem riscas vermelhas. — Tenho de encontrar a Peri antes que seja tarde de mais.

— Haveremos de a encontrar... — digo-lhe.

Voltamos para a caverna.

Tenho de transportar a Meadow às costas durante todo o caminho.

Capítulo 93

Meadow

Nasce a manhã, e eu acordo outra vez com um C na minha pulseira.

A «mudança» não me matou. Ainda não...

Como uma mão-cheia de rações, as suficientes para me darem energia durante algumas horas.

Depois encontro o Koi. — Vamos buscá-la — afirmo eu. — Agora.

— Meadow, se voltares a mudar enquanto estivermos por lá...

— Isso não irá acontecer — digo-lhe eu. — Nós já perdemos um dia e meio, Koi. É agora ou nunca. Eu não vou mudar. Hei de conseguir combater esta «mudança».

É uma mentira que me sai facilmente dos lábios, mas sei que ele não acredita em mim. Não sabemos quando irá voltar a acontecer. Quando será a última vez em que acabe por dar o meu último suspiro.

— Nós também vamos — diz a Sketch, por detrás de mim. O Zephyr está ao lado dela. Respiro fundo e certifico-me de que ainda tenho a minha faca.

— Matamos todos os que se nos atravessarem à frente — digo-lhes.

Sáímos então da caverna para procurarmos a minha irmã.

Capítulo 94

Zephyr

O Koi fez um mapa dos locais que investigou.

Desenhou-o na casca espessa de uma árvore, e começa a apontar as várias marcas que aí fez, mostrando com um X os locais onde a Peri não foi encontrada.

— Ela pode estar com outros, não achas? — pergunto-lhe. — É óbvio que deve ter uma pulseira. Verificaste em todos os outros campos?

— É isso que eu acho muito esquisito. Não a consigo encontrar em nenhum deles.

A Meadow golpeia uma árvore com a sua lâmina. — A Peri é esperta. Não vai confiar em qualquer pessoa. Talvez esteja sozinha algures. Escondida. — Há dor na sua voz. — Se tivesse sido treinada mais cedo, saberia defender-se melhor.

— Ela era muito nova — observa o Koi.

A Meadow olha muito para ele. — E nós? Não somos? Assim que começámos a andar, aprendemos logo a manejar facas. No entanto, a única coisa que a Peri sabia manejar era o seu urso de peluche.

— O pai pensava que ela iria estar em segurança — diz ele. — Nós juntos éramos suficientemente fortes.

— Até termos sido todos apanhados — observa a Meadow. — E se ela já estiver morta, Koi? E se alguém que tivesse reparado no regulador, que é igual ao meu, tivesse pensado que era qualquer coisa de especial, e a tivesse assassinado para lho tirar? — Diz isto quase aos gritos.

Todo o seu corpo treme e tem um olhar desvairado. É como se ela estivesse a olhar para um inimigo e não para o próprio irmão.

O Koi avança, até ter o nariz quase a tocar no dela. — A Peri *está* viva e nós vamos encontrá-la.

A Meadow desvia o ramo de um espinheiro, que surge diante dela, e continua a andar.

Chegamos ao local, a que o Koi chama a Grande Clareira do Cume, ao fim de uma hora. É um lugar plano e enorme, sem árvores, um espaço vazio, o centro de toda a floresta. Paro subitamente, quando atingimos a margem dessa clareira.

Existem outras tribos aqui. Azuis, Negros, Amarelos, Laranjas, Cor-de-rosa, todos de pé. Ninguém está a matar ninguém. Estão apenas a

olhar para a clareira com olhos esfomeados e de mãos estendidas.

Vê-se um círculo de Sanguessugas no meio deles, de pé, junto a uns quantos veículos pretos que estão cheios do que me parecem ser artigos médicos.

— Venho aqui, dia sim, dia não — explica o Koi. — A Iniciativa chega e dá rações extras a quem aparecer.

— Juro que nunca nos iremos ver livres das sacanas destas Sanguessugas — sibila a Sketch.

Sinto o estômago a dar voltas quando os vejo. Há pelo menos cinquenta, vestidos com os mesmos uniformes pretos que usavam nos Baixios. Mas têm espingardas maiores. Umas que parecem ser capazes de furar uma pessoa de lado a lado.

E têm também algo diferente.

— Que é que eles têm em cima do corpo? — pergunto.

Quando as Sanguessugas se mexem, há qualquer coisa azul que brilha nelas. Quase como uma segunda pele, com um brilho mais pálido, como se carregada de eletricidade.

— Trata-se de proteção — explica o Koi, fazendo um gesto para que eu e a Sketch o sigamos. — É um tipo de corrente elétrica. Não os podemos atingir com balas, facas ou lanças. Se lhes tocarmos, seremos atirados para trás com toda a força. É uma invenção diabólica, mas genial.

— Tinham isso em volta do complexo deles, nos Baixios — relato, lembrando-me da noite em que enlouqueci e peguei numa espingarda, tentando eliminar tantos quanto possível, sob a influência do Complexo dos Assassinos.

— E também tinham as câmaras — diz a Meadow, enquanto uma zumbe por cima de nós e desaparece.

— E o Perímetro — acrescenta a Sketch.

É quase engraçado reparar nas semelhanças entre os Baixios e o Cume. Semelhantes, mas também diferentes. Ambos, no entanto, são um inferno, não importa o modo como os vemos.

Juntamo-nos aos outros grupos que estão à espera, em fila, na orla da clareira. Há quem olhe muito para nós. Há uma troca de palavras desagradáveis e o Koi diz-nos para ignorarmos os outros. Mas ninguém faz mais nada senão isso, o que cria, no momento, uma estranha paz. Como no massacre na noite anterior, ou como se o encontro com os Verdes, no dia em que chegámos, não tivesse sequer acontecido.

Tudo isso me deixa extremamente nervoso.

A Sanguessuga que chefia o batalhão, um homem que tem quase dois metros de altura, começa a passar pela fila, observando as nossas pulseiras.

Vejo-o parar diante de um rapazinho que não deverá ser mais velho do que a Peri. Olho para a Meadow. Observo a dor nos seus olhos e chego a um ponto em que já não consigo aguentar. Desvio-me discretamente da Sketch e, muito calado, vou ter com a Meadow.

— Pulseira! — grita a Sanguessuga.

O rapazinho estende o braço. Tem o corpo todo a tremer, incontrolavelmente, e está cheio de manchas amarelas na pele.

— Um 73 — diz a Sanguessuga. — É interessante... — Tira do bolso uma espécie de tubo prateado e encosta-o ao braço do rapaz. Este recua e a Sanguessuga retira o tubo que começa a apitar. O guarda examina-o.

— Varíola — diz a Sanguessuga para um dos seus camaradas. — Este é o nível mais alto que tivemos.

— Eu só quero comer — diz o rapazinho, a chorar. — Por favor... — Mas as suas lágrimas não chegam ao chão.

Em vez disso é o seu corpo que cai, quando a Sanguessuga avança para ele com uma pistola.

Em seguida, dá-lhe um tiro numa perna. O rapaz grita e o som ecoa pelo Cume. Há pássaros que levantam voo das copas das árvores e se espalham pelo céu.

A Meadow agarra-me na mão e aperta-a, como se estivesse a controlar-se para não atacar o homem.

Eu também lhe aperto a mão e, nesse instante, ela volta a ser minha, disposta a acolher-me no meio da sua dor.

Há pessoas que recuam. Eu fico ali de pé, imóvel, porque tudo isto me lembra o Salão das Rações Alimentares. Só que, desta vez, não tenho de levar o cadáver do rapaz. Ele está a chorar e a soluçar no chão, e ainda está vivo.

— Põe-te de pé! — grita-lhe a Sanguessuga.

Mas o rapazinho não se consegue mexer.

— Eu disse para te pões de pé!

Finalmente a Meadow larga a minha mão. — Não, Meadow — digo-lhe, mas ela avança rapidamente, antes que qualquer um de nós o consiga impedir, esbarrando contra as outras cores que ali estão. Baixa-se, pega no braço do rapaz e levanta-o. Ele está a escorrer sangue. Desmaia, mas ela continua a agarrá-lo para o manter de pé.

— Trate dele — diz a Meadow, olhando irada para as Sanguessugas.

Um deles aproxima-se e examina-lhe a pulseira. Olha para o C, e depois para o regulador que ela tem na nuca.

— Já vi que és a Woodson — diz ele.

— Trate do rapaz — repete ela. — Deu-lhe um tiro. Trate dele.

A Cura já lhe poderia estar a sarar o ferimento, cosendo o buraco da bala. Mas a perna do rapaz está despedaçada. Daqui, consigo ver o número que ele tem na pulseira, um 94.

Tudo o que posso fazer é olhar.

— Ele há de sobreviver — remata a Sanguessuga. — É o que acontece sempre. — Pega num tubo de ensaio para recolher algum sangue do rapaz. Depois tapa-o e segue em frente.

A Meadow arrasta o rapazinho até nós. A Sketch rasga a parte de baixo da blusa para a usar como ligadura na perna do miúdo. Pouco a pouco, o sangue para e o número na sua pulseira começa a baixar cada vez mais.

Irá viver, tal como a Sanguessuga acabou de constatar.

— A minha irmã não está aqui — observa o Koi. — Temos de continuar a procurá-la.

As Sanguessugas continuam a percorrer a fila, examinando as pessoas. Dando sacos de rações a alguns, depois de lhes terem retirado sangue; repreendendo outros e batendo nos que saem da fila. Olho para a esquerda e para a direita, à procura da irmã da Meadow na multidão. Não a vejo.

Então onde estará ela?

Capítulo 95

Meadow

Procuramo-la durante todo o dia.

À medida que vou andando, vou pensando nela.

No modo como era pequenina quando nasceu e quando eu lhe peguei pela primeira vez... Sinto uma mágoa intensa quando essa memória me assalta.

— *Mantém-na em segurança, Meadow. Guarda-a com a tua própria vida.*

O meu pai senta-se ao meu lado, no chão da nossa casa flutuante. A Peri está a dormir em cima do colchão amarelo, com o rosto manchado de lágrimas.

— *Com certeza — digo-lhe. — Não importa o que possa acontecer.*

— *Linda menina — diz-me o meu pai.*

Ele ainda não pronunciou o nome da minha mãe. Já se passou uma semana, e ele nem sequer admite que ela se foi embora.

Ele não me perguntou se estou bem.

Talvez por saber que não estou. Não vale a pena fazer-me essa pergunta se ele já sabe afeia verdade.

— *Ela está mesmo morta? — pergunto-lhe.*

O meu pai olha através da janela da nossa casa flutuante, a ver o Sol a sangrar no mar.

— *Ela nunca mais vai voltar — esclarece. — Confia em mim. — Olha para a Peri, para o último dos filhos que ele teve com a minha mãe. — Agora és a mãe dela, estás a perceber?*

Aceno-lhe com a cabeça. Há uma lágrima que me cai pela cara e o meu pai vem limpar-ma.

— *Nunca a deixes ver-te a chorar.*

A Peri acorda aos gritos.

Vou ter com ela e pego-lhe ao colo.

O meu pai volta-se de costas para nós e põe a cabeça nas mãos.

Não há sinal da minha irmãzinha.

Sinto-me como se estivesse de volta aos Baixios, no mesmo dia em

que fui à procura da minha mãe. Só que então sabia que ela iria aparecer. Agora já não estou certa de nada. Paramos e bebemos água de um riacho.

A Sketch tem uma forte dor de cabeça.

Os ouvidos do Zephyr zunem de tal modo que ele não nos consegue ouvir.

Sinto as «mudanças» a irem e a virem, pelo menos três vezes.

O Koi está a ajudar-me a andar, quando me dou conta de que estou num caminho em que a terra foi pisada por centenas de pessoas. A minha mente lembra-se então dos Baixios, do caminho nos Everglades que me levou a descobrir os segredos da minha mãe.

Esse caminho dá para uma parte maior e mais espessa da floresta. Aqui as árvores são mais altas e os troncos mais grossos, como se a vegetação fosse muito antiga. Ponho-me a pensar no modo como as suas raízes deverão estar emaranhadas.

— Eu ainda não vim até aqui — admite o Koi. — Tenho estado a tomar conta do...

Cala-se.

Mas eu sei que ele está a falar acerca do nosso pai.

— Ele está a morrer — digo-lhe, em voz baixa.

O Koi respira fundo, com o cabelo platinado a brilhar à luz do Sol. Coça os braços e reparo que lhe caem mais pedaços de pele.

— Não tenho a certeza, Meadow — diz ele. — A AntiCura chega até nós de muitas maneiras. Às vezes pensamos que vamos perder alguém, mas depois as nanites levam a melhor e as pessoas acabam por se curar. — Encosta-se a uma árvore. — Ele *irá* curar-se, tal como tu...

— Será que não estás a ver, Koi? — digo-lhe. — É óbvio que cada vez que a «mudança» me ataca, eu fico pior. Mais cedo ou mais tarde, irei morrer.

Torna-se mais fácil cada vez que o digo a alguém. Não me acreditam. Nem irão acreditar.

Compartilho com ele o segredo da minha mãe, em voz baixa, para que o Zephyr e a Sketch não me ouçam. O Koi continua calado e, quando acabo, ele limita-se a assentir com a cabeça.

O meu irmão nunca foi pessoa de muitas palavras. No entanto, quando fala, fá-lo de um modo honesto e calmo.

Compreensivo, como sempre.

— Haveremos de encontrar a Peri — insiste ele. — Depois iremos

à procura de ajuda. Vamos salvar-te.

O vento sopra, atirando-me madeixas de cabelo para a cara. Volto-me, de costas para o vento, quando vejo movimentos na clareira.

— Penso que vi qualquer coisa — murmuro.

— Não há aqui tribos — diz o Koi. — Pelo menos não deveria haver. Tudo acontece muito rapidamente.

Uma lança assobia pelo ar e atinge-lhe o ombro.

O sangue jorra e o Koi grita. Cai e eu caio também dos seus braços para o chão. Rastejo para ele para lhe arrancar a lança, pondo uma mão na boca do Koi para ele não gritar.

— Temos de fugir daqui — digo-lhe. Tento pôr-me de pé mas não consigo. Estou demasiado cansada.

— Meadow! — Ouço a voz do Zephyr por entre as árvores sem que o consiga ver. Ele parece estar muito longe e já começa a escurecer.

Outra lança crava-se no chão, não muito longe.

— Regressem à caverna! — grita o Koi.

Vejo uma série de movimentos a vinte passos à minha esquerda. É a Sketch a arrastar o Zephyr, por entre as árvores, enquanto ele grita por mim e a tenta afastar.

O Koi ajuda-me a levantar. Põe o braço são em volta da minha cintura e começa a levar-me até onde os outros estão.

Uma pessoa surge à nossa frente, coberta de folhas e de galhos, uma camuflagem perfeita. — Deem-me as vossas roupas! — grita uma mulher. Ela empunha um arco e, quando atira, eu e o Koi afastamo-nos e a seta espeta-se no chão, entre nós.

O medo faz com que comece a sentir a «mudança».

De súbito, sinto-me forte.

Corro para a mulher e atiro-a contra uma árvore. Ela grita e tenta libertar-se de mim, mas eu volto a bater com a cabeça dela contra o tronco. Consigo ouvir o Koi a lutar com alguém atrás de mim, mas sei que ele consegue lidar com isso.

Volto a bater com a cabeça da mulher contra a árvore, até ver sangue e ela perder os sentidos. Deixo que ela deslize até ao chão.

— Vamos! — grita o Koi, atrás de mim.

Ele derrotou um fulano que tem metade do seu tamanho e tem o ombro a deitar sangue.

— Só dois? — Aponto para a pulseira da mulher morta. Laranja.

— Não — diz o Koi. — Não podem ser só dois.

Em seguida ouço um grito, semelhante ao guincho de um pássaro, e vejo que há outros que saem da escuridão.

A perseguição começa. Corremos.

— Para a esquerda! — grita o Koi. Sigo as suas ordens, saltando por cima do riacho, logo que me aproximo deste.

Ouçó uma outra lança a assobiar ao meu lado. Quase me acerta na cabeça.

Atiramo-nos para baixo de umas ramagens espessas, voltamos a levantar-nos e começamos outra vez a correr.

Agacho-me e corro em ziguezague, tornando-me num alvo mais difícil de atingir. O Koi vem atrás de mim, logo que eu tomo a dianteira, a correr às cegas pelos bosques, confiando nos meus instintos como guia.

O chão inclina-se formando uma ravina tão íngreme que eu não tenho tempo de parar. Precisamente nesse momento, sou de novo acometida pela «mudança» e o Koi esbarra-me nas costas.

As minhas pernas dão de si.

Caímos juntos. É como se as árvores estivessem a passar por mim, aceleradamente. Não consigo parar nem suavizar a minha queda.

O meu corpo embate contra um tronco de árvore. A cabeça atinge algo bastante duro, mas o regulador salva-me.

O Koi não tem a mesma sorte. Tem o ombro deslocado, pendurado como um galho partido.

As coisas começam a ficar desfocadas, mas eu ranjo os dentes e forço-me para me manter alerta. Sou capaz de me levantar e de cambalear por cima do Koi.

— Não, não, espera um momento — diz ele, logo que o tento ajudar. No entanto, estou demasiado fraco para lhe conseguir encaixar o braço.

— Voltou a acontecer, não foi? — pergunta-me ele.

Aceno afirmativamente com a cabeça e mostro-lhe a minha pulseira. 96.

— Está a acontecer com mais regularidade — murmuro. — Não vou conseguir sair daqui, mesmo que encontremos a Peri.

— Não — diz ele. — Para com isso, Meadow. Temos de encontrar abrigo o mais depressa possível.

Olhamos ambos para cima. Estamos no meio de uma ravina funda, uma fenda natural no terreno, com margens rochosas e íngremes à nossa volta. Teremos de trepar para conseguirmos sair.

Mas como poderemos fazer isso com o ombro dele deslocado? E comigo outra vez fraca devido à «mudança»?

— Passaremos aqui a noite — sugere o Koi. — Haveremos de arranjar onde nos escondermos, caso haja agulhas, câmaras ou outras tribos. Tu poderás descansar e irás ficar bem, logo que voltes a mudar. Só depois disso continuaremos à procura da Peri.

— E onde é que nos poderemos esconder? — pergunto-lhe, enquanto sinto o sangue começar a pingar-me do nariz.

O Koi desvia a cara, como se não aguentasse ver-me nesse estado.

— Podíamos ir para ali — diz ele, apontando com o seu braço são para um sítio atrás de mim.

Vejo a pequena abertura de uma gruta escavada na escarpa.

Juntos, feridos e enfraquecidos, entramos lá dentro.

Capítulo 96

Zephyr

Conseguimos regressar à caverna feridos mas vivos.

A Meadow e o Koi não estão em lado algum.

Mal posso acreditar que tivéssemos fugido e os tivéssemos deixado lá... Mas pensei, com o irmão...

— A Woodson está bem — diz-me a Sketch. — O pai dela é que não, logo que nos vir chegar sem os dois filhos.

— Esqueci-me dele — respondo-lhe, ao bater à porta. O Abram abre-a e nós entramos.

O pai da Meadow está a observar, à espera.

Vê-me a mim e à Sketch a entrarmos, sozinhos.

Ele poderá ter sangue nos olhos, mas ainda consegue ver.

E a maneira como me olha quase me mata.

Sei, nesse preciso momento, que ele seria capaz de me dar uma tarefa até me deixar morto.

Esperamos durante horas.

Eles não regressam. Mantenho-me ocupado a observar o Tox a esculpir a sua bengala.

Ele ainda a tem nas mãos, juntamente com uma pedra preta e afiada. Debruça-se a esculpir, a entalhar.

Nunca para.

Tem sangue seco nas mãos. Como se não tivesse parado durante dias. O número na sua pulseira ainda está muito alto.

— Que está ele a fazer? — pergunta a Sketch.

É então que, por detrás de nós, surge o Médico. — Ele nunca para — explica-nos, enquanto dá ao Tox uma folha cheia de razões.

O idoso nem levanta os olhos, continuando a esculpir o pedaço de madeira.

— Tens de comer, meu velho... — O Médico suspira, depois inclina-se para lhe tirar a bengala das mãos. Ele reage, mais rápido do que eu poderia esperar, golpeando a mão do Médico com a pedra afiada.

— Não há descanso — diz o Tox. — Há dias e dias que ando a

remar...

— Raios te partam! — pragueja o Médico, levando a mão cortada ao peito. — Não passas de um triste saco de ossos... Não mais do que isso...

A Sketch segue o Médico que volta para junto da fogueira.

Mas eu fico para trás, a olhar para os símbolos do Tox. Representações toscas de montanhas. Ondas estranhas, que poderiam ser o mar. Padrões curvos e retorcidos que contornam a bengala, com toda a espécie de números, linhas em ziguezague, formas que eu nunca vi antes. As asas abertas de uma águia, uma letra X esculpida...

— Será que o Verde é verdadeiro? — pergunto-lhe. — Existirá um lugar seguro no nosso mundo?

Ele não me responde. Só se ouve o arranhar da pedra, contra a madeira velha e polida.

— O Verde — repito. — Queria saber como é que se vai para o Verde.

Ele levanta os olhos apenas por um instante. — Verde? — pergunta. E eu ia jurar que ele percebeu, que sabe exatamente de que é que eu estou a falar. — Lá fora. Com a águia...

A águia. Estará ele a falar da Nova Milícia?

Não me parece. Se assim fosse, já nos teriam falado de um lugar que não era controlado pela Iniciativa e onde o medo não existia...

— Sim, o Verde... — insisto. — Será que é real?

O Tox olha muito para mim, e eu quase consigo ver as peças a encaixarem-se na sua mente, uma certa claridade nos olhos. — Verde — diz ele, mas depois levanta a pulseira. — Vermelho.

Ele continua a esculpir e as minhas esperanças esfumam-se. Sento-me em frente de toda a gente, sozinho, à espera que a Meadow regresse.

Capítulo 97

Meadow

Esta gruta é maior do que eu julgava.

Entramos, com as barrigas a roçarem em pedras cheias de arestas. Mas a gruta logo se alarga, e a nossa respiração ofegante começa a ecoar na escuridão.

Apoio-me numa superfície de pedra lisa a tentar recuperar o fôlego.

O Koi põe-se ao meu lado e ficamos os dois assim durante um tempo.

Numa dada altura, penso ter ouvido qualquer coisa algures na caverna. Um barulho de passos. Fico parada, a tentar apurar o ouvido, mas penso que se trata apenas de um animal pequeno, ou de mais morcegos.

— Ela tentou pedir-me desculpa — digo, de súbito, logo que os gritos se apagam. — Antes de morrer...

Não consigo ver o Koi, mas sinto-o a mexer-se ao meu lado. — Estás a falar da nossa mãe?

— Sim — murmuro. — Achas que...? — Não consigo encontrar palavras para o dizer. — Será que ela... ?

— Se eu penso que ela estava mesmo arrependida? — pergunta o Koi. Encontra a minha mão no escuro e pega nela. — O pai disse-me uma vez que ela não queria ter filhos. Que achava que não podia lidar com essa pressão. Mas depois aconteceu e ela teve-nos a todos e até adorava ser mãe. Sabes que ela gostava disso, não é verdade? Que gostava muito de nós...

Volto a pensar nos bons tempos. O riso, as guerras de cócegas no nosso apartamento, o modo como tentava, em vão, alisar os meus caracóis teimosos para fazer uma trança, visto ela saber que eu não gostava nada que o vento me soprasse o cabelo para os olhos. — Ela gostava muito de nós — repito. — Há muito tempo...

— O amor não morre, Meadow. É apenas uma impressão a princípio e depois cresce, até se apoderar por completo dos nossos corações. Acredito que algumas pessoas nasceram para amar. Outros apaixonam-se, simplesmente, e quando esse sentimento as começa a dominar, ficam com medo. Ela sabia que o que estava a fazer ao mundo não era amor. Era... uma coisa única. Ela sabia o que iríamos pensar dela, como iríamos ficar destroçados logo que descobríssemos o

seu trabalho. De modo que resolveu ir-se embora. — Ele suspira e aperta-me a mão. — Talvez tivesse pensado que nunca mais iria voltar a ver-nos, Meadow. Estavas com ela quando ela morreu e penso que, nesse momento, ela estava a ser inteiramente sincera.

Sentamo-nos ao lado um do outro durante quatro horas, até eu voltar a sentir a «mudança».

Quando retomo as forças, já consigo encaixar o ombro do Koi.

— Temos de ir andando — sugiro. — Estou pronta e acho que já perdemos tempo suficiente.

Ele assente com a cabeça e tem um riso muito franco que lhe ilumina todo o rosto. Ele é tão parecido com o meu pai... — O tempo ao pé da minha irmãzinha nunca é tempo perdido.

Olho através da boca da gruta para a ravina. — Vamos ver quem chega lá acima primeiro.

— Não sei, Meadow...

Mas, antes mesmo que eu comece a discutir, ele passa por mim a correr e a trepar pela encosta de pedra. Corro atrás dele a rir-me e, nesse momento, voltamos a ser crianças, a subir cada vez mais alto, ansiosos por nos escaparmos de um mundo que nos oprime constantemente.

É só quando chego lá acima que olho para o mundo lá em baixo. Tínhamos caído num enorme buraco no terreno, como uma boca aberta.

Em volta dele há um anel de terra e de árvores. Uma colina afunda-se, conduzindo a terrenos mais baixos que se parecem estender até perder de vista. Há um campo de flores amarelas. Frescas como o dia e belas como o Sol. A Peri teria adorado vê-las. Eu tê-la-ia levado até ali para dançarmos as duas entre os rebentos floridos, e depois estender-nos-íamos de costas no chão no meio de um mar de sol.

Mais ao longe, surge de novo a floresta. Vista daqui, nunca mais acaba.

A manhã parece ser de nevoeiro.

Ou talvez não seja nevoeiro. É fumo.

Contorno a ravina até ao sopé da colina e olho para lá do prado. Vejo o tremeluzir de uma fogueira entre as árvores distantes. Um outro acampamento.

O Koi sobe até me alcançar, a respirar com dificuldade. — Ganhaste — diz-me ele. — Como é que isso foi possível?

— Que tribos vivem além? — pergunto-lhe eu, enquanto aponto.

Ele encolhe os ombros. — Já te disse que nunca tinha vindo até aqui. Só cá estou há poucas semanas. O Cume é enorme, bem maior do que os Baixios. — Sorri. — Adoraria desenhar isto.

Continua pela margem da ravina, mais perto do cimo. Olho para a esquerda, lá longe, e vejo movimento por entre as árvores. Ouço também aquele horrível zumbido insuportável. Uma onda escura surge através das árvores, como uma enorme nuvem negra.

Mordedores.

— O enxame está a dirigir-se em direção ao acampamento — confirmo.

O Koi morde o lábio. — Devíamos ir-nos embora, caso decida mudar de rumo. Não precisamos de mais complicações.

Volto-me e começo a andar atrás dele. Já começávamos a ficar longe do prado, pelo menos a três ou a quatro quilómetros, quando ouço um grito.

Não há como o ignorar. Ecoa pelos bosques, através do campo de flores, sobe a ravina, e começa a ressoar tão alto nos meus ouvidos, que quase posso jurar que alguém está a gritar por mim.

Conheço esse grito. O seu som costumava acordar-me de um sono pesado, vezes sem conta, nos Baixios.

Eu e o Koi voltamo-nos um para o outro.

E depois, num instante, estamos ambos a correr o mais depressa possível, contornando as margens da ravina, atravessando a colina gigante para chegarmos ao prado.

Porque ambos sabemos quem deu esse grito.

A Peri.

Capítulo 98

Zephyr

A Talan está deitada ao meu lado na sua tenda da Reserva, com um livro de antes da Queda que ela arranhou na biblioteca. Não sei como é que ela lá consegue entrar, mas também não lhe pergunto.

O livro é fino, com ilustrações apagadas de piratas. Diferentes, é claro, dos Piratas que encontramos nos Baixios.

Mas são igualmente sujos e estão sempre à procura de ouro.

— É um mapa do tesouro — diz a Talan. Ela passa com os dedos por uma das páginas. Mostra-me imagens, pequenas marcas rudes pelo caminho. — O X marca o local. — Os seus dedos enlameados param no X.

Sorrio. — O X marca o Centro de Programação, Talan.

— És tão engraçado — diz ela, a fazer beicinho. — Pelo menos uma vez imagina nós os dois. Livres. A seguir um mapa do tesouro para um local maravilhoso. Pensa em toda a comida que iríamos ter assim que lá chegássemos...

Os meus olhos abrem-se e as minhas memórias esfumam-se. Olho para o Tox, para a sua escultura, para as suas mãos firmes.

— Podes emprestar-me isso? — pergunto-lhe, pois não lho vou tirar à força.

Ele acena afirmativamente com a cabeça e passa-me a peça de madeira.

A Sketch chega e, juntos, olhamos para a bengala. Rodo-a nas minhas mãos e, de súbito, todas as imagens começam a fazer sentido.

Não se trata de entalhes feitos por um louco.

Trata-se de criações de alguém que está completamente são. Ele está preso, por baixo da superfície. Não consegue expressar-se por palavras porque está bloqueado.

De modo que, em vez disso, nos dá o que pode.

— Parece o mapa do interior do local da Nova Milícia, não achas?

— Com os diabos, Sketch. Acho que tens razão. — É como se os meus olhos se abrissem mais e eu pudesse finalmente ver.

Tento olhar o Tox bem nos olhos. — Há muito que sabes as respostas — digo eu, erguendo a bengala. — É isso que isto é, não é verdade, Tox? Isto conduz ao Verde.

— Verde — diz ele, com um sorriso que lhe surge através das rugas. — Sim.

Olho para a bengala.

Mas é muito mais do que isso, porque, quando a observo melhor, dou-me conta da razão pela qual reparei tanto nela. A Nova Milícia tinha algo muito similar afixado ao longo de uma parede. As mesmas montanhas, o mesmo mar. O mesmo pedaço enorme de terra a flutuar no meio de tudo, onde o Tox decidiu pôr um X.

Esta bengala pressupõe um formato diferente mas o significado é o mesmo.

É um mapa. O mesmo mapa que a Nova Milícia tem.

E indica o caminho para o Verde.

Capítulo 99

Meadow

Os meus pés não me conseguem transportar suficientemente depressa.

As minhas botas chegam ao prado, esmagando flores a cada passo. Estou lá em cima, a voar, perdida no sentimento de estar tão perto dela, depois de tanto tempo.

O Koi continua sempre ao meu lado. Somos uma mancha prateada num mundo amarelo. Depois, chegamos à linha das árvores e continuamos a correr.

Há gritos por todo o lado.

Não consigo pensar.

A fogueira está quase à nossa frente, escurecida devido ao enxame de Mordedores.

Há cabanas de madeira espalhadas por ali, esquecidas. Há dez, talvez vinte pessoas a fugir.

Vejo um homem que brande um pau aceso para se tentar libertar dos Mordedores.

Há centenas deles em volta desse indivíduo. As mulheres e as crianças correm para se refugiarem entre as árvores. As pessoas que caem são deixadas para trás e os Mordedores mergulham para as atacar como predadores sobre uma presa ferida.

— Onde está ela? — grito. Começo a andar em círculos à procura da minha irmã. — Peri!

Ela estava aqui.

Sei bem que ela estava aqui.

Sou atacada por um Mordedor que se cola ao meu braço. Dou um grito. Tento libertar-me dele, mas já tenho um vergão e o veneno já se começou a espalhar.

Será que vou ficar cega como o Zephyr?

Tenho de a encontrar primeiro. Tenho de *a ver*.

— É por aqui! — O Koi agarra-me na mão empurra-me para as árvores, para irmos atrás do grupo de pessoas que ainda estão a fugir. Aguardo que a minha visão fique cheia de pontinhos e desfocada, mas tal não acontece.

Em vez disso, começo a correr mais depressa e, finalmente, vejo

alguém à minha frente a fazer o mesmo.

A Peri sempre correu muito depressa. Ela adorava correr pela areia atrás das gaivotas.

— Ali! — grito. — Ela está ali!

— Peri! — grita o Koi. Mas ela não nos consegue ouvir.

Corro e deixo-o para trás.

Estou cada vez mais perto dela, tão perto que consigo ver-lhe a cabeça rapada, coberta de cortes e de feridas. O seu regulador parece tão grande no seu corpo pequeno que me chego a interrogar de que modo ela se mantém em pé e tem força para andar. Tem os braços cobertos de feridas roxas e de lama, e a roupa quase em farrapos. A pulseira dela parece a risca no pescoço de um pato, o que me lembra o mar na primavera.

— Peri! — grito uma última vez.

Ela não para.

Dou um salto. Envolvero-a nos meus braços, depois caímos, com ela por cima de mim.

Ela grita, morde-me nos braços, arranha-me com as unhas.

Os Mordedores vêm ter connosco. Para a proteger, tento empurrá-la mais contra o chão, cobrindo-a com o meu corpo. Consigo sentir a dureza do regulador contra a minha cara. Os Mordedores atacam. A dor é um pesadelo, à medida que me vão mordendo na pele. Grito, tentando não me mexer, para que eles não possam atingir a Peri.

E então, de súbito, tudo para. Os Mordedores levantam voo. Com um enorme zumbido, dirigem-se para os bosques, atrás dos outros que fugiram.

— Meadow! — grita o Koi. Consigo ouvir os seus passos à medida que ele se aproxima.

A Peri debate-se, por baixo de mim, a gemer, a tentar libertar-se.

O Koi chega e tira-me de cima dela.

A Peri tenta recuar e depois volta-se para olhar para nós. Ergue um braço e vejo que tem na mão uma pequena faca improvisada, feita de pedra. Não é suficientemente afiada para causar danos. As mãos tremem-lhe e tem um olhar desvairado como se tivesse acabado de ver um monstro, como se ela tivesse visto demasiados horrores, todas as coisas que lhe tentámos esconder, durante tantos anos, mas sem sucesso.

Sem sucesso...

— Peri — volto a chamar. Ponho-me de joelhos e estendo-lhe os

braços. — É a *Meadow*!

Quase consigo ver as peças a encaixarem-se-lhe na mente. Vejo o modo como ela olha para mim, como foca em mim o olhar, pela primeira vez. Ela ignora o meu regulador, o meu cabelo cortado, para se concentrar nos meus olhos.

— Mmmmeadow? — pergunta ela, já com uma voz baixa e tímida.

— Sou eu — repito, e só então me dou conta de que estou a chorar. — Sou eu e o Koi. Conseguimos encontrar-te. Descansa. Estamos aqui. Ela baixa o objeto cortante. Deixa-o cair no chão.

— Meadow — repete ela, de novo.

Em seguida, levanta-se.

E atira-se para os meus braços.

Agarro-me muito a ela. Sinto o cabelo ainda muito curto que lhe cresce na cabeça. O Koi ajoelha-se e põe os braços à nossa volta. Ficamos ali abraçados e, por momentos, quase penso que os nossos três corações são um só.

Capítulo 100

Zephyr

Se há aqui alguém que sabe alguma coisa acerca deste mundo é o homem que mais me odeia.

O pai da Meadow.

— Será que *queres* morrer, Zero? — pergunta-me a Sketch. Ela persegue-me pela caverna. — Olha que ele era capaz de te amANHAR como um peixe...!

— Se houver alguns rumores acerca do Verde, há de confirmá-los — digo-lhe. — Ele estava no Exterior antes de tudo ter acontecido. Era marido da Lark Woodson. Há de saber.

— Isto vou ter de ver — diz-me a Sketch, a rir-se por detrás de mim.

Aproximo-me da fogueira e a Sketch para a alguns passos de distância.

O pai da Meadow está acordado, encostado contra a parede rochosa da caverna, a beber água de um saco de lona impermeável.

— Preciso de falar consigo — digo-lhe.

Ele olha muito para mim, quando me sento. Lembro-me do dia em que ele me espetou um anzol na face e o começou a puxar até a pele se ter começado a rasgar. Tremo só de pensar nisso mas recuso-me a desviar o olhar.

— Eu disse-te para te manteres longe da minha filha, não disse? — pergunta-me.

Aceno afirmativamente com a cabeça. — Pois disse. Mas eu sou a única razão pela qual ela não foi capturada juntamente com todos vocês.

O pai da Meadow ergue-se para se sentar. Limpa os olhos com as costas da mão, sujando a pele de sangue.

— Se vens à procura de gratidão, vais ficar muito desapontado — afirma ele.

Começo a fazer estalar os nós dos dedos. Há imensas coisas que eu gostaria de dizer a este homem, mas, de momento, tenho de me focar no que importa. — O que é o Verde? — pergunto-lhe.

Ele ri-se baixinho. Volta a beber um outro gole de água. Vejo que tem dificuldade em engoli-la pois volta a cuspi-la. Espero pacientemente.

— O Verde — repito. — Alguma vez ouviu falar nisso?

Vejo-o revirar os olhos.

— Porquê?

Decido que a verdade é melhor do que qualquer mentira que eu pudesse inventar. — Porque acho que se trata de uma coisa verdadeira. Acho que existe. E acho também que o deveríamos encontrar.

— É uma reação natural que no meio de tanta morte e de tanta destruição as pessoas anseiem por um lugar melhor. Para Doentes como tu, creio que é normal acreditar que podem chegar ao impossível. Vocês não estão habituados a que vos digam que não.

— Mas será mesmo um lugar verdadeiro? — volto a perguntar. Semicerra os seus olhos sangrentos. — Não te armes em parvo comigo, rapaz. Vou ter de te lembrar o que fizeste à minha família, à minha casa?

Debruço-me um pouco mais para a frente, com as mãos no colo.

— Eu matei a sua mulher — confesso. Ele fica de boca aberta e eu continuo: — Depois de a minha seta lhe ter penetrado no peito, houve todo um exército de Doentes que atacou a Iniciativa. Após ter chefiado essa luta, recorri à sua cunhada para os meus próprios fins e consegui que ela abrisse o Perímetro, para que eu e a sua filha pudéssemos fugir. Estava livre, pela primeira vez na minha vida, no entanto, em vez de ter seguido o meu rumo, fiquei com a Meadow. Lutei com pessoas. Matei pessoas para que a Meadow pudesse cá chegar. Renunciei à minha liberdade para que ela pudesse vir resgatar a sua. — Inclino-me mais. Estou tão perto que quase posso cheirar o sangue no seu hálito. — Agora, se o senhor não se importa, vou voltar a fazer-lhe a pergunta. Que sabe afinal acerca do Verde?

Ele mantém-se em silêncio, durante muito tempo.

A princípio chego a pensar se irá dar cabo de mim.

Acabei de lhe dizer que lhe tinha assassinado a mulher e que tinha seguido a filha para cá chegar.

Ouço-o respirar fundo.

E depois vejo-o assentir com a cabeça. — Não gosto nada dos do teu género, Doente Zero. Nunca gostei por razões óbvias. Mas tens uma certa razão. — Volta a beber outro gole de água que mantém no estômago. — Sei que em tempos houve um lugar, *há muitos anos*, que estava fora do alcance da Iniciativa. Uma pequena comunidade que decidiu separar-se e fazer as coisas à sua maneira.

Quase fico sem fôlego. — E onde era?

Ele abana a cabeça. — Não tenho a certeza. Algures no Pacífico. Muito longe, numa ilha, completamente mantida em segredo.

Trata-se do mapa do Tox, do mapa da Nova Milícia. Ambos indicam um lugar no meio de um mar enorme.

— Existe um Perímetro à volta do país — digo-lhe eu. — Será que fica para além dele?

O pai da Meadow encolhe os ombros. — Não faço a mínima ideia. Toda a gente andava a falar... Este lugar estava destruído, aquele era seguro... É tudo conversa fiada.

— E se, afinal, não fosse apenas conversa fiada? — pergunto-lhe. — E se eu lhe disser que também ouvi as Sanguessugas a falar nisso?

Ele levanta uma sobrancelha. — Isso seria interessante — diz ele. — Mas não necessariamente mais certo ou mais errado do que qualquer coisa que o mundo tenha antes ouvido acerca dos abrigos.

— Mas as Sanguessugas sabem muita coisa — observo. — Eles têm mais factos do que qualquer um de nós alguma vez teve. E, para além disso, eu tenho um mapa.

— E onde é que arranjaste esse mapa?

Faço um gesto com a mão. — Isso não interessa. O que importa é que nos pode conduzir até ao Verde. Como serão as coisas por lá?

Ele suspira e passa uma mão pelo cabelo. — Se fosse mesmo verdadeiro, tratar-se-ia de qualquer coisa completamente secreta. Seria um lugar onde não existem testes nem a Iniciativa que tudo vê. E, melhor do que isso ainda, tratar-se-ia de um sítio onde reinaria a liberdade.

Deteto-lhe um certo entusiasmo na voz à medida que vai falando sobre esse assunto, como se desejasse que isso fosse verdade, mas receasse entregar-se a grandes esperanças.

— A Meadow disse-me que o senhor estava a morrer. Ela disse-me a verdade? — pergunto-lhe.

Ele volta a encolher os ombros. — Olha que não sei, mas, depois de todo este tempo, não seria irónico que o homem que se casou com a Criadora fosse aquele cujo sangue tivesse o poder de reverter a Cura?

Eu ainda não tinha pensado nisso segundo essa perspetiva.

— Se o senhor morrer e nós conseguirmos sair daqui, irei levar a Meadow para o Verde — afianço-lhe. — Mas, caso possa continuar a viver... queremos que venha connosco.

— Não pretendo dar cabo das tuas esperanças — diz ele, entre

suspiros. — Mas a liberdade não é uma coisa verdadeira, Doente Zero. Nunca o foi. Nem antes da Cura nem depois dela.

— Olhe que é aí que se engana — contraponho eu. Levanto-me e olho para ele. — A liberdade é uma escolha. E eu vou escolher que ela exista.

Volto-me e já estou a andar em direção à Sketch quando ele me chama:

— Doente Zero.

Olho por cima do ombro.

— A Meadow não é nada parva... E se te deixou vir com ela até aqui... — Ele suspira, abana a cabeça, como se não acreditasse no que está prestes a dizer: — Pois bem, é porque deverás ter qualquer coisa de bom em ti. Se encontrares o Verde, leva-a contigo. Leva-os a todos contigo.

Aceno-lhe afirmativamente com a cabeça e depois vou ter com a Sketch, que está no outro lado da caverna, para lhe contar o que sei.

Capítulo 101

Meadow

Pegamos na Peri à vez, enquanto nos dirigimos para a caverna.

Primeiro vai nos braços do Koi; depois, nos meus. Ela estende uma mão e toca no meu regulador. Em seguida, toca no dela.

Não fala, mas vejo que há um medo bem real nos seus olhos.

— Está tudo bem agora — digo-lhe. — Já não nos podem fazer mal. Certifiquei-me disso.

O mundo sorri-nos porque eu não sinto a «mudança». Sinto-me forte por agora e não poderia ter desejado outra coisa. Estar abraçada à minha irmã, estar viva e saber que ela se encontra em segurança.

Caminhamos até à cascata.

Nadamos juntos, eu e o Koi, com a Peri no meio de nós, tentando protegê-la da corrente. Empurramo-la pelo buraco à superfície e colocamo-la em segurança.

Ela tenta recuperar o fôlego e treme como varas verdes, porém, não chora. Sem a lama nem a sujidade, ela quase adquire o aspeto que tinha antes. Mas consigo ver que está destrozada. Vejo-a a olhar em frente, tão vazia como a casca de um ovo.

Quando chegamos à caverna, a Peri já está a dormir nos braços do Koi. O meu coração bate aceleradamente.

Encontrámo-la.

Bato à porta, três vezes, e o Abram responde-me, abanando as suas enormes mãos nas nossas caras.

O Koi entra de rompante. Levamos a Peri lá para dentro. O meu pai está ali, a ressonar calmamente. Toco-lhe no ombro e ele acorda de repente, com os olhos muito abertos, como se estivesse preparado para uma luta.

— O pai precisa de ver uma coisa — digo-lhe.

Ajudo-o a sentar-se.

Os seus olhos ajustam-se. Pestaneja, como se não conseguisse acreditar no que vê. Mas o Koi aproxima-se, com a Peri nos braços.

— Ela está... — A voz do meu pai esvanece-se. Sinto que existe horror nela, como se tivesse medo de fazer a pergunta. Ele olha para o regulador dela como se desejasse arrancar-lho da pele.

— Está só a dormir — digo-lhe. — Está viva. Está em segurança.

— Ótimo. — Ele está em choque, como eu estava e ainda estou.

Levanta-se tentando equilibrar-se nos pés a muito custo. Mas consegue-o e vai até ao outro lado da fogueira para se pôr ao lado do Koi. — Peri — ouço-o dizer. — A minha Peri...

O meu irmão coloca-a nos braços do nosso pai. Ele treme enquanto lhe pega, envolve-a como se ela voltasse a ser um bebé e recusa-se a largá-la.

Uma única lágrima de sangue desliza-lhe pela face.

E sorri.

Capítulo 102

Zephyr

Acordo com a Meadow a murmurar o meu nome.

Os meus olhos abrem-se e ela ali está, viva, em segurança...

— Queria ir à tua procura — digo-lhe, rapidamente.

— Está tudo bem — diz ela.

E então, acaba por sorrir. Senta-se ao meu lado, com um cobertor pelos ombros, tentando aquecer os dedos dos pés ao lume.

— Encontrámo-la, Zephyr — diz-me ela. — Encontrámos a Peri.

— O quê? — Sento-me de repente.

É quando a vejo, a Peri, sentada ao lado do Koi e do pai.

Céus! Eles conseguiram mesmo encontrá-la.

A Peri é pequena, embrulhada num cobertor que quase a engole. Está coberta de pequenos ferimentos. O regulador dela tem pior aspeto que o da Meadow. Ela é tão pequena que o aparelho acaba por tornar-se por de mais impositivo. E não tem caracóis, o que faz com que a sua cabeça, assim rapada, ainda pareça mais pequena. Ela senta-se sem se mexer, a olhar muito para tudo, como se a sua mente tivesse sido desligada.

Tem os olhos inchados, com olheiras roxas. Vê-se-lhe um corte recente na cara, o que lhe dá o aspeto de ter estado numa guerra.

É horrível, tão horrível que me dá voltas ao estômago, o meu coração acelera-se, as minhas mãos anseiam por agredir as Sanguessugas que lhe fizeram isso, que a colocaram nesta situação.

— Ela ainda está em choque — diz-me a Meadow. — Depois de tudo por que ela teve de passar...

— Ela há de ficar bem. As crianças recuperam depressa. Agora já está em segurança, Meadow, tu encontraste-a.

A Meadow assente com a cabeça. Tem os olhos avermelhados e gotas de suor na testa. Contudo, há uma luz nova nela, ao olhar para a irmã.

— Estás bem? — pergunto-lhe. Pego-lhe com cuidado na mão e ergo-a.

Bolas!

Leio um 97 na sua pulseira. O número mais alto até então.

— Vim aqui fazer o que tinha de fazer — diz ela. Falha-lhe a voz.

Engole em seco e depois cospe sangue. — Agora já posso morrer feliz, Zephyr.

— Tu não vais morrer — murmuro. — A Nova Milícia vai ajudar-te e nós havemos de lá chegar. Diz-me o que é, Meadow. Eu faço-o por ti e eles não de vir buscar-nos.

— Não me podes ajudar com isto — diz-me ela. Sorri de um modo triste. Depois confessa-me: — Esta poderá ser a minha última «mudança». — Vejo como a pulseira dela vai mudando, até os números chegarem ao zero. Em seguida, retoma a letra C.

Ela está quase a dizer-me uma outra coisa, quando ouvimos um lamento arrastado, semelhante ao da Sirene Noturna. Mas é diferente, quase como... vozes.

Gritos.

— Guerra! — anuncia o Tox, algures da escuridão. — Luta!

Nesse momento, a porta da caverna abre-se estrondosamente.

O Abram cai, com as suas mãos gordas a abanarem.

Tem uma faca espetada no meio da testa.

— É um ASSALTO! — grita o Saxon.

A caverna transforma-se num caos, à medida que as pessoas vão entrando, de armas em riste, prontas para a matança.

Capítulo 103

Meadow

Os Laranjas enchem a caverna.

Não sei como é que eles descobriram o nosso esconderijo. Será que nos seguiram, a mim e ao meu irmão?

Vejo um homem Laranja com o rabo de cavalo a abanar, à medida que se põe a andar em círculos, dando ordens ao seu exército para que ataque.

Ponho-me de pé.

Corro para ele, gritando o meu ódio bem alto. Agora não. Não quando a Peri já se encontra aqui em segurança. Esta noite ninguém lhe há de tocar. Uma mulher atravessa-se à minha frente. Atiro-a ao chão, ignorando por completo os seus gritos.

Ela agita uma faca junto à minha cara. Dou-lhe uma cabeçada e, sem demora, arranco-lhe a faca da mão.

Ela cospe-me na cara. Uso o cabo da minha faca para lhe dar uma pancada na cabeça que a deixa sem sentidos, e depois continuo. Tenho de encontrar o meu pai e a Peri.

Estão todos aos gritos, a correr pela caverna.

Duas das fogueiras já se apagaram e o mundo tornou-se uma mistura de sombras, de vozes que ressoam pelas paredes.

Ouvem-se mais gritos, mais passadas. Pelo menos cinquenta Laranjas entraram de rompante pela porta. Com tantos, não temos qualquer hipótese.

Ouçó a Peri a gritar e regresso aos dias de tortura. Quero ignorá-lo, mas ponho as mãos nos ouvidos e forço-me a recordar. Isso foi em tempos e isto está a passar-se agora. Volto-me e vejo o Koi a lutar com dois homens, enquanto a Peri se esconde por detrás dele, com o medo estampado no rosto e a boca aberta de espanto.

Nem sequer penso.

Limito-me a lançar a faca e vejo-a a espetar-se na parte de trás do pescoço do primeiro homem. Este cai, e o Koi consegue atirar por terra o outro. Começam a lutar e eu vou ter com a Peri. Ergo-a nos braços e, em seguida, arranco a faca do crânio do homem.

— Estás bem? — pergunto-lhe, olhando-a nos olhos.

— Paizinho! — grita ela, a primeira palavra que pronuncia desde

que a encontrámos.

Ela aponta para trás de mim.

Volto-me a tempo de ver o meu pai a cambalear na nossa direção, no meio de todo aquele caos, com uma lança espetada na coxa. Tem um olhar desvairado, cheio de desespero, como se soubesse que já não tem forças para continuar, e isso é mais aterrorizador do que qualquer outra coisa que eu tivesse visto. Há uma mulher que o persegue e que faz rodar uma terrível bola cheia de picos e presa a uma corrente, tentando atingi-lo.

O meu pai não vai conseguir sobreviver.

— Agache-se! — grito-lhe.

Ele cai.

A mulher atira-se para cima dele, com um esgar de ódio no rosto e começa a dar-lhe com a bola nas costas.

Vejo um jato de sangue, mas, no entanto, ele continua a lutar.

— Fica aqui! — Passo a Peri para os braços estendidos do Koi, para poder ir ajudar o meu pai.

Atiro-me para cima da mulher. Ela sai de cima do meu pai e eu ponho-me em cima dela e começo a encher-lhe a cara de murros. Ela também faz o mesmo e, por segundos, o mundo começa a andar à roda. Dou-lhe murros nos lados da cabeça, estouro-lhe com os tímpanos. Os olhos dela adquirem uma expressão feroz. Morde-me no pescoço e eu começo a sangrar.

— Acaba com ela! — ordena-me o meu pai, à minha esquerda. — Acaba com ela agora, Meadow!

A mulher cospe-me nos olhos o meu próprio sangue. Enterra-me uma lâmina numa perna. Sinto dor, como se me tivessem penetrado com um ferro em brasa.

E, de súbito, anseio por vingança. Quero vingar-me de todos. Sobre tudo da Iniciativa, por terem posto a minha família neste mundo, por terem feito com que a Peri pareça um fantasma dela própria, por a terem feito sofrer de um modo que nenhuma criança deveria sofrer. Estou zangada com os das outras cores, por terem perturbado o que poderia ter sido a minha última noite de paz.

Estou furiosa com a minha mãe, com o mundo inteiro.

Espeto os dedos nos olhos da mulher, com muita força.

Até ela começar a jorrar sangue, e é como se tudo explodisse dentro de mim.

Ouçõ-me a rir, memórias do comandante e da sua tortura, dos

gritos da Peri e dos meus e de tudo o que se passou até então a saírem da alma como torrentes. Faço de conta que aquela mulher é a Iniciativa, e estou finalmente a vingar-me do que eles fizeram a mim, à minha família, ao Zephyr, a todos os que viviam nos Baixios.

— Meadow! — ouço a voz do Koi vinda não sei bem de onde, mas não o estou a ouvir bem. — Temos de fugir! Eles são muitos!

A mulher talvez esteja já a morrer, ou mesmo morta, mas não a consigo largar.

Grito até ficar rouca. Até que umas mãos me agarram por trás. Rolo, retirando a faca da perna, pronta a espetá-la na garganta do meu atacante.

Mas vejo então o Zephyr.

— Meadow — diz ele. Só diz o meu nome e, por instantes, quase o esfaqueio. Há honestidade nos seus olhos. Verdade. Um desespero para me salvar não da mulher mas de mim mesma. — Já chega! Já fizeste *que chegue!*

Vejo a Peri na penumbra, com lágrimas a correrem-lhe pela cara abaixo.

A olhar para mim como se eu... como se eu fosse um monstro.

Quase perco o fôlego quando vejo a cara da mulher e sinto o seu sangue quente nas mãos e uma rouquidão na garganta de tanto rir e gritar. Toda a gente à minha volta está a combater e o Koi arrasta-me para um dos lados, para nos esconder nas sombras. — Temos de fugir daqui, Meadow! Não podemos aqui ficar com a Peri. Eles são muito mais do que nós...

Olho por detrás dele, para os outros habitantes da caverna que estão a lutar. Um rapazinho desorientado vem a correr na nossa direção, a tentar fugir, mas uma faca atinge-o na cabeça. Vejo-o cair.

A Sketch aparece, está a ajudar o meu pai a andar. Os olhos dele, cheios de sangue, olham para os meus e, nesse preciso momento, ele comanda todas as minhas ações. — Faremos tudo para manter a Peri em segurança. Temos de sair daqui!

— Para onde? — pergunta o Koi.

Dou-me conta de que é agora o momento. Estamos quase prontos para abandonar este lugar. Já tenho a minha irmã, toda a minha família. Já não há qualquer razão para aqui ficarmos.

Tenho de enviar o sinal, mas, primeiro, temos de correr para o ponto de extração.

— Para sul — digo eu. — Depressa!

O Tox surge então a cambalear. — Eu conheço o Sul — diz ele.

Levanta a bengala e mantém-na bem erguida.

— Vamos segui-lo — sugere o Zephyr. — Ele sabe o caminho. Está aqui há mais tempo do que qualquer um de nós e sabe *bem mais* do que nos possa parecer. Acreditem no que vos digo.

Ele parece forte, como um líder. Tem os braços estendidos ao lado do corpo, o queixo levantado, de modo que olha para baixo, para todos nós, desde a sua altura.

— Pois bem — digo eu.

O Tox desaparece na escuridão da cave, à nossa frente, indicando o caminho.

Capítulo 104

Zephyr

A Meadow perdeu a cabeça. Mesmo em frente da irmã.

Meteu as mãos na cara da mulher como se estivesse a escavar na areia e...

Tentei ver-me livre dessa memória, reprimi-la o mais possível, para só me incomodar mais tarde, dado que, por enquanto, temos de correr.

Não sei para onde o Tox nos está a levar, mas é para um sítio nas profundezas da caverna. A escuridão envolve-nos como um cobertor, só que a sensação não é nada reconfortante.

Sinto-me como se estivesse numa jaula. Consigo ouvir os Laranjas a perseguirem-nos mais lá atrás. Movemo-nos depressa, a respirar ofegantemente. Havia realmente muitos invasores.

— Ele é apenas um velho maluco! — sibila o Saxon, um pouco mais à frente.

— Confiem nele — digo eu. — Que outras opções temos nós? Querem voltar para trás para morrerem às mãos dos soldados Laranja?

— Eu *sou* um soldado! — irrompe o Saxon. — Deixámos lá os outros Amarelos para serem mortos. Usámo-los como isco...

— Assim sendo, porque é que vieste? — grita-lhe a Sketch. — Fizemos o que tínhamos de fazer e, se estás realmente connosco, cala a boca e aproveitas o passeio.

Foco-me na minha respiração, dando passos rápidos e curtos, de modo a não tropeçar na escuridão ou a cair em cima das costas da Sketch.

A minha testa bate no teto da caverna e sinto uma dor forte.

— Atenção, baixem-se! — recomenda a Sketch, da parte da frente.

— Podias ter avisado há mais tempo — resmungo. Depois baixo-me mais, arrastando a Meadow comigo, com as nossas mãos coladas com o sangue daquela mulher.

Em breve as conversas acabam.

A passagem torna-se tão estreita e baixa que já me desloco de gatas.

— Isto não tem saída — alerta a Meadow.

Porém, lá mais à frente, o Tox usa a sua bengala para bater contra um monte de pedras.

Estas começam a desabar e eu vejo luz.

Capítulo 105

Meadow

A escuridão acaba quando atingimos a luz.

Trata-se apenas de um vislumbre, como se o Sol estivesse encoberto, mas está ali.

— Escavem — ecoa a voz do idoso lá mais à frente. — *Escavem!*

O Koi é quem está mais perto dele.

Ouçõ então uns ruídos e pragas abafadas, enquanto o meu irmão faz o que o Tox lhe disse.

É apenas uma pequena abertura mais adiante no túnel.

Temos de seguir um de cada vez, a rastejarmos, e, quando chega a minha vez, tenho de lidar com um molho de ramos enredados de trepadeira. Consigo deslizar por cima deles até ao chão da floresta.

— Eu não vos disse que ele sabia? — diz-nos o Zephyr. Ele inclina-se para me ajudar a levantar.

Os seus olhos focam-se nos meus. — Não podes fugir outra vez — murmura. Ele pega-me na mão e eu juro a mim mesma que deixo a minha loucura nesta caverna.

Mas eu sei e o Zephyr sabe que isso não é verdade.

Não há tempo para conversas.

Quando olho para cima, consigo ver o teto abobadado a descer, como se nos estivéssemos a aproximar mais do Perímetro. Lá longe, o Sol está a pôr-se.

Estamos quase no fim das setenta e duas horas.

Se não enviar em breve o sinal, a Nova Milícia desistirá do ataque. Não virão buscar-nos.

Corremos.

— Temos de parar — diz o Koi, mais atrás, após uma hora de corrida.

O meu pai está encostado a ele, a tentar recuperar o fôlego. O vento sopra, afastando-lhe o cabelo do rosto e, neste momento, consigo aperceber-me da palidez da sua pele devido à perda de sangue.

Tão fraco, tão diferente de si mesmo...

Ouço um clique um pouco mais adiante, semelhante a um som de gafanhotos.

Trata-se de um ruído que eu ainda não ouvi no Cume. Olho e não vejo nada de diferente na abóbada. Apenas uma cor prateada e repetida, as linhas membranosas do metal ou do titânio que se juntam como teias de aranha.

De súbito, algo escuro cai do céu, lá muito ao longe.

Depois outro, logo a seguir, embatendo na floresta. Parece chuva a cair do céu, a descer com uma rabanada de vento, com um murmúrio. *Estão muito longe para nos atingir*, penso. Mas talvez me tivesse apressado.

Um aterra no chão, ao meu lado.

É como o ferrão de uma abelha gigante, preto, com cerca de seis centímetros. É muito afiado em ambas as pontas e tem uma serrilha de lado. É perfeito para fazer sangue, não importa de que lado a agulha atinja a pele.

Há um momento de silêncio, em que eu e o meu pai olhamos muito um para o outro e todos tentam recuperar o fôlego.

— Corram — diz a Peri, com uma voz muito clara e assertiva. —
CORRAM!

Centenas, *milhares* de agulhas caem do céu.

Capítulo 106

Zephyr

É como se do céu chovessem facas.

Corremos por entre as árvores, com os braços por cima da cabeça para nos protegermos, se bem que tal seja inútil.

Uma agulha aterra-me no braço. Retiro-a e continuo a andar, mas a ferida fica negra num instante e eu consigo sentir uma horrível sensação, devido ao que quer que seja que eles tenham posto na agulha e que me começa a correr nas veias.

O Tox toma outra vez a dianteira, usando a sua bengala para abrir caminho, e nós seguimo-lo. A cada segundo, o pai da Meadow tropeça e cai. O Koi ajuda-o a levantar-se e continuamos.

A Meadow está ao meu lado, a correr ao mesmo tempo, com a Peri pela mão. A menina é rápida, porém, o que mais me espanta, é que o Tox consiga manter sempre a dianteira.

As agulhas continuam a cair à nossa volta, a assobiarem quando me passam junto à cabeça.

Há uma que cai em cima do regulador da Peri e faz ricochete; outra atinge-me nas costas.

Ao meu redor, toda a gente está a ser atingida. Toda a gente grita quando elas se lhes cravam na pele.

Mas há um grito que é mais alto do que os outros, o do Koi.

A Meadow para e volta-se, arrastando a Peri com ela.

Todos olhamos para trás e vemos o pai dela enrolado no chão.

Está coberto de agulhas, tal como nós.

— Temos de correr — grito. Mas a Meadow passa-me a irmãzinha e volta atrás, ajoelhando-se ao lado do pai.

Vejo o número que ele tem na pulseira, um 98, enquanto o Koi o abriga por baixo de uma árvore, tentando protegê-lo das agulhas. Estas ainda estão a cair, não em tanta quantidade, se bem que pareça que nunca mais irá parar.

A Sketch volta também para trás e vem ter comigo. — Temos de ir, Zero!

— O pai da Meadow...! — grito. Ponho a Peri ao colo dela.

— Vão, vão até ao Perímetro!

Ela abana a cabeça, abrindo muito os seus olhos escuros, mas

envolve a Peri nos braços. A menina está a gritar pelo pai e a tentar desprender-se de nós, contudo a Sketch é suficientemente forte para a controlar.

— VÃO! — grito-lhes. — A Peri não pode ver isto.

Uma agulha cai entre nós.

A Sketch acena afirmativamente com a cabeça e vai atrás do Saxon e do Tox. Eu fico para trás, com a Meadow e com o Koi, enquanto eles se debruçam sobre o pai.

Este está a tossir sangue.

— O pai está bem — diz a Meadow. Ela tem os olhos rasos de lágrimas, mas tenta reprimi-las, fazendo um esforço para que estas não comecem a cair-lhe pelo rosto. — Levante-se, continue a andar. Nós não desistimos nunca, lembra-se?

O pai da Meadow continua a cuspir sangue. — Estou acabado — diz ele, quase sem fôlego. Vejo-lhe o peito a subir e a descer muito rapidamente.

— Nós levamo-lo — diz o Koi. Olha por cima do ombro e vê-me ali perto. — Vem ajudar-nos, Zero!

— Não — grita o pai da Meadow. Tenta levantar um braço, mas sem sucesso.

Talvez devido ao peso das agulhas ou à fraqueza ou a ambos. Porém, agora vejo um número na sua pulseira: 99.

Tem um olhar desvairado que oscila entre a Meadow e o Koi. Sei que estou a mais nesse momento, alguém exterior que se deveria encontrar muito longe, mas não me posso ir embora. Não vou perder a Meadow de vista.

— Mantenham a Peri em segurança — diz o homem, enquanto se afoga no seu próprio sangue. Este também lhe começa a pingar dos olhos, como se ele se estivesse a afogar no interior, e esse sangue lhe estivesse a sair por todos os lados.

— Vamos mantê-la em segurança connosco — diz-lhe a Meadow. Está a chorar agora, lágrimas verdadeiras que nunca mais param. Depois começa a gritar: — Nós *não* morremos! Somos sobreviventes, lembra-se?

O pai dela abana a cabeça. Por esta altura, creio que já não consegue falar.

O Koi e a Meadow olham fixamente para ele, petrificados.

Trata-se de uma cena de horror. As agulhas nos seus braços, nos nossos braços, as manchas negras a espalharem-se pela nossa pele.

— Vão... — consegue o pai dela ainda pronunciar. — Vão!

A palavra soa abafada, como se ele estivesse a gritar por baixo de água.

A Meadow abana a cabeça. — Não — murmura ela. Uma outra agulha cai, espetando-se na perna estendida do pai, mas parece que ele já não a consegue sentir.

Dá então o seu último suspiro. *Vão*. Mexe ainda os lábios, mas já não consegue pronunciar qualquer som.

Respira pela última vez. Na sua pulseira lemos agora o número 100. De súbito, ao morrer, os seus olhos fixam-se nos meus. Há neles um olhar que nunca tinha visto antes, como se me estivesse a pedir alguma coisa, a implorar.

Aceno-lhe afirmativamente com a cabeça.

Ele olha para os filhos uma última vez.

E então, o homem mais forte do mundo, aquele que faria tudo para sobreviver, morre.

Capítulo 107

Meadow

O meu pai...

O meu pai...

O meu pai *morreu*.

Mas ele não pode estar morto, agora não, nunca... Ele sempre foi forte, sempre me ensinou a fazer o que quer que fosse para sobreviver, a matar, a roubar, a lutar até às últimas forças.

Tento afastar o seu corpo mas reparo nos olhos cinzentos, abertos e parados.

Olhos que já não pestanejam...

O Koi geme e soluça. — Não, não, não...

O mundo parece esvanecer-se, quando o Zephyr vem por detrás de mim e começa a tentar desviar-me do cadáver do meu pai.

— Acorde! — grito-lhe. — Acorde!

— Ele está morto, Meadow! — grita o Zephyr. — Já cá não está!

A chuva de agulhas parou, mas é como se o mundo todo estivesse a gritar, a desmoronar-se à minha volta.

Ele deveria ter conseguido fugir connosco. Ele deveria ter *sobrevivido*.

Poderão ter passado minutos ou segundos antes de o meu irmão se pôr de pé. — Temos de nos ir embora — diz ele.

Tento fechar os olhos do meu pai com a ponta dos dedos, mas eles não se fecham. Ficam abertos, a olhar fixamente para o vazio. Não o posso deixar assim.

Ele era o mais forte. Ele devia ali estar para a família, quando eu já não pudesse. A «mudança» invade-me e, de súbito, sinto-me tão fraca que caio ao lado dele.

— Temos de nos ir embora! — grita o Zephyr.

Ele ajuda-me a levantar e desvia-me do meu pai. Estou a gritar, a debater-me e, mesmo nesse meu estado de fraqueza, o Koi e o Zephyr têm de me agarrar para eu não começar a agir como uma louca.

Ele continua a tentar desprender-me do meu pai.

Deixamo-lo para trás, cheio de agulhas, estendido no chão do Cume. Em breve a Iniciativa irá encontrá-lo e isso será o seu fim.

Capturado por aqueles de quem ele passou a vida a tentar esconder-se.

Capítulo 108

Zephyr

Conseguimos chegar ao Perímetro.

O Saxon, a Sketch e o Tox estão à espera, e todos parecem encontrar-se bem. As agulhas magoam-nos, mas não mataram ninguém. Estendo a Meadow no chão da floresta. O Koi senta-se ao lado dela, a apoiá-la, enquanto o seu nariz começa a pingar e ela tosse sangue, tal como o pai dela.

Quando é que as Sanguessugas virão buscar o seu corpo? Irão finalmente obter o Código da Morte a partir do seu sangue?

A Peri corre para a Meadow e para o Koi.

— Onde está o paizinho? — pergunta ela, mas o Koi abana a cabeça. A Meadow limita-se a dirigir à irmã um olhar sem expressão.

A pulseira da Meadow está no 98.

A do seu pai também estava nesse número e demorou apenas alguns minutos até ele morrer.

Mas a Meadow não pode morrer. Ela é mais forte do que a morte e, em breve, irá mudar de novo. Tem de ser assim. Tem de ser *assim*...

— Woodson — diz a Sketch, tomando o rosto da Meadow nas mãos. — Qual é o sinal, Woodson? Já estamos aqui. Já conseguimos aqui chegar. Temos de os alertar agora.

A Meadow abana a cabeça.

— Sem ele, não — murmura.

A Peri está a chorar nos braços do Koi e o Tox está a dizer entre dentes qualquer coisa acerca do Verde e, nesse momento, tudo me parece imensamente estúpido.

Num mundo sem a Meadow já não haverá Verde.

Ela não pode morrer. Não assim. Nunca. Nem sequer no mundo da Lark Woodson.

Capítulo 109

Meadow

— Envia-lhes o sinal, Meadow — pede-me o Zephyr. Ele ajoelha-se diante de mim, ao lado da Sketch. — Temos de o enviar agora. Eles virão e hão de salvar-te. Eles hão de conhecer uma maneira de remediar as coisas.

Mas não lhe posso dizer que não haverá maneira alguma.

É assim que tudo irá acabar.

Olho em volta para os rostos das pessoas que vieram até aqui comigo.

A Sketch com as suas provocações, com o seu jeito de nos pôr a rir, num mundo em que a escuridão é mais comum do que a luz.

O Saxon, que nos acolheu na sua tribo, e desafiou as leis do Cume porque confiava no meu pai e no meu irmão.

A Peri, que está sentada a pouca distância, enquanto o Koi lhe murmura palavras reconfortantes ao ouvido, lhe massaja as costas e a beija na testa. Eles são amáveis num lugar que exige que os sobreviventes sejam duros como o aço. Mas sobreviveram. Conseguiram, e esta é a sua maneira de negarem o mundo.

— Meadow — diz o Zephyr. — Sei que, de momento, te é difícil pensar, mas nós temos mesmo de enviar esse sinal.

Ele toca-me suavemente na face.

Os seus olhos verdes estão muito brilhantes, apaziguadores. Poderia mergulhar neles e encontrar a paz, e talvez seja isso mesmo que faça, quando tudo tiver terminado. Talvez a morte seja verde e não negra, cheia de agradáveis brisas de verão e de erva macia sob os dedos dos pés.

— Desculpa — murmuro.

Penso em tudo por que passámos. A dor, os ganhos e as perdas, os dias que demorámos até chegarmos a este momento no tempo, ansiando pela liberdade. Isto é tudo o que eu sempre quis e agora irei entregá-lo, a ele...

A todos eles.

Há um instante de dor, seguido de um certo alívio, logo que a «mudança» ocorre. O número na minha pulseira começa então a baixar, até voltar a atingir o C.

O Zephyr está sorridente, a segurar-me contra o seu peito, e a

Sketch começa a gritar que eu estou bem, que iremos agora enviar o sinal e sair dali de uma vez por todas.

Mas eu não estarei com eles. Não posso...

Parece-me ouvir a minha mãe a segredar-me ao ouvido. *Logo que saias dos Baixios, Meadow... irás morrer.*

Vejo uma agulha no chão, caída e esquecida ao meu lado. Deslizo os dedos até ela. Aperto-a bem e o Zephyr só se dá conta disso quando já é tarde de mais.

— Meadow, que estás tu...

— Desculpa — volto a murmurar e, quando o digo, olho para ele, para a Peri, para o Koi e para a Sketch, e o meu coração enche-se com aquela coisa horrível de que sempre fugi.

De amor. Mas já chega, trata-se da coisa mais doce neste mundo e, pela primeira vez na minha vida, dou-lhe as boas-vindas.

Em seguida, enterro a agulha bem fundo no peito.

— Não! — grita o Zephyr.

O meu coração começa a bater mais devagar.

A minha visão fica enevoada.

O Zephyr cai diante de mim, segurando-me com as mãos e colocando-me no seu colo.

O seu corpo é quente e eu estou tão fria...

— Não — repete ele. — Não! Eu amo-te.

Tento responder-lhe.

Mas os meus lábios já não se mexem. Sinto toda a gente a aproximar-se, a correr para mim. A Sketch arranca-me a agulha do peito e tenta estancar o sangue, mas eu sei que tudo isso será em vão. A Peri grita. O Koi grita com ela. Estão todos a gritar o meu nome, a soluçar.

É a minha última oferta, disse-me o general, na manhã em que saímos em direção ao Cume. Você morre. O Complexo dos Assassinos morre consigo e eles nunca mais irão ser capazes de o pôr de pé. Ou vai até lá e morre ou nunca sairá de lá. Se morrer, hei de dar a todos uma boa vida. Hei de libertá-los. A escolha é sua. A morte será o sinal, Meadow Woodson. A questão é saber se no-lo irá conseguir enviar.

Não tive de fazer essa escolha. Deixar os Baixios encarregou-se disso. Agora a morte chama-me, é como uma canção que sussurra no vento.

Apossa-se de mim, essa coisa de que eu sempre me tentei escapar. Mas, enquanto morro, dou-me conta de que era para isto que estava

predestinada.

Viver por uns tempos e depois morrer pela paz. O Complexo dos Assassinos morrerá comigo, extinguir-se-á para sempre e não irão conseguir voltar a instaurá-lo, agora que a minha mãe morreu. A Nova Milícia virá para deitar abaixo as muralhas e a guerra terá o seu início.

A Iniciativa será derrotada.

Consigo senti-lo na minha cabeça. Quase consigo ouvir o sistema do Complexo dos Assassinos aos gritos, enquanto juntos nos voltamos para encararmos o último Tempo de Escuridão, aquele de que ouvi falar e que termina com dor, medo e perguntas sem respostas, se bem que exista esperança, luz e amor, no outro lado.

O som da voz do meu pai continua a ajudar-me.

Fecha os olhos.

Descontraí a mente.

Morre sem medo, Meadow.

És tão corajosa...

Capítulo 110

Zephyr

Consigo sentir o Complexo dos Assassinos a morrer com ela. Consigo senti-lo do mesmo modo que sinto o bater do coração. É uma dor aguda no meu cérebro, um respirar mais fundo, um grito que me vem dos pulmões.

Depois desaparece e eu sinto-me livre.

Mas ela já não está comigo. Nada neste mundo poderá remediá-lo, e eu quero que o Complexo dos Assassinos continue pois, enquanto assim for, ela também vive.

Grito.

E todos gritam comigo. O Koi e a Peri agarram-se muito um ao outro. Os olhos da Meadow ainda estão abertos a olhar fixamente para os meus. Cinzentos, suaves e meigos, mesmo na morte.

As minhas lágrimas caem neles.

E quando as vejo tombar no seu rosto e reparo como ela parece estar em paz, grito: — Volta! A tua vida ainda não acabou, Meadow. Por favor.

Pouso os meus lábios nos dela, ansiando por aquecê-los.

Mas continuam frios.

— Volta! Não me deixes, assim não... — Abano-a, soluço e grito o nome dela.

Alguém chega por detrás de mim para me desviar. Creio que é a Sketch. O Koi e a Peri caem por cima da Meadow, cheios de desgosto, mas eu também sinto essa grande mágoa.

— Meadow! — Tento abraçá-la, enquanto a Sketch me desvia com a ajuda do Saxon. — Não!

Só me apetece matar. Matar não importa quem, se isso pudesse trazer a Meadow de volta e eu pudesse trocar essa vida pela dela. Por que razão o teria ela feito? Por que é que *me* deixou?

Vejo a primeira memória que tenho dela quando era ainda rapaz. Era como o luar a cair no rosto de uma rapariga que eu julgava conhecer.

O riso dela nos balouços de Cortez...

As mãos dela a pegarem nas minhas, enquanto nadávamos no mar.

O grito dela, quando me mandou ir dar uma volta no Cemitério.

Os seus lábios contra os meus ao sacrificar-se no edifício das

Sanguessugas.

O sangue dela a correr-me pelas veias.

Ela salvou-me, ainda que eu fosse um fulano que nada deveria significar para ela.

Agora estou vivo e ela está morta.

O mundo treme quando ouço uma explosão. Fogo, um fogo bem aceso a crepitar, a rugir. Por detrás de mim, o Perímetro cai. Há pedras pelo ar. As pessoas abrigam-se, mas eu fico ali, incapaz de me mexer.

Algo me atinge na cabeça.

Caio contra o corpo da Meadow e fico imóvel ao lado dela. No meio do pó e do fumo, penso ver centenas de botas negras a andarem por cima dos escombros.

Alguém me toca e me separa da Meadow. Outras mãos pegam nela e tentam reanimá-la com um desfibrilhador. Em seguida, põem-na numa maca e eu deixo de a ver.

Um som de metralha. Os guardas que pertenciam às Sanguessugas chegam.

Gritos.

— Meadow! — pronuncio, quase sem fôlego.

Tento alcançá-la, mas não lhe posso tocar. Ela já aqui não está.

Caio pela escuridão e o meu último pensamento é este:

A minha rapariga do luar está morta.

Capítulo 111

Meadow

Estou de pé, num mundo completamente branco.

Há um nevoeiro por todo o lado que me envolve, que me dança na ponta dos dedos dos pés.

É silencioso, exceto pelo beijo mais leve do vento nos caracóis. O meu cabelo está de novo comprido e faz-me cócegas nos braços.

Olho para baixo.

Já não tenho as cicatrizes provocadas pelos treinos, nem sangue nas minhas unhas. Não tenho pulseira nem ferimentos das agulhas.

Levanto o braço, estou à procura da minha tatuagem onde se lê Destemida, mas só vejo a minha pele.

— Está aí alguém?

Ouçó a minha voz desaparecer para sempre no vazio.

E então, através desse nevoeiro, vejo surgir o meu pai.

Parece-me mais novo, mais forte, e a primeira coisa em que reparo é que ele já não tem um número de catalogação. Tem um rosto muito vivo com cores saudáveis.

— Meadow — diz ele.

Tento aproximar-me dele, mas os pés não me obedecem. — Pai — respondo.

— Tu sempre foste muito corajosa — observa ele. — Sempre lutaste com determinação.

— Estou cansada — murmuro. Quero sumir-me pelo chão, enterrar-me por baixo do nevoeiro e dormir durante uma eternidade.

— Bem sei que estás cansada — diz-me ele. Sorri e uma luz explode-lhe nos olhos. — Mas ainda não estás derrotada.

Ele começa a andar na minha direção, com umas mãos macias e novas e sem quaisquer cicatrizes provocadas pelos seus anzóis e pelos anos em que me treinou, juntamente com o meu irmão.

E eu uno-me à dor.

Penso que acordei, mas não tenho a certeza.

O mundo parece-me muito distante. Não consigo sentir o corpo, apenas a sensação de peso que me envolve. Pouco a pouco, volta-me a impressão de que existo. Sinto um formigueiro nos dedos dos pés e das

mãos, um torpor que me começa a abandonar, até eu me dar conta de que sou um corpo e não apenas um espírito.

Sinto algo a balançar por baixo de mim. O ruído contínuo de qualquer coisa.

E também sinto uma mão que segura a minha.

Tento abrir os olhos.

Sinto-os pesados, muito pesados, mas insisto. Devagar, a luz torna-se real e eu olho para o mundo.

É então que reparo na mão que segura a minha.

É a do Zephyr.

Ele está sentado ao meu lado, a dormir. A ressonar. Estamos os dois num pequeno quarto, e o mesmo balanço persiste, sem parar.

Traz-me algo de familiar, essa sensação que me costumava finalmente adormecer, quando os pesadelos ameaçavam atormentar-me para que ficasse acordada para sempre.

As paredes e o teto têm uma cor prateada.

A cama onde estou é uma maca. Olho e vejo a inscrição no metal, por cima da minha cabeça. MARINHA DOS EUA está riscado, e foi substituído por algumas letras mal desenhadas onde se lê NOVA MILÍCIA. Trata-se de uma nova designação, de um novo sentido.

Quero sentar-me mas sinto uma dor forte no peito. É-me difícil respirar.

Vejo um tubo no meu braço a alimentar de sangue as minha veias. Sigo o tubo com o olhar e vejo até onde conduz.

Ao braço do Zephyr. É o sangue dele que me está a correr pelas veias, que me trouxe de novo à vida.

Sinto que começo a sorrir. Quase sem entreabrir os lábios, pois o esforço é enorme.

Fecho os olhos e adormeço.

Capítulo 112

Zephyr

O sinal que a Meadow tinha de enviar era a sua própria morte.

Ela tinha de morrer, para que a Nova Milícia se oferecesse para nos libertar. Talvez o tivessem planeado assim que a viram, quando o Ray nos trouxe até ao búnquer deles. Eles queriam uma guerra.

Só precisavam de um motivo para a iniciarem, de uma razão para darem o primeiro passo. Quando a Meadow lá entrou, com a chave para poder acabar com o Complexo dos Assassinos de uma vez por todas, o general não arriscou.

Ela ofereceu-se para morrer para nos salvar a todos. O que ela não tinha dito a ninguém era que as últimas palavras da mãe da Meadow eram para ela não sair dos Baixios.

Se ela o fizesse, o sistema iria matá-la. Mas, apesar de tudo, acabou por sair e por se sacrificar pela sua família.

Estamos num barco, num petroleiro da Marinha ao largo da costa norte do Estado de Washington. Depois do ataque ao Cume, foi para aí que nos levaram. Foi onde eu acordei a gritar pela Meadow e pronto para matar a Nova Milícia.

Foi o próprio general quem me falou desse acordo.

E foi devido às ordens dele que, logo que a encontraram, a tentaram reanimar. Isso, na verdade, acabou por funcionar. A Meadow é uma lutadora e sempre o foi, mesmo na morte.

Não sei o que ela teria visto no outro lado, mas voltou a estar connosco. Está aqui agora.

Tem apenas de abrir os olhos.

A Sketch força-me a ir até ao refeitório para comer qualquer coisa. Atravessamos os corredores metálicos do navio. Paredes muito juntas, tetos baixos, escadas de metal que temos de subir para irmos de um andar para o outro.

Toda a gente está a comer quando lá chegamos.

O refeitório onde estamos dá para uma grande sala. Tem uma cozinha gigantesca e há mesas de metal por todo o lado, onde os soldados da Nova Milícia se encontram sentados a comer desalmadamente.

Olho para a esquerda e para a direita. Não reconheço ninguém até

ver uma mesa no extremo esquerdo dessa divisão.

A Peri e o Koi estão sentados ao lado um do outro. Há soldados que olham muito para o regulador da Peri, mas ela parece já não se dar conta disso. O Saxon está sentado em frente deles e não se vê o Tox em lado algum. Talvez esteja com o capitão, tal como tem estado durante todo este tempo, com a sua estúpida bengala, a tentar comparar mapas que indiquem o Verde.

— Vamos — diz a Sketch. Empurra-me ao longo das filas de soldados até que nos possamos sentar à mesa.

— Zephyr — saúda-me o Koi com um aceno cordial.

A Peri olha para mim e acena-me com a mão. Tem uma boneca encostada ao peito, uma que a Martha, a mulher do Ray, lhe deu. Ela também está vestida de lavado, usando uma t-shirt verde muito grande que mais parece um vestido. Parece feliz, ou quase...

Irá ainda demorar algum tempo até ela começar a sorrir. Para nós começarmos a sorrir...

— Como é que ela está? — pergunta o Koi. — Ainda está a dormir?

Ele põe-me à frente um prato cheio de rações. A comida é a mesma e eu não tenho grande apetite, mas, de qualquer modo, começo a comer. Senão teria de aturar os comentários da Sketch.

— Ainda está a dormir — respondo. — Mas está com bom aspeto e a ganhar mais cor.

O Koi acena afirmativamente com a cabeça. — Ela vai acordar em breve, não duvido.

A Sketch suspira e depois pega num copo de metal e bebe a água de um trago. — Vou dar cabo dela, quando ela acordar, pelo que ela fez.

Eu olho muito para ela.

— Então? — pergunta. — Acham que ainda é muito cedo?

Estou quase a dizer-lhe que sim, que é muito cedo, quando todo o refeitório fica em silêncio.

É o general que acabou de entrar e todos se levantam para lhe fazerem continência.

A nossa mesa é a única onde tal não acontece.

— À vontade — diz ele e depois põe-se a percorrer a sala, direito a nós e imobiliza-se a pouca distância de mim, com as mãos atrás das costas. — Tenho novidades — diz ele.

Todos nos voltamos para olhar para ele com a mesma pergunta nos olhos.

— Ela já está acordada.

Capítulo 113

Meadow

Estou demasiado fraca para fazer perguntas. Demasiado fraca para perguntar o que se passa, onde estamos, enquanto ouço vozes, e os rostos das pessoas de quem gosto encham o pequeno quarto.

Deixo que se aproximem. A Sketch começa a praguejar e chama-me otária, depois acaba por verter uma lágrima.

A Peri e o Koi ficam comigo durante algum tempo, a conversar. Trocamos histórias sobre os velhos tempos. Não falamos do nosso pai. Não lhes conto que o vi quando passei para o outro lado. Que ele estava em segurança e em paz e que, um dia, ele estará à nossa espera, pronto para nos acolher de braços abertos quando aí chegarmos.

Após algum tempo, o Cirurgião diz a todos que tenho de descansar.

A Peri dá-me um beijo na testa e põe a boneca ao meu lado. O Koi aperta-me a mão e coloca uma pequena escultura em madeira do nosso pai em cima da almofada, junto à minha cabeça.

Todos saem e eu adormeço.

Mais tarde acordo, a ouvir um ressonar que não é o meu. Volto-me e vejo o Zephyr deitado ao meu lado na pequena maca. Fecho os olhos, encosto-me muito a ele e ponho-me a ouvir o bater do seu coração até o dia nascer.

Epílogo

Três Semanas Mais Tarde

Meadow

O mar não tem fim à noite.

Estou de pé no convés, no nível mais alto do petroleiro, a ver as ondas lá muito em baixo. Elas rebentam e rugem contra este grande monstro de metal, a chamarem-me, a falarem-me com vozes que apenas o mar percebe.

Sinto passos atrás de mim. Fico muito tensa, mas depois lembro-me.

Já não tenho de ter medo.

— Está uma bela noite, não acha?

Volto-me para olhar para o general.

Está vestido com o seu uniforme usual verde-seco, muito limpo e muito bem engomado. Mesmo neste mundo, em que praticamente não temos nada senão o que precisamos para nos mantermos vivos, ele certifica-se de que mantém o aspeto de alguém que está sempre em controlo.

— Ora, é como qualquer outra noite — digo-lhe eu. — Fria, escura... Algures mais além, as pessoas ainda estão a morrer.

— Mas você não — constata ele. Põe-se ao meu lado e encosta-se à balaustrada. A sua respiração condensa-se numa nuvem branca que o vento leva.

— Pois não — respondo-lhe. — Nem eu nem a minha família nem os meus amigos... É tal como me prometeu. Estou-lhe muito agradecida por nos ter salvado.

Olho para a cicatriz que tenho no pulso, onde o pequeno aparelho costumava estar. Quando o meu coração parou, enviou um sinal à Nova Milícia.

Tenho centenas de cicatrizes, mas esta é a minha favorita.

O general acena-me com a cabeça. — Sou um homem de palavra e creio que a Meadow também é uma mulher de palavra. Nem todos teriam feito o que fez, soldado.

Ele não sabe que o segredo da minha mãe foi a razão por que morri. Porque ela queria tanto que eu ficasse nos Baixios que programou o sistema de modo a que, se eu sáísse, este me mataria.

Deveria odiá-la.

Mas, ultimamente, tudo o que consigo fazer é lembrar-me de quem ela costumava ser.

Lembrar-me de que, em tempos, ela foi a pessoa que me deu o nome, que me deu os meus irmãos... Posso estimar a sua memória se me esquecer das partes mais negativas.

Flocos brancos caem do céu. É neve, algo de que eu nunca ouvi falar até ter vindo para aqui. É fria e, quando me toca no nariz, sinto um arrepio. Não fui feita para lugares como este.

Mas não posso ir para casa.

Não tenho casa.

Já não tenho...

— E o que irá acontecer a seguir? — pergunto. Algures o fantasma do meu pai está a observar-me. Consigo senti-lo tal como consigo sentir o vento, uma presença constante que me faz sentir em segurança. E há sempre a sua voz, suficientemente forte para me dar forças no dia a dia.

O general muda de posição ao meu lado. — O idoso que veio convosco...

— O Tox — digo eu logo. — Que se passa com ele?

— Parece-me que fez grandes avanços no que diz respeito a encontrar esse tal... *Verde*.

O Zephyr e a Sketch falaram-me nisso. Fantasias acerca de um mundo em que a escuridão não existe, onde as pessoas vivem sob uma luz constante. Não sei se hei de acreditar nisso.

Sei que os soldados têm uma esperança nos olhares que eu nunca vi antes. Sei que tivemos notícias dos Baixios na semana passada. O novo chefe é o Rhone e ele é a única razão pela qual eu pude vir até ao Cume, porque não me recambiaram, logo que descobriram quem eu era. Ele disse-nos que a Iniciativa tinha sido derrotada pelos Doentes e que os que ainda restavam tinham sido feitos prisioneiros. Em breve, o comandante Rhone irá trabalhar com a Nova Milícia para fazer ruir todas as muralhas, em segurança.

O Cume é um cemitério. Os soldados da Iniciativa que não morreram em combate espalharam-se como formigas por todo o país.

O corpo do meu pai foi enterrado, provavelmente por baixo dos escombros, para nunca mais ser visto ou perturbado. Quando a Nova Milícia foi buscá-lo, já não o encontrou.

Sei que deveria temer o facto de a Iniciativa ter encontrado o seu

corpo e de ter obtido o Código da Morte a partir dele.

Mas já não tenho mais espaço para o medo.

— O mundo está destruído — admito. — Como é que poderemos sequer imaginar que conseguiremos voltar a juntar todas as suas peças?

O general volta-se, para olhar melhor para mim. O luar dá-lhe um certo brilho ao rosto, à lisura do seu queixo bem escanhado.

— Terá de ser um dia de cada vez — diz-me ele.

— E ainda me irá querer ao seu lado? Ele acena com a cabeça. — É claro.

Eu não deveria ter ansiado pela liberdade. Mesmo agora, sou ainda uma prisioneira das minhas dívidas, das minhas promessas.

— A não ser que queira ir para outro lado — diz o general. — Eu posso deixá-la escolher para onde pretende ir, se quer ficar aqui ou fazer outra coisa diferente. Preciso de saber se esse Verde existe realmente. Tenho de ser eu a ouvir a verdade, da parte de alguém em quem confie.

Escuto-o com muita atenção, mal acreditando nas suas palavras.

— A Meadow poderá arranjar uma pequena equipa, com armas e rações. — Vejo-o respirar fundo. — Com os seus amigos e a sua família... É óbvio que não será fácil encontrar esse local. Mas ganhámos o controlo do exterior do Perímetro. Já o podemos atravessar. Para já, não lhe posso dizer o que se encontra do outro lado, mas não gostaria de saber?

Não é a liberdade.

Mas anda lá perto.

O que ele me está a oferecer é uma oportunidade de desenhar o meu próprio percurso. Ver o mundo no Exterior, verdadeiramente, pela primeira vez.

— É claro que será monitorizada. Manter-nos-emos sempre em contacto e, se chegar a encontrar esse Verde, irá indicar-nos o caminho.

— É claro — afirmo, com o coração já a bater descompassadamente. Ainda sinto dores no peito, embora todos os ferimentos já tenham sarado. Mas estas coisas demoram o seu tempo, anos, ou talvez nunca, a desaparecer por completo. — Sim, meu general.

— Tem uma semana para proceder às preparações — diz-me ele. Começa então a ir-se embora, mas, antes que se tenha afastado muito, para. — A Meadow Woodson não é nada como ela, como a sua mãe —

diz-me ele. — Poderá ser uma assassina, mas existe uma luz no seu coração.

Deixa-me então no convés, sozinha, com o vento e com as ondas.

Zephyr

Encontro-a sozinha, na parte mais alta do navio.

Está embrulhada num casaco do exército e, daqui, o regulador quase não se nota. Os caracóis dançam-lhe no vento.

Está a olhar para as ondas. Sento-me ao lado dela, suficientemente perto para que os nossos joelhos se toquem.

— Eh... — murmura ela.

— Eh — digo eu. — Ouvi falar acerca do Verde.

Ela acena afirmativamente com a cabeça. — As palavras voam depressa no interior deste navio.

— Vamos tentar encontrá-lo? Vamos mesmo tentar encontrá-lo?

Ela respira fundo. — Estou cansada de fazer planos. Se o meu pai acreditava que talvez existisse, talvez eu deva também acreditar. Já é tempo de fazermos qualquer coisa que tu queiras, para variar.

— Quero muitas coisas — afirmo.

Sinto-a encostar-se mais a mim.

— Como por exemplo?

Ela está a olhar para mim através das suas pestanas. Está a tremer, mas não estou certo de que seja devido ao frio. Eu também estou a tremer.

— Queres mesmo... isto? — pergunta-me a Meadow. — Ainda me queres, Zephyr, depois de tudo o que aconteceu?

Encosta-se ainda mais a mim e toca-me com os lábios na face, uma, duas vezes e, de súbito, sinto-me muito excitado.

— Sim — respondo-lhe. — Sempre.

Ela sorri, muito junto a mim.

Os nossos lábios encontram-se, as nossas respirações tornam-se uma só. Caímos de costas sobre o metal fresco do navio e, *oh, bolas*, ela está em cima de mim. A minha rapariga do luar *está em cima de mim*.

Põe as mãos no meu cabelo. Está a beijar-me com tanto entusiasmo que é quase como se me estivesse a comer, a devorar-me por

completo.

E eu estou vivo.

Os dedos dela estão frios como o gelo quando deslizam por baixo da minha camisa. Tento recuperar o fôlego e ela agarra-se-me ainda mais, como se quisesse desaparecer dentro de mim, tornar-se parte da minha alma e eu da sua. Toco-lhe na pele, começo a dar-lhe beijos no pescoço. E ela é macia, *tão suave*, mesmo com as suas cicatrizes...

— Meadow — digo-lhe, quase a sufocar, mas ela não para.

Não me parece que eu queira que ela o faça, nunca.

— Queres que eu te ame — diz-me ela, entre dentes. Posso ver que ela se está a debater, que está a lutar para não o dizer. Olha-me muito nos olhos, verde e cinzento. — E eu amo-te. Só que não tenho jeito para dizer as coisas certas e nunca o tive. Assim sendo, irei mostrar-to da única maneira que sei.

Ela funde-se comigo.

E, por baixo do céu e das estrelas, num navio no meio do oceano sem fim, tornamo-nos um só.

Meadow

Comemos uma refeição completa, na noite antes de irmos para o Verde.

Haverá cerca de trinta membros da Nova Milícia que se juntarão a nós.

Não fazemos ideia do que iremos encontrar logo que atravessarmos o Perímetro. Não sabemos se estamos apenas a correr atrás de um sonho ou se iremos encontrar a realidade algures por aí, ou seja, um lugar melhor.

Mas esta noite sentamo-nos juntos a partilhar histórias acerca de tempos mais felizes, acerca de lugares melhores onde uma brisa marinha nos acaricia o rosto e nos faz cócegas na pele.

Os Baixios foram um inferno. O Cume foi um inferno.

Mas olho para a Peri e vejo-a a sorrir, pela primeira vez, ao fim de várias semanas. Ouço a Sketch a praguejar, o seu riso ofensivo, as suas piadas terríveis. Ela beija o Saxon, não se sabe bem porquê, e este fica tão chocado que se limita a ficar a olhar para ela de boca aberta, até ela lhe dar um estalo na cara e ele lhe dar também um beijo. O Koi encontra papel e caneta e começa a desenhar imagens de árvores que parecem verdadeiras. O Tox sorri e põe finalmente de lado a sua bengala.

Consigo sentir, de uma forma literal, a liberdade na minha mente, o vazio. Todo o *espaço*. Sem o Complexo dos Assassinos, posso simplesmente *existir*.

O Zephyr olha para mim. Depois, pega-me na mão. Começa a apertá-la e, desta vez, eu também aperto a dele.

A família é tudo, Meadow. É a voz do meu pai que mo diz desde o Além. Quase consigo sentir a sua presença aqui mesmo, ao meu lado, a presença do meu protetor, do meu guia.

Ele desapareceu, como todos os que perdemos.

Mas eu observo estas pessoas, estes rostos. Esta família destrozada conseguiu juntar-se para formar uma nova família.

E dou-me então conta de que nunca mais irei estar sozinha.

Penso nos lugares de onde viemos, nas coisas que tivemos de fazer, nos monstros em que nos tivemos de tornar.

Talvez, na vida, o inferno nos rodeie escondido nas sombras, murmurando os nossos medos e receios a meio de noites de insónia. Mas haverá sempre um pedaço de céu, um pedaço de luz solar para apagar toda a escuridão.

A felicidade é algo que poderemos encontrar sempre.

Temos apenas de ser suficientemente fortes e corajosos para abrirmos os olhos e a vermos realmente.

Agradecimentos

Foi-me imensamente difícil escrever este livro. A série O Complexo dos Assassinos tem sido uma parte da minha vida há já vários anos, de modo que terminá-la implicou ter de me separar das personagens.

Os meus agradecimentos à Meadow e ao Zephyr por serem tão vívidos e tão reais para mim. Agradeço-lhes por terem sido as primeiras personagens que alguma vez criei.

Os meus agradecimentos, como sempre, a Deus por me ter dado o dom da escrita. Obrigada por me teres dado todas as pessoas maravilhosas que me ajudaram a chegar até aqui.

Os meus agradecimentos a todas as pessoas fantásticas da equipa Greenwillow, especialmente à minha editora, Viginia Duncan, por me ter ajudado a levar esta série até ao fim. Obrigada à equipa Epics Read pelo seu apoio!

Mil abraços para Julie Scheina, por me ter ajudado a salvar esta história.

À minha agente, Louise Fury, por me ter animado e por ter sido para mim a voz da razão.

Aos meus pais, Don e Karen, e à minha irmã Lauren por me terem ajudado com tantos rascunhos, comunicados e medos. Os meus agradecimentos ao meu marido Josh por me ter amado durante os meus momentos de loucura.

A Alex Bowles, por ter sido um superfa e um amigo.

Aos meus sogros e aos meus três novos irmãozinhos. Adoro-vos!

Às minhas amigas Rebekah Faubion e Cherie Stewart por terem sido como irmãs para mim. Irmãs empenhadas e maravilhosas. A Erin Gross por me ter ajudado com tanto!

A Sasha Alsberg que comercializa os meus livros. A Ben Alderson que é adoravelmente fantástico.

A todos os meus seguidores, na rede *#booknerdigans*, que me adoram e me apoiam, a mim e ao meu trabalho.

Obrigada a todos os maravilhosos leitores que visitei em escolas, que têm sido uma adorável audiência e me têm ajudado a ultrapassar o meu medo de falar perante grandes grupos de pessoas.

Obrigada a todos os membros do YA Valentines, que estão sempre dispostos a ouvir os meus medos sem fundamento. Vocês e os vossos

livros são formidáveis. A Patrick Carman pelas tranquilizadoras chamadas telefônicas. Aos YA Binders, pelos seus comentários no Facebook.

E porque estou quase 100% segura de que me irei esquecer de alguém, também TE agradeço, não importa quem possas ser e onde me possas ler. Obrigada por me teres apoiado e por teres permanecido comigo, através dos Baixios e para além deles. Aos livros futuros e aos futuros *#booknerdigans*.